

# Acirc, 90 anos de história

Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP

1922 - 2012



Antiga Rua do Comércio, atual Avenida 1. Trecho entre Ruas 4 e 5 registrado nas primeiras décadas do século XX.

# Acirc, 90 anos de história

Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP

1922 - 2012







# Acirc, 90 anos de história

Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP

1922 - 2012



Ministério da  
Cultura



**Projeto**

ACIRC - Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP  
Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro

**Organização**

Maria Teresa de Arruda Campos

**Colaboração**

Clóvis Delboni  
Valderes A. Zanelo

**Captação de Recursos Financeiros**

Adilson Oliveira

**Coordenação Administrativa Financeira**

Direção Cultura

**Revisão Ortográfica**

Sônia R. Cruz

**Estagiária**

Natália Goldschmidt Guidetti

**Projeto Gráfico****Almanaque Propaganda**

**Produção** Chico Riani

**Coordenação** Camilo Cazonatto

**Edição de Arte** Denilson Fontanetti

**Estagiário** Diego Riani Agostinho

**Colaboração** Lilian Cruz Pauletto

**Impressão**

Divisa Editora & Artes Gráficas Ltda.

Acirc, 90 anos de história: Associação Comercial e Industrial de Rio Claro-SP: 1922-2012 / Maria Teresa de Arruda Campos, org. ; Hélia Maria de Fátima Gimenez Machado ... [et al.]. – Rio Claro : Divisa Editora & Artes Gráficas, 2012. 288 p. : il.

ISBN: 978-85-65900-00-3

1. Geografia comercial. 2. História. 3. Arte. 4. Cultura. 5. Rio Claro (SP) – Comércio. 6. Rio Claro (SP) – Indústrias. I. Campos, Maria Teresa de Arruda. II. Machado, Hélia Maria de Fátima Gimenez. III. Título.

CDD G330.9716

# MENSAGEM DA DIRETORIA

**A** ACIRC está comemorando 90 anos de trabalho dedicado ao fortalecimento e desenvolvimento do comércio, indústria e prestadores de serviço no município de Rio Claro e micro-região. Nesse momento, nos debruçamos sobre essa trajetória, pois nos damos conta que é preciso preservar a memória para que tenhamos futuro. Não há como estabelecer parâmetros de crescimento sem que haja uma linha do tempo onde conste cada conquista, cada passo dado, para que a partir disso possamos traçar o caminho a seguir. Assim, nasceu ao completarmos 89 anos, a decisão de criarmos esse livro que agora está em suas mãos.

Baseado em fatos, documentos, atas e relatos, foi possível traçar o caminho de uma história incrível, com personagens antes esquecidos em gavetas e memórias e que ficarão eternizados nestas páginas. Nos deparamos com empresas que foram fundamentais para o município e já não estão mais ativas. Outras cruzaram as fronteiras da modernidade, criando novos modelos de trabalho, mais tecnológicos, somando esforços e capital para perpetuar sonhos e oferecer produtos e serviços de qualidade.

Mais do que o orgulho de fazermos parte de uma instituição como a ACIRC que trabalha de forma incansável em prol da sociedade, nos sentimos honrados por presenciar esse momento histórico. Assim como os costumes perpetuam-se de pais para filhos, a Acirc teve ao longo desses 90 anos parceiros fieis que possibilitaram a manutenção e fortalecimento de seus ideais. A renovação e consecução de projetos e serviços, especialmente desenvolvidos para os associados, não é uma realidade atual, sempre esteve presente na mente das pessoas que passaram por esta casa e imprimiram seu desejo de crescimento e progresso.

Neste momento, entregamos o registro de um ciclo de 90 anos de história, convictos de que finda esta etapa iniciaremos outro período de igual expansão, que será compartilhado por todos que participam da história da ACIRC.



# DIRETORIA ACIRC 2009/2012

## ***Diretoria Executiva***

**Presidente** Marcelo Cyrino da Silva  
**Diretor Financeiro** Edir Francisco Fernandes  
**Secretário** Luis Augusto Pezotti de Magalhães  
**Diretor de SCPC** Celso Pereira Dobes Filho  
**Diretor Comercial** Marcelo Zanelatto  
**Diretor de Patrimônio** Reinaldo Faria  
**Diretor de Relações Industriais** Pedro Luiz Ramos Mazine  
**Diretor de Promoções e Eventos** José Fernando Mayer

## ***Conselho Fiscal***

**Conselheiro** Antonio Carlos Beltrame  
**Conselheiro** João Fernando Castelhana Migliorioni  
**Conselheiro** Aparecido Campos Leite

## ***Conselho Deliberativo Eletivo***

Alcinei André Bonollo  
Alex Hussni  
Antonio Carlos Zenerato  
Aparecida Gislaïne Rossi  
Carlos Alberto Marrach  
Claudemir D. Caetano  
Edvandro D. Cavaletto  
Ernesto Alves Neto  
Fábio Eduardo A. Silva  
Fernando P. D'urso  
Gilberto Geraldo Grego  
José Vail Pucci  
Kieni C. A. Valle  
Luiz Antonio Messeti  
Marcelo Carlos Dias  
Mauricio Duarte Salomone  
Otávio Barssoti  
Silvio Avelino Sulatto  
Valdemar Antonio Martins Junior

## ***Presidentes Honorários***

Ivan Hussni  
Antonio Carlos Beltrame  
Carlos Alberto Messias  
José Carlos Degasperi  
Manoel José Silva  
Sergio Arnosti  
Sergio José de Matteo



# APRESENTAÇÃO

Rio Claro cidade azul.

Com 186.253 habitantes, Rio Claro nesse Julho de 2012, consegue olhar para traz e contar uma história de 185 anos de trabalho e arte, dos quais a Associação Comercial viveu intensamente 90.

Essa história nos remete a pensar nas centenas de indústrias que aqui se instalaram com a tecnologia própria de cada época trazendo desenvolvimento e colocando a cidade entre aquelas consideradas boas para se viver. Cidade de porte médio, bem localizada para escoamento da produção e com criatividade suficientemente apurada para criar saídas em momentos difíceis, Rio Claro atrai investimentos e cria desejo de mudança.

Nos últimos anos a cidade muda seu perfil conservador e arrisca na política, na produção, no comércio, nas artes e na forma como faz tudo isso funcionar. Mistura tradição e inovação.

Esse livro, proposto pela Associação Comercial e Industrial de Rio Claro é prova dessa possibilidade de olhar seu passado com um olho enquanto o outro vislumbra um futuro próximo. A ACIRC, consciente de seu papel articulador propôs ao Arquivo Público e Histórico que coordenasse uma publicação a partir de uma criteriosa seleção de profissionais que possuíssem expertise para tratar de temas que lhes são caros.

Esse livro não pretende esgotar os assuntos aqui tratados, mas lançar-se na interminável bibliografia que vai se somando a outras já produzidas e a novas que, a partir dessa, poderão surgir.

Esse livro começa com a história da cidade (1827) entrelaçada à história da ACIRC (1922). Numa leitura atenta das Atas da Câmara e das Atas da Associação, a professora mestre Hélia de Fátima Gimenez Machado, desvenda em detalhes entrelinhas do início das relações comerciais no município, como por exemplo, o pedido de moradores para a implantação “de uma linha de carros de boi para intensificar o transporte entre Rio Claro a “praça de Santos e da capital do Império” tanto para os produtores quanto os comerciantes aqui estabelecidos receberem e enviarem mercadorias”.<sup>(1)</sup> Pesquisadora atenta, Hélia costura com fios de seda elementos produzidos a partir do trabalho escravo e do trabalho dos imigrantes instigando-nos a querer saber mais. Esse capítulo reúne fontes primárias e história oral para compor o mosaico dessa história local cheia de silenciamentos sobre os temas mais polêmicos, o que instigará outros pesquisadores a continuar e produzir novos estudos sobre a cidade.

Nos capítulos assinados pelas professoras doutoras Silvia Ortigoza e Silvia Selingardi Sampaio, aprendemos como o comércio e a indústria estruturaram-se e puderam, passo-a-passo marcar a cidade num jeito de fazer que reuniu desenvolvimento e qualidade de vida.

Sobre as relações comerciais em Rio Claro, a professora Dra. Silvia Ortigoza afirma: “No que tange ao comércio, o livro servirá para resgatar a memória para alguns rio-clarenses, esses encontrarão nas imagens e nos textos motivação para aguçar as lembranças, mas muitos irão ter os primeiros contatos com a realidade de uma Rio Claro que não fez parte de sua vida. De uma forma ou de outra, os rio-clarenses poderão conhecer ou se reconhecer na dinâmica urbana, seu passado e presente, e que essa obra possa provocar a reflexão sobre as tendências do futuro do comércio dessa cidade que é o nosso “lugar”.<sup>(2)</sup>

A professora Dra. Silvia Selingardi Sampaio, da Unesp/Rio Claro, aponta que “Rio Claro não possuía, até 1970, um

grande parque fabril, cerca de três centenas de indústrias haviam se instalado no município” e na sequência nos brinda com algumas perguntas que brincam com as lembranças e a memória de leitores desse livro: “quem, entre os nascidos até 1960, não teve um parente, amigo ou vizinho empregado nas Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, na cervejaria Skol-Caracu, na fábrica da Matarazzo, depois Cianê, na também têxtil E. F. Saad, na Fábrica de Balas São João (atual Riclan), na indústria de bebidas Tatuinho-Três Fazendas, na Quimanil? Quem não teve, de formas variadas, sua vida regulada, ou apenas marcada, pelos apitos de algumas delas, como os da Skol-Caracu, que ecoavam por todo o centro urbano e bairros próximos, lembrando que era hora de acordar, de almoçar, de encerrar o expediente, de voltar para casa? Quem nunca presenciou uma saída de fábrica da Matarazzo/Cianê, com centenas de operários-ciclistas deixando o trabalho? Quem podia se referir a Rio Claro sem lembrar sua condição de centro ferroviário, de “capital da cerveja” ou “terra da Caracu”?”<sup>(3)</sup>

O último capítulo pode parecer estranho a alguns que ainda não enxergaram a arte e a cultura entre os temas que movimentam a economia. Em Rio Claro isso não foi diferente do restante do mundo. Artistas já estavam profissionalizados desde o século XIX, vivendo de sua arte, ministrando aulas em seus ateliês e em escolas que nasciam e em eventos públicos. Bandas musicais, pintores, atores e artesãos produziam já no século XIX e montavam um mosaico de arte e cultura. Fortemente influenciada pela produção cultural da época, Rio Claro construiu espaços organizados pela presença de companhias nacionais e internacionais. Tivemos um rio-clarense na semana de arte moderna de 1922, fomos fortes na era do rádio com programas de auditório que lançaram nomes de alcance nacional, pintores expuseram em galerias e salões de arte reconhecidos pelos críticos em diferentes épocas. No teatro, na dança, no cinema, nas artes plásticas, na música, na fotografia, destaques e larga produção sempre marcaram a história local.

A pesquisa dos verbetes desse capítulo motivou a apresentação de novo projeto para que a ACIRC possa marcar ainda mais sua preocupação e valorização com a arte e a cultura locais, previsto para 2013. Participaram das pesquisas e escrita do último capítulo: Favari Filho, Vivian Guilherme, Renê Mainardi, Luiz Miotto, José Roberto Santana e eu, Maria Teresa de Arruda Campos, também coordenadora da publicação cuja experiência alimentou minha alma e trouxe enormes prazeres a cada nova descoberta. A pesquisa dos verbetes desse capítulo motivou a apresentação de novo projeto para que a ACIRC possa marcar ainda mais sua preocupação e valorização com a arte e a cultura locais, previsto para 2013.

As fotos que estão nessa publicação e não possuem créditos, podem ser pesquisadas no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro. Infelizmente muitos fotógrafos não assinavam suas fotografias, prática que vem sendo alterada valorizando essa arte tão importante na produção do conhecimento histórico.

Agradeço, em especial, a equipe de servidores do Arquivo Público e Histórico que abraçaram a causa da produção cultural sobre a cidade e alegam minha existência. Igual agradecimento devo fazer à equipe da ACIRC, especialmente ao Adilson, Valderes, Clovis que maestros por Marcelo Cyrino dão a essa instituição a credibilidade para contribuir de forma significativa para com a história do tempo presente.

**Maria Teresa de Arruda Campos**  
*Superintendente do Arquivo Público e Histórico*  
*do Município de Rio Claro “Oscar de Arruda Penteadó” – APH Rio Claro*

Notas

(1) Atas da Câmara Municipal da Villa de São João do Rio Claro datada de 2/06/1862, citação retirada da página 17

(2) Página 73

(3) Página 123

# AUTORAS e AUTORES

## **HISTÓRIA**

### **HÉLIA MARIA DE FÁTIMA GIMENEZ MACHADO**

Professora de história da rede estadual, mestre em Geografia pela UNESP, professora da faculdade Dom Bosco de Piracicaba, autora do Atlas Escolar de Ipeúna, autora de artigos e livros sobre Ensino de História, na temática da História Local.

## **COMÉRCIO**

### **SILVIA APARECIDA GUARNIERI ORTIGOZA**

Geógrafa, mestre, doutora e livre docente pela UNESP/IGCE – Rio Claro. É docente do Departamento de Geografia/UNESP. Autora de diversos artigos, capítulos de livros e Livros que abordam a temática do comércio e do consumo nas cidades.

## **INDÚSTRIA**

### **SILVIA SELINGARDI SAMPAIO**

Geógrafa, com os títulos de doutora e livre-docente em Geografia Industrial. Docente e orientadora no Curso de Pós-Graduação em Geografia da UNESP - Campus de Rio Claro. Autora de teses, livros, capítulos de livros, artigos em revistas especializadas e jornais, notas e resenhas.

## **ARTE CULTURA**

### **JOSÉ ROBERTO SANTANA**

Jornalista, pedagogo, pesquisador e escritor da temática da história de Rio Claro.

### **MARIA TERESA DE ARRUDA CAMPOS**

Psicóloga e Pedagoga, mestre e doutoranda da Faculdade de Educação da Unicamp, Superintendente do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (gestão 2009-2012), autora de artigos, capítulos de livros e livros, na temática da cultura e da juventude.

**ODAIR APARECIDO LOURENÇO FAVARI (FAVARI FILHO)**

Jornalista, graduado em Letras, mestrando em divulgação científica e cultural na Unicamp. Editor chefe dos jornais O Beta, A Voz, Opinião e Jornal Cidade Livre. Presidente do Grupo Auê de Cultura e Artes, violonista, compositor e escritor.

**RENÊ MAINARDI**

Artista Multimídia com pesquisa em Artes Plásticas, Música, Cinema e Fotografia. Graduado em Artes Plásticas e em Radio e TV. Especialista em Cinema Documentário pela Escola Internacional de Cine y TV em Cuba. Pós-graduado em Arte e Educação.

**SEBASTIÃO LUIZ MIOTTO**

Engenheiro civil, fotógrafo e artista plástico

**VIVIAN GUILHERME MARQUES**

Jornalista, graduada em Letras, pós-graduada em Jornalismo Contemporâneo pela Unimep. Foi editora chefe do Jornal Regional, atualmente, é repórter no Jornal Cidade. Organizadora de diversos eventos culturais, vocalista e escritora. Secretária de música do Grupo Auê e idealizadora do Festival Rock Feminino.

# AGRADECIMENTOS

- Ademar Meyer
- Álvaro Perin
- Amélia Russo
- Ana Carolina Rios Gomes
- Anselmo Ap. Selingardi Jr.
- Carlos Áureo de Arruda Campos
- Carlos Messias
- Centro de Voluntariado de Rio Claro/Ponto de Cultura Rio Claro Cidade Viva
- Clarice Demarchi Schio
- Dora Trevilatto
- Fabio Schlitler
- Funcionários da Sessão de Cadastros da Prefeitura Municipal
- Giselda Cartolano
- Grupo Auê
- Hélio Picarelli
- Helmut Troppmair
- Ibrain Miranda Goraib
- Ilídia Faneco
- Ivan Hussni
- Jesse de Palma (Arquiteta da Fundação Florestal)
- João Luiz Zaine
- José Djalma Schio
- José Zaine
- Juliana Soares Vieira
- Kamal Hussni
- Lícia Mônaco Perin
- Manoel José Silva
- Marcelo Raimundo Pires
- Maria Célia Pinheiro Campos
- Marigelma Santos da Silva
- Mario Aparecido Beinotti (Professor de História e Diretor de Escola Aposentado)
- Maristela Cerri Pezzoti
- Maura Inforzato
- Mônica Hussni Messeti
- Monsenhor Jamil Abib Nassif
- Nadia Rovai
- Nancy Guardia
- Nelson Salomone
- Onivaldo Dagnollo
- Patricia Linardi
- Pedro Kleiner
- Raquel Padula
- Raudinei Barbosa da Silva
- Ricardo Dutra
- Rita Carrazoni
- Sandra Miranda Goraib
- Sônia Maria de Oliveira
- Sérgio Arnost
- Sérgio José de Matteo
- Sérgio L. Timoni Rodini
- Taciana Ferreira Carapeba Panini
- Thaís Matarazzo
- Tião Ribas Dávila.



<b>HISTÓRIA</b>	<b>19</b>
A Construção da História da Associação Vinculada ao Desenvolvimento de Rio Claro.	
<b>COMÉRCIO</b>	<b>75</b>
Comércio e Indústria em Rio Claro: Formação Histórica, Características, Atores e Potencialidades - Passado, Presente e Futuro.	
<b>INDÚSTRIA</b>	<b>125</b>
A Indústria e o Município de Rio Claro, das Origens à Atualidade: Uma Interpretação Geográfica de seus Elementos, Relações e Efeitos.	
<b>ARTE CULTURA</b>	<b>201</b>
Arte cultura em Rio Claro	
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>287</b>



**A Construção da História  
da Associação Vinculada  
ao Desenvolvimento de Rio Claro.**



**E** escrever a história da Associação Comercial Industrial de Rio Claro significa sublinhar a singularidade, questionar as possibilidades dentro de um “fazer história” que sugere uma particular proximidade entre a operação científica e a realidade que ela analisa.

Escreveremos a partir de pesquisas para desvendar a posição da ACIRC na comunidade de Rio Claro, com o propósito de articular os documentos encontrados e os fatos que de alguma maneira marcaram a sociedade rio-clarense ao longo de noventa anos de atuação.

A organização de uma entidade como Associação Comercial e Industrial de Rio Claro, que se mantém viva dentro da sociedade, tem um passado suscetível de ser estudado. Mudaram os estatutos, mudaram as diretorias, no entanto, seu sentido histórico permite que possamos compreender um pouco mais de sua essência.

Vamos buscar na cidade de Rio Claro com seu comércio ativo raízes do desenvolvimento comercial estabelecendo um diálogo com **Atas da Câmara Municipal da Villa de São João do Rio Claro datada de 02 de junho de 1862**. Por meio desse documento os moradores pedem uma linha de carros de boi para intensificar o transporte entre Rio Claro à “Praça de Santos e da capital do Império” tanto para os produtores quanto para os comerciantes aqui estabelecidos receberem e enviarem mercadorias. Os carros aqui chegavam a cada dez dias e o pedido feito mostrava a necessidade dos carros que chegam a cada cinco dias, revelando claros sinais do desenvolvimento comercial.

*“Em varias ações de cobranças da época, arquivadas em nosso Fórum, pudemos constatar entre produtos importados, desde água Perriê, Meias de Seda, Leques, Ameixas Secas, Uvas Passas, Azeite, Pentas de Marfim e muitas outras mercadorias encontradas nas*

*três Casas Comerciais localizadas na Rua São João, atual Rua 6”.*<sup>(1)</sup>

Estas informações indicam que São João do Rio Claro possuía um comércio ativo, mais que isso, um comércio com artigos de luxo, que só se justificavam na década de 1860, quando o café, produto de alto valor comercial, intensificava sua produção em nossa região.

Nesta articulação de ideias e discursos, encontramos evidências de desenvolvimento comercial, que pressupõe atividade econômica lucrativa, que nesse momento vem da produção cafeeira que se desenvolvia em consonância com o capitalismo.

*“A marcha do café” em seu deslocamento geográfico vem da Província do Rio de Janeiro pelo vale do rio Paraíba buscando as terras roxas do “antigo oeste paulista”*<sup>(2)</sup>.

A marcha citada atingiu nossa região entre os anos 1830 a 1860.

O ano de 1850 foi marcado por duas medidas do Governo Imperial, que se traduziram em práticas econômicas tangíveis.

**A Lei Eusébio de Queiroz** promulgada em 1850, proibia a importação de novos escravos da África, e **Lei de Terras**, trazia novas regras para legitimar as propriedades rurais.

Com um número menor de escravos africanos chegando ao Brasil, o comércio interno de escravos foi ampliado com as vendas de “lotes” compostos de 2 a 5 escravos, registradas em cartório local. O lugar onde esse comércio era realizado chamava-se “*cazas de compras*” ou “*escravadores*”.

*O “preço das “peças” variava entre 1 conto e trezentos mil reis para escravos jovens, inclusive crianças acima de 10 anos de idade, a 500 mil reis para escravos acima de 40 anos de idade”.*<sup>(3)</sup>

O crescente número de escravos tornou-se o indicativo do aumento da produção cafeeira em nos-

sa região. Em 1835 a Villa de São João do Rio Claro possuía 598 escravos e já em 1872 esse número havia aumentado para 3.935 escravos e em 1876 para 4.467; esses números nos fornecem dados para constatar o aumento da produção e comercialização do café que cada vez mais se fazia nos moldes capitalista, exigindo dos poderes constituídos adequação às novas exigências do mercado. <sup>(4)</sup>

A escravidão vivida aqui em Rio Claro vista através de números torna-se banalizada por costumes da época, que permitia por Lei a prática de compra e venda de escravos. Essas transações eram legitimadas em Cartório com recolhimento de impostos que corresponderia ao ICMS, Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e que deveria ser recolhido quando os escravos eram levados de um município para outro.

Christiano Jr. / Acervo Arquivo Central do IPHAN/Rio de Janeiro



Através da metodologia da História Oral foi possível recuperar parte do conhecimento sobre a escravidão que não encontramos presente nos documentos escritos e oficiais. Sabemos hoje, por depoimentos de descendentes de escravos, que aqui na cidade havia um forte comércio de crianças, filhos de escravos. Com o advento

da Campanha Abolicionista esse comércio tornou-se ainda mais “reservado”. Muitos autores chamam essas lembranças de memória subterrânea, que só em tempos recentes está sendo reconhecida como fonte histórica tão importante quanto a escrita.

Há relatos que revelam crianças separadas de seus pais oferecidas como “presente” com as quais seus donos agraciavam parentes ou amigos, ou mesmo vendidas, nesse comércio que naquele momento passava a ser ilegal, pois a Lei do Ventre Livre era de 1871. Apesar da proibição do comércio, muitas me-

ninas geralmente as mais bonitas eram levadas para trabalhar nas casas dos proprietários para desenvolver trabalhos domésticos, preferencialmente com crianças.

As mães escravas se desesperavam quando seus filhos crianças ou no início da adolescência eram levados para a Casa Grande para “ganhar roupa nova”, pois antes de partir a costureira fazia roupas bonitas, pois precisavam ir arrumadas uma vez que eram presentes ou “mercadoria” de alto valor.



Vincenzo Pastore / Instituto Moreira Salles

Hoje estamos reunindo conhecimentos que nos propiciam conhecer a vivência e as experiências sobre escravidão.

Muitos embates e lutas marcaram esse período não tão distante no tempo, mas muito distante das relações sociais que vivemos hoje.

O ano de 1850, foi marcado pela promulgação da “Lei de Terras”, que definia e legitimava as grandes propriedades. Em seu artigo 4 “*revalidava e legitimava a sua posse somente aos sesmeiros cujas terras se achassem cultivadas, ou em princípio de cultura e morada habitual do respectivo posseiro ou de quem o represente. A partir daí as terras devolutas só poderiam ser adquiridas por compra*”.<sup>(5)</sup>

No desenvolvimento da cultura cafeeira algumas questões estruturais precisavam ser resolvidas. Sempre que nos remetemos à cultura cafeeira valorizamos muito seu lado que propiciava altos lucros, mas os produtores enfrentavam também muitos percalços para tornar viável a produção, transporte e comercialização do café.

Em uma Ata da Câmara em resposta ao ofício do Presidente da Província<sup>(6)</sup> com data de 13 de março de 1847 sobre “*se no município havia terras devolutas que pudessem ser habitadas por colonos*” a Câmara afirma que as terras existentes já haviam sido totalmente divididas entre os fazendeiros do lugar.<sup>(7)</sup>

Os vereadores que compunham a Câmara naquele momento representavam o interesse dos proprietários de terras, porém nem sempre as opiniões eram convergentes. Havia muita disputa interna revelando opiniões e interesses díspares entre os membros do Poder Legislativo local. A falta de comunicação com representantes dos poderes Provinciais e mesmo da Corte situada no Rio de Janeiro, facilitava que as decisões fossem tomadas pelos “homens bons”, como eram tratados os vereadores, ou os chefes políticos locais.

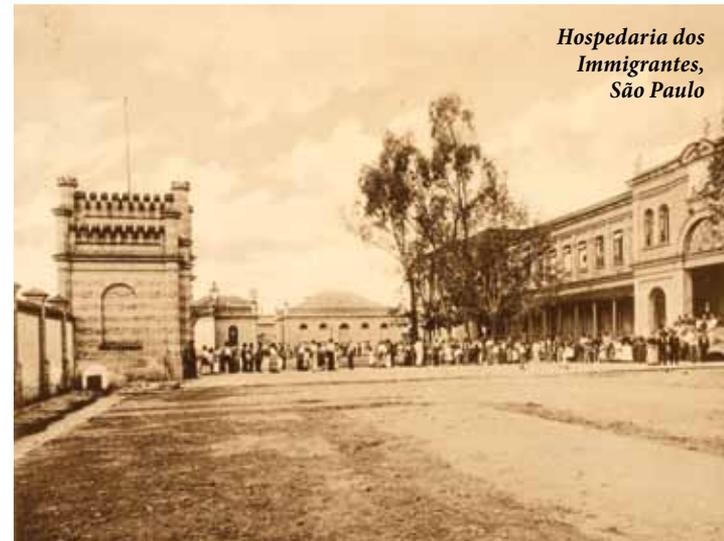
A participação do Estado para ajustar a economia foi grande nesse momento.

O Estado, que era representado por uma monarquia com D. Pedro II junto à elite produtora de café, passou a buscar soluções para duas questões que precisavam ser enfrentadas: a primeira, a falta de mão obra para a produção, agravada com a Abolição ocorrida em 1888. A segunda, melhoria de infraestrutura viária para o café chegar ao porto de Santos. O Estado e capitais particulares em parceria estavam resolvendo esse

problema através da implantação de estradas de ferro.

O Império assumiu encargos com a imigração delegando a Província de São Paulo o ônus de contribuir com a passagem de cada imigrante, subvencionando sua entrada, sobretudo de europeus.

Nesta questão envolvendo mão de obra escrava e o trabalho livre realizado pelo imigrante, notamos que os livros de História, sobretudo os voltados para a escola são claros em afirmar que o trabalho escravo foi substituído pelo imigrante. Vale aqui uma consideração, um questionamento mais do que uma afirmação.



Pelos números expostos constatamos que a quantidade de ex-escravos era grande. A que tipo de trabalho dedicaram-se? Como se inseriram em uma Villa e mais tarde Cidade de São João do Rio Claro movida pela produção cafeeira cada vez mais complexa? Ficaram à margem do processo produtivo, pois a vinda dos imigrantes trouxe um ganho com produtividade considerável nas lavouras cafeeiras.

Em nossa região a imigração começou muito cedo, pois entre os anos de 1847 e 1857 “*foram formadas 10 colônias de imigrantes nas grandes propriedades cafeeicultoras*”.

A empresa Vergueiro & Cia, firmou contrato documentado pela Lei nº 14, de 19 de Julho de 1852,

com o Governo da Província de São Paulo para importar “colonos” como ficaram conhecidos esses trabalhadores. Era a alternativa viável para suprir a demanda de mão de obra nas fazendas cafeeiras. No entanto, a imigração “massiva” se deu a partir de 1870.

Os imigrantes principalmente italianos entraram para atender as necessidades de braços para a lavoura cafeeira. Alguns eram originários de regiões urbanas e por isso não tinham afinidades com a atividade agrícola. Encontraram trabalho em outros setores econômicos, pois com o conhecimento que traziam de seu país de origem, atuaram como sapateiros, ferreiros, alfaiates, marceneiros, carpinteiros, padeiros e outras atividades que atendiam as necessidades da população que aumentava.

Os imigrantes alemães também tiveram uma importante atuação na cidade, em diferentes ramos comerciais, artesanais, transformando as oficinas em atividades industriais. Trouxeram também sua fé divulgando o protestantismo.

Arquivo Público do Estado de São Paulo



*Grupo de alunos da antiga Escola Alemã e seu fundador pastor Theodoro Koelle, 1902*

A maior engrenagem do sistema produtivo dessa época localizava-se no campo, na produção cafeeira, fazendo com que a maior concentração populacional fosse rural.

A Villa ou a Cidade tinham que suprir as neces-

sidades civis, religiosas, e comerciais dos moradores do campo e dos núcleos urbanos.

A produção e comercialização do café constituíam-se ainda no produto mais forte da economia nacional. Contudo um grande desafio enfrentado pelos produtores de café era o escoamento do mesmo até o porto de Santos.

Entre 1850/1860, São João do Rio Claro constituiu-se no último limite do cultivo de café. O que lhe rendeu o apelido “boca de sertão”, pois além desse limite o transporte tornava inviável a produção cafeeira.

As estradas, ou melhor, os caminhos até Santos eram pequenos permitindo apenas a passagem de tropas de mulas. As mulas levavam de 120 a 150 quilos de café cada uma e o tempo para chegar até Santos variava de 10 a 15 dias.

Esse meio de transporte onerava o custo representando 1/3 do preço de venda.

A ferrovia apresentava-se como a melhor opção para tornar a produção cafeeira ainda mais lucrativa, porque diminuiu o preço do custo do café em 20% por saca exportada.

A Companhia Paulista chegou a São João do Rio Claro em 11 de agosto de 1876 com os trilhos estendidos a partir de Campinas.



Primeira Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro em Rio Claro, inaugurada em 11 de agosto de 1876. Demolida em 1910

A viagem de Santos a Rio Claro passou a ser realizada em 8 horas e 50 minutos e de São Paulo era de 5 horas e 50 minutos, nos trens de passageiros, e de 10 horas e 23 minutos em trens mistos.

*As fazendas: Velha, Morro Grande, Angélica, Mata Negra, São José entre outras, tinham os trilhos da ferrovia em seu interior e por isso foram as maiores exportadoras de café da região. As mesmas situavam-se na parte norte de São João do Rio Claro. Entre os anos de 1884, 1885, 1886 exportaram respectivamente 658, 878 e 1.067 toneladas de café.* <sup>(8)</sup>

Esses números nos permitem olhar para o desenvolvimento e mudanças que Rio Claro passou a vivenciar com a produção do “ouro verde”.

São João do Rio Claro ficou como “ponta de trilho” até 1884, quando a estrada de ferro chegou a São Carlos. Em 1885 chegou em Araraquara e 1887 em Jaú. No ano de 1892 teve início o funcionamento das Oficinas da Companhia Paulista, importante centro relacionado a montagem, reparo, e até mesmo produção de inúmeros componentes para locomotivas.

A chegada da ferrovia trouxe grandes transformações na vida urbana de Rio Claro, constituindo-se num marco histórico, diversificando as atividades econômicas: serrarias, cerâmicas, metalúrgica, fábrica de cerveja, inúmeras beneficiadoras de grãos como café e arroz. <sup>(9)</sup>

O século XIX estava no fim e o comércio local cada vez mais intenso, os pequenos produtores rurais traziam mercadorias para serem comercializadas intensificando as relações campo-cidade.

À medida que foi aumentado o volume desse comércio que muitas vezes se realizava através de trocas diretas sem usar a moeda corrente, os órgãos municipais decidiram pela construção de um local para abrigar um mercado.

Em 1895, foi realizado um contrato entre a Câmara Municipal e os empreiteiros Sr. Luiz Corazza & Cia, para iniciar as obras de construção do mercado, que passou a ser chamado de “mercado novo”. Em 1897, encontramos comerciantes encaminhando ofi-

cio ao Intendente da Câmara Municipal “querendo negociar no mercado novo desta cidade” com açougue e armazéns. <sup>(10)</sup>



*Vista do Mercado Municipal, início do século XX*

Esses dados apontam para o desenvolvimento comercial, que a cidade estava vivendo.

Nessa época, final do século XIX e início do XX, encontramos nítidos indícios de que tantos anos de escravidão tinham deixado reflexos em uma população marginalizada pela sociedade, os ex-escravos e seus descendentes não estavam preparados para enfrentar a nova realidade que se apresentava, com muitos problemas sociais que se arrastam até a contemporaneidade.

Podemos aqui abrir um diálogo com Celso Furtado, para aprofundar o entendimento da situação em que ficaram os ex-escravos e seus descendentes, explica o referido autor: que a maior parte da população livre e recém-libertada estava na zona rural, inserida no setor de subsistência, e não seria bem adaptada ao trabalho assalariado regular, além de encontrar-se em vastas áreas territoriais.

O marco inicial da transição do trabalho escravo para o trabalho livre foi a Lei Eusébio de Queiroz de 1850 que proibia a entrada de novos escravos vindos da África.

O fim do fluxo de novos escravos trouxe o enfraquecimento do sistema escravocrata, uma vez que os escravos viviam pouco, e sua vida produtiva era realmente muito baixa. Conseguiram trabalhar arduamente entre 15 e 20 anos de idade, após esse período o nível de esgotamento físico era tão grande que muitos tornavam-se incapazes.

O fim do tráfico negreiro foi resultado, sobretudo das pressões exercidas pela Inglaterra (cf. FAUSTO, 1995), que lutavam para ampliar o mercado de seus produtos industrializados e o trabalho escravo representava um entrave a esse desenvolvimento.

A próxima lei elaborada pelo Estado brasileiro foi a Lei do Ventre Livre (1871), que resultou de um intenso debate sobre o fim da escravidão e o futuro da economia baseada no trabalho livre.

Nas Atas da Câmara Municipal de Rio Claro encontramos interessantes opiniões sobre essa questão. Embora nossa Câmara fosse composta basicamente de proprietário rurais não havia uma total concordância entre seus membros, alguns concordavam com a manutenção da escravidão, outros discutiam alternativas para o mercado de mão de obra utilizando trabalho livre.

Não podemos esquecer que os fazendeiros de nossa região eram possuidores da produção cafeeira mais dinâmica do país e ficaram inseguros quanto à possibilidade de dependerem só da mão de obra escrava uma vez que esta estava dando sinais de extinção. Especialmente após 1874, a substituição do trabalho escravo acelerou-se.

Kowarich (1994) aponta uma imagem muito clara desse processo *“Nas vésperas da abolição, enquanto os escravos fugiam das fazendas, muitos dos quais desciam a serra do Mar amontoando-se nas favelas de Santos, imigrantes italianos faziam o percurso inverso, dirigindo-se às Plantações”*.

A resposta para essa questão parece algo complexo, mais uma vez recorremos a FURTADO, em seu trabalho clássico *“Formação econômica do Brasil”*, que destaca a racionalidade econômica dos empresários do café para explicar o recurso da imigração.

Teria sido uma escolha ló-

gica em função das características apresentada pelos diferentes grupos de trabalhadores.

*“O homem formado dentro do sistema social [a escravidão] está totalmente desaparelhado para responder aos estímulos econômicos. Quase não possui hábitos de vida familiar, a ideia de acumulação de riqueza é praticamente estranha”* (FURTADO, p.140).

O processo de substituição do trabalho escravo pelo imigrante é percebido, no final do século XIX como um obstáculo à acumulação de capital.

No mercado de trabalho, a entrada massiva de imigrantes europeus deslocou a população negra para colocações subalternas.

Esse processo foi marcado tanto por uma ausência de políticas públicas em favor dos ex-escravos e a população negra livre. O tema da inclusão dos ex-escravos não entrou no debate político nacional.

Assim, em um país que convive com altos índices de desigualdade, devemos lembrar do negro que perdeu o lugar no mundo do trabalho deixando de dividir o mesmo espaço social do trabalhador branco. Por isso vemos nos dias de hoje, uma preocupação do governo em traçar políticas públicas visando promover a igualdade racial, na tentativa de proporcionar as mesmas condições de oportunidades a negros e brancos dentro de nossa sociedade.

Hoje, quando voltamos nosso olhar as desigualdades existentes na sociedade brasileira, temos necessariamente que passar por esse enfrentamento e discussões das raízes históricas.

Ao mesmo tempo em que nos deparamos com

problemas que nos remetem a um passado retrógrado, vemos nossa cidade avançar em uma questão que sequer eram faladas no início do século XX; a questão ambiental, preservação da natureza e sustentabilidade.

## A Floresta Estadual “Edmundo Navarro de Andrade”

**H**oje colocarmos questões relacionadas à preservação do meio ambiente é um fato comum. A consciência da importância de preservação do meio ambiente encontra-se presente desde campanhas escolares até propagandas de produtos veiculados pela mídia.

Há um consenso na sociedade quanto à necessidade de preservar a natureza. Encontramos eventos em escala global como a Conferência Mundial do Meio Ambiente, que ao lançar a Agenda 21, tem como objetivo obter dos representantes dos países um comprometimento transparente e conciso sobre a preservação do meio ambiente.

As preocupações com preservação encontram-se também estendidas para empresas, que são obrigadas por lei a ocupar-se com esta temática, através de uma legislação bem elaborada e implantada com grande aceitação de toda a sociedade.

Muitas empresas aliam sua produção à estratégias de mercado ligando seu produto a um padrão de gestão ambiental como ISO 14.000, que confere uma distinção favorável às empresas que trabalham de acordo com esse sistema.

Vamos abrir um diálogo aceitando um conselho do escritor Monteiro Lobato para seu amigo Celestino Silveira em 1945: *“Vá, sem demora. Deixa tudo o que tiver a fazer. Nada mais inadiável, porque nada de mais precioso você pode realizar nesta sua viagem a São Paulo, senão conhecer o Horto Florestal de Rio Claro. O resto tudo é de reduzidíssima importância, mesmo insignificante em confronto com que espera você em Rio Claro”*. (MARTINI, 2009)



Gil de Campos - 2009

Luiz Miotto - 2010



Realmente o nosso Horto Florestal, como nós moradores de Rio Claro, costumávamos chamá-lo, sempre foi motivo de orgulho.

A História do Horto Florestal está diretamente vinculada a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, que através do engenheiro chefe Adolfo Pinto, escreveu uma carta datada de 07 de outubro de 1903 ao presidente da Companhia Conselheiro Prado, que além de outras preocupações como incentivo ao reflorestamento por particulares, propunha também a compra de terras no trecho entre Jundiaí e Campinas para tornar-se um centro de pesquisa de cultura florestal.

Adolfo Augusto Pinto lançou as bases para a criação do que mais tarde seria o Serviço Florestal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Havia um reconhecimento que deveriam fomentar uma cultura florestal no estado de São Paulo, uma vez que eram os maiores consumidores de seus produtos.

Dessa maneira o programa de reflorestamento da Companhia Paulista, teve início com a instalação do seu primeiro horto florestal em Jundiaí.

Foi contratado também o engenheiro agrônomo Edmundo Navarro de Andrade, recém-formado pela Escola Nacional de Agricultura de Coimbra, que inicia suas pesquisas sem a ideia pré-concebida de que o eucalipto seria a melhor opção.



Navarro de Andrade investiga as espécies nativas e outras exóticas. Após 5 anos de experiências convence-se de que o tempo para o crescimento do eucalipto era primordial, uma vez que o reflorestamento era uma necessidade premente frente a demanda de madeira utilizada pela estrada de ferro.

*“Provado com rigor científico que o eucalipto*

*era indiscutivelmente a essência que melhor resultado apresentava, adquiriu em 1909 a Companhia cerca de 1.000 alqueires de terras em Rio Claro, instalando-se Navarro, neste Horto, a sede do serviço florestal recém-criado”.* (MARTINI, 2009, p.84).

Foi realizado um programa da Companhia Paulista para adquirir terras ao longo das linhas férreas, formando assim novos hortos.

Outras ferrovias do estado de São Paulo, seguindo o exemplo da Paulista, passaram a plantar árvores para obtenção de madeira, a Sorocabana por exemplo, formou quinze hortos florestais.

As terras que compõem a Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade, foram compradas pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro em etapas.

A primeira aquisição ocorreu em 1909 com 580 alqueires de terras. A seguinte e mais importante ocorreu em 1916, totalizando 720 alqueires. Tratava-se da Fazenda Santo Antônio que entre outros melhoramentos contava com uma sede que passou a ser ocupada por Edmundo Navarro e sua família.

Partes dessas terras, mais tarde, foram cedidas e negociadas: 57 alqueires foram cedidos



para a formação de alguns bairros como Vila Paulista, Bela Vista e outros. Na ocasião empresas como a Prima Tecnologia e Comércio S.A. também negociaram terras com a Companhia Paulista.

Sob o comando de Edmundo Navarro de Andrade foram plantadas 38 milhões de árvores com 144 espécies importadas, das quais 110 se aclimataram muito bem em nosso país.

Realizavam-se anotações cuidadosas sobre o comportamento das espécies e aquelas que mais se destacassem passavam a ser plantadas em larga escala.

As críticas também foram constantes na trajetória de Navarro de Andrade, por parte da Imprensa e dos nacionalistas. Diziam pejorativamente: “floresta de cabo de vassoura”. Convicto de suas pesquisas Navarro de Andrade já havia determinado que o *Eucallyptus tereticornis* a ser plantado era a melhor espécie para as terras médias do Estado de São Paulo.

Após a morte de Edmundo Navarro de Andrade em 1941, este trabalho de pesquisa, apresentava resultados econômicos importantes e seu trabalho teve continuidade por seu sobrinho Dr. Armando Navarro Sampaio.

Ao mesmo tempo, que essas terras eram reflorestadas com diversas espécies de eucaliptos iniciou-se um importante programa de Genética e Melhoramentos sob à direção do geneticista Dr. Carlos Arnaldo Krug. (MARTINI, 2009)

No entrecruzamento de trabalho científico e os resultados econômicos esperados pela Companhia Paulista, contamos hoje com 18 Florestas, distribuídas em vários lugares do estado de São Paulo com uma área total de 10.041 alqueires com 15 milhões de árvores plantadas.

A companhia Paulista de Estradas de Ferro tinha a preocupação de não destruir as matas nativas e ao mesmo tempo suprir suas necessidades de dormentes, mourões, postes, lenha, enfim madeira conseguida de forma sustentável para suas necessidades operacionais.

Edmundo Navarro de Andrade foi um cientista mundialmente conhecido com publicação de dezenas

de livros. Foi ele também o idealizador do “Museu do Eucalipto” com exposição e indexação sobre todas as espécies desta planta e um estudo sistemático das condições de plantio e desenvolvimento junto a uma coleção entomológica, com 34.000 exemplares, material fruto de muita pesquisa e pioneirismo que envolveu todo esse processo. (MARTINI, 2009)

Até a década de 1960, foi o período de apogeu do Horto Florestal de Rio Claro. Com a estatização da Companhia Paulista de Estradas de Ferro em 1971, consagrou-se uma era de abandono mútuo do trinômio que compunha a Companhia Paulista inclusive do Horto Florestal, que continuou abandonado mesmo num momento em que a preservação do meio ambiente tornou-se uma política nacional bem sucedida.

Nesta política de estatização, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro mais quatro outras importantes e conhecidas ferrovias foram encampadas: Estrada de Ferro Araraquarense, Estrada de Ferro São Paulo-Minas, Estrada de Ferro Sorocabana e Companhia Mogiana, formando a FEPASA. Em 1998, visando à redução do déficit público estadual, o Governo Paulista transferiu a FEPASA para a União, sendo incorporada à RFFSA - Rede Ferroviária Federal S.A. - recebendo o nome de “malha paulista”. Esta foi transferida à FERROBAN em janeiro de 1999, que assumiu a gestão e a exploração comercial das linhas remanescentes. Parte do patrimônio imóvel e rodante permaneceu sob o controle da União, que está aos poucos sendo leiloado em decorrência do processo de liquidação da RFFSA.

Em 1974 o Jornal Cidade estampa sua manchete “O Horto está abandonado” e em 1977 com a FEPASA convertida em uma grande massa sucateada discutia-se o destino do Horto Florestal, com possibilidades de privatização ou anexá-lo a algum outro órgão governamental. A sociedade rio-clarense se mobilizou mais uma vez e criou o Movimento S.O.S. Horto Florestal, milhares de assinaturas chegaram ao governo do Estado e, assim foi transferido, em 1998 à Secretaria do Meio Ambiente, porém com a recessão

econômica os destinos do Horto continuam incertos.

No ano 2002, o Horto mudou de categoria, através de um decreto passou a se chamar Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (FEENA) com uma área de 22.305.338,0255m<sup>2</sup>. As preocupações com seu destino ainda permanecem. Compete a toda a sociedade rio-clarense se mobilizar por mais essa importante causa. Mais importante do que um ponto turístico de Rio Claro a Floresta Estadual Navarro de Andrade deve ser considerada por sua importância científica e cultural.

O pesquisador Augusto Jerônimo Martini com seu trabalho - “Edmundo Navarro de Andrade - O plantador de eucaliptos e a questão da preservação florestal no Brasil” - deixa um primoroso levantamento

sobre essa questão delicada e que ao constarmos seu abandono tanto nos entristece.

Em 03 de junho de 2009, foi assinado um convênio de coogestão para a Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade entre o município de Rio Claro e o governo do estado. Trata-se de uma ação conjunta entre a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e a Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Prefeitura que visa propiciar a criação de um importante polo turístico-ecológico e cultural, organizando a visitação pública na área, tornando-a mais uma opção de lazer, gerando empregos e renda ao município e educação ambiental. Um novo horizonte abriu-se para a nossa floresta.



imagens: Luiz Miotto



## ■ Acirc, Identidade e atribuições

Vem se constituindo uma prática da história contemporânea, escrever sobre instituições projetadas para catalisar interesses de uma determinada classe. É o caso da Acirc, que na realidade é uma sigla, Associação Comercial Industrial de Rio Claro.

Poderíamos nos ater aos nomes das pessoas que dirigiram essa entidade, porém entendemos que mais importante do que os nomes das pessoas sejam suas ideias, e o que pensavam sobre a cidade. Que visão de mundo possuíam? Como entendiam a sociedade daquela época, 70, 80 anos atrás?

Encontramos lendo as atas de reuniões dessa Associação, um rico material que em sua condição de ata de reuniões trouxe muitos fatos, ações, intenções, omitiu outros, às vezes muito relevantes.

Não compactuamos com a escrita de uma história que generalize e reduza o caminho percorrido de alguns homens de destaque na cidade que dirigiram essa Instituição, como se suas atitudes fossem algo mágico que realizaram por que tinham poderes para isso. Procuramos estender o olhar para percebermos idéias e concepções que nortearam as atitudes e escolhas das pessoas que dirigiram a instituição.

Em 1931 houve a fusão de duas entidades com objetivos muito próximos: **Centro Commercial Reunidos** e a **Associação Commercial de Rio Claro**. A partir desse acontecimento a Instituição ficou ainda mais estruturada, abarcando ações e concepções que foram muito além dos interesses de seus associados.

Como uma forma de materializar suas ideias e ter corpo jurídico, a Associação Comercial e o Centro Commercial Reunidos registram seu estatuto sob nº 507, livro A, nº 1, folhas 9 e 10, no Cartório de Títulos e Documentos, comunicando também à Prefeitura e ao M.M. Juiz da comarca de Rio Claro. Contavam nesse momento com 162 associados.



Vamos voltar no tempo... No final do século XIX encontramos uma **ata da Câmara Municipal de Rio Claro** datada de **16 de julho de 1888**, onde aparece uma denúncia de **comerciantes de Rio Claro** sobre a concessão de privilégios a fazendeiros que mantinham pequenas “vendas” em suas fazendas e não pagavam os mesmos encargos que os comerciantes estabelecidos.

O movimento foi liderado por Domingos Victo-

rio do Amarante Sodré e mais 109 comerciantes em um abaixo assinado. Este fato demonstrou a necessidade de mobilização da classe dos comerciantes de unirem-se para construir uma instituição que fosse o agente catalisador da proteção de seus interesses.

Nos anos de 1920, e especificamente no ano de 1922, ocorreu o afloramento de tensões que estavam sendo geradas em diversos setores da sociedade, eram claras as vozes de insatisfação. No plano nacional, importantes acontecimentos estavam em curso.

O ano de 1922 assistiu à primeira rebelião **Tenentista**, a fundação do **Partido Comunista Brasileiro** o **Centenário da Independência do Brasil** e a **Sema-**



*Fundadores do Partido Comunista Brasileiro*

**na de Arte Moderna**, que nem mesmo seus organizadores tiveram naquele momento a dimensão que a arte modernista tomaria dali para frente.



**SEMANA DE ARTE MODERNA - CATALOGO DA EXPOSICAO S. PAULO 1922**



*Capa do jornal, comemorando o Centenário da Independência*

*Revolta do Forte de Copacabana, a Rebelião Tenentista*



Arquivo Público do Estado de São Paulo

A Semana de Arte Moderna representou um divisor de águas, um marco que delimitou o fim de um período cultural marcado pelo conservadorismo. Rio Claro como uma importante cidade do estado de São Paulo percebia e resignificava dentro de sua peculiaridade todas essas grandes modificações que estavam ocorrendo.

No movimento Tenentista, em que os Tenentes e Capitães compunham a ala mais jovem do exército onde aspiravam mudanças, encontramos o jovem Antonio de Siqueira Campos, nascido em Rio Claro junto a outros 18 companheiros que realizaram a **Revolta do Forte de Copacabana** onde foram silenciados pelo exército de 3.000 soldados. Apenas dois revoltosos sobreviveram, Siqueira Campos e Eduardo Gomes.

A cidade de Rio Claro rende poucas homenagens a Siqueira Campos, que tem apenas uma praça com seu nome e sua atuação como revolucionário não é parte da história local, principalmente a escolar.

A escrita da história da Associação Comercial Agrícola e, mais tarde Industrial de Rio Claro, para fins de melhor compreensão será apresentada por décadas, porém a relevância dos acontecimentos não se encontra dentro desse parâmetro.



Marcelo Zanelatto/Foto Brasil

## Rio claro e a atuação da Associação nos anos 20 e 30

Reunimos a escrita da história dessas duas décadas, pois nos anos de 1920 não foram registradas atas de reuniões, dificultando consulta as fontes históricas. Porém há indícios tangíveis da importância e movimentação da entidade, que estava dividida em duas: Associação Commercial de Rio Claro e Centro Commercial Reunidos. A fusão ocorreu em 30 de julho de 1922, pois esta data encontra-se em diversos documentos. A importância também se torna evidenciada com a compra de um prédio para abrigar sua sede em 1925.



Ser possuidor do prédio destinado ao funcionamento de uma sede social, tinha um sentido simbólico entre os associados e junto a comunidade de Rio Claro, a aquisição do primeiro prédio para funcionamento da Associação se deu em julho de 1925. O prédio, situado na Av. 1, nº 23 entre Ruas 5 e 6 passou a nº 49 por normas da Prefeitura. Foi comprado do espólio de Antonio Pinto Rodrigues. Mais tarde esse imóvel foi transformado em prédio comercial e recebeu os números 437 e 441 que permaneceram até sua posterior venda que ocorreu na década de 1980.

O final dos anos 1920 e início dos anos 1930, no Brasil estava em curso uma etapa histórica marcada por uma crise generalizada agravada pelo crash de 1929 na Bolsa de Nova York, que desestabilizou as relações econômicas em escala mundial.

Essa crise econômica nos Estados Unidos teve forte impacto sobre a exportação de café, já abalada com as políticas de valorização do produto, criadas com o convênio de Taubaté - 1906, que mantinha o preço do café estável artificialmente, pois o governo federal comprava o excedente da produção cafeeira impedindo que os fazendeiros realizassem seus prejuízos em uma economia de mercado.

Com a exportação de café em crise, a Oligarquia cafeeira que dominava o governo federal enfraqueceu. Isto permitiu que a oposição formada pela Aliança Liberal lançasse Getúlio Vargas candidato a presidente e João Pessoa para vice, movimento que ganhou força. Porém os vencedores da eleição de 1929 foram os candidatos apoiados pelo governo, contudo uma ala mais radical do partido da Aliança Liberal, que era oposição, conspirou e pegou em armas contra o governo da situação.

Em 03 de outubro de 1930 tiveram início os choques entre as tropas federais e os revoltosos que se espalhavam por todo o Brasil, com exceção de São Paulo, que se mantinha à margem das articulações, querendo a todo custo assegurar a Presidência da República nas mãos dos fazendeiros de café.

O movimento liderado por Vargas recebeu o poder da Junta Governativa, na condição de chefe do Governo Provisório. Getúlio procurou atender às reivindicações das forças políticas que lhe davam sustentação. No entanto, essa força que deu o apoio acabou formando dois grupos divergentes: os **Constitucionalistas** e os **Tenentistas**. Os primeiros desejavam a democratização do país através de eleições livres, governo constitucional e plena liberdade civil, enquanto os Tenentes propunham um governo forte e centralizado capaz de realizar mudanças na economia e modernizar as estruturas do Estado.

Traçamos um panorama bem geral da política nacional para dirigirmos um olhar particular, agora em nossa cidade.

## ■ Acirc frente aos impactos trazidos pelas Revoluções de 1930 e 1932.

O comércio de Rio Claro refletia as modificações que estavam ocorrendo. O **rádio** era a mídia de maior penetração, até por que atingia quase toda a população, incluindo os analfabetos. Pelo rádio formavam-se opiniões políticas, gosto musical, criava-se necessidade de consumo. Era o meio pelo qual a população recebia as informações e ouvia notícias do mundo.

As propagandas e divulgação dos produtos eram feitas via rádio de uma forma ainda rudimentar se comparadas às sofisticadas campanhas publicitárias atuais.

As novelas de rádio, que transmitiam as propagandas em seus intervalos com altíssima audiência foram moldando hábitos de consumo adequando-os

para a época.

O rádio era com frequência a única forma das mulheres conhecerem um pouco do que se passava além da vida “dentro de casa”.

As emissoras de rádio mais famosas eram a Radio Nacional, Radio Globo, Roquete Pinto e outras de grande audiência.

Em 1933 a cidade de Rio Claro passou a ter sua primeira rádio, **Rádio Clube** que se tornou um importante instrumento de comunicação, informação e logo se revelou também um poderoso instrumento de vendas.

O comércio de Rio Claro oferecia produtos que aos poucos foram se tornando parte do consumo familiar.



*Auditório da PRF2  
Rádio Clube de Rio Claro*

Através da leitura da Primeira Ata de Reunião de Diretoria realizada no dia 21 de março de 1931, esta instituição apresentava uma estrutura de funcionamento bem completa, revelando que funcionava seguindo estatuto muito antes de lavrar sua primeira Ata. A diretoria que assinou a primeira Ata era composta: Presidente Humberto Cartolano, Vice-Presidente Helio Miranda, Secretário Casimiro Cerri, Vice-Secretário Matheus Linardi Jr., Primeiro Tesoureiro Sylvio Schlittler e Segundo Tesoureiro Dr. Alberto Meyer.



Humberto Cartolano



Helio Miranda



Casimiro Cerri



Matheus Linardi Jr.



Sylvio Schlittler



Alberto Meyer

Possuía sede própria, adquirida em 1925, estava em funcionamento desde julho de 1922 e por registros deixados sugere ter sido dirigida desde sua fundação por Humberto Cartolano.

Rio Claro era uma cidade com um comércio ativo ampliado neste momento pelas **Oficinas da Companhia Paulista** que se constituía em uma grande empresa empregadora.

A primeira reunião da Associação Comercial e

Centro Comercial Reunidos, apresenta um fato curioso: **“Acta da primeira reunião de diretoria realizada aos 21 dias do mez de Março de 1931, na sede social sita avenida João Pessoa nº 49...”**



O endereço desconhecido, no entanto continua se repetindo em atas posteriores. Esta intrigante informação levou a uma pesquisa que apontou que em 25 de outubro de 1930, o prefeito empossado Benedito Pires Joly e o representante do Governo Revolucionário João Ramalho trocaram os nomes da Av. 1 que passou a ser João Pessoa e da praça da Estação que passou a ser Siqueira Campos (Decreto nº 1 de 25 de outubro de 1930). O que levou o prefeito de Rio Claro, nomeado por decreto mudar o nome da sua avenida principal, a Av. 1, para João Pessoa?

Vale uma rápida reflexão sobre aquele momento político conturbado.

Em um regime de exceção, Vargas acumulou os Poderes Executivo e Legislativo e passou então a governar por meio de Decretos-Leis. Foram criados dois novos ministérios, o do Trabalho, Indústria e Comércio e o da Educação e Saúde, e promulgado o Código dos Interventores, que legalizava e definia a competência daqueles que substituíam os Governadores de Estado e Prefeitos.

No dia 25 de outubro de 1930, logo no início do Governo Vargas, na fase conhecida como **“Revolucionária”** em Rio Claro os fatos políticos explicitam a turbulência que a Revolução de 1930 estava trazendo.

O prefeito eleito Irineu Penteado e os vereadores também eleitos foram depostos e Benedito Pires Joly assume a prefeitura de Rio Claro até 06 de janeiro de 1931.

Ainda no ano de 1931 encontramos em Ata da Associação que o Prefeito Major João Dias de Campos, também vindo a Rio Claro **por força do regime de exceção** pelo qual o país passava, teve a duração de seu mandato de aproximadamente um ano 29 de janeiro de 1931 a 16 de janeiro de 1932. Por não ter sido eleito e nem pertencer à cidade de Rio Claro os prefeitos nomeados ficaram conhecidos como “**Prefeitos de Quarto de Hotel**”. Não traziam a família e não se integravam a sociedade rio-clarense porque permaneciam na cidade por pouco tempo.

Durante o período citado há uma movimentação da Associação que questionava a cobrança de impostos municipais sobre exportação de aves e ovos. As taxas só recaíam sobre os exportadores e não sobre produtores.

Ainda sobre essa questão a Associação pronunciava-se por preocupar-se com o negócio exportador que por parecer lucrativo traria um desabastecimento desses gêneros no mercado local.

A Associação deixava claro que **não pretendia entrar em questão político-partidária**, porém com a situação política imposta pelo regime de exceção, a Associação Comercial de São Paulo que mantinha uma estreita ligação com a Associação de Rio Claro nesse momento de crise política, colocava em ata ofício “*pedindo a adesão de seus associados num abaixo assinado ao Governo Provisório sobre o restabelecimento do regime constitucional*”.

Era clara a indignação contra a inconstitucionalidade na qual o Brasil estava mergulhado.

As tensões políticas entre o Governo Federal de Vargas e as lideranças políticas de São Paulo aumentaram e o ponto de maior tensão era a elaboração da Constituição Federal. Esse movimento chamado de **Constitucionalista** reuniu de forma muito forte diversos segmentos da sociedade urbana paulista e, em Rio Claro, a Associação tornou-se o centro aglutinador das

ações dos rio-clarenses que de muitas maneiras se mobilizaram e participaram ativamente desse movimento.



Jovens rio-clarenses que se alistaram como soldados na revolução. José Ferreira Neto, 3º sargento e Celestino Gerald Junior, Cabo

Terminada a fase armada da revolução, a Associação Comercial de Rio Claro e Centro Comercial Reunidos elaboram um relatório completo e primoroso de sua atuação durante a Revolução Constitucionalista de 1932 publicado em julho de 1933.

O início dos conflitos armados ocorreram em 9 de Julho de 1932 e em 14 de julho de 1932 a Associação “resolveu auxiliar o movimento irrompido em São Paulo, pela “**Constituição do País**””.



A Associação coordenou as ações que envolveram toda a sociedade rio-clarense de uma forma que surpreendeu a todos.

As entidades de classe se mobilizaram ofere-

cendo o valor de suas mensalidades ao Movimento Constitucionalista.

A central de arrecadação concentrou-se na sede da Associação, uma vez que outras pessoas já estavam organizando núcleos de arrecadação e ajuda. As doações compunham-se de mantimentos, roupas, remédios e serviços. Os voluntários apresentavam-se contemplando todas as camadas sociais, desde profissionais liberais como médicos, advogados e engenheiros, até eletricitistas, pedreiros e agricultores, todos querendo contribuir como voluntários.

As mulheres também fizeram uma grande mobilização montando oficinas de costuras para confecção de fardas aos improvisados soldados, já que poucas trabalhavam fora de casa.



*Local onde as mulheres se reuniam para costurar*

Uma união de ideais nunca vivenciados à causa **Constitucionalista** atingiu de alguma forma a todos.

Encontram-se listados milhares de nomes de pessoas que enviaram dinheiro ou gêneros de sobrevivência à Revolução Constitucionalista. A sociedade civil mobilizou-se de uma forma surpreendente, deixando marcas profundas em nossa cidade.

Por sua experiência como uma instituição organizada, a Associação Comercial elaborou um docu-

mento primoroso contendo todas as doações, o nome de todos os voluntários, e as diversas maneiras que participaram do movimento. Muitos homens alistavam-se como soldados e as outras pessoas contribuíam com doações, com serviços prestados à causa que acreditavam.

Esse documento completo, elaborado pela Associação registrou a participação dos voluntários. Em muitos casos foi o único documento e por isso serviu como prova para muitos voluntários, que recorreram a essa publicação, para mostrar sua participação no conflito e, com isso, ter argumento para requerer junto ao governo do Estado de São Paulo benefícios por sua participação como soldado.

A partir de seu término, a Revolução, que teve um curto período iniciando-se em julho de 1932 e totalmente controlado pelo exército nacional comandado por Vargas em outubro do mesmo ano, deixou rastros fortes de sua existência junto à Associação.

As doações ainda restantes foram encaminhadas à Villa São Vicente de Paulo, hoje Asilo de São Vicente.

*“Feita a entrega à Sociedade São Vicente de Paulo, todo o saldo de mercadorias, utensílios e semoventes – restante de todos os donativos em dinheiro”.* (ata de 24 de fevereiro de 1933)

No saldo da Revolução de 1932, a Associação ganhou mais visibilidade e confiabilidade por parte da população de Rio Claro. Como possuía uma estrutura organizacional gerenciou as ações práticas em um momento delicado e tenso como foi o final do ano de 1932, em que os paulistas saíram derrotados pelas armas, porém com um sentimento de orgulho pela participação em um movimento tão importante no aspecto político e, significativo no âmbito da vida privada.

Logo após o encerramento das ações revolucionárias, encontramos em atas a preocupação de erguer *uma ermida*, edificar algo material para aprisionar estes momentos tão intensamente vividos aqui em Rio Claro.

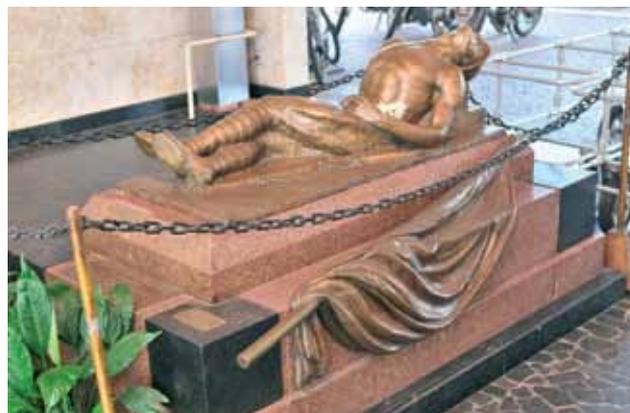
Desejavam deixar claro um sinal do passado, uma obra comemorativa para perpetuar as lembranças no domínio em que a memória é particularmente va-

lorizada: a morte. Alguns rio-clarenses tombaram na Revolução Constitucionalista de 1932 e a memória coletiva precisava de algo tangível para perpetuar ideias e ações em torno das quais toda a sociedade se uniu.

A escolha recaiu sobre a proposta do artista de Rio Claro, Vilmo Rosada, que esculpiu um monumento funerário colocado na entrada principal do Cemitério São João Batista.



Acima, Vilmo Rosada ao lado de sua escultura, em 1935. Abaixo, a escultura nos dias atuais na entrada do Cemitério São João Batista



Dentro do caráter democrático da Associação a diretoria votou pela proposta de, sobre a maquete do escultor, realizar uma foto e fazer com ela um cartão postal que fora vendido para arrecadar fundos para tornar possível a construção do monumento, deixando o forte testemunho de tudo que aqui foi vivido.

A entrada do cemitério Municipal de Rio Claro ficou marcada com a escultura do Soldado Desconhecido, procurando ultrapassar os limites da memória associada ao anonimato, fornecendo coesão em torno de uma memória comum - a força que São Paulo empenhou na causa constitucionalista. O bronze da escultura reflete a força das ideias aprisionadas pelos participantes da Revolução.

Ainda na década de 1930, a Associação realiza a compra do “prédio da Rua 3”, em uma nítida intenção de estar mais próxima ao comércio que já consolidava seu “lugar”.

A compra do prédio da Rua 3 foi um ato arrojado, pois sem vender a antiga sede localizada na Av. 1, a diretoria optou pela aquisição de um imóvel maior e mais novo. O vendedor Sr. Germano Bartz entrou em uma longa negociação com a Associação.

O prédio localiza-se na Rua 3 entre as Av. 8 e 10, que naquela época recebia o número 137 e 139. Uma parte do valor do imóvel foi pago a vista com dinheiro da Associação, porém pesava sobre o imóvel uma hipoteca em favor de Joaquim Figueiredo Costa, que passou a ser negociada com um prazo maior. Havia também impostos atrasados e juros dessa hipoteca que foram pagos para chegar à finalização do negócio.

Estas primeiras transações comerciais para viabilizar a compra do imóvel estão em atas de reuniões de diretoria de 1933, porém a finalização da compra com escritura ocorreu em 1937, quando ainda restava uma dívida hipotecária em favor de Joaquim Figueiredo Costa de 25.000.000 em moeda corrente da época. Sem o pagamento desse valor não era possível lavrar escritura final. Para resolver esse impasse, dois diretores Casemiro Cerri e Nicolau Marrach pro-

puseram pagar esse valor restante com recursos próprios. Cada um pagou 12.500.000 completando os 25.000.000 restantes. A Associação compromete-se a restituir o dinheiro empestado pelos diretores em 60 parcelas mensais de 500.000 num total de 30.000.000 capital e juros representando uma taxa de 8% ao ano.

Dessa forma a escritura definitiva foi passada no tabelião Macha pelo valor total de 43.573.000. Na ata de reunião de diretoria 30 de março de 1937 os demais diretores declaram seu agradecimento aos diretores que emprestaram o dinheiro para finalizar a compra do prédio, onde se localiza a sede social até nossos dias.



*Fachada do prédio da Rua 3 quando foi adquirido*

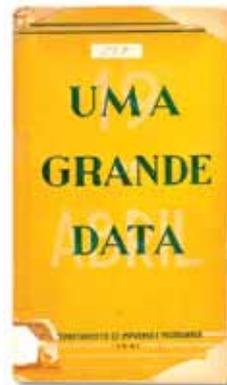
## Associação em Rio Claro na década de 1940

Encontramos a Associação muito bem instalada em sua sede social, porém enfrentando no início daquela década, delicadas situações causadas pela conjuntura internacional vivida durante a **Segunda Guerra Mundial** (1939 a 1945), que estava em curso.

A situação tornou-se particularmente tensa quando o Brasil passou a participar efetivamente do conflito enviando homens para lutar ao lado dos Estados Unidos em território europeu, mais especificamente na Itália.

Internamente vivíamos uma ditadura, o Estado Novo (1937 a 1945). Esse regime de exceção levou a um controle rígido do Estado sobre os meios de comunicação da época.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) era rigorosamente controlado pelo Governo Vargas. Encontramos em ata de 1941: *“O presidente sugere que se peça ao Departamento de Imprensa e Propaganda, o (DIP) para que fossem enviados resumos dos assuntos econômicos, financeiros, sociais e outros elaborados pelo Estado Novo para que possam cumprir a dupla finalidade de esclarecer aos sócios as diretrizes novas que o governo quer implantar. Todos os diretores concordaram em enviar um ofício solicitando ao DIP orientações nesse sentido”*.<sup>(11)</sup>



Com um Estado forte e controlador a economia privada era atingida por regras que nem sempre eram claras, e considerando os meios de comunicação da época, ficava difícil o comércio local compreender e praticar as novas exigências.

A Associação apresentava-se como um órgão mediador entre as novas exigências e o mundo real onde seus associados tinham que trabalhar dentro desse novo contexto.

No decorrer da Segunda Guerra encontramos a Associação reivindicando junto à **Coletoria** que as taxas sobre **“Imposto de Guerra”** estavam muito altas considerando as incertezas que toda a sociedade estava passando.

Ainda nesse período encontramos a Associação realizando composições com outras Associações principalmente de São Paulo. O objetivo era conseguir produtos como **sal, açúcar e combustível** para as empresas de seus associados poderem produzir e abastecer o comércio dentro dos limites impostos pelo clima de guerra.

A Associação Comercial comandava o processo burocrático junto aos órgãos oficiais para conseguir, através de justificativas plausíveis, os produtos que estavam em falta no país.

Foi neste conturbado cenário político interno do **Governo Vargas** que, em 1943, foi promulgada a **Consolidação das Leis do Trabalho - CLT**, com extensa regulação sobre a relação capital-trabalho, e que trouxe muitas dúvidas aos comerciantes da época, que não estavam familiarizados com as novas regras.

A Associação entrou durante esse período em enfrentamento com a **Coletoria** na forma de cobranças de impostos federais. Às vezes a reclamação era por taxas altas, outras a burocracia para efetuar o pagamento, que era complicado demais para o comerciante já com tantos encargos.

Outra importante contribuição da Associação atendia um pedido do prefeito municipal Dr. Sólton de Mendonça Rego Barros para a criação do **Núcleo Municipal de Legião Brasileira de Assistência**.

O Sr. prefeito municipal pede à Associação Comercial para auxiliar a prefeitura na realização de estatuto e outras regras para o funcionamento efetivo desse órgão.

A ajuda foi atendida com a nomeação de uma comissão escolhida entre os diretores para junto à prefeitura realizar as bases legais de funcionamento dessa instituição que, terminada a Segunda Guerra continuou a existir com outro formato, o da assistência social dentro do município.

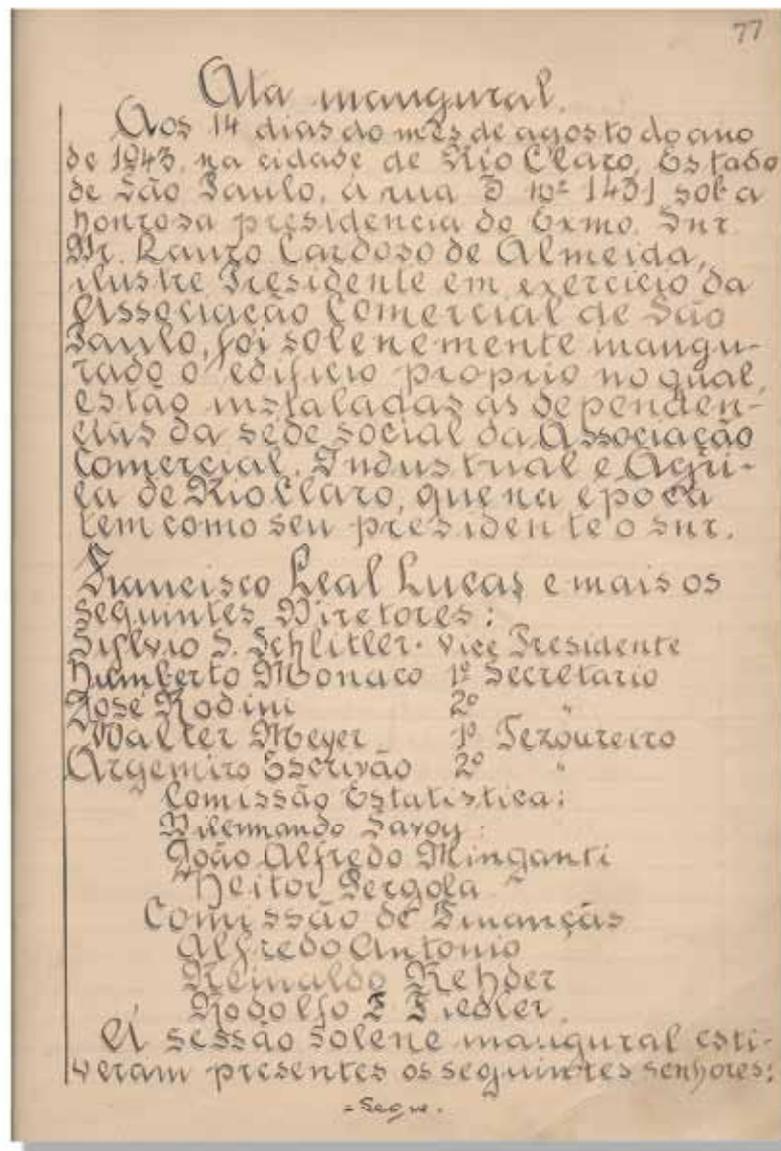
Em meio a essas questões tão difíceis que a população enfrentava, a Associação Comercial viveu um momento de orgulho com a inauguração da primeira grande reforma de sua nova Sede Social em 14 de agosto de 1943.

Durante a Segunda Guerra (1939 a 1945), encontramos nos livros de História, principalmente os livros escolares, referências desse período trágico porém distante, afinal a frente de batalha estava ocorrendo no continente europeu. **No entanto, nas atas da Associação encontramos manifestações da Guerra que aconteciam aqui em Rio Claro.**

A falta de combustível apresentava-se como um problema a ser resolvido coletivamente. Usar combustível para escoar a safra agrícola foi prioridade, ainda mais que a Associação Comercial e Agrícola, abrigava também os produtores rurais.

O racionamento de gasolina e óleo diesel exigia que a Associação Comercial estivesse à frente para lidar com os trâmites burocráticos daquela situação.

As remessas de combustíveis vinham de São Paulo e a Associação Comercial era quem fazia a dis-



*Ata inaugural da primeira grande reforma*

tribuição entre o comércio e a indústria local.

O olhar era sempre dirigido para contemplar as empresas que atuavam em ramos de negócio que abasteciam a população de gêneros de primeira necessidade.

A cidade de Rio Claro sofreu muito com a falta de sal e açúcar em seu comércio por conta da desorganização do abastecimento desses produtos causados pela Segunda Guerra Mundial.

Em ata da Associação de 17 de abril de 1944, a

Prefeitura pede “a essa idônea entidade” que realize a entrega de distribuição e controle do açúcar em nosso município, demonstrando a confiança que o poder público depositava na Associação Comercial para delegar essa delicada tarefa.

No ano de 1944 a ditadura de Vargas dava sinais de transformação, porém seu braço repressor ainda estava atuando em Rio Claro, pois a Associação cita “perseguição” ao chefe do Correio Local.

Até o final da Guerra em 1945, a Associação se debate com a falta de combustível que impedia o desenvolvimento industrial, o escoamento da produção agrícola, interferindo no comércio da cidade.

O abastecimento de energia elétrica não acompanhava a demanda que as indústrias de Rio Claro passavam naquele momento.

No período posterior ao da Segunda Guerra

(1939 a 1945), o comércio principalmente de gêneros alimentícios sofreu com a falta de produtos que vinham do mercado internacional. Entre os anos de (1946 e 1947) encontramos em atas muitas solicitações e tentativas, por parte da Associação, de resolver o desabastecimento imposto à população de Rio Claro. A falta da farinha de trigo estava sendo muito penosa para a população, as fábricas de macarrão foram obrigadas a interromper suas atividades para que a farinha fosse destinada à fabricação de pães. Uma medida alternativa era misturar farinha de milho, o que gerava muito protesto, pois culturalmente o pão sempre foi feito com trigo.

A atuação da Associação apresentou-se como um elemento conciliador entre as dificuldades impostas pela Segunda Grande Guerra que desarticulou o comércio mundial e a ditadura do Estado Novo impondo regras rígidas para a sociedade brasileira.



*A diretoria reunida com o prefeito, somando esforços dentro do clima de guerra em que viviam.  
Em pé, da esq. para dir.: Sólon Rego Barros, Oscar Meyer, Antonio Vecchiato e Nicolau Marrach.  
Sentados: Armando Chepis, Casemiro Cerri, Augusto Schmidt Filho, Arlindo Ungaretti e João Timoni*

## Associação em Rio Claro na década de 1950

A Associação Comercial em seu modo de pertencer à cidade, continua sua trajetória de ser um órgão aglutinador facilitando a vida cotidiana de seus associados e da comunidade.

Com a economia mundial restabelecendo-se com o fim da Segunda Guerra, o comércio de Rio Claro percebe e vai se adequando às modificações que naquele momento eram muitas.

Vargas volta ao poder agora como presidente eleito. A democracia era vista como valor de consenso e a Associação Comercial continuava a lutar por problemas antigos, como a falta de energia elétrica que persistia, e também pela concorrência desleal impostas pelas lojas do Sesi principalmente no ramo de alimentação.

A Associação em seus múltiplos olhares usa sua influência para lutar pela permanência das Indústrias Matarazzo na cidade.

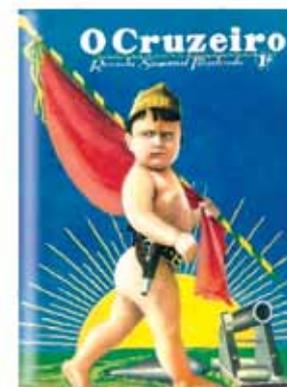
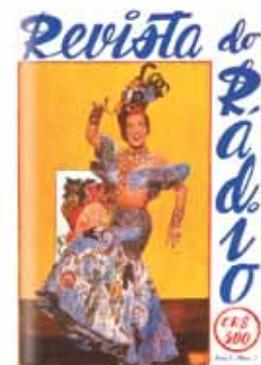
A sede da Associação, por ser um grande imóvel, foi alugada na sua parte superior durante muito tempo para a Rádio Clube de Rio Claro, cujo proprietário era o Sr. Humberto Cartolano, e os espaços restantes eram cedidos para salas de aulas de inglês.

Os problemas sociais como a mendicância e a falta de emprego aos jovens de Rio Claro, entram em muitas reuniões e demonstravam a necessidade da criação de uma “Sociedade Amigos da Cidade” no sentido de praticar ações articuladas para a construção de uma sociedade que se tornava cada vez mais complexa.

Embora as atas deixem transparecer que os diretores divergiam em suas opiniões, o fato de pertencerem à cidade e a responsabilidade que historicamente fora conferida a eles, fazia com que buscassem formas conciliatórias para solucionar problemas práticos.

Naquele momento o rádio ainda constituía-se na mídia de maior penetração e revistas como Cruzeiro e Manchete trazem objetos do consumo “modernos”, sem contar que Seleções *Reader's Digest*, e o “*Americam*

*Way of Life*” estimulavam o consumo, fazendo o comércio local ser dotado de lojas de eletrodomésticos para facilitar os trabalhos domésticos e oferecer mais lazer, dentro das casas.



As reuniões de diretoria apontavam para a sociedade que estava se modificando. Os diretores tentavam ler nas entrelinhas, quase adivinhar o que estava ocorrendo para estarem preparados com produtos novos que atendessem uma demanda em transformação.

Havia a luta concreta que a classe dos comerciantes e industriais enfrentava em seu cotidiano, que na década de 1950 foi marcada pela falta de crédito às iniciativas manufatureiras e industriais, além do combate ao comércio clandestino que trazia uma concorrência desleal.

A falta de energia elétrica suficiente para mover as indústrias fazia a diretoria lutar com todas as armas possíveis, desde inúmeros telegramas ao governador de Estado, presidente da República, muitas reuniões com a Central Elétrica sempre buscando alternativas para seus associados e para a comunidade.

O que se apreende nas leituras das atas é o embate entre os problemas reais que existiam e o desejo de se antecipar às modificações que estavam ocorrendo.

No ano de 1956, a Associação queria formar técnicos em Organização de Cadastros, uma atividade precursora para a época.

A Associação Comercial passou a acompanhar as tentativas de encontrar petróleo em Rio Claro. Não foi um registro do imaginário, pois o presidente da Petrobrás Coronel Janary Nunes esteve em Rio Claro acompanhando a sondagem



e prospecção de petróleo e nessa oportunidade visitou a Associação Comercial em 30 de maio de 1956. Era ainda um “suspiro” da ideia de se encontrar petróleo no Brasil, divulgada amplamente durante o governo Vargas com a campanha: “O Petróleo é Nosso”.

A entidade não queria ficar de fora dessa inquietante possibilidade ao mesmo tempo estranha

e familiar, uma vez que a procura se dava em nosso município.

Um assunto que a Associação debateu por anos seguidos foi a instalação dos telefones automáticos. Maior agilidade nessa forma de comunicação era o desejo de todos, porém os entraves foram muitos, da burocracia aos interesses da Companhia Telefônica Brasi-



*Em pé, da esq. para a dir.: Carlos Campos, Emílio Beltrati, Nometalla José Jorge e Valdemar Corso. Sentados da esq. para dir.: Virgílio Marques dos Santos, Ítalo Barberio e João Veiga. No canto superior esquerdo estão suas assinaturas*

leira, com taxas e impostos. Esse assunto em suas mais variadas nuances entrou nas atas de 1956, 1957 e início de 1958, por muitos vieses, pois havia uma tensão entre a Associação e outras instâncias de poder como a Prefeitura que dificultava essa melhoria de comunicação tão necessária nesse momento.

Em 1958 ocorre junto à Associação, o Serviço Central de Proteção ao Crédito uma importante ferramenta para os comerciantes, o famoso **SPC**.

A leitura das atas não serve apenas como informação do que foi registrado, mas torna visível as ideias e as conexões que os diretores estabeleciam com os poderes constituídos, com os comerciantes e industriais que viviam aquele momento com intensidade.

A introdução de máquinas registradoras, que deviam ser utilizadas no comércio, torna-se assunto presente em atas de reunião. Constitui-se um embate entre o antigo e o moderno, em alguns momentos os debates entram em questões como a tradição e a novidade, embora o moderno não seja necessariamente uma ruptura com o passado, carregando tantos sentidos para constituir-se em algo desejável.

## Associação em Rio Claro na década 1960

Esta década é marcada por um ponto de ruptura, um momento histórico que o país passou que foi o Golpe Civil Militar em 1964 e a Associação, sustentando seu propósito desde sua fundação, de manter-se como instituição fora da política partidária não registra em suas atas este momento, então percebemos que nesta época o silêncio fala mais que as palavras.

Este silêncio revelador traz a Associação, que diante de tantas implicações ideológicas procurou adaptar-se à nova conjuntura política, pois esta sempre preservou sua essência, suas peculiaridades enquanto entidade de classe. Recorremo-nos aqui, ao historiador Marc Bloch Legoff (1996) “compreender o passado pelo presente, a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado, mas é talvez igualmente inútil esgotar-se a compreender o passado se nada souber do presente”.

Nas atas de reuniões da ACIRC não encontramos nenhuma linha escrita sobre o momento turbulento que nosso país vivia, no entanto ainda no mesmo ano da chamada Revolução de 1964, encontramos o envolvimento da entidade com uma campanha “**Ouro Para o Bem do Brasil**”, pedindo colaboração de seus associados e colocando sua sede como ponto de

coleta para esse movimento.

Essa campanha tinha a intenção de arrecadar ouro para o fortalecimento do novo governo que se iniciava.

Vale uma reflexão sobre esse momento da História do Brasil.

O presidente em exercício era João Goulart que estava no poder pela renúncia de Jânio Quadros em 1961, já nesse momento os militares acenaram com a possibilidade de não dar posse ao vice-presidente eleito, pelo voto popular, porém uma forte campanha pela legalidade venceu e Goulart foi empossado.

Porém em 31 de março de 1964, por um golpe de Estado, uma junta militar tomou o poder e teve apoio de uma grande parcela da classe média urbana e o movimento como “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, congregava principalmente mulheres para dar força ao novo governo que no olhar dos revolucionários estaria protegendo a família mais uma vez dos “perigosos comunistas”.

Os Diários Associados em São Paulo deram total apoio à organização desse movimento e ainda, comandaram a campanha “Doe Ouro para o Bem do Brasil”, cujo resultado fora 400 kg arrecadados de ouro e uma grande quantia de dinheiro entregues ao presidente Castelo Branco em apoio ao novo governo que assumia a chefia da Nação.



Voltando para as especificidades da Associação, esta procura entender e informar seus associados sobre a nova reforma bancária. Coloca em ata de 11 de agosto de 1964 um pensamento que vem atravessando toda sua história: *“deve valer o pensamento da classe que realmente produz”* deixando claro que as atividades produtivas tinham que ser mais valorizadas que as financeiras que estavam mais próximas da especulação.

Os institutos de previdência e aposentaria também eram preocupações constantes nas reuniões da diretoria da Associação, principalmente aqueles referentes ao comércio.

Anterior ao INSS, o INPS, fundado pelo Governo Militar em 1966, passou a congregiar todos os institutos de aposentaria e pensões e abrangeu também a área da saúde.

As notas fiscais simplificadas também foram instituídas nesse momento e causavam dúvidas quando sua execução. A Associação recebia instruções e divulgava pela imprensa local como realizar essa nova conduta burocrática.

Nesse mesmo ano envolve-se em outra campanha, **“Talão da Fortuna”**, um incentivo ao aumento da arrecadação de impostos, pois as notas fiscais eram trocadas por cupons para concorrerem a sorteio de prêmios.



No ano de 1965 o Jornal Cidade publicou em sua coluna “Posto de Observação” um artigo chamado Mal Fiscal - com interesse de coibir atravessadores, os quais essa entidade combate desde sua fundação em 1922.

O governo militar que nessa época era comandado pelo General Costa e Silva envia à Associação uma publicação realizada pelo BNH contendo o regulamento ilustrado do Fundo de Garantia que poderia ser usado para a compra da casa própria.

Na década de 1960 e estendendo-se pela década de 1970, os jantares comemorativos tornam-se uma forma de reunir pessoas com os mesmos interesses em dar um tema para aquele evento.

O Dia do Comerciante, comemorado em 16 de julho transforma-se em um momento de confraternização entre os associados e seus convidados. Em 04 de julho de 1967 houve uma homenagem a três antigos diretores Antonio Vechiato, Francisco Cartolano e João Timoni, respectivamente abaixo.



Entre os anos de 1967 e 1968, discute-se a respeito da reforma do prédio da sede social, com possibilidade de empréstimo em banco.

A Associação pedia reuniões com a Prefeitura para discutir luminosos de casas comerciais e também mostrava-se preocupada com o horário de funcionamento dos supermercados que se apresentavam como uma modalidade ainda inovadora e portanto necessitando de ajustes legais.

Só os leitores mais velhos se lembrarão da Superintendência Nacional de Abastecimento (SUNAB), órgão do Governo Federal que em regime forte como aquele que vivíamos se propunha a controlar preços e abastecimento de produtos comestíveis.

A Associação manteve forte vínculo com o Ginásio Vocacional e com a Escola Comercial Arthur Bilac. Constava nas práticas pedagógicas do Vocacional, como era conhecido, a aproximação dos alunos com a realidade, e a Associação estava aberta à visitas de alunos, ou palestras proferidas por diretores, que estabeleciam a ponte entre as “práticas comerciais” estudadas em sala de aula e a realidade presente no comércio daquele momento.

A escola Bilac, como formava técnicos em Contabilidade, mantinha também uma aproximação grande com a Associação, pois havia um interesse comum para a atualização da legislação, ou novas normas lançadas pelo governo. A Constituição de 1967 trazia modificações que ainda não estavam presentes no cotidiano dos que lidavam com regras comerciais.

Encontramos a Associação sendo convidada a assistir palestras na escola, proferida geralmente por funcionários federais que tratavam das novas regras econômicas. Em outros momentos encontramos a escola solicitando troca de experiência com a entidade para melhor entendimento das novas normas comerciais.

Outra interessante relação da instituição se deu junto ao Sesi. Ao mesmo tempo em que a escola

do recebia total apoio da Associação que abrigou por muitos anos o gabinete dentário em sua sede, o **Centro de Abastecimento**, que recebia subsídio do Serviço Social da Indústria era motivo de muitas críticas por parte dos comerciantes que atuavam no ramo de alimentação. Por conta desse subsídio, os preços praticados nesses Centros de Abastecimentos eram menores, tornando a concorrência com os comerciantes do ramo desleal. As Feiras Livres eram vistas com um olhar investigativo, pois os produtos ali comercializados vinham dos comerciantes locais e cultivados em hortas e pomares geralmente familiares, e não havia ainda lojas especializadas nesses produtos. Apesar de vivermos até os anos 60 com uma população brasileira mais rural do que urbana, os produtos hortifrutigranjeiros não estavam ainda organizados em um comércio mais profissional, não representando concorrência aos comerciantes estabelecidos que priorizavam gêneros alimentícios menos perecíveis.

Ter uma hortinha no quintal ou trocar frutas com vizinhos constituía-se em uma prática corriqueira entre os moradores de Rio Claro nessa época. Algumas quitandas e o Mercado Municipal eram os responsáveis pelo comércio de hortifrutigranjeiro local.



*Jantar festivo comemorando o aniversário da Associação*



*Visita do Governador Carvalho Pinto com o Presidente da Associação Antonio Maria Marrote*

## ■ Associação em Rio Claro década de 1970

**A** Acirc percebia que transformações importantes estavam em curso. Outras atividades econômicas que há pouco tempo eram apenas de âmbito doméstico começam a despontar no comércio local.

Era uma realidade em Rio Claro as oficinas de bordados e costura dedicadas à confecção de roupas de cama, mesa e banho. Esta atividade tinha sua representatividade e por isso foi realizada uma exposição com esses produtos. A Associação cedeu sua sede social e o prefeito Álvaro Perin e a primeira dama desceram a fita para abertura da exposição. Essa iniciativa tinha outra peculiaridade, este tipo de trabalho usava mão de obra primordialmente feminina, e esta década celebrou a entrada da mulher no mercado de trabalho brasileiro.

O presidente Sr. Niazzi Hussni abre a instituição para exposições com uma frase registrada em ata *“para vender é preciso mostrar”*.



Alguns projetos e sonhos de seus diretores ficaram também no papel. Em 1971, a diretoria considerava como alternativa construir na sede social da Rua 3 um prédio de 12 andares que abrigasse a Associação nos dois primeiros andares e o restante poderia ser alugado e vendido para escritórios comerciais. Esse arrojado plano não encontrou apoio interno para poder ser executado.

Em ata de 12 de abril de 1973 encontramos o novo estatuto e o nome que continuava a ser **“Associação Comercial Industrial e Agrícola de Rio Claro”**. Em atas seguintes encontramos a luta ferrenha da entidade contra o comércio clandestino que não era mais representado pelos antigos “mascates”, mas agora por pessoas que mantinham verdadeiras lojas em residências e não pagavam os mesmos encargos que os comerciantes estabelecidos eram obrigados a pagar.

As mercadorias importadas, que eram poucas, chegavam também por comércio clandestino realizado em residências ou em barracões pouco visíveis.

Uma estratégia encontrada foi a colocação de cartazes em casas comerciais alertando os consumidores dos prejuízos a longo e médio prazos deste tipo de comércio.

Um problema debatido e tratado com muita dificuldade pela diretoria era a respeito da decoração de Natal. Todos concordavam que deveria ser realizada, porém esta discussão era centralizada nos custos que deveriam ser repassados a todos os comerciantes que se beneficiavam e não recair só para a Associação.

Os associados pedem ajuda a prefeitura e tentam estabelecer parcerias de diversas formas e de maneiras diferentes, mas o problema se arrastou por toda a década de 1970.

Em 1974, a Associação mobiliza-se para mudar o trajeto dos ônibus circulares que, pelo aumento do número de carros circulando, dificulta o comércio da Rua 3. A sugestão foi que o transporte coletivo, também necessário ao comércio, trafegasse pelas avenidas próximas à região comercial.

Encontramos o SPC muito solicitado pelas vendas a crédito. A Associação oferece então o banco de dados do SPC para atualização de fichas cadastrais, inclusive a bancos.

Um dos jantares de comemoração do Dia do Comerciante, contou com a presença de Paulo Salim Maluf, quando era ainda presidente da Associação Comercial de São Paulo.



A Associação recebe a visita do Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, Prof. Nelson Gomes Teixeira, que recebe dos associados um memorial contendo dúvidas e considerações sobre a atual legislação de ICMS.

Ainda neste ano de 1976, Associação e Prefeitura entram em acordo e fica estabelecido que esta última compromete-se a colocar arcos metálicos para compor a decoração de Natal.

Para resolver o problema de demanda de mão de obra no comércio apenas em épocas específicas como Natal e Dia das Mães a Associação sugere bolsa de emprego com contratos de curto prazo. Esta ideia que sofreu ajustes ficou firmada no comércio.

No ano de 1977 discute-se em ata como resolver o problema de estacionamento no centro da cidade e a solução apontada foi a Zona Azul, ou estacionamento rotativo como era chamado.

Em 1978, ao iniciar uma nova diretoria, o Presidente Sergio Matteo trouxe de seu contato com Associação de São Paulo a proximidade do serviço do SPC com o sistema adotado quanto à abertura e encerramento de contas em bancos que trariam maior garantia ao comércio e aos bancos.

Uma interessante discussão entre diretores que defendiam ideias divergentes afloram em forma de debates. Alguns desejavam que a Associação oferecesse algumas facilidades aos associados e outros defendiam que a essência da instituição seria congregar comerciantes, avaliar suas ideias, juntar forças diante da realidade apresentada e não ser a Associação uma “prestadora de serviços”.

Em ata de 03 de agosto de 1978 encontramos a Associação trazendo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio para discutir a abertura do comércio à noite. Por parte dos comerciários seria interessante que o comércio abrisse à noite só em datas especiais, pois na rotina muitos empregados estudavam a noite e não poderiam continuar exercendo a função. Interessante essa postura da Associação em chamar o sindicato para discutir e propor soluções

que atendessem os comerciantes e comerciários.

O calçadão mais uma vez teve sua realização adiada. A tentativa de fechar a Rua 3 ao trânsito foi rechaçada após um período experimental.

Um pedido de desocupação da parte superior do prédio alugado para a Rádio Clube desde sua reforma em 1943 foi feito, pois essa empresa foi vendida “a terceiros” e não mais pertencia à Família Cartolano. O tom desse assunto na ata de 28 de novembro de 1978 era um reconhecimento amplo a seu sócio fundador Sr. Humberto Cartolano.

O Clube dos Diretores Lojistas aproxima-se da Associação e propõem a realização de um almoço de confraternização entre as duas entidades. No final da década de 1970, vemos um cuidado com a campanha “Dia do Freguês” que representava uma promoção incentivadora ao consumo local.

Em ata a sigla ACIRC aparece em 30 de outubro de 1979, em uma reunião conjunta com o Clube dos Diretores Lojistas.



*Evento social envolvendo a Associação, políticos e a imprensa local*

## ■ Associação agora Acirc em Rio Claro na década de 1980

No início da década de 1980, a campanha “Dia do Freguês” era comemorada pelo seu sucesso, com propaganda até na TV.

A Acirc aparece cobrando da prefeitura a instalação da Guarda Municipal e do Corpo de Bombeiros neste período.

Para a tristeza de todos os membros da Acirc, o presidente eleito Sr. Francisco Rodrigues Neto faleceu repentinamente em outubro de 1980. Como vice-presidente assume o Sr. Manoel José Silva, com firme propósito de levar adiante os planos já estabelecidos entre eles de reformar a sede social, agora bastante danificada.

Para obter fundos para fazer frente às despesas a diretoria deliberou a venda do prédio que serviu de sede desde 1925.

A sede que havia sido reformada e inaugurada em 1943 só recebeu até 1981 pequenos consertos. A situação do imóvel era realmente precária para atender à demanda dos associados e da sociedade, que estavam acostumados aos serviços relevantes prestados por essa entidade há 59 anos.

A sugestão que a atual diretoria apresenta é que três corretores credenciados apresentem o valor do imóvel da Av. 1 em Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN), o que permitia a atualização do preço. Os prédios da Av. 1 encontravam-se alugados para Mart Perfumaria e Igreja Testemunha de Jeová. Além da venda do prédio ainda tomariam empréstimo na Caixa Econômica Estadual. Os planos do presidente Manoel José Silva era demolir a sede da Rua 3, construir salas para serem alugadas ou vendidas e com esse dinheiro pagar o empréstimo. Outra fonte de recurso foi a venda do prédio da Av. 1. A diretoria ponderou que uma grande reforma seria mais econômica.

Por Cr\$ 137.000.500,00 o prédio da Av. 1 foi vendido, pagos da seguinte forma: Cr\$ 37.000.500,00

a vista e o restante em 10 parcelas de Cr\$ 10.000.000,00 corrigidas pela ORTN.

Foi feito um empréstimo na Caixa Econômica e o próprio prédio que estava sendo reformado foi utilizado como hipoteca.

Depois de locados os recursos seguindo um cronograma de reforma, houve a necessidade da transferência da sede social para a Av. 8, nº 91. Em 12 de abril de 1986, foi realizada outra reinauguração da sede às 11h30 e ao som da Banda Artística dos Ferroviários, o presidente da Acirc, Sr. Manoel José da Silva na presença do prefeito municipal e outras autoridades descerrou a fita inaugural. Dando continuidade às festividades, foi realizado um almoço na Filarmônica.

Após a reforma do espaço físico, houve necessidade de adequação das regras internas com a reformulação do estatuto. O ambiente dos negócios exigia novas práticas e novas maneiras de se estruturar uma entidade de classe.



A comemoração do aniversário da Acirc sempre teve um papel de destaque abrindo a instituição para ser vista pela sociedade e também realizar um

momento de reflexão interna sobre tudo que estava ocorrendo ao seu redor.

Uma dessas comemorações contou com a presença de Luiz Eulálio Bueno de Vidigal, então presidente da FIESP, para uma conferência. A presença de pessoas ligadas a outras instituições sempre fizeram parte da trajetória da Acirc, compartilhando experiências e conhecimentos adquiridos principalmente na atividade comercial.

Lembrando sempre suas tradições a Associação presta homenagem a antigos comerciantes.

Acervo da família Salomão



*Nelson e Zuleima Salomão - Ótica Esmeralda*



*Rachid Chacur - Casa São Paulo*

A Acirc insiste para que as indústrias compusessem parceria com o comércio, a fim de interferirem junto aos órgãos governamentais, já que faziam parte da instituição mas não estavam muito presentes em reuniões para trazer seus anseios e problemas.

Nesse momento em que havia um forte empenho para a aproximação das indústrias, o presidente fala da importância da Acirc, uma vez que no próximo ano completaria 60 anos de serviços junto à comunidade.

Em ata de 08 de junho de 1981, em uma reunião conjunta com representantes das indústrias locais e realizada nas dependências da Fábrica de Balas São João, o presidente da Acirc (Manoel José Silva) realiza uma ampla explanação sobre as vantagens desses dois segmentos importantes da sociedade trabalharem realmente em sintonia. O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), já implantado, poderia direcionar seus cursos em função da demanda industrial e comercial da cidade.

As próximas reuniões foram realizadas dentro das instalações da Ocfibras, com o mesmo propósito de integração entre indústria e comércio. Na sequência, outras reuniões foram realizadas nas indústrias: Bebidas Casonatto, Quimanil e Empresa Brasileira de Calcário.

Neste momento havia consenso que a Junta Comercial do Estado de São Paulo (Jucesp) era um braço importante da Acirc, que a indústria e toda rede de negócios incluindo serviços podiam se utilizar da mesma. Além disso, que o logotipo da Acirc precisava ficar mais forte na comunidade.



Houve um acordo para se discutir com presidentes de sindicatos sobre a falta de funcionários que obtinham com facilidade atestados médicos levando ao absenteísmo prejudicial ao funcionamento da indústria e comércio. Foi sugerido que os sindicatos trabalhassem a postura e a responsabilidade de seus associados.

Também ocorreram discussões sobre o possível fechamento do Serviço Social da Indústria (Sesi) e Serviço Nacional do Comércio (Senac), que poderiam ser transferidos para outras cidades.

Algumas indústrias pedem, via Acirc, instruções da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (Cetesb), para controlar poluição industrial.

Nesta década, o Dia do Freguês contou com 100 empresas que participaram motivando o comércio que refletia a crise do petróleo. A Acirc querendo envolver as lojas e o povo pede para que a indústria acione a sirene para iniciar a promoção.

Em outro jantar de comemoração do aniversário da Associação foi realizada uma homenagem ao comerciante Dante Egrégio, deficiente visual, que tornou-se comerciante ativo e bem sucedido em seu ramo de negócio, quase precursor em loja de material de limpeza. Pelo relato da ata, foram momentos de fortes emoções.



*Presidente Sergio Matteo homenageando o Sr. Dante Egrégio*

Em 1982 contávamos com 31 farmácias em funcionamento e os plantões noturnos não eram sustentáveis do ponto de vista econômico, sendo preciso uma autoridade competente para determinar escala de plantão noturno e nos finais de semana.

Em atas dessa década há uma grande preocupação com a falta de crédito. E por conta do alto custo do dinheiro emprestado, muitas empresas com problemas financeiros tentam junto ao Banco do Brasil “empréstimo para saneamento financeiro”.

No jantar de comemoração de mais um aniversário da Acirc, como era tradicional, homenagearam a comerciária Nadia Regina Rovai Martins, funcionária da loja Clarice Bordados, o comerciante mais antigo, Nelson Salomão da Ótica Esmeralda e a comerciante mais antiga, Sra. Rosa Navarra Carrazone da Casa do Alumínio.



*Nadia Regina  
Rovai Martins*



*Sra. Rosa Navarra Carrazone*



*Diploma recebido pelo comerciante mais antigo, Nelson Salomão*

Durante a gestão de Sr. Sergio Arnosti ainda na década e 1980 entra na pauta de reuniões promoções do “Dia dos Namorados”, com discussão sobre horários especiais do comércio.

Em 1989 era preocupação da Acirc as questões ambientais, discutido em reunião a questão do lixo industrial.

Importante na década de 1980 foram as empresas de crédito ou financeiras que disponibilizavam dinheiro a crédito com pagamento facilitado, grande parte utilizado para compras de eletrodomésticos e outros bens de consumo. Estas compras eram reali-

zadas no comércio local, conferindo outra dinâmica ao comércio.

O Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) sofreu uma mudança de diretrizes interna para fornecimento de consultas, uma vez que as vendas a crédito aumentavam muito.

As narrativas de dois ex-presidentes Sr. Manoel José da Silva e Sr. Sergio Arnosti que trouxeram conhecimento proveniente de suas experiências frente à Acirc, nos permitiram olhar com maior abrangência sobre os documentos escritos, tornando-os mais vivos.



*Autoridades presentes ao jantar comemorativo da Associação*

## Acirc em Rio Claro na década de 1990

**E** escrever sobre a década de 1990 representou uma passagem sob muitos aspectos peculiares. As pesquisas puderam ser completadas por diversas entrevistas com ex-presidentes, ex-diretores, funcionários e pessoas que fizeram acontecer as novas ideias e novas concepções presentes naquele momento.

A pesquisa pareceu interminável, pois as pessoas indicavam outras que traziam valiosas contribuições, porém a escrita impõe um fim, o dever de terminar. A História coloca um tempo das coisas que aconteceram.

A Acirc, acompanhando as rápidas mudanças recebeu seus computadores 386DX que substituíram as famosas “fichinhas” do Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC), contendo informações que os comerciantes precisavam sobre o crédito. Na entrevista, uma antiga funcionária, Angelita de Moraes, comenta sobre as modificações que aconteciam muito rapidamente e que quando chegou a Unidade de Atendimento Automático (URA) as empresas podiam acessar esse serviço 24 horas, sem a intermediação de funcionários. Alguns comerciantes lamentaram a perda

do contato humano que mantiveram por longo período com funcionários da Acirc.

O presidente Carlos Messias refletindo hoje sobre aquele momento, considera todas as rápidas mudanças como algo positivo, pois deu maior agilidade aos planos e as ações da instituição. Uma forma de imprimir maior dinamismo à instituição voltada ao comércio era aproximar os setores industriais.

Por sugestão de um diretor vindo da indústria, Sr. Rovilson Paschoal da empresa Ocfribras, propõe-se toda uma reestruturação na organização interna da Acirc, passando a ter organograma funcional e a trabalhar com funcionários mais profissionalizados.

Em reunião conjunta entre Acirc, Sindicato do Comércio Varejista Patronal, comerciantes não associados e Sindicato dos Comerciantes, discutiu-se um horário especial para abertura do comércio no sábado após o pagamento dos salários, ficando estabelecido o horário das 09h00 às 17h00.

O horário de funcionamento de supermercados gerou uma reunião onde foi realizado um levantamento sócio populacional que apontou que em Rio Claro, 50% das famílias tem os casais trabalhando por 8 horas diárias, não conseguindo fazer suas compras no horário comercial.

A Acirc abre um espaço para que os supermercados resolvessem juntos suas necessidades quanto ao horário de funcionamento. Para compor essa nova maneira de atuar chamam também o Sindicato dos Comerciantes, uma vez que um horário especial para supermercado trouxe uma flexibilização maior dos horários trabalhados.

O ramo de negócio imobiliário também foi chamado, pois o SCPC podia também negatar os inadimplentes do setor.

Uma preocupação constante da Acirc era a divulgação do material promocional estimulando a realização de compras no comércio local com sorteio de prêmios, incluindo carros. Essas campanhas eram realizadas em datas significativas ao comércio: Natal e Dia das Mães.

Pensando na comunidade, a Acirc envolve-se em campanha antidroga com formação de Agentes Multiplicadores Permanentes à Prevenção ao Uso Indevido de Drogas em parceria com o Denarc.



Em ata de 22 de agosto de 1994 o presidente comunica que o sinal da TV Globo para Rio Claro, abrangendo mais de 32 cidades passará a ser EPTV São Carlos, o que trará uma melhora considerável na divulgação do comércio de nossa cidade.

A prefeitura pede a indicação de um membro da Acirc para fazer parte do Conselho de Desenvolvi-

mento Urbano. Ainda com a prefeitura volta a discussão sobre o calçamento na Rua 3.

A Acirc apoia e prestigia a palestra realizada no Sesi intitulada “Interiorização de Shopping Centers”, que trouxe alternativas e possibilidades aos comerciantes potenciais que tivessem intenção de atuar nessa nova modalidade de comércio que se abria em Rio Claro.

### História do Shopping Center Rio Claro (a partir de informações de Monica Hussni Messeti)

A construção do Shopping de Rio Claro se tornou tangível através de um projeto que, em alguns momentos parecia visionário.

Monica Hussni Messetti, junto com sua família de tradicionais empreendedores na cidade, viram na área abandonada onde havia funcionado por muitos anos a fábrica de tecidos Matarazzo, um local com possibilidades de transformação.

A fábrica Matarazzo, que iniciou suas atividades na cidade em 1939, foi a primeira grande empregadora de mão de obra feminina. O grupo Matarazzo manteve-se em atividade até o início da década de 1980 quando foi vendida ao grupo Cianê, que operou a fábrica até a década de 1990, momento em que suas máquinas foram levadas para outra unidade industrial permanecendo o prédio imponente, testemunhando seu passado.

Monica relatou: “um dia pedi ao vigia para entrar no prédio e encontrei galpões vazios com manchas de óleo no chão, guardando ainda o cheiro de fábrica de tecidos”.

O local, embora próximo à linha do trem, localiza-se na região central da cidade, lugar privilegiado para um centro comercial.

Ao entrar em contato com a família possuidora do prédio, logo houve interesse do grupo empresarial Portland Paraíso de entrar junto no negócio que já se delineava como um Shopping Center.

Após as devidas apresentações de intenções houve uma consulta realizada pelo grupo Portland Paraíso para a Lojas Americanas que apresentaram um estudo de viabilidade comprovando as possibilidades de mercado na cidade de Rio Claro, entrando

assim como sócios minoritários. A sociedade ficou constituída com cotas majoritárias da empresa Portland Paraíso, além das Lojas Americanas (Imobiliária São Carlos) e Itaipu Participações (Família Hussni e Lunardi) como sócios minoritários.



Uma área de 5.000m<sup>2</sup> foi comprada pela família Hussni com a intenção de fazer um hotel anexo ao Shopping.

Nesta fase houve muita resistência frente à ideia que se materializava de que Rio Claro poderia ter um Shopping. Comerciantes que de alguma maneira viam-se ameaçados, ou ainda pessoas que relutavam a aceitar o novo, não davam crédito a essa possibilidade que cada vez mais tornava-se concreta.

No contrato de constituição do Shopping havia mais entusiasmo das lojas que tinham experiência em outros shoppings fora da cidade do que as lojas situadas em Rio Claro que tradicionalmente atuavam no comércio de rua.

O prédio foi totalmente reformado e adequado às necessidades que naquele momento se apresentavam. Porém um ponto era comum, manter a fachada que lembrava as antigas tecelagens que ali funcionaram, valorizando a tradição. Uma nova modalidade de comércio nascia conservando o ve-

lho estilo fabril.

Isto conferiu uma peculiaridade ao Shopping Center Rio Claro, que o mantém tão próprio tão nosso.



Quando inaugurou em 19 de outubro de 1995 apresentou-se como um Shopping realmente pitoresco. Apresentava toda a modernidade esperada de um Shopping, dentro de um clima que trazia sutilmente traços do passado.

A construção do Shopping representou um grande investimento para a cidade de Rio Claro. Sem uma precisão de dados estatísticos falava-se em 1.000 empregos gerados diretos e indiretos.

Os jardins projetados e executados por Burle Marx apresentavam-se deslumbrante.



Em jantar de comemoração ao aniversário da Acirc, o presidente enfatizou a identificação da Associação com os ideais da livre iniciativa que sempre estiveram presentes ao longo de sua história.

Nesse clima de globalização houve a visita de um técnico do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo (Sebrae-SP), que auxiliou na mudança de mentalidade que precisava ocorrer junto aos empresários e trabalhadores. Esse fato foi fundamental para a atuação em parceria, na busca de um caminho para o desenvolvimento que passava pela técnica de administração mais moderna e pela busca de novos mercados. Um dos caminhos para desenvolverem juntos estes programas foi a Acirc abrir suas portas para cursos, palestras, seminários, ciclos e jornadas integradas de assessoria empresarial, além de consultorias individuais ou em grupos, na busca de maior produtividade nas empresas e melhor qualidade de produtos e serviços.

O Sebrae dentro de sua nova estrutura de gestão passa agora a depender da centralização junto à presidência do Sebrae no Estado de São Paulo. A regional à qual Rio Claro pertence está localizada em São Carlos, porém a ligação entre Sebrae e Acirc tornou-se cada vez mais próxima.

Um trabalho interessante realizado em parceria entre Sebrae e Acirc, foi a melhoria das olarias que fabricam tijolos usados na construção civil. Estas olarias, localizadas no distrito de Batovi, atuavam de forma muito rudimentar, porém as ações integradas dessas entidades trouxe uma modernização e competitividade exigidas pelo mercado.

Os empresários ligados à Acirc precisaram mudar hábitos e buscar maior produtividade nas empresas, além de melhorar a qualidade de produtos e serviços.

Com aumento considerável das vendas a crédito, o número de pessoas que não conseguia saldar suas dívidas aumentou também, levando a Acirc a se engajar na **Campanha de Reabilitação de Crédito**, valorizando a dignidade do consumidor.



O prefeito Claudio di Mauro participa de reunião convidando a Acirc, o Sindicato do Comércio Varejista de Rio Claro (Sincovarc) e Ciesp à comporem uma Administração Participativa, proposta de seu governo. Naquele momento, a maior preocupação era com estratégias para atrair novos investimentos na cidade.

Nessa reunião, o presidente pontua que a Acirc, apesar de envolver-se nessa campanha participativa pretende continuar mantendo a tradição da instituição em não atuar em questões político-partidárias.

No início do ano de 1997, há a indicação de José Carlos Degasperi para compor a chapa para o próximo triênio 1997/2000. A eleição é marcada para 30 de abril de 1997.

Na ata de 30 de julho de 1997 realizada na posse da nova diretoria, o presidente que deixa o cargo ressalta a importância da informatização em uma entidade dessa natureza e também enfatiza a importância da Acirc em abrigar o posto da Jucesp.



O Presidente eleito propõe a elaboração de um plano de trabalho para o SCPC, contando com a inadimplência que vem aumentando. A Acirc envia um fax a Presidência da República reclamando dos altos impostos federais.

Tentando solucionar o problema de verba para enfeites de Natal e outras promoções do comércio, criou-se um Fundo de Promoção incorporado as mensalidades paga pelos associados.

A sede social está funcionando no mesmo endereço há muito tempo, o lugar físico de seu funcionamento teve necessariamente que passar por muitas reformas e adaptações. Outros equipamentos, outras necessidades e outros ramos de atuação fizeram com que o prédio sofresse mais uma vez reforma de seu espaço físico.

As entrevistas com os ex-presidentes Sr. Ivan Hussni e Carlos Messias, trouxeram os dilemas que eles sentiam ao tomar decisões. As mudanças passaram a ocorrer de maneira muito rápida com as escolhas que trariam resultados a todos associados.

O programa da Acirc na internet demonstra sua capacidade de atualização, procurando manter sua essência e identidade, mas disponibilizando novos suportes a seus associados.

Com o crescimento da economia e do sistema de crédito do país, a ACSP (Associação Comercial de São Paulo), em 1955, criou o SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito) que passou a centralizar todos os dados de transações comerciais e ficou conhecido como ferramenta de suporte ao crédito.

Em 1960, atingiu a marca de 1 milhão de consultas. Nesse período, foram iniciados estudos para a criação do Cadastro Positivo.

Em 1983, a informatização do SCPC implicou numa redução de tempo no manuseio das informações. O que levava até 10 minutos para resposta passou para, em média, dois a três minutos.

A partir da década de 1990, o Brasil enfrenta um novo cenário econômico de crescimento e maior estabilidade monetária, fator que muda a realidade do

mercado de crédito no País. Há uma visível expansão do crédito para consumidores e empresas e um aumento da demanda por soluções de apoio às decisões de negócio. Essas mudanças acarretam uma série de medidas para profissionalização por parte da ACSP.

Em 2010, temos a criação da Boa Vista Serviços, empresa brasileira que passa a administrar o SCPC. A Boa Vista Serviços é um bureau de crédito brasileiro que oferece soluções inteligentes para a tomada de decisões de crédito e gestão de negócios. É administradora do SCPC, banco de dados com mais de 350 milhões de informações comerciais sobre consumidores e 42 milhões de registros de transações entre empresas. É resultado da união da Associação Comercial de São Paulo, do fundo brasileiro de investimentos TMG Capital, da Equifax Inc., do Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro, da Associação Comercial do Paraná e da Câmara de Dirigentes Lojistas de Porto Alegre. Hoje, atua com uma rede nacional de mais de 2,2 mil entidades representativas do varejo em todas as regiões do Brasil.

Segundo Daniela Kneipp Ribeiro Pratti, coordenadora do SCPC e TI, “o SCPC (Serviço Central de Proteção ao Crédito) da Acirc possui uma linha completa de soluções para pessoas física, jurídica e para segmentos que fazem uso dos mais modernos instrumentos de gestão, qualificação e medição de risco para atender as necessidades de diferentes mercados ao longo de todas as fases do ciclo de crédito. São soluções práticas e eficientes desenvolvidas para agilizar negócios entre empresas e consumidores, avaliar risco de crédito, qualificar o mercado e ampliar as possibilidades de resultados no aquecido mercado de crédito nacional.”



Neste final de década encontramos a Acirc abrindo concorrência para contratação de Assessoria de Comunicação, incumbida de toda parte de comunicação que agora necessita de sofisticação, para tornar seus boletins, jornais e propagandas favoráveis ao comércio de Rio Claro.



A Acirc Rio Claro sediou reunião da Facesp (Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo) em 31 de julho de 1998 com a presença de autoridades.

Mais uma vez os poderes constituídos pedem apoio da instituição, desta vez a Delegacia de Polícia solicita auxílio para a **Campanha do Desarmamento**, cabendo à Acirc divulgar essa iniciativa junto aos empresários, sensibilizando para essa delicada questão.

**Serenata de Natal:** promoção da EPTV São Carlos envolvendo as ACIs de Araraquara, São Carlos e Rio Claro com orquestras como forma de incentivar as apresentações musicais.

## Acirc e Rio Claro na década 2000-2010

Nesta década ocorreu uma promoção denominada Trilegal que compreendia a campanha do Dia das Mães, Dia dos Namorados e Dia dos Pais sorteando prêmios para incentivar o comércio local.

A diretoria, reconhecendo as novas necessidades, realizou um orçamento para instalação de um ar condicionado central.

Jantar de posse da nova diretoria realizado no clube de Diretoria eleita para o triênio 2000/2003.

Agora na década 2000 uma preocupação de identidade da instituição ressurge. O presidente apresenta um manifesto político de apoio ao atual prefeito e pede apoio à sua reeleição, no entanto a diretoria delibera pela manutenção de uma postura apartidária da entidade. Dentro da essência democrática que vigora desde sua criação a decisão da diretoria constitui-se como soberana frente ao desejo do presidente.

De posse de sua capacidade adaptativa encontramos a Acirc que desde sua origem foi suportada pelos comerciantes mais tradicionais da cidade “os comerciantes da Rua 3”, agora passa compor com os comerciantes do Shopping de forma natural envolvendo o velho e o novo, dando visibilidade para a instituição que vem se constituindo dentro de uma estabilidade social sólida.

Nos objetivos e atividades da Acirc encontramos em ata uma preocupação com qualquer atividade de discriminação, racial, política, religiosa ou outras formas mais veladas que venha promover a discórdia e desunião entre seus associados.

Convivendo com a modernidade, a Companhia Telefônica lança uma lista telefônica para pessoas jurídicas acompanhada de propaganda e a via de penetração dessa inovação é a Acirc.

A prefeitura lança um programa chamado Programa de Desenvolvimento Rio Claro (Proderc), para auxiliar as empresas já existentes e procurar trazer outras para nossa cidade, procurando parceria com Acirc, Ciesp, Sindicatos e demais setores ligados à produção industrial e comercial.

A entidade cobra da prefeitura um lugar apropriado para vendedores ambulantes considerando o Jardim Público inadequado, uma vez que deve ser um espaço do todos e não de vendedores e compradores.

Em 23 de março de 2001 registra-se a última ata manuscrita, materializando assim a modernidade.



Nos 80 anos da Acirc comemorados em 02 de agosto de 2002, a diretoria encontrava-se entre a celebração e as mudanças que o momento atual exigia, levando-os a uma reflexão. Possuíam um olhar no passado que servia de inspiração para continuar a luta, mas agora a Associação lidava com indagações acerca de sua identidade.



Ocorre a reforma do prédio para adequação do SCPC com aquisição de móveis e equipamentos para atualização do sistema de informação e também a Casa Aberta para mostrar as mudanças aos associados que muitas vezes não passavam da recepção, não conheciam a parte mais interna da sede social.

Depois de ampla discussão para a campanha de Natal, a maioria dos comerciantes optou pela promoção de sorteio de prêmios ao invés de campanhas institucionais que só visavam a fidelidade dos consumidores na cidade.

Em uma iniciativa interessante da Acirc em parceria com Sebrae, Fapesp e Associações Comerciais do interior, nasce o projeto Empreender visando “promover o Associativismo” a fim de aumentar a competitividade das micros e pequenas empresas.



A eleição de 2003 contou com chapa única que apresentou Ivan Hussni presidente e Nedival Pasetto vice-presidente.



A Acirc transforma o Posto Jucesp em escritório regional proporcionando agilidade na análise dos processos que não mais seriam encaminhados para São Paulo, documentos esses de abertura, alteração e encerramento de empresas.

Em 2004 programa-se uma campanha de reabilitação de crédito aproveitando o pagamento do 13º salário, junto ao SCPC com objetivo de aproveitar a melhora da economia e recuperar o poder de crédito dos devedores.



Muitos eventos passam a ser lançados em “Cafés da Manhã”, uma forma moderna de reunir pessoas ligadas ao mundo dos negócios que após a reunião continuam seu dia de trabalho.

O presidente Ivan Hussni foi convidado a assumir uma secretaria na Prefeitura e por julgar que não é do feitio da entidade se envolver em questões político-partidária, coloca o cargo de presidente da Acirc à disposição, porém a diretoria não aceitou seu desligamento e ele passou a acumular ambas as funções.

A diretoria pensa em promover a Acirc para que fique mais tempo na mídia e busque meios de agregar valor para os associados.

Um projeto que agradou a diretoria foi “Minha Loja, Meu Bairro, Minha Cidade”. Identificava o consumidor com seu “lugar” entendido como espaço construído, como resultado da vida das pessoas, dos grupos que ali vivem, da forma como trabalham, como se alimentam, e onde e como realizam suas compras. Em uma sociedade com um nível de consumo tão sofisticado, identificar o comprador em seu lugar é aproximá-lo de sentimentos de identidade e pertencimento.



A Associação, que lá em sua origem tinha a função de fornecer uma estabilidade social à classe dos comerciantes que tentavam organizar o comércio dentro da comunidade, permanece mantendo um movimento interno de ideias que circulam com manifestações econômicas, sociais, políticas imbricadas em ações, em fatos que concretamente ocorrem na instituição. Seus membros de diretoria tiveram a sensibilidade de perceber as modificações pelas quais o

comércio, como resposta dentro de uma organização social, vem passando ao longo de tempo. Tiveram que transformar ideias e concepções em ações para manter a instituição ativa por nove décadas.

A Acirc passa a abrigar mais uma iniciativa em parceria com o Sebrae e Prefeitura Municipal, o Posto de Atendimento ao Empreendedor (PAE), com resultados concretos na cidade, sendo assim os futuros empreendedores não precisavam mais deslocar-se para São Carlos para obter as orientações.

Nos anos de 2006 e 2007 uma prática passa a se tornar comum nas reuniões com pessoas de outras instituições ou empresas que procuram a Acirc para propor parcerias, ou apresentar produto e serviço como o caso do Programa de Complementação Educacional (PROE) oferecendo estudantes como estagiários nas empresas. Esta aproximação entre o estudante e o mundo do trabalho vem se consolidando até nossos dias.

As campanhas de Natal procuram sempre buscar algo que desperte no consumidor alguma fantasia e magia, além de trazer a criança para este clima com trenzinho do Papai Noel. Estas ações se constituem em práticas bem aceitas pela comunidade.

No início de 2008 a diretoria pensa em estratégias para divulgar de maneira ampla as atividades da Acirc junto à comunidade por ser bastante conhecida, porém suas múltiplas funções acabam não sendo reconhecidas. O que é a Acirc? O que a entidade faz? São indagações como pontos de reflexão interno, com profícuas discussões entre diretores, funcionários e até convidados que possam contribuir neste repensar a instituição.

Com tantos projetos e afazeres a instituição volta-se novamente para refletir sobre sua identidade e seus objetivos mais profundos, pois essa convergência é que vem garantindo a manutenção de seus ideais, pois sem um fio condutor a entidade teria naufragado entre tantos projetos, campanhas, parcerias, estabelecidos ao longo de sua trajetória.

Um trabalho realizado em conjunto foi a discussão de um plano estratégico da Acirc. Os funcio-

nários têm que tomar decisões a todo momento e para isso precisam ter clareza das orientações que regem a instituição.

*“Ser uma entidade representativa perante as instituições públicas e privadas é imprescindível para o desenvolvimento empresarial”.*

O grupo que parou para pensar seu papel enquanto representantes da Acirc, elaborou também a Missão, ou Propósito, que quer dizer realizar coisas que legitimam a instituição perante a sociedade.

*“Oferecer soluções e serviços com excelência para o desenvolvimento, crescimento e solidez das empresas e futuros empresários de Rio Claro e região”.*

Sempre o Natal significou o momento de maior volume de vendas, por isso a Casa do Papai Noel foi cuidadosamente pensada por lidar com fantasia e emoções infantis.

Ao lado do assunto tão delicado e afetivo como a “Casa do Papai Noel”, encontramos a preocupação com os rumos da economia mundial, ou melhor, a crise global financeira que seria o tema do congresso anual da Fasesp.

Em fevereiro de 2009 a gerencia da ACIRC recebe Sr. Clovis Delboni, que substituirá o atual gerente Adilson Reale, que desenvolveu por 13 anos a gestão da entidade de maneira profissional e competente.

A Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Empresários de Rio Claro (Crediacirc), já con-

segue “ter vida própria” e por isso o diretor de promoções da Acirc e presidente da Cooperativa, Marcelo Cyrino, propõe que possam fazer parte da instituição profissionais liberais, pequenos empreendedores ou até aqueles ligados à informalidade, pois a cooperativa de crédito tornou-se viável e um interessante negócio, principalmente frente aos problemas financeiros enfrentados pelos grandes bancos.

A ideia da criação do Crediacirc foi elaborada durante 5 anos, influenciada pelo conceito cooperativista do projeto Empreender. Constituiu-se em uma instituição financeira com legislação e diretoria própria, filiada ao Sicoob - Central das Cooperativas de Crédito do Estado de São Paulo - e fiscalizada pelo Banco Central. Não visa lucro e tudo volta ao cooperado, até mesmo a capitalização.

No final do ano de 2009, Sr. Marcelo Cyrino assume a presidência da Acirc, por afastamento do Sr. Ivan Hussni que passa a exercer em tempo integral suas funções junto à Facesp, inserindo Rio Claro em programas de abrangência estadual.

Em uma postura histórica, a diretoria da Acirc sempre se posicionou contra a entidade envolver-se em questões político-partidárias, e com a aproximação das eleições, o presidente alerta a todos os diretores para que não permitam a realização de campanhas políticas na entidade.

Reverendo a memória dessa instituição, que pode ser escrita a partir de fontes como as atas de reuniões, fotografias guardadas em seu acervo e o amálgama para dar corpo a essas fontes, encontramos na memória das pessoas que de alguma forma se relacionaram ou conheceram seus diretores, ou mesmo só os comerciantes que dela faziam parte.

Os fatos vividos pela Associação em outras épocas pertencem ao passado e nada pode modificá-lo, porém o conhecimento sobre o passado está em constante movimento, aceitando sempre novos olhares, novas interpretações.

A Acirc reunia em sua sede um espaço de identidade que estava muito além das questões comerciais, agrícolas e industriais. As relações ali estabelecidas

*Nova adequação e modernização da sede conferindo um visual moderno e funcional proporcionando um atendimento de melhor qualidade ao público em geral*



Acirc, 90 anos de história

eram repletas de representações de época, porém com um sentido claro de encontrar novas possibilidades de convívio com a comunidade, com os poderes constituídos e aglutinando ideias e desejos de seus associados dentro de um espaço que aceitava diferentes identidades e múltiplas visões de um mesmo fato.

Consultamos a memória das pessoas, para isso nos valem da história oral hoje estabelecida como metodologia de pesquisa que tem se mostrado um recurso valioso como registro, arquivamento e análise de documentação produzida oralmente.

Abriamos diálogo com ex-presidentes da instituição, com pessoas que participaram ativamente da política local, antigos comerciantes, enfim, tivemos oportunidade de ouvir experiências vividas por indivíduos reais em seu cotidiano.

Os fatos relatados e os documentos existentes como evidências dos acontecimentos em estado bruto, não produzem o fato histórico, não têm voz por si mesmo. Quem dá voz aos fatos é o pesquisador interrogando as evidências, sejam elas relatos de fatos vividos, ou documentos escritos.

Junto com os livros de atas, muito bem conservadas, me foram entregues fotos de eventos, de diretoria, do prédio da instituição, não possuindo data ou qualquer referência, principalmente as mais antigas.

Recorremos ao autor Kossoy (2002) para adensar nosso olhar sobre as fotos: *“a fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto objeto do registro. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, (...), mas todavia, o elo material do tempo e do espaço representado, pistas decisivas para desvendarmos o passado”*.

A linguagem fotográfica abriu novas possibilidades de conhecimento sobre a Acirc, pois se trata de um instrumento importantíssimo para induzir a recordações e reflexões. No diálogo com a fotografia, exige-se do pesquisador a faculdade de ver além da imagem ali aprisionada, ou seja, questionar aquilo

que foi omitido na cena fotografada, ou ainda porque aquela cena foi fotografada e qual a intenção em perpetuá-la.

As fotografias da Acirc, principalmente as mais antigas foram realizadas por fotógrafos profissionais de Rio Claro em retratos posados.

Depois de 1960, encontramos mais fotos de eventos, como jantares de confraternização geralmente acompanhados de homenagens, fotos com políticos ou pessoas ligadas à Associação Comercial de São Paulo.

Ao olhar o conjunto fotográfico da Acirc acreditávamos que estabelecíamos uma ponte entre o presente e o passado. O presente interrogando o passado estático congelado naquela imagem, porém querendo dizer alguma coisa.

Para dar vida às imagens do passado procuramos diversas pessoas que de alguma maneira conheciam o retrato e os fatos da fotografia. A foto registra o visível, porém ao falar sobre o fato ali representado, o narrador contribui com informações outras, enriquecendo a pesquisa.

Mostrar fotos ao Dr. Perin, prefeito de Rio Claro de 1969 a 1973 e a sua esposa Dra. Lícia Perin, trouxeram muitos fatos relevantes sobre a cidade e a Acirc. A Dra. Lícia disse que a Sra. Clarice, dona da loja com o mesmo nome, relatou a ela que no início da década de 1970, enviava trabalhos a 4.000 bordadeiras que os realizavam em suas casas. Dados como esses só são revelados quando trazidos pela memória.

As fotografias funcionam como verdadeiros “gatilhos” acionando a memória, trazendo lembranças, fatos que pareciam esquecidos e esmaecidos pelo tempo.

Essa parte da pesquisa em que precisamos de informações mais pessoais do que institucionais, criou um vínculo de cumplicidade entre a pesquisadora e as pessoas que se dispuseram a colaborar na investigação de um passado que de alguma maneira tinha significado ao narrador.

Seja na colaboração da família em procurar fotos das pessoas, seja para rememorar fatos, enfim é

um trabalho que vai além de um processo cognitivo, estamos lidando com testemunhas vivas que relatam experiências de vida.

A elaboração de um trabalho dessa natureza agrega na pesquisa conhecimentos que as pessoas têm sobre o tema e ainda todo seu lado humano carregado de emoções, que diferencia de uma pesquisa só baseada em documentos.

A exaustiva leitura das atas trouxe informações importantes da Associação, porém foi preciso um forte olhar investigativo para colher as informações vindas da oralidade, para completar o conhecimento sobre a instituição pesquisada, hoje chamada Acirc. A funcionária da instituição, Valderes Zanelo, colaborou com o que precisamos de uma maneira ágil, apresentando-se como cúmplice na pesquisa. Vibrava a cada peça que juntamos neste grande “quebra cabeça”, envolvendo o passado e o presente.

## FACIRC

Volta à discussão a Facirc, feira para expor os produtos da indústria e comércio local.

Algumas ideias e concepções atravessaram décadas dentro da Acirc, em ata datada de 18 de maio de 1931, o diretor Augusto Schmidt Filho sugere que a Associação organize uma exposição de laranjas e outros produtos cítricos de nossa região, uma vez que Associação neste momento era comercial e agrícola. A proposta era tornar visível a produção “*por meio de iluminação, cartazes, reclames, anúncios, artigos de propaganda*”. Esse era todo o aparato disponível para realizar a divulgação dos produtos, e com isso aumentar as vendas.

Essa ideia de mostrar, divulgar a produção encontrou outros contornos no final da década de 1990, quando a Acirc volta a pensar em uma feira de forma profissional. O fato de se pensar em realizar uma exposição mais de 60 anos depois nos levou a refletir: para estabelecermos esse paralelo entre ideias propostas de 1931 e retomadas agora no final da década de

1990, nos valemos de um autor (HALBWACHS 2006) que diz que a História não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado, ao lado de uma História escrita, há uma História viva que se perpetua e se renova através do tempo.

Estabelecendo esse elo entre passado e presente vemos a Acirc convidando o Sr. Pedro Pessoa, presidente da Associação de Ibaté, para passar sua experiência em orientar as cidades que pretendem realizar esse tipo de exposição em parceria com o Sebrae. O interessante é que a essência da razão de uma feira continua a mesma - mostrar a capacidade de produção de nossa cidade.

## LEVANTAMENTO CRONOLÓGICO DA FACIRC Feira Anual do Comércio e Indústria de Rio Claro

### 1998 – I FACIRC



**Período:** 26 a 28 de março.

**Local:** Centro Cultural “Roberto Palmari”.

O evento contou com a participação ativa da administração municipal, através das Secretarias da Indústria e Comércio (hoje Desenvolvimento Econômico) e da Cultura.

A ideia era colocar o comércio e a indústria em “contato direto com o público local e regional, através da exposição e vendas de produtos e tornar-se um embrião para a realização de futuras mega feiras”. (fonte: informativo Acirc - jan. 98).

**Presidente Acirc:** José Carlos Degasperi

**Participaram da feira:** 54 empresas (comércio, indústria e serviços).

Não há uma pesquisa sobre negócios realizados.

### 1999 - II FACIRC



**Período:** 9 a 12 de setembro.

**Local:** Centro Cultural “Roberto Palmari”.

**Curiosidade:** A segunda edição da feira quase não acontece, pois não foi planejada (houve a saída do presidente e o Sr. Antonio Carlos Beltrame, assume a entidade), assim não houve patrocínio do Sebrae.

A feira aconteceu com o apoio do município e um patrocínio da Fapesp (através do produto Telecheque) e da Centrovias.

Nesta edição foi ampliado o número de estandes, de 72 para 91 (ocupando os espaços externos do CC).

**Participantes:** 66 empresas.

Na primeira e segunda edição da feira, para o comércio, havia forte característica de “queima de estoques”.

Não há uma pesquisa sobre negócios realizados.

### 2000 - III FACIRC



**Período:** 7 a 10 de setembro.

**Local:** Centro Cultural “Roberto Palmari”.

**Patrocínio:** Sebrae/SP e apoio Prefeitura Municipal.

Continua a característica forte de vendas para os expositores tornando-se “uma excelente oportunidade para divulgação das empresas e certeza de bons negócios”.

A feira é consolidada como parte do calendário oficial de eventos do município.

**Participantes:** 47 empresas.

Não há uma pesquisa sobre negócios realizados.

### 2001 - 4ª FACIRC



**Mudança na logomarca:** sai a representação em números romanos e entra o algarismo 4 (fixa a marca até os dias atuais - marca registrada)

**Período:** 23 a 26 de agosto.

**Local:** Centro Cultural “Roberto Palmari”

**Curiosidade:** “mesmo com o racionamento de energia elétrica determinado pelo Governo Federal, a festa acontece normalmente, pois medidas estão sendo tomadas para compensar, através de gerador, a diferença a ser economizada pela Prefeitura.” (fonte: informativo Acirc - maio de 2001).

Ano atípico, apesar do racionamento a feira foi sucesso absoluto. Foi adaptada a parte externa do CC (pátio interno) com uma grande tenda climatizada e a ampliação para 103 estandes.

**Participantes:** 65 empresas.

Última edição realizada no Centro Cultural. Não havia mais espaço para se ocupar e a FACIRC não parava de crescer e se profissionalizar.

Nesta última edição já ficava clara a característica de “vitrine” para exposição das empresas. Os estandes ganham montagens especiais cada vez mais bonitas e diferenciadas.

Há atrações culturais, como o movimento de artistas, danças, vitrine viva, sombra, cartunista, etc.).

Cada expositor querendo mostrar seus produtos, criatividade e beleza.

Não há uma pesquisa sobre negócios realizados.

## 2002 – 5ª FACIRC



**Período:** 5 a 8 de setembro.

**Local:** Estação Ferroviária

Primeira edição da FACIRC na Estação, possibilitando um número muito maior de estandes, todos ocupando o mesmo espaço (não há mais tendas ou área externa) e diversas opções de metragem. Abre espaço também para a área automotiva e de alimentação (que não havia no CC).

**Participantes:** 90 expositores em 115 estandes

Não há uma pesquisa sobre negócios realizados.

## 2003 - 6ª FACIRC



**Período:** 23 a 26 de outubro (mudança na data devido a Festa das Nações)

**Local:** Estação Ferroviária

**Curiosidade:** O que destaca a Feira na Estação é o grande fluxo de pessoas. Devido à localização, há grande número de visitantes no local o que é muito bem recebido pelos expositores que “vendem” seus produtos na feira.

O local não agrada as empresas que buscam negócios e realizar contatos, devido ao movimento intenso nos estandes.

**Participantes:** 76 expositores em 105 estandes

## 2004 - 7ª FACIRC



**Período:** 21 a 24 de outubro

**Local:** Estação Ferroviária

A FACIRC começa a contar com o apoio e participação do CIESP, devido ao significativo número de indústrias em exposição.

**Participantes:** 80 expositores em 105 estandes

Começa a ser avaliado o volume de negócios da Feira com a divulgação de negócios fechados em dois milhões pós feira. (R\$ 2.000.000,00)

Destaque para a participação da FACESP através do Feirão do Imposto.

## 2005 - 8ª FACIRC



**Período:** 29 de setembro a 2 de outubro

**Local:** Estação Ferroviária

Apesar do sucesso consecutivo, a organização da Feira esbarra em muitas dificuldades para operar a FACIRC no espaço da Estação. A falta de estacionamento, estrutura de sanitários e outros detalhes começam a chamar a atenção.

A entidade volta a pedir um espaço próprio para eventos no município.

**Participantes:** 87 expositores em 118 estandes

**Volume de negócios:** R\$ 2.500.000,00

**2006 - 9ª FACIRC**

**Período:** 14 a 17 de setembro

**Local:** Estação Ferroviária

Última edição da FACIRC na Estação que passaria pelo processo de reforma.

A entidade continua chamando atenção do poder público para a necessidade de estruturar um local para abrigar as feiras de negócios.

As pesquisas encomendadas pelo Sebrae/SP durante as edições da FACIRC mostram o potencial econômico da feira.

A necessidade de um local que abrigue consultorias, palestras e rodadas de negócios durante o evento são evidentes.

**Participantes:** 90 expositores em 118 estandes

**Volume de negócios:** R\$ 2.000.000,00

**2007 - 10ª FACIRC**

**Período:** 13 a 16 de setembro

**Local:** Faculdades Claretianas de Rio Claro

A mudança física da FACIRC foi um desafio para a organização. Muito bem recebida a parceria com as Claretianas, o belo espaço físico, abre as possibilidades da Feira.

A feira é quase totalmente voltada para os negócios e exposição de produtos e marcas. Os expositores investem em estandes planejados.

As palestras do Sebrae voltadas para os empreendedores voltam a fazer parte do calendário da Feira.

Com a mudança de espaço, a Feira ganha novos patrocinadores: Caixa Econômica Federal (com a vinda do Caminhão da Sorte - Loterias Caixa) e a empresa Correios.

**Participantes:** 76 expositores em 101 estandes

**Volume de negócios:** R\$ 3.000.000,00

**2008 - 11ª FACIRC**

**Período:** 17 a 20 de Julho (mudança na data do evento devido às férias escolares - solicitação do parceiro Faculdade Claretianas - a fim de não prejudicar o ano letivo).

**Local:** Faculdades Claretianas de Rio Claro

A mudança na data registra excelente aceitação.

A grande novidade desta edição é a ampliação da área automotiva. A cobertura de 800m<sup>2</sup> climatizada muda a aparência do evento, deixando-o mais charmoso e aconchegante.

O espaço da Faculdade é considerado excelente, porém a Acirc cada vez mais demanda para a necessidade de uma área própria para exposição.

A Feira já é um produto consolidado, reconhecido pelos parceiros, mantendo dois fortes patrocinadores (Caixa - através das loterias, e os Correios).

**Participantes:** 91 expositores em 118 estandes.

**Volume de negócios:** R\$ 3.000.000,00

## 2009 - 12ª FACIRC



**Período:** 16 a 19 de Julho

**Local:** Faculdades Claretianas de Rio Claro

Dois espaços são de 118m<sup>2</sup> - Moveleiro e Contato Agro nutrição - ambientes decorados.

A novidade nesta edição da Feira é a mini fazenda, na área do bosque, que dará início ao setor de agronegócios.

**Participantes:** 87 empresas em 91 estandes

**Volume de negócios:** R\$ 1.500.000,00

## 2010 - 13ª FACIRC



**Período:** 15 a 18 de julho

**Local:** Faculdades Claretianas de Rio Claro

**Participantes:** 92 empresas em 112 estandes

**Volume de negócios gerados entre Feira e pós Feira:**  
R\$ 5.000.000,00

A ampliação da área de agronegócios contribuiu para o aumento empresas expositoras, diversificação de produtos relacionados ao setor como tratores, máquinas agrícolas e de corte. Esse setor colabora para alavancar o volume de negócios gerados. A Feira agrega na área automotiva o setor de autopeças, tapeçaria e som automotivo.

37.000 visitantes (estimado)

## 2011 - 14ª FACIRC



**Período:** 14 a 17 de julho

**Local:** Faculdades Claretianas de Rio Claro

**Participantes:** 91 empresas em 111 estandes

A implantação de máquinas para uso do cartão de crédito alavanca as vendas no evento com mais expositores realizando vendas diretas.

A área automotiva é transferida para o pavilhão principal e agrega visibilidade para as concessionárias apresentarem suas novidades e marcas. Esta mudança proporciona a implementação o setor de gastronomia com a participação de 6 restaurantes da cidade dando oportunidade para o visitante permanecer mais tempo na Feira.

**Volume de negócios:** R\$ 5.000.000,00

30.000 visitantes



*Vista geral da FACIRC realizada no Centro Cultural "Roberto Palmari"*

**OBSERVAÇÃO:**

- A evolução da FACIRC dá-se a partir da 4ª edição (na primeira mudança de local - do Centro Cultural para a Estação Ferroviária);
- A profissionalização dos expositores e da organização: o investimento nas montagens dos stands começa a se destacar;
- Aumento da participação do setor industrial (apoio do CIESP);
- Em todas as edições da FACIRC, o evento pode contar com o apoio da Administração Municipal e



Vista geral da FACIRC realizada na Estação Ferroviária

- da Câmara de Vereadores, destacando a importância desse tipo de evento para a economia local e regional;
- Mais de 300 oportunidades de emprego temporário são gerados entre a organização e durante o evento;
- O Sebrae/SP é mais um grande parceiro desde a primeira edição da FACIRC, que se consolida como “uma das melhores Feiras de Negócios do Interior Paulista”.
- Apoio e patrocínio da Caixa Federal (primeiro através da “Loterias da Caixa”, depois como “Parceiro do empreendedor”).



Vista geral da FACIRC realizada nas Faculdades Claretianas

**Notas:**

- (1) Gimenez, D. Outro Olhar sobre Rio Claro 2010
- (2) Por “antigo oeste paulista compreendia o território próximo a cidade de São Paulo, tendo como limites os municípios de Bragança Paulista, Sorocaba, Campinas e Piracicaba Garcia, L. São João do Rio Claro Aventura da colonização - Rio Claro: [s.n], 2002 Tese Livre Docência.
- (3) Garcia .L.op . cit p. 106
- (4) Dean, W. Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920. Rio de Janeiro - Terra e Paz.1977
- (5) Diniz.D.M Rio Claro e o café: desenvolvimento apogeu e crise 1850 1900 Tese de doutorado FAFI Rio Claro 1973.
- (6) Hoje governador do estado.
- (7) Belém B.R. Rio Claro as pedras da cidade - USP 1994
- (8) Garcia . L. op cit
- (9) Garcia . L. op cit
- (10) Idem pg 186
- (11) Ata de 3/04/1941 pg. 23



*Alguns diretores  
na Década de 1920*



*Diretoria da Associação  
na Década de 1930*



*Diretoria da  
Associação  
na Década de 1940*

Acirc, 90 anos de história



**Comércio e Indústria em Rio Claro:  
Formação Histórica, Características,  
Atores e Potencialidades - Passado,  
Presente e Futuro.**



## O TEMPO E O ESPAÇO DO COMÉRCIO NA CIDADE DE RIO CLARO

O comércio tem se constituído ao longo do tempo, em uma temática periférica tanto no domínio político como no âmbito do conhecimento científico. Isto porque durante muitos anos foi tomado como uma atividade de mera intermediação entre a produção e o consumidor. Talvez, devido a este tratamento, este tema apresenta uma reconhecida fragilidade da informação histórica e estatística disponível. Nesse sentido, houve um grande esforço no intuito de levantar informações no Arquivo Municipal, na Acirc, na biblioteca da Unesp e depoimentos junto aos cidadãos de modo geral.

No que tange ao comércio, o livro servirá para resgatar a memória para alguns rio-clarenses, esses encontrarão nas imagens e nos textos motivação para aguçar as lembranças, mas muitos irão ter os primeiros contatos com a realidade de uma Rio Claro que não fez parte de sua vida. De uma forma ou de outra, os rio-clarenses poderão conhecer ou se reconhecer na dinâmica urbana, seu passado e presente, e que essa obra possa provocar a reflexão sobre as tendências do futuro do comércio dessa cidade que é o nosso “lugar”.

Com a pretensão de buscar a memória, a identidade, o conhecimento e a reflexão sobre este importante setor econômico é que buscaremos na essência de alguns momentos, destacar as discontinuidades, evoluções e contradições. Afinal o comércio é a própria razão de ser da cidade, é em torno dele que se desenvolve a vida, se desenrola a apropriação do espaço. Assim, embora o texto tenha um propósito mais comemorativo e eloquente do resgate da história do comércio, não podemos deixar de estabelecer uma análise de cunho mais científico já que é desse modo que se constrói o aprofundamento da reflexão crítica.

Desde a figura do mascate no século XIX até os dias de hoje o comércio vem se desenvolvendo da

venda de porta em porta até a fixação das primeiras lojas. As primeiras formas do comércio, o pioneirismo de algumas famílias, a oferta de várias mercadorias, a criatividade e a sociabilidade. No decorrer das diversas fases de desenvolvimento do comércio de Rio Claro quanta coisa mudou. A exposição desse processo tão rico em experiências, crises e oportunidades, requer um método de análise e a construção de uma periodização que satisfaça a abordagens das fases de mudanças mais representativas. Desse modo, para facilitar a leitura e compreensão do processo histórico faremos uma periodização geográfica, ou seja, destacaremos alguns marcos temporais que sejam capazes de identificar grandes mudanças sociais, técnicas, econômicas, políticas e espaciais.

A técnica aplicada nas estratégias de venda e na própria forma da loja é de extrema importância, nesse sentido o destaque das diferentes fases do comércio, auxiliará nossas reflexões. Segundo Santos (1996, p. 148) “Cada nova técnica não apenas conduz a uma nova percepção do tempo. Ela também obriga a um novo uso do tempo, a uma obediência cada vez mais estrita ao relógio, a um rigor de comportamento adaptado ao novo ritmo.”

Nessa nossa periodização uma categoria de análise essencial é a paisagem urbana, é ela que vai revelar materialmente essas diferentes fases do desenvolvimento do comércio. Na compreensão do comércio, a forma é um aspecto central, é ela que dá as diretrizes dos novos conteúdos. “A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social.” (SANTOS, 1996, p. 83)

A paisagem é a forma que manifesta a existência das diversas relações no cotidiano da cidade, ela guarda momentos diversos do processo de produção do espaço. “A paisagem é uma marca, porque exprime

uma civilização; mas também é uma matriz, porque participa de sistemas de percepção, concepção e ação - isto é, da cultura - que canalizam certo sentido a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza”. (BERQUE, 1998, p. 33)

Para analisar a materialidade espacial das estratégias comerciais, o uso de fotografias é um recurso fundamental. As fotografias demonstradas no livro, não atinge a totalidade das pessoas que trabalharam e investiram no comércio local, mas têm o objetivo de demonstrar como as experiências comerciais, seus proprietários, famílias e empresas se organizavam na busca do desenvolvimento do comércio. Não queremos, de modo algum, fazer apologias a uns e ignorar outros, o que está retratado é apenas resultado de pesquisa documental, e, portanto, as fotografias são uma forma de homenagear a todos que, de uma forma ou de outra, tiveram o importante papel de marcar um tempo e um espaço do comércio e do consumo na cidade de Rio Claro.

Tendo essa perspectiva teórica como pano de fundo de nosso pensamento, acreditamos que poderemos encontrar na paisagem urbana os elementos para uma discussão do desenvolvimento do comércio. Assim, construímos uma periodização que destaca três grandes fases do comércio de Rio Claro. No primeiro período a fase pioneira da materialização das formas espaciais do comércio a qual denominamos de “A Paisagem Comercial Pretérita”, na qual resgatamos o pioneirismo dos tropeiros, dos mascates, o destaque das famílias precursoras, o adensamento das primeiras lojas, a formação do centro urbano, os consumidores, as informações, as mercadorias, os capitais, trata-se de resgatar a gênese de um setor que prospera para atender as diferentes necessidades e ao mesmo tempo criar novos produtos e novos hábitos de consumo regido por uma ótica de mercado mais global. Não podemos nos esquecer que Rio Claro é um lugar que é a síntese de relações locais e globais o que lhe confere uma realidade socioespacial que é única. Assim é que cada lugar constrói sua própria identidade. Esta fase

genética perdura com grandes mudanças até o fim da Segunda Guerra Mundial.

O fim da Segunda Guerra Mundial é um marco de referência na abertura comercial em nível global, e isto representa novos significados ao comércio na cidade de Rio Claro. Iniciamos então uma nova fase de análise a qual denominamos de “A Fase de Modernização do Comércio”, na qual a amplitude das mudanças é enorme. Esta fase vai da Segunda Guerra Mundial até final dos anos de 1960 e pode ser caracterizada pela reconstrução do setor comercial, quando as oportunidades se alargam com a reabertura das interações globais. Dos anos de 1970 aos anos de 1990 destacam-se as principais mudanças nas formas e nas estratégias comerciais as quais passam a interferir, num ritmo veloz, na produção e reprodução do espaço urbano e no cotidiano da população. Esses dois subperíodos compõem a fase de modernização e representam as sucessivas incorporações de técnicas no setor do comercial e novas táticas de venda. Essas mudanças se aprofundam com a desconcentração produtiva da metrópole de São Paulo rumo às cidades do interior do estado. Essas novas relações produtivas trazem, investimentos, empregos e, conseqüentemente, consumidores; novos conteúdos são agregados ao comércio e à vida urbana de um modo geral.

Nos anos de 1990, ocorre a consolidação do processo de globalização exigindo uma reavaliação do papel de Rio Claro, no que tange às suas condições, contextos, e elementos de diferenciação na dinâmica comercial local, regional e global. Ocorre nesta fase uma mundialização do consumo sem precedentes na história o que exige a consideração de dois níveis de análise: 1) no plano global, com os grandes princípios que norteiam a organização espacial do comércio, provocando homogeneização dos sistemas comerciais nas cidades de todo o mundo; 2) no plano local, com as orientações e as especificidades propiciadas pela atuação dos agentes locais. Esta fase foi denominada por nós de “Mundialização do Consumo: As novas características e tendências do comércio de Rio Claro”.

Diante do exposto, o leitor encontrará ao longo das páginas que se seguem, descrições, imagens, regularidades, continuidades e rupturas. Não existe uma história simples e linear no desenvolvimento do comércio. Esse desenvolvimento faz parte do processo de generalização da mercadoria, o qual é bastante complexo e contraditório. O tradicional, o arcaico,

o moderno, o pós-moderno se sobrepõem num rico mosaico urbano legitimado pela dinâmica das trocas. Mas ao final, espera-se que o cidadão rio-clarense possa encontrar, nestas páginas o prazer de contemplar o espetáculo do cotidiano urbano e nele o movimento do comércio no tempo e no espaço.

## A PAISAGEM COMERCIAL PRETÉRITA

A primeira fase do comércio de Rio Claro, aqui abordada está assentada no modelo agrário-exportador do desenvolvimento econômico brasileiro que perdurou desde sua colonização até 1930, e que teve como características centrais: a concentração da terra nas mãos de poucos proprietários, uma economia agrária com a produção drenada para o exterior, pouca integração regional do território brasileiro, mão de obra essencialmente escravista.

Neste contexto histórico, muitos fatos ocorreram desde a constituição do povoado de São João do Rio Claro (ou São João Batista do Ribeirão Claro) quando a união entre a Igreja - Estado era muito importante, os quais são fundamentais para a compreensão da Rio Claro de agora. Apesar de ser denominada oficialmente de Rio Claro apenas em 1905 (Lei nº 975 de 20/12/1905) utilizaremos no decorrer do texto o nome atual “Rio Claro”.

Os tropeiros foram responsáveis, durante muito tempo, pelo abastecimento de produtos de primeira necessidade para os diversos vilarejos, podendo assim ser considerados os primeiros exemplos do comércio em sua forma ambulante. A presença dos tropeiros bem como os locais escolhidos para seus pousos deram origem as diversas vilas, as quais se transformaram em cidades como é o caso de Rio Claro.

Sobre o detalhamento do processo de formação da cidade de Rio Claro, Garcia (2009), contribui ao colocar que podemos considerar como marco inicial de sua formação o período de 1822 a 1824, pois, neste momento as terras já tinham sido doadas em sesmarias e iniciado o seu processo de ocupação. A autora ainda ressalta que o povoado nesta época já contava com 1033 pessoas livres e que a Igreja constituía-se em um prestígio para a comunidade.

Penteado (1978) revela que é justamente em torno da capela que vão surgindo as construções, re-

presentadas pelas residências, comércios e os pequenos armazéns de secos e molhados. E Dean (1977) aponta que em 1835 o povoado já contava com 23 unidades de comércio.

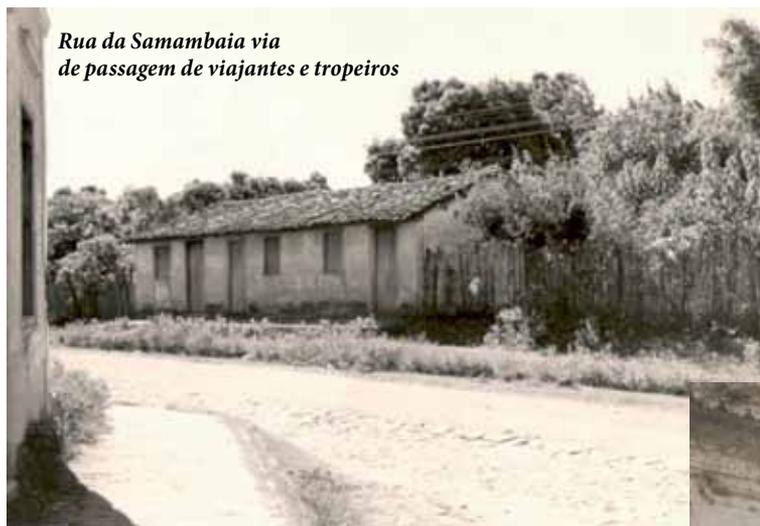
Com um grande esforço de seus habitantes, a vila foi elevada à cidade em 30 de abril de 1857 pela Lei nº 44 o que repercutiu diretamente no fortalecimento da função administrativa da cidade. Uma das características centrais era a forma de organização do espaço urbano centrado na ortogonalidade das ruas. Nessa época a produção açucareira estava em declínio e cedendo lugar ao café.

Durante esse período o papel dos mascates foi preponderante, além de marcar a imigração árabe no Brasil. O mascate era tido como comerciante nato, uma figura muito bem aceita nos povoados e que tinha como essência de sua atividade de venda o prazer da barganha. Figura simpática e sempre envolvida no comércio, comprava e vendia, era um viajante solitário e que de forma contínua, de um lado para o outro, carregava sempre seu baú. Vendia um emaranhado de mercadorias femininas e masculinas, perfumes, sabonetes, anéis, chapéus, fios de linha, entre outras. Seu objetivo era acumular um pequeno capital para se estabelecer em algum núcleo urbano e continuar assim sua grande missão: as vendas. Seu transporte original era feito no lombo de burros, mais tarde com a criação da ferrovia suas vendas foram aceleradas sobremaneira, pois sobrava mais tempo para percorrer as cidades com sua matraca e tocar de casa em casa procurando vender seus artigos.

Em Rio Claro, muitos mascates e seus familiares também se fixaram, contribuindo com a especialização da arte de vender. Notadamente a figura dos mascates enriqueceu o comércio da cidade quer com suas técnicas de vendas quer com seu espírito empreendedor e concorrencial.

O resgate histórico realizado por diversos autores que escreveram sobre a história de Rio Claro aponta a importância do comércio na gênese da produção de seu espaço urbano, o que nos permite ressaltar que o comércio acompanha a vida da cidade e contribui ao longo de sua história para o seu desenvolvimento local.

Assim, a ligação do comércio com o espaço urbano faz parte de um longo processo, o comércio varejista participa da essência das cidades; pois promove a sua existência, justifica uma boa parte de sua organização interna, e contribui para explicar os inúmeros movimentos que se desenvolvem no seu interior.



Em Rio Claro, as vias abertas de saída e entrada da cidade, ganhavam certo movimento comercial, exemplo disso é a Rua da Samambaia que por ser uma via de passagem de viajantes e tropeiros rumo ao sertão acabou concentrando, além de pequenas residências, casas comerciais que se instalavam no local para atender as demandas relacionadas às tropas de mula, cabe ressaltar que mesmo com a ferrovia, o tropeirismo ainda respondia por grande parte do transporte mais miúdo de mercadorias.

A Rua do Meio que passou em 1840 a ser denominada de Rua do Comércio (atual Av. 1) era um dos eixos estruturantes da cidade, sua paisagem retratava

um dinamismo com a construção de sobrados residenciais e a conjugação do uso do espaço com uma atividade comercial em pleno desenvolvimento. O comércio urbano atendia aos consumidores representados pelos trabalhadores e suas famílias principalmente os envolvidos na atividade agrícola, juizes de paz, vereadores, inspetores, comandantes de milícias, entre outros.

Diniz (1973) coloca que com o crescimento da lavoura cafeeira houve um significativo aumento do número de propriedades, de 56 no ano de 1859 para 152 no ano de 1892. Diante de diversos relatos podemos observar que por meio de uma economia centrada no café, São João do Rio Claro se integra ao mercado externo, e esses fazendeiros e seus familiares formam a nova burguesia local passando a representar um potencial para o desenvolvimento do comércio que crescia na cidade.

As Estalagens era o meio de hospedagem que atendia às demandas dos viajantes. Os próprios fazendeiros do café faziam uso desses serviços e com o passar do tempo os proprietários desses estabelecimentos passam a melhorar os serviços. O Hotel Chegadinho



(Av. 1), com atendimento diferenciado, merece destaque nesta fase de atendimento às demandas de hospedagem e alimentação.



*Sala de refeições do Hotel Chegadoinho*



*Av. 1, antiga Rua do Comércio*

Segundo Diniz (1973, p. 59 e 65) os fazendeiros em sua maioria eram descendentes das antigas famílias que povoaram a região, como os Camargo Jordão, Oliveira, Penteado, Nogueira, Xavier de Negreiro, Paulo Machado, e outros. E no fim do século XIX ressalta-se a figura dos imigrantes, de origem germânica os Fritz, Heiderich, Hilsdorf, Kappel, Schmidt, Drysbach. E os italianos Castellano, Giorgi, Piccoli, Zanardi, Cassavia, Padual, Timoni, Scarpa, Fina,



*Av. 1, antiga Rua do Comércio*

Codo, Venturoli, Gardenal, Santomauro e Pignatário (Garcia, 2009, p. 87).

Garcia (2009) relata que entre 1847 e 1857 foram formadas 10 colônias de imigrantes nas grandes propriedades cafeicultoras. E complementando esse quadro, o Almanaque de Candido Neves aponta que em 1895 existiam 146 agricultores de café. Neste momento, o modelo agrário já não era mais a única alternativa econômica, pois com a Lei Áurea e a Proclamação da República o perfil econômico, principalmente no que tange à dinâmica da mão de obra, muda completamente.

Surge ainda outro tipo de oportunidade para os imigrantes, principalmente para aqueles que haviam acumulado capital em atividades urbanas, muitos deles adquiriram propriedades rurais, como por exemplo, partes da Fazenda Angélica e da Fazenda Ibicaba. Devido, a crescente crise agrícola, essas compras de partes das antigas fazendas de café eram geralmente realizadas por leilão ou na massa falida. Mas, é preciso ressaltar que, de modo geral, vai ocorrendo uma reversão do capital cafeeiro para atividades urbanas, ou seja, do modelo agrário para o industrial.

O comércio se adapta à essas transições e vai ganhando ainda mais destaque na vida urbana. Rio Claro vai se transformando com o fluxo migratório,

sua população cresce exponencialmente e aumentam as atividades de comércio, serviços em geral, indústrias e casas de importação-exportação.

No que tange ao comércio, podemos dizer que novos e consecutivos estabelecimentos são criados. Nesta fase, vieram somar ao comércio local maior requinte e diversificação, as inaugurações da Casa Castellano em 1874, a Casa Farani em 1876, a Casa Pilla em 1877, Móveis Golovaty (1915), entre outras.

A maioria dos homens detentores do capital na época era bem informada, possuía contatos com a Europa, para onde enviavam muitas vezes seus filhos para estudar, e, estes por conhecerem a vida urbana de outros lugares contribuíam para projetar na cidade de Rio Claro uma imagem de prosperidade. Com isso a cidade foi crescendo e sua paisagem já passava a demonstrar a expansão do capitalismo na sua forma, organização e hierarquia socioespacial.

Nesse contexto, ganham visibilidade crescente no espaço urbano as Lojas de Fazendas, Ferragens e Louças, tais como as de Francisco Farani & Irmão, Calçado e Gênero do País (Rua 3), Moraes & Filho (Av. 7 – Boa Morte); Nicolau Maria Mega & Comp. (Rua 3); Bernardo Arreios e Explosivos; Tafuri & Pires, Fazendas (Av. 1); Sousa Martins & Comp. (Rua 8); Saraiva Fazendas em Geral e Armas de Fogo (Av. 1); André Viller (Rua 3); Antonio Martins Lemenhe (Rua 7); Felício A. Caetano & Comp. (Rua 3); Francisco Minieri, Fazendas e Alfaiataria (Rua 5); Manoel Rodrigues Gonçalves, Couros, Louças, Oficina de Alfaiate; João Soares de Souza; José Antonio Pereira & Comp., Fazendas em Geral (Rua 4); Alberto Ramos, Armazém, Papéis e Livros Escolares (Av. 1); Vicente Mileo (Rua 1); Clemente Pellusso, Fazendas em Geral e Guilherme Fischer (Av. 1). (NEVES, 1895)

Os imigrantes tiveram papel central na história de Rio Claro, e principalmente, na criação da estrutura comercial e são, portanto, os agentes responsáveis pelo desenvolvimento do comércio em sua fase genética. Esses imigrantes vindos de vários países do mundo marcaram a paisagem comercial urbana com suas visões de

mundo, cultura e, contribuíram com o futuro da cidade, principalmente pelo espírito perseverante e vontade de vencer. Segundo Santos (2002, p. 48) os números de imigrantes em 1870 já eram consideráveis levando em conta o perfil da cidade, perfazendo uma porcentagem de 7,4% da população livre do município. Desse total 45,2% era composto por alemães, 31,3% por portugueses, 14,8% por suíços e 3,1% por italianos.

Os alemães, embora tenham participação no comércio local, acabaram se dedicando, de modo geral, à atividade industrial e de serviços. Os italianos, embora em menor quantidade, tiveram uma atuação mais significativa e direta no comércio, exemplo são os casos da Casa Castellano, especializada em artigos de alfaiataria, a Casa Farani responsável pelos lançamentos de novos produtos no mercado local. A Casa Timoni também merece destaque, pois conjugava a indústria e o comércio de artigos de couros e calçados. Essa conjugação das antigas fábricas com as lojas próprias era também uma grande tendência da época, o que também dificulta apresentar um universo quantitativo confiável desses dois setores econômicos, haja vista que a imbricação da indústria e do comércio era muito forte.

Outro destaque é a Casa Pilla que segundo Pignataro (1988) era de propriedade de Emilio Pilla, funcionava em um lindo sobrado no Largo da Capela Santa Cruz, o qual primeiramente abrigou um comércio de Affonso Inforzato, quando de seu falecimento passou a ser denominado Casa “Viúva Inforzato, Irmão e Pilla”. Era uma referência aos italianos recém-chegados, servindo muitas vezes de abrigo até se estabelecerem na cidade.

Em 1876 com a chegada da ferrovia, o dinamismo urbano se acentuou devido ao fluxo de pessoas, matérias-primas e mercadorias. Como durante oito anos permaneceu como “ponta de trilho” Rio Claro acabou atraindo consumidores de outras cidades, funcionando como um importante centro do comércio regional. Ao redor da Estação vão sendo instalados hotéis e lojas diversificadas. Passa a ocorrer certa es-

pecialização do comércio, onde cada estabelecimento passa a vender mercadorias específicas, ao contrário do que ocorria anteriormente quando as lojas vendiam grandes variedades de produtos.

A ferrovia altera direta e indiretamente o cotidiano urbano. Rio Claro ganha “novos ares” e novos ritmos, transformando as relações do trabalho, do lazer e da festa. A população local adquire um novo sentido de mobilidade. O espaço urbano como um produto social vai ganhando racionalidade e fica cada vez mais normatizado. O famoso “apito da Paulista” rege a vida cotidiana segundo lógicas do tempo do trabalho, da

produção, ou seja, o tempo do capitalismo. Nos anos de 1880 o vínculo entre a ferrovia e a cidade foi enorme, serviu inclusive como a base das novas diretrizes da organização das ruas. E a partir da frente da Estação Ferroviária que é criada a estrutura das avenidas de Rio Claro mantendo a forma de tabuleiro de xadrez.

Em 1885 depois dos nomes das ruas terem passado num primeiro momento por nomes vinculados aos santos da Igreja católica (Rua São Benedito, Rua São José) e a pontos de referência da cidade (Rua da Quitanda, Rua do Comércio), e num segundo momento por nomes de pessoas representativas e figuras



*Antiga Estação Ferroviária*

históricas e de representantes (Rua Dr. César, Rua Tiradentes), definitivamente as ruas passaram a ser numeradas, tendo como referência de sua organização numérica a Estação Ferroviária. Essa mudança tem um significado muito importante para cidade, pois foi um marco de referência da passagem de uma cidade antiga para uma cidade moderna, o exemplo dessa mudança era os EUA que simbolizada o novo mundo, o mundo do progresso.

No início do século XIX o núcleo urbano rapidamente se expande para além da barreira férrea,



Rua 3, Av. 8 e 10

surgem os bairros Vila Alemã e a Cidade Nova. A cidade já iluminada e possuía uma rede de telefonia, infraestrutura que favoreceu o comércio, pois houve significativa modernização e aumento da demanda de produtos. Nesta questão de aumento da demanda merece destaque os operários das Oficinas da Cia Paulista, que com seus salários, representavam consumidores potenciais que deveriam ser conquistados. Os ferroviários, como eram denominados, foram responsáveis pela diversificação funcional do núcleo urbano, estimulando a melhoria dos comércios e serviços.



Armazém de João Antonio do Valle, Av. 3 com Rua 6



Loja A Pêndula Allemã, Rua 5, Av. 4 e 6



*Loja do Veado*



*Loja do Veado*



*Casa Colombo*



*Loja do Veado*



*Padaria Allemã, Rua 5, Av. 10*



*Padaria Germania, Rua 4, Av. 8*

O Almanaque do Rio Claro de 1906 de Conrado L. Krettlis coloca que o comércio era avaliado na razão direta com o progresso na agricultura e na indústria. Havia casas comerciais de primeira ordem que importavam diretamente dos centros europeus, os objetos para a oferta aos consumidores. Havia casas montadas com todo o luxo, todo o aparato, toda riqueza que se notava nos grandes centros comerciais. Eram encontradas no mercado local todas as mercadorias para os mais exigentes consumidores.

A criação da Associação Comercial e Industrial de Rio Claro (Acirc) em 1922 foi um marco temporal significativo para a continuidade do desenvolvimento do comércio, afinal esse setor estava assentado em novas bases e perspectivas produtivas e econômicas. A introdução da Acirc no cotidiano da população de Rio Claro representou um enorme desafio para os primeiros presidentes, pois nas três primeiras décadas do século XX o café foi perdendo sua importância e, embora tenha havido muitas inversões de capital do núcleo urbano para o rural, esses não foram suficientes para dar continuidade à prosperidade agrícola de outrora. Vários autores que pesquisaram esse período revelam que uma forte estagnação ficou marcada na memória social. Na população local há diversos relatos que esse período de estagnação deixou enormes cicatrizes na vida de muitas pessoas.

Com a crise do café ocorre ainda a emigração de pessoas e de capital rumo a capital do estado de São Paulo. A cidade de São Paulo era uma capital agrícola consolidada, pois controlava toda a distribuição da produção do café, e emergia como a nova capital industrial. Nesse período já estavam dadas as condições da nova centralidade de São Paulo o que a fazia exercer um grande poder de atração nas pessoas e nos investidores.

Por essa história quando falamos das famílias que atuaram mais diretamente no comércio estamos certamente nos remetendo aos imigrantes que além de apresentarem uma visão de mundo diferenciada e introduzirem um varejo inovador para a época, também criaram demandas por novos produtos, notada-

mente os alimentícios. Assim, os imigrantes têm um papel de destaque tanto como agente ativo nas atividades econômicas da época como uma comunidade diferenciada que trouxe consigo hábitos de consumo dos países de origem.

Duas classes que ganharam muita força na sociedade rio-clarense, a classe média (proprietários de pequenas indústrias, comerciantes em geral, tais como armazéns, farmácias, casas comerciais) e um proletariado não muito diversificado.

Com a crise mundial de 1929 e a Segunda Guerra Mundial, Rio Claro passa a viver um período histórico de grande crise urbana que reunia diversos conflitos econômicos, políticos e sociais. Esses conflitos embora tenham se manifestado de modos e intensidades diferentes nas diversas escalas global, nacional e local, Rio Claro absorvia a insegurança geral que tomava conta de todas as pessoas e todos os setores da economia.

No que tange ao comércio, esse período foi dedicado a uma adaptação geral e mudança profunda de paradigma, ou seja, do agrário-exportador com a centralidade do meio rural, para um bem mais complexo, o urbano-industrial que exigia novos atributos, agora essencialmente urbanos. Os funcionários da Paulista representaram na época o sustentáculo do comércio e da dinâmica urbana.

Em janeiro de 1931 chega em Rio Claro as Casas Pernambucanas o que traz novas estratégias comerciais, variedades de mercadorias e opções de créditos



modernas. Esta inauguração tem um grande significado, pois vem demonstrar o poder de atração comercial da cidade no plano nacional.



Rio Claro era reconhecida regionalmente como uma cidade próspera, tanto que em 1934 Mappin Store, que havia inaugurado sua loja no Brasil em 1913, pede via Acirc nomes de prováveis compradores de suas marcas em Rio Claro. (Ata da Acirc 16 de julho de 1934)

A Acirc, nesse contexto, vem legitimar o comércio urbano, e por meio do associativismo programar políticas públicas inovadoras no setor. Esta associação encontra, nessa fase introdutória de seus serviços, um comércio com uma significativa diversificação de produtos manufaturados artesanalmente, a mão de obra empregada era geralmente da própria família, e

vários produtos de origem local tais como: velas, sabão, vinho, cervejas, refrigerantes, massas, carroças, charretes, entre outros, eram consumidos no comércio. Mas, o dinamismo econômico ainda era lento, pela falta de crédito, o que tendia a diminuir o ritmo da expansão comercial; nesta época os bancos internacionais estavam tomando conta dessa demanda de financiamento e acabavam absorvendo uma parcela do setor comercial local.

Mas se a nova fase de desenvolvimento econômico pós-crise do café até final dos anos de 1940 não significou o fim da dependência externa, nem a resolução da questão das dívidas, ao menos provocou ajuste significativo no âmbito da formação da força de trabalho do país. Esses novos conteúdos econômicos vão requerer nos anos que seguem um comércio urbano bastante resiliente.



Av. 1, com Rua 4

## A FASE DE MODERNIZAÇÃO DO COMÉRCIO

Com o fim da Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos passam a interferir em todos os setores econômicos brasileiros, introduzem novas táticas de planejamento e controle político e disseminam a emergência de novas tecnologias. Esse novo papel desempenhado pelos EUA é observável nas atas de reuniões da Acirc, no dia 05 de junho de 1950, por exemplo, os membros discutem a viabilização de aulas de inglês na sede da Associação por missionários. Sobre a aplicação de novas tecnologias no comércio, em 1956 o presidente da Associação Ítalo Barbieri pede audiência ao Secretário da Fazenda do Estado de São Paulo para entender o uso de máquinas registradoras por comerciantes locais conforme Ata da Acirc de 11 de janeiro 1956. Notadamente a convivência com os americanos trouxe para o comércio muitas transformações, entre elas destacam-se a diversificação de mercadorias, a mudança de hábitos de consumo, o uso crescente de eletrodomésticos e a importação de produtos e marcas.

Vimos no pós-guerra crescerem os desafios dos empresários do setor comercial que teriam que trilhar um caminho que valorizasse a tradição de suas lojas, mas que ao mesmo tempo contemplasse a necessidade de modernização para manter o dinamismo exigido na época. Encontramos nesta fase de desenvolvimento do comércio, ambas as expressões: de tradição e de gestação da modernidade.

Com as mudanças nos hábitos de consumo e com o nível de atração dos diferentes comércios, os empresários do setor passaram a se preocupar com a concorrência dos municípios vizinhos, a ata de 03 de agosto de 1955 da Acirc revela que os comerciantes lamentam o passe gratuito da Paulista que leva consumidores de Rio Claro a comprar fora da cidade e demonstram-se preocupados também com a questão do fechamento do comércio às 18h00. Nos anos de

1950 a regularização do comércio, horário de funcionamento, campanhas comerciais, entre outras estratégias passam a estar na pauta das discussões da Acirc.

Os comerciantes passaram a investir em novas estratégias comerciais, tecnologias e em contrapartida queriam o apoio da Acirc para manter e conquistar novos consumidores. Assim, era inadmissível a concorrência desleal e qualquer outra interferência que pudesse prejudicar o pleno desenvolvimento das atividades comerciais no município de Rio Claro.

Nos anos de 1950, a Acirc para defender o pleno desenvolvimento do comércio local toma várias medidas como telegrafar ao Presidente da República, Getúlio Vargas em apoio ao aumento de salário do funcionalismo para dinamizar o comércio conforme ata de 22 de setembro de 1952. Faz um ofício ao diretor dos Diários Associados com a solicitação de colaboração na propaganda intensa no município, no sentido de fortalecimento do comércio conforme ata de 14 de janeiro de 1953. Propõe campanha de valorização do comércio da cidade, pois observam que estão perdendo consumidores para outras cidades conforme ata de 06 de abril de 1953.

Em ata de 26 de janeiro de 1953, a diretoria da Acirc registra a discussão sobre a semana inglesa que gerou muita polêmica, pois a abertura do comércio não poderia ser restringida.

Mesmo diante de vários esforços, em 1955 é aprovada uma lei municipal que determina o fechamento do comércio às 18h00 com protesto da Acirc. Mas, em 1956 a nova lei do salário mínimo é recebida com otimismo pelos comerciantes, porque amplia as condições de segurança nas vendas, pois passa a ser vista como uma garantia para os trabalhadores de um modo geral.

Nas décadas de 1950 e 1960 as cidades brasileiras vão se transformando para receber de forma mais

maciça os automóveis; e a indústria automobilística brasileira consolida-se gradativamente e as famílias mais abastadas passam a adquirir veículos. A cidade de Rio Claro muda com o automóvel e o comércio também, as vitrines das lojas passam a adotar estratégias de venda revigoradas, pois além dos pedestres, muitos dos consumidores potenciais, passam agora pelas ruas e avenidas da cidade em seus automóveis e as mercadorias devem estar expostas de modo a chamar a atenção dos motoristas e seus familiares. Essa perspectiva do automóvel faz com que se altere também o planejamento urbano e, com isso, a paisagem de Rio Claro muda significativamente.

Por volta de 1960, de modo geral, o comércio tradicional já estava consolidado em Rio Claro. O comércio tradicional é aqui entendido como aquele que se caracteriza pela não utilização do livre-serviço, geralmente dotado de atendimento personalizado e que privilegia o comércio de proximidade, independente e não especializado. Nesse tipo de comércio o grande volume de vendas é realizado através do contato direto entre vendedor e comprador. Desta maneira, o aparelho comercial tradicional, é formado por pequenos estabelecimentos, que ofertam um número reduzido de produtos.

Uma grande tradição comercial de Rio Claro é a produção e comercialização no ramo de enxovais. Nesse contexto, a Sra. Clarice sempre foi reconhecida como a grande representante do desenvolvimento criativo deste ramo na cidade. Conforme informações de membro da família, já no fim da década de 1950 ela iniciou sua atividade como bordadeira. A procura pelas mercadorias foi ganhando destaque ao longo do tempo e, em 1961 devido a enorme demanda, a empresária abriu uma fábrica de produtos artesanais de enxoval. A empresa era reconhecida popularmente como “Clarice” e desenvolveu um tipo de atividade que envolvia todo um complexo sistema produtivo, controlando desde a produção até a comercialização dos enxovais. Seu grande diferencial era os bordados de origem alemã. No decorrer da década de 1960 a “Clarice” chegou a contar com mais de mil bordadei-

ras, muitas dessas trabalhando em suas próprias casas na cidade de Rio Claro, abastecendo a loja com grandes variedades de mercadorias. Nesta mesma década a “Loja Clarice” se consolidou e teve grande destaque, se posicionando entre as maiores vendas do comércio da cidade. Com o passar dos anos esse sucesso foi se expandindo e os produtos passaram a ser reconhecidos nacionalmente, em decorrência do diferencial de bordado em ponto cruz e ponto cheio e da divulgação no “boca a boca”, pois a loja não contava com um marketing organizado. No final dos anos de 1970 o trabalho das bordadeiras começa a estagnar, uma vez que os produtos começam a ficar mais caros. Mas, mesmo com maiores dificuldades a loja se manteve no mesmo ramo, adaptando-se a outros produtos de outras marcas. Cabe ressaltar que a “Loja Clarice”, sempre localizada no mesmo lugar de sua fundação, pode ser considerada também como um marco por sua forma moderna, pois foi pioneira no estilo magazine de bairro na cidade de Rio Claro.

A partir desse exemplo da “Loja Clarice”, Rio Claro foi agregando diversas outras empresas ligadas ao ramo de enxovais, mas a grande maioria não se materializou em lojas, pois adotaram a estratégia de venda “porta em porta”. Com esse dinamismo Rio Claro ficou conhecida nacionalmente como a capital dos bordados, pois os vendedores por meio da venda ambulante levavam os produtos para todos os cantos do país. Até os dias de hoje, muitas empresas se mantêm no ramo, entretanto, é uma atividade econômica que fica “camuflada”, pois reúne muitos prestadores de serviços e cria assim uma imbricação funcional do setor formal e informal da economia.

Com a acentuação do processo de desconcentração produtiva, no final dos anos de 1960, a partir da metrópole de São Paulo rumo ao interior paulista, as cidades médias passam a representar um importante cenário produtivo e com isso recebem população, investimentos e o comércio tem que novamente se adaptar. Rio Claro entra neste contexto, e, portanto, apresenta conteúdos que merecem ser destacados.

Um grande marco das mudanças nas transformações do comércio e do consumo no Brasil no período pós Segunda Guerra Mundial foi o supermercado. E apesar da história dos supermercados ter início a partir da década de 1920, nos Estados Unidos, apenas em 1934 a expressão “supermercado” passou a ser amplamente aceita por todos os que, direta e indiretamente, se encontravam em contato com essas lojas de varejo (ZIMMERMAN, 1955) e (STILMAN, 1962). Sua difusão pelo mundo, como forma comercial que transformou o varejo, foi gradual.

A ideia central, embutida nesta forma comercial, consistia em realizar economias de escala e vender a preços mais baixos do que os dos estabelecimentos convencionais, ampliar a oferta de produtos alimentícios e não-alimentícios. A união dos quesitos: higiene, melhor preço e qualidade, fez com que esta nova forma comercial absorvesse praticamente todos os outros estabelecimentos convencionais que ofereciam os mesmo produtos.

A entrada desta forma comercial no Brasil se deu na década de 1950, e a partir de então passou a ser vista como um marco para o comércio varejista no país. O supermercado impôs um novo ritmo para a distribuição e consumo de mercadorias, principalmente no ramo alimentar. Além disso, o supermercado, com suas inovações, possibilitou ao comércio alcançar um dinamismo que ampliou os fluxos de mercadorias colocadas no mercado pelas indústrias.

Atrélada aos supermercados ocorre a difusão do livre-serviço, técnica até então ausente nos estabelecimentos comerciais. Esses novos formatos passam a ser considerados os primeiros exemplos do comércio moderno. Os novos formatos, as novas técnicas de venda e as novas estratégias de gestão das empresas comerciais, modernizam o setor e consequentemente todo o tecido comercial até então existente.

Essa nova forma de desenvolvimento comercial, foi introduzida em Rio Claro no dia 16 de fevereiro de 1965 com a inauguração do primeiro supermercado, o “Supermercado Guardia”. (Informação da família)

A partir de então as Vendas e as Mercenarias foram gradualmente cedendo lugar aos supermercados e transformando o varejo. Muitos outros supermercados foram sendo construídos em Rio Claro, e em 1978 a cidade conta com uma rede de vinte (20) supermercados onde a população se abastece satisfatoriamente. Diferenciados na extensão de suas áreas, todos contam com instalações adequadas; entre os maiores e mais bem sortidos destacam-se: o Supermercado Brasil Serv (1 loja); Supermercado Jardim (3 lojas), Supermercado Guardia (2 lojas), Supermercado Pão de Açúcar (1 loja), Supermercado União, Supermercado Lorenzon e outros, além de um supermercado montado em um ônibus, servindo a periferia e zona rural do município.” (RIO CLARO SESQUICENTENÁRIO, 1978, p. 156)

A década de 1970 pode ser considerada uma referência brasileira no processo de modernização do comércio, e Rio Claro acompanha este mesmo movimento.

Com a introdução maciça das mulheres no mercado de trabalho surgem novas demandas de comércios e serviços. Passa a haver uma onda promissora, com o aumento da renda familiar. Na década de 1970 ocorre um aumento do emprego na indústria local, pois novos estabelecimentos industriais instalam-se no município. E assim, procurando melhorar a eficácia do varejo, os comerciantes locais passam a investir muito mais em marketing e o papel das rádios locais foi essencial nesse processo. Nesse período ocorre ainda, a abertura dos créditos. Somadas todas essas alterações, a ideia de prosperidade renasce em Rio Claro de forma bastante positiva e o aumento das vendas no comércio local é um resultado imediato.

Um ramo de comércio que sempre mereceu destaque em Rio Claro é o das flores. No início da consolidação da história de Rio Claro, as atividades de cultivo e comercialização de flores eram desenvolvidas pelos europeus, mais especificamente, os alemães. A partir dos anos de 1970 este ramo ganha novos investidores, representados pelas floriculturas, distribuidores de mudas e os orquidófilos; esses últimos podem ser considerados “novos artistas”, pois com

criatividade e dedicação transformam um bem natural em verdadeiras obras de arte. Pela mão humana, os orquídeas, criam, recriam, expõem as espécies e transformam Rio Claro em uma cidade de referência nacional neste tipo de cultivo e comércio.

A paisagem comercial urbana de Rio Claro é marcada também pelos estúdios de Fotografia, historicamente o fotógrafo era pessoa bem quista na cidade, sempre chamado para registrar as inaugurações, festas, carnavais, reuniões da Acirc e de outras instituições da cidade. Até os dias de hoje esse ramo é bastante conceituado tendo passado a incorporar grande nível tecnológico e assim às lojas de foto-filmagem é uma referência para a cidade.

Outro setor que teve grandes inovações neste período é o da hotelaria, desde as estalagens e pensões, até os hotéis que atualmente oferecem excelência nos serviços. Embora não tenhamos registrado a introdução das grandes redes hoteleiras nacionais e globais em Rio Claro, o serviço de hotelaria local apresenta um bom nível de desenvolvimento e tem atendido à demanda.

Em 1981 chega a Rio Claro as Lojas Cem, o que vem registrar o interesse das grandes redes de lojas de eletrodomésticos pelo comércio local. O ramo de eletrodoméstico tem um grande crescimento e se consolida nesta fase do comércio rioclareense.

As novas tendências comerciais apontam para a consolidação da generalização da mercadoria no espaço urbano de Rio Claro, com isso, muitas transformações ocorrem dos anos de 1950 ao início dos anos de 1990, desde o *mix* comercial, os horários de funcionamento, as ambiências e as experiências; todos esses fatores levam os consumidores a realizar suas compras atraídos por outras necessidades: a festa, o lazer, o encontro.

Nessa fase de modernização do comércio passa a ser comum nos fins-de-semana, famílias inteiras e grupos de amigos saírem para “visitar” o comércio local do centro e os supermercados criando ambientes de descontração e animação, e sem perceberem são incentivados a comprar não só o que realmente necessitam, mas também aquilo que no momento lhes dê prazer.

Desse modo, a área central de Rio Claro extrapola a sua função comercial e passa a ser um local de sociabilidade, um ponto de encontro.

O comércio é uma atividade que foi estruturando e organizando a sociedade e seu espaço e a vida na cidade de Rio Claro, pelas interferências de seu comércio se modifica. Nesse sentido, podemos dizer que nessas relações comércio-vida cotidiana existe uma via dupla, pois tanto o comércio cria novas demandas e normatiza o consumo, como a vida cotidiana por suas transformações gerais e pelos novos hábitos de consumo - passa a exigir adaptações no comércio.

O comércio ganha novas funções fora do estrito domínio econômico, e alcança outros níveis tais como a sociabilidade, a segurança e a coesão social. Nesse contexto, tanto o comércio tradicional como o moderno utilizam-se dessas novas funções para sobrevivência.

Diante de todo o exposto até aqui, observamos que aparecem de forma visível na paisagem de Rio Claro grandes diferenças entre o sistema comercial tradicional e o moderno. Na configuração das novas paisagens comerciais passa a existir pelo menos seis aspectos fundamentais que devem ser integrados na análise, que correspondem a outros tantos vetores da mudança da atividade comercial: 1) os formatos dos estabelecimentos, 2) as formas de venda, 3) o perfil dos comerciantes, 4) as estratégias de gestão das empresas, 5) os padrões de localização e 6) o significado dos espaços comerciais. (Observatório do Comércio, Lisboa)

Desde o final dos anos de 1970 as novas formas de distribuição rompem com os tradicionais padrões de localização e organização espacial do comércio, passa a ocorrer de forma mais intensa a implantação de unidades comerciais nos bairros mais afastados do centro. O princípio da centralidade que durante muito tempo organizou espacialmente a atividade comercial vai cedendo terreno à acessibilidade, à facilidade de circular e de estacionar. Outros princípios tais como o da proximidade passam a ser valorizados.

Com o desenvolvimento econômico desigual, Rio Claro exibe dois tipos de periferias, aquela dotada

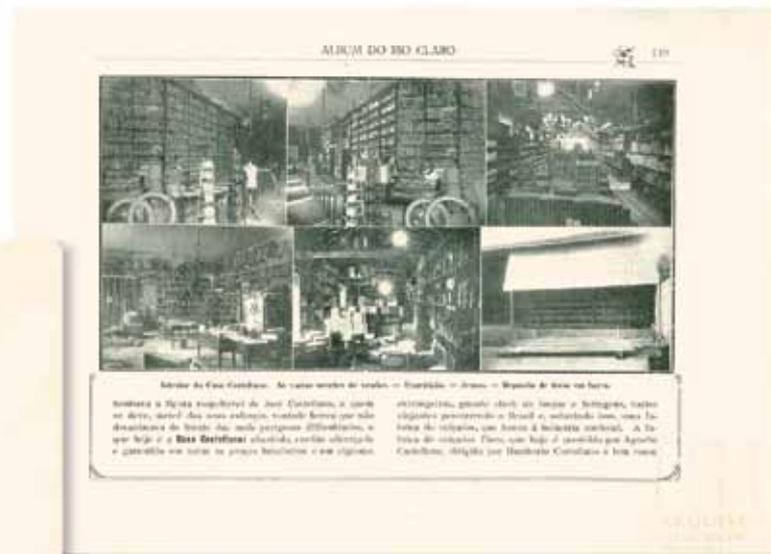
de um elevado potencial de consumo, decorrente do crescimento espetacular da renda de sua população, e que torna-se claramente o local mais favorável ao investimento, e a outra periferia mais pobre, mas que apresenta um caldo de cultura regado a um consumo mais marginal, mas ainda assim representativo, e que cria outros tipos de demandas de comércio, que rapidamente adapta-se.

Juntos, esses dois perfis de periferias, se conjugam oferecendo preço de solo urbano geralmente diferenciado com relação às áreas mais centrais, De toda forma o comércio é um termômetro que indica a valorização dos diferentes espaços da cidade. O comércio vai ao encontro do consumidor onde quer que ele esteja e se adapta às diferentes necessidades e demandas.

A flexibilidade do comércio é um de seus maiores atributos e é nessa dinâmica que o comércio de Rio Claro se desenvolve, criando os comércios de bairros, os comércios do centro e os centros comerciais.

Outro ponto importante a ser considerado é que as novas centralidades urbanas de Rio Claro, bem como os novos conteúdos da periferia, para serem compreendidos devem ser relacionados ao aumento das taxas de motorização da população e aos novos estilos de vida dos cidadãos-consumidores. Todos esses fatores alimentam o movimento espacial do comércio na cidade.

A cidade de Rio Claro, principalmente a partir dos anos de 1980 vai se fragmentando, num rico mosaico composto por áreas comerciais com distintas características de centralidade, acessibilidade, funcionalidade e simbolismo. E assim a antiga ordem hierárquica, que organizava a cidade e ditava as decisões espaciais da compra, é significativamente abalada, dando lugar a novos nexos e fluxos, muito mais complexos, onde as contradições entre o centro e a periferia, o tradicional e o moderno, a centralidade e a acessibilidade, apresentam nova roupagem e adquirem novos conteúdos.



ALBUM DO RIO CLARO 112

**Casa Camillo** Armazem de Seccos e Molhados.  
Grande stock de louças e ferragens.

Latarias finas



Sortimento variado

Entregas a domicilio

Atacado e varejo

**CAMILLO & CIA.** Rua 1, N.º 179  
Telephone, 178 ■ RIO CLARO

ALBUM DO RIO CLARO 111



**FECCULARIA ROCHA**  
Farinha AUREA  
J. ROCHA & COMP.  
Molhadora instalada e equipada com as melhores  
TELEPHONE, 3 - CASA, 1 - E ORDENS



**PHARMACIA PENTEADO**  
Farmacia  
**ALFREDO MINERVINO**  
Rua, 4 - Avenida, 4  
Telephone, 78  
Cala, 15 RIO CLARO

ALBUM DO RIO CLARO 110





Fábrica de Cabelos  
Rua Manoel de Barros, 171 e com Rua do Alameda do Rio

AGRICULTURA  
PECUARIA  
INDUSTRIA  
COMÉRCIO  
EXPORTAÇÃO

Rio Claro - Boa Esperança do Sul  
São Pedro - Tomina  
Algodão - Arroz - Milho  
Telegrafemas "BERZIN"

**Henrique Berzin & Cia.**  
Avenida II N.º 7 - Caixa Postal, 73  
Telefones: 280 e 73  
RIO CLARO

**Fábrica General Berzin**  
Fundada em 1909  
**Antônio Festallo**  
CONFEITEIRO  
Canteador - Pastel - Bolo - Biscoito - Doce - Sorvete - Gelado - etc.  
Repartição em Estado Especial de Condição e Trabalho de Trabalho e Saúde  
Avenida G N.º 207  
RIO CLARO  
Tel. 100 (Rio Claro)

**FABRICA E LOJA DE CALÇADOS**  
LAVAR E ESTENDER A VAREJO  
CORTAR E LA SECAR O CALÇADO  
Rua S. João - Rua 124  
RIO CLARO  
Fundada em 1908  
Grande estoque de calçados em todas as condições e tamanhos



**Angelo Palazzo**

MERCERIA - SÃO JOÃO  
LAVAR E ESTENDER A VAREJO  
CORTAR E LA SECAR O CALÇADO  
**ARY CASSAVIA**  
Fundada em 1908



Rua S. João - Rua do Comércio - RIO CLARO

**CERAMICA BRASIL**  
Fundada em 1907  
Fabrica de Azulejo de 1000 m² de 24 cm de lado de Rio Claro - SP - Estado de São Paulo e fábrica de Azulejo de 1000 m² de Rio Claro - SP - Estado de São Paulo - 1907  
Rua S. João - Rua do Comércio - RIO CLARO

**FERRERIA & IJWAP**  
Toda ordem de Ferraria Brasil  
Rua S. João - Rua do Comércio - RIO CLARO - Telefones, 87

**CASA BRIENZA**  
LOJA DE CALÇADOS  
**Babus Proclunow** - **Servico Modistas**  
Modista especializada em todo o gênero de calçados de 1ª qualidade



Rua S. João - Rua do Comércio - RIO CLARO - Telefones, 147

**Fábrica de Calçados, Chinelos e Sandálias**  
Rua S. João - Rua do Comércio - RIO CLARO  
Fundada em 1908  
Grande estoque de calçados em todas as condições e tamanhos



Rua S. João - Rua do Comércio - RIO CLARO



**Livraria e Papelaria dos Estudantes**  
**DEIVAL IRMÃS & CIA. LTDA.**  
 AV. BRASIL 700 - RIO CLARO

Atas, Escritos  
 e de Escritos  
 Material de Escritório  
 Material de Escritório  
 Mais um produto



Vila Paraná de Curitiba

**Farmácia São Paulo**  
 Fca. José Gonçalves Castello  
 Av. 1 N. 587 - Fone: 436 - RIO CLARO

**TIMONI, IRMÃOS & CIA. LTDA.**  
 FÁBRICA  
 SANDÁLIAS  
 CHINELOS  
 CORTURAS



Taxiômetro - 500  
 Contador - 500  
 C. de Trabalho - 500

Rua L. N. 1275 - Centro de Ar. S. - RIO CLARO - Est. de S. Paulo

**Jacób Zältt**  
 Farmacêutico - Tradutor  
 Rua 7 N. 1537 - RIO CLARO

ARQUIVO

**Centro Cultural e Beneficente Árabe - Brasileiro**



Foto especial para o Arquivo de Rio Claro.  
 Sentados, da esquerda para a direita, Srs.  
 Elias Becker, Dr. Pedro Freire, Paulo Nonatale Jorge,  
 Abdala Ibrahim, de pé: Jorge Sadeia, Mauricio Chaves,  
 Ruyz Hill, Lant Hami, Albedin Chacra, Nivaldo  
 Mirachi, e Sami Marach, membros da  
 atual diretoria.

**Ao Paraíso das Sedas**  
 Depósito de Fábriça  
 Sedas  
 Lãs  
 Linhos  
**Godofredo Quilici**



Rua 4, N. 1147 - Fone: 630  
 RIO CLARO

**IRMÃOS ZOTTARELLI & CIA.**



Fachada da CASA ZOTTARELLI e suas vitrines expostivamente decoradas - Rio Claro

ARQUIVO

**CAÇUERS**  
**A Cindância**  
 O CINCINCO QUE  
 SÃO INCOMPARÁVEIS  
**ANTONIO**  
**BORGIA**  
 AVENIDA 2 N. 100  
 RIO CLARO

**Farmácia Sodré**  
 Farmácia fundada em 1914  
 Rua 10 N. 100 - Fone: 100  
 RIO CLARO



**INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE MADEIRA E BRINQUEDOS**  
 PEDRO PINOCHIO  
 ENTREVISTA E CONDIÇÃO - FURNICIONES E COMERCIALIZAÇÃO  
 ATACADO E VAREJO  
 DIVERSAS REPRESENTAÇÕES  
**REYNALDO MEYER**  
 Rua 1 N. 100 - Fone: 100 - RIO CLARO

**Casa Pinocchio** - Rua 10 N. 100 - Fone: 100 - RIO CLARO  
 ALBINA MORGELLO DE OLIVEIRA



DEPÓSITO DE RETALHOS A QUILÔ  
Fundado em 1928

## F. Karam

SEMPRE CONSTATAMOS  
AUMENTAR OS PREÇOS DE  
SUA ENTREGADA, MAS  
MANTENDO A MARCA DE SÊO  
FIDELIS E FIDELIS

NUM. 1 P. 1000  
CASA HOTEL P.  
RUIBONE, 2 + 3  
RIO CLARO,  
Estado de São Paulo

---

## LOJA IDEAL

Fundada, mantida, desenvolvida, dirigida por Sênior

*Maria Romero Carelli*

RUA 2 A N. 484      RIO CLARO

## Casa Estrela Ltda.

*Roldenir Karam & Alfredo Karam*



Compre somente de Sênior - 100% - Rio - São - Paulo -  
Rio - Natal - Fortaleza - Guarani para Sênior -  
Assistência em geral

Preços Irresistíveis

Avenida 1, 408 - Telefone 226  
**RIO CLARO**  
Estado de São Paulo

# CASA ECONÔMICA

CASA FUNDADA EM 1940

## JOÃO CASTELLO BRANCO

MOBÉIS

GELADERAS

BALCÕES FRIGÍFICOS

MAQUINAS DE COSTURA

PANELAS DE PRESSÃO

BICICLETAS



VISTA PÔRTELA DE CASA ECONÔMICA

Representante geral  
dos

REFRIGERADORES  
e Balcões Frigíficos

-CAMPOS SALLES-

Rua 2, Esquina da Avenida 2

## Rio Claro

Telefone, 108

## A CONTINENTAL



Fundada em 1920 - Av. A. S. S. 2

ARTIGOS, FERRAGENS, etc.

ARNALDO COSTA

FERRAGENS - FERRAS

Rua 4 A N. 103      Rio Claro

Cordas, Cordões,  
Barras para grammas,  
Lanças, Serras,

## CASA DAS CORDAS



Esta seção de CASA DAS CORDAS

Cursos de papel - Cor-Vigam e Estêria  
Indique para Cordões

## E. SARTI

Rua 5 N. 110      RIO CLARO

## AO MUNDO ELEGANTE

IRMÃOS HAIR LTDA.

**Ao Mundo Elegante**

É um dos mais tradicionais estabelecimentos do comércio nacional.

Iniciado em Julho de 1943, com o nome de Loja Individual de Aracaju, em Dezembro de 1950, quando então passou para o atual nome de Irmãos Hair Ltda., do qual fazem parte: A. J. Hair, Rector Hair, Rector Hair e Rector Hair. Há, sendo membro da Família HAIR, fundada em Rio Claro há mais de 40 anos.



Vista Geral do Loja

**A Preferida do Público Bicaense**

Completo estoque de

Chapéus  
Camisas  
Perfumarias  
Gravatas  
Cappas  
Malas  
Discos  
Calçados  
Roupas

Todas

AVENIDA 1 n. 55      RIO CLARO

## MUNDIALIZAÇÃO DO CONSUMO: NOVAS CARACTERÍSTICAS E TENDÊNCIAS DO COMÉRCIO DE RIO CLARO

Nos anos de 1990, as cidades médias do interior de São Paulo, como é o caso de Rio Claro, já são identificadas como lugares complexos, pois os nexos e fluxos da globalização econômica estão fortemente presentes e, muitas vezes, ditam o ritmo das transformações espaciais, além disso, tem um representativo mercado consumidor com hábitos fortemente influenciados pela metrópole paulista.

Nesta fase da mundialização do consumo ocorre no comércio local uma extensão do que ocorre em praticamente todos os países e cidades do mundo, ou seja, os fortes impactos da consolidação do processo de globalização da economia. A globalização econômica é um processo bastante longo, mas que ao se consolidar nos lugares aponta novas condições, contextos e elementos para o desenvolvimento do comércio. Passa a ocorrer de forma mais veloz a mundialização dos gostos, dos hábitos de consumo e, principalmente, uma maior homogeneização do ponto de vista das mercadorias. Estamos diante de uma nova organização espacial do comércio, as grandes marcas do varejo mundial invadem o espaço brasileiro e Rio Claro não fica a margem desse processo.

Mas é preciso considerar que ao mesmo tempo em que ocorre uma invasão de formas globais de desenvolvimento comercial, ainda podemos observar no plano local algumas persistências nas orientações e nas especificidades propiciadas pela atuação dos agentes locais.

Rio Claro apresenta uma significativa centralidade regional, pois seu entorno é caracterizado por pequenas cidades. A região de governo de Rio Claro, além do próprio município de Rio Claro, é composta pelos municípios de Analândia, Brotas, Corumbataí, Ipeúna, Itirapina, Santa Gertrudes e Torrinha, que são de pequeno porte populacional, com um setor comercial pouco diversificado. O perfil regional dá a Rio Claro

um grande poder de atração e os estabelecimentos comerciais e de serviços locais passam a atender a população dos municípios vizinhos. Essa centralidade de Rio Claro provoca um desenvolvimento do comércio local e faz com que se busquem de forma contínua melhores condições de atendimento desses consumidores.

O consumo, principalmente a partir do final do século XX e início do século XXI vem se transformando por meio de um sistema integrado de manipulação de signos, as demandas assim são criadas. O sucesso econômico do comércio passa a estar, cada vez mais ligado à capacidade de introduzir no imaginário dos consumidores novas experiências, ou seja, é preciso oferecer além das mercadorias, serviços e ambiências que estimulem o consumo. As lojas devem se transformar, de espaço de compras a lugar de consumo, explorando a hiper-realidade e através dela vender sonhos e desejos.

As Lojas Tanger representaram um símbolo de modernidade, quando de sua inauguração em 1995, trouxe para o centro um novo conceito de ambiência, com uma loja de vanguarda, ampla, de dois andares, com ar condicionado e escada rolante.

Inúmeros novos conceitos comerciais, com lógicas de localização e de funcionamento distintas também são introduzidos, revolucionando de forma veloz o sistema comercial. As redes de supermercados, hipermercados, os shoppings centers, lojas de *fast-food* de marcas globais, merecem destaque neste vasto leque de inovações, pela sua dimensão, localização e complexidade funcional. Essas novas formas representam novas polaridades chegando a colocar em xeque o modelo clássico de abastecimento das famílias, reorganizando as áreas comerciais tradicionais da cidade. (ORTIGOZA, 2009)

Nesse contexto, o comércio de Rio Claro a partir dos anos de 1990, e de forma mais acentuada no início

do século XXI, recebe marcas de referência do varejo nacional e mundial e novas formas comerciais, tais como; Shopping Center Rio Claro com lojas modernas e o Boulevard dos Jardins. Grandes redes de lojas no centro: Magazine Luiza; Dico; Ponto Frio, Casas Bahia, Lojas Colombo, entre outras. Recebe ainda conceituadas redes supermercadistas como o Açaí Atacadista; Maxxi Atacado; o Supermercado Enxuto, Lojas Americanas; e também muitas do setor de alimentação e atreladas ao sistema de franquias como o McDonald's; Habib's; China in Box, Subway, entre outras.



Imagens: Marcelo Zanellatto/Foto Brasil



Em meio a essa onda de modernidade que invade o setor, ainda persistem duas feiras periódicas, a do Jardim Cervezão e da Av. 11 com Rua 09, que continuam a atender os consumidores que valorizam o contato mais direto com o comerciante e mesmo com os produtores.

A feira sempre trouxe um estilo de vida ligado a antigos valores da sociabilidade, pois junto com as compras ocorre o bate papo entre os comerciantes e os consumidores e o reencontro com os amigos. Todos esses estilos de consumo e antigas vivências são para alguns, muito valorizadas e insubstituíveis.

O Mercado Municipal é um local que remete os moradores de Rio Claro ao passado e funciona como um grande ícone da história preservada; foi construído em 1897, e por um período passou a ser usado como quartel do Exército e, só em 1924, voltou às atividades de mercado. Depois de ter registrado, nos

últimos anos um período de decadência e marasmo, atualmente, demonstra um processo de reestruturação. Além de ser um importante espaço para compras de produtos como peixes, carnes, produtos naturais e hortifrutigranjeiros, vem ganhando uma nova função: a de lazer. Nos finais de tarde tem se tornado o ponto de encontro de pessoas que vão desfrutar das companhias dos amigos no “*Happy Hour do Mercado*”. Essa reutilização social desse espaço não é importante apenas para os novos comerciantes que investem no local, mas é fundamental para preservar a memória coletiva, recompondo as heranças e registros



Marcelo Zanelatto/Foto Brasil

do passado e traçando vínculos com o futuro. Com essa revitalização do Mercado Municipal estão sendo mantidas antigas identidades com o local e ao mesmo tempo reconstruindo novas.

O comércio da comida e da bebida, e também os restaurantes, bares, sorveterias e padarias em Rio Claro são setores que apresentam grandes transformações, cada vez mais deixam de ser espaço reservados somente para compras para se tornarem espaços de lazer, da descontração, do encontro.

Os bares se transformam em “botecos ou botecoquins” e, reúnem com isso muitos jovens; com essas tendências as choperias se multiplicam.

As sorveterias e padarias ganham requintes e transformam os hábitos de consumo dos rio-clarenses. Os cafés da manhã que algum tempo atrás ocorriam nas casas, atualmente muitas famílias escolhem ir às padarias, pois com isso reencontram os amigos. Assim, principalmente aos sábados e domingos reúnem grandes números de consumidores. Houve, neste sentido, uma reorganização espacial no interior das padarias e elas se transformam, também, em grandes lojas, com vitrines de pães e doces criando um ambiente para atender aos mais exigentes gostos.

No que tange ao setor de alimentação, de modo geral, Rio Claro, no século XXI dá um salto de qualidade bastante notável. As famílias se reúnem aos finais de semana nos restaurantes e, durante a semana, esses mesmos restaurantes atendem aos trabalhadores que, por falta de tempo, ou mesmo pela praticidade, realizam suas refeições fora de casa.

É interessante observar que mesmo tendo ocorrido um aumento considerável no número de restaurantes e com isso o acirramento da concorrência no setor, alguns dos restaurantes mais tradicionais conseguiram se manter e passam a atender aos consumidores que valorizam a tradição e o papel das famílias frente às outras opções.

Em linhas gerais, a evolução da organização comercial em Rio Claro pode evidenciar uma profunda redefinição das formas comerciais e das centralidades

urbanas. Estamos observando na paisagem urbana uma nova realidade comercial que evoluiu para uma organização em forma de rede, composta de múltiplas formas, diversos centros de comércio e serviços, ligados entre si por eixos de desenvolvimento preferenciais, que concorrem diretamente entre si, mas que ao mesmo tempo apresentam certa complementaridade.

Os símbolos e signos são componentes essenciais no mundo do consumo e o comércio de Rio Claro se moderniza recorrendo às estratégias globais de desenvolvimento deste setor. Muitas das “antigas” formas comerciais (comércios de bairros, feiras, armazéns, bazares), sobrevivem, pois permitem relações de confiança, sociabilidade, solidariedade. Estes sentimentos de vínculo e de identidade são contrapontos de um formato considerado “antigo”, mas que são capturados pelo mercado e passam a permitir a sobrevivência de muitos pequenos estabelecimentos. O significado do comércio tradicional ganha um nível de importância, que muitos “novos” comerciantes se travestem de “antigos” ou de tradicionais para conquistar os consumidores.

Existem também alguns exemplos de resistências à modernização, e o que num primeiro momento poderia transparecer uma forma de fracasso, representa uma possibilidade de sobrevivência e de convivência com o moderno.

Esses estabelecimentos comerciais não assimilam novos métodos de *marketing* e de venda, mas valorizam, mesmo que de forma inconsciente, o *marketing* relacional. Podem ser exemplos dessas resistências ao moderno, a Pastelaria do Ueti e a Sapataria Universo. Com esses destaques observamos que a paisagem urbana de Rio Claro revela que o espaço do comércio não é homogêneo, afinal convivem formas originadas em vários períodos. O comércio como resultado do tempo revela descompassos no nível de modernização.

A lanchonete da família Ueti, localizada na Av. 1, próxima a antiga Estação Ferroviária, se mantém em funcionamento há mais de 50 anos. Faz parte da paisagem urbana de Rio Claro, pois foi capaz de conservar

aspectos da fachada, móveis e objetos que estão com a família desde a fundação do estabelecimento. Essa permanência revela a participação dos imigrantes japoneses no comércio local. (CHIODA et AL, 2007, s/p)



Marcelo Zanelato/Foto Brasil

A Casa Universo, também conhecida popularmente, como sapataria do Bastião ou a Sapataria Universo, localiza-se na Vila Aparecida, na Av. 32, a loja foi inaugurada no dia 01 de agosto de 1956, passou por uma reforma e foi reinaugurada em 1967. Dentro do prédio ainda é possível encontrar objetos que o Sr. Sebastião guarda desde o início do negócio. (CHIODA et AL, 2007, s/p)

Observa-se que esses estabelecimentos comerciais são exemplos claros de que existem possibilidades

do comércio sobreviver, num outro ritmo de acumulação de capital, e sem incorporar aspectos modernizados impostos pela dinâmica globalizada do consumo.

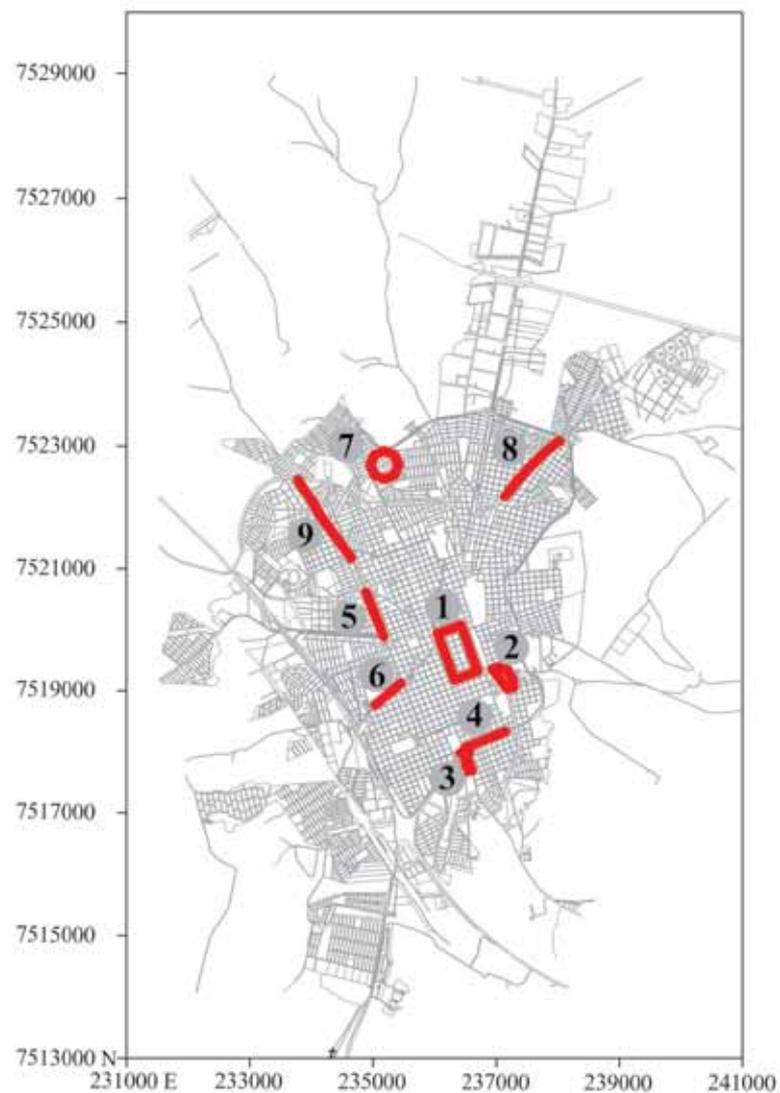
No que tange às interrelações entre a evolução do espaço urbano e o desenvolvimento do comércio, observamos nitidamente, em Rio Claro, nos anos mais recentes, a consolidação de corredores de comércio especializados e também uma tendência de novas áreas com grande potencial de atração de unidades comerciais. Isso reforça a ideia de que a periferização do comércio foi muito significativa nos últimos anos o que permite apontar novas condições para a dinâmica no desenvolvimento do comércio na cidade de Rio Claro.

O comércio em Rio Claro sofre significativas mudanças na escala intra-urbana, evidenciando claramente, e de modo progressivo, uma substituição do modelo de organização hierárquico por outro mais complexo composto de complementaridades e concorrências entre diferentes tipos de centros, formatos de estabelecimentos e formas de comércio.

O comportamento do comércio varejista na cidade de Rio Claro respeita as normas gerais de desenvolvimento do setor e as tendências são de uma desconcentração das unidades comerciais, rumos a diversos bairros, formando assim uma rede comercial com novas centralidades. Nessa nova organização da rede varejista destacam-se algumas áreas na cidade de Rio Claro que foram capazes - pela densidade do comércio - de criar um centralidade dentro do tecido urbano.

Daremos destaque a seguir a algumas dessas áreas, tais como **o Comércio do Centro; o Shopping Center Rio Claro; o Boulevard dos Jardins; a Av. 29; a Rua 14; a Av. Tancredo Neves; a Av. M25, a Rua José Felício Castelano e a Rua Jacutinga.** Existem ainda outros locais que já acenam para a formação de corredores comerciais como é o caso da Rua 8 (no bairro Santana) a Av. 50 A (no Jardim América) e a Rua 6A (desde o Jardim América até a Vila Alemã). Cabe ressaltar que muitos outros bairros também já materializam de forma significativa um comércio de vizinhança em pleno desenvolvimento.

## Localização das Principais Áreas Comerciais na Cidade de Rio Claro (SP)



### Legenda

- ① Centro
- ② Shopping Center Rio Claro
- ③ Boulevard dos Jardins
- ④ Avenida 29
- ⑤ Rua 14
- ⑥ Avenida Pres. Tancredo Neves
- ⑦ Avenida M25
- ⑧ Rua José Felício Castellano
- ⑨ Rua Jacutinga



0 1000 2000 3000 m

Organização: Lucimari Ap. Franco Garcia Rossetti

É preciso observar que embora venha ocorrendo em Rio Claro uma disseminação do comércio para diversas áreas da cidade, o **Comércio do Centro** é ainda o mais significativo do ponto de vista da tradição comercial, da identidade espacial e da diversidade de mercadorias.

A cidade geralmente é identificada pelo seu Centro, em Rio Claro, isso também acontece. O Centro aglutina diferentes funções, é um espaço democrático e, portanto, reúne todas as classes sociais e, atende assim a uma enorme diversidade de demandas. Nesse sentido, o Centro é um lugar de estímulo às atividades ligadas

aos serviços e comércios, e sua vocação se baseia no consumo de bens, de imagens, de espaços. Há uma notável concentração do capital, pois a circulação, as trocas das mercadorias e do dinheiro se realizam mais rapidamente; um lugar que estimula o movimento e o encontro.

O comércio do Centro da cidade de Rio Claro é bastante heterogêneo e está pronto para atender às diferentes necessidades, gostos e desejos da população local. Reúne uma enorme variedade de produtos, nos mais diversos preços e qualidades, e desse modo, tem conseguido manter seu movimento e reerguer suas vendas no decorrer dos anos.



Marcelo Zanelatto/Foto Brasil

O Centro tem também um papel simbólico, pois valoriza a memória e dá identidade ao lugar. Essa centralidade histórica lhe será sempre inerente. O Centro se distingue de outras áreas da cidade, ele é singular, sobretudo devido ao seu caráter histórico. Em Rio Claro, apesar da velocidade da depredação sofrida em seu patrimônio histórico, o Centro ainda resguarda uma identidade, suas ruas estreitas, calçada portuguesa, entre outras características, o que permite uma identificação da população local com o seu espaço.

Assim, nenhum novo sub-centro se igualará ao Centro tradicional, pois os conteúdos do espaço e a acumulação do tempo sempre serão seus elementos de diferenciação.

O processo de “profissionalização” é incorpora-

Imagens: Marcelo Zanelatto/Foto Brasil



do pelo comércio do Centro de Rio Claro, surgem novos modelos de administração, lojas cada vez maiores e mais luxuosas e investimento pesado em publicidade. Essas são algumas das regras impostas pelo processo de modernização do comércio e o Centro não fica alheio a isso.

Um dos problemas apresentados pelo comércio do Centro é a dificuldade de locomoção tanto pelos pedestres, devido às calçadas serem estreitas para abrigar a grande quantidade de consumidores; como também pelos motoristas e ciclistas, pois também a Rua não tem espaço suficiente para os estacionamentos e para a livre circulação dos meios de transportes.

Existe um projeto para o alargamento das calçadas que está em discussão na Acirc e na Secretaria de Planejamento, Desenvolvimento e Meio Ambiente (Sepladema), mas embora as opiniões possam divergir, todos concordam que é emergencial a tomada de providência para melhorar esta circulação, principalmente na Rua 3, onde se concentra o maior número de consumidores.

A Acirc atua diretamente em todo o comércio local e de forma mais sistemática no comércio do Centro, auxiliando na manutenção da centralidade deste lugar de compras. Exemplos concretos desse apoio da Acirc são as campanhas de Natal nas quais as ruas da cidade são decoradas com motivos festivos e sorteios de prêmios são promovidos com o intuito de atrair consumidores locais e da região.

O **Shopping Center Rio Claro** acompanha um modelo de varejo que tem alcançado êxito no Brasil e no mundo. Segundo a Associação Brasileira de Shopping Centers (Abrasce), o primeiro shopping inaugurado no Brasil, em 1966, foi o Iguatemi, em São Paulo. Desde então, o setor brasileiro de shopping centers apresenta um notável crescimento em termos de Área Bruta Locável (ABL), faturamento e empregos gerados.

Os shoppings, de modo geral, oferecem segurança e facilidade de compra, sempre atrelada à ideia de modernidade e progresso. Atualmente registra-se o aumento dos atrativos ligados também ao lazer.

O Shopping Center Rio Claro, inaugurado no dia 19 de outubro de 1995, localiza-se na Av. Visconde Francisco Matarazzo, no bairro Vila Paulista, nas proximidades do Centro da cidade.



Kátia Guidotti

O Shopping Center Rio Claro em sua construção deu um novo destino ao imóvel da antiga fábrica de tecido *Matarazzo*. No projeto foram mantidos dois prédios históricos, para manter a antiga linguagem das fábricas e também pelo vínculo histórico que possui com a cidade, preservando assim, a memória de um estabelecimento industrial que ainda vive no imaginário de muitos moradores.

Em 2011 o Shopping Center Rio Claro registra

um processo de revitalização que vem alterando significativamente a sua antiga planta e passa a contar com mais de 100 lojas.

Em Rio Claro, a escolha da área para a instalação do *shopping center* provocou o desenvolvimento de uma região da cidade que sofria um processo de inércia espacial. Pela sua posição geográfica central o shopping não sugere uma seleção do mercado consumidor, pois ao localizar-se próximo ao Centro torna-se acessível a toda a população rio-clareense. Trata-se de uma localização estratégica em relação ao mercado consumidor, que se apresenta de forma heterogênea. Com a implantação do Shopping Center Rio Claro houve mudanças significativas na valorização dos bairros próximos, na geração de emprego e renda para os moradores e no comportamento da cultura comercial varejista local.

A ausência de uma via expressa que corta a cidade de Rio Claro é um dificultador da acessibilidade ao *shopping*, pois gasta-se muito tempo ao cruzar a cidade, isso acaba por obstruir a conquista de potenciais consumidores das cidades próximas.

No site do shopping encontramos informações que atestam que “Ao longo desses anos, o Shopping Rio Claro adquiriu o respeito, a confiança e, principalmente, a fidelização dos seus consumidores. A cada semana, o centro de compras recebe, em média, 90 mil pessoas, um público eclético e democrático, que é atraído pela facilidade de acesso, variedade de lojas, amplo estacionamento (com 900 vagas), conforto e segurança.”



Kátia Guidotti

O **Boulevard dos Jardins** localizado na região de maior poder aquisitivo, ao lado dos bairros Cidade Jardim, Kennedy, Copacabana e Bairro do Estádio; e perto dos novos condomínios de alto padrão da cidade de Rio Claro, trouxe a partir do início do século XXI ao comércio de Rio Claro um diferencial positivo. Esse diferencial diz respeito a um novo conceito de empreendimento empregado no varejo brasileiro que é o “open mall”, que tem luz natural e lojas abertas para ruas e jardins.

O Boulevard dos Jardins converteu-se em um importante centro comercial de conveniência que reúne diversos produtos e serviços, ao todo contém 36 lojas. Esse tipo de forma comercial é sucesso no mundo todo e vem se multiplicando nas cidades médias do interior do estado de São Paulo.

Como em Rio Claro falta equipamentos de lazer para os jovens e adolescentes o Boulevard dos Jardins acaba exercendo, principalmente nos finais de semana, também a função de “espaço de lazer”, pois é uma área aberta que permite o encontro, a festa.



Acirc, 90 anos de história



Imagens: Acervo da autora



COMÉRCIO

O **Comércio da Av. 29** funciona como uma extensão do Boulevard dos Jardins, pois também agrega a função de área de lazer noturna e, especialmente, representa uma continuidade dada pela proximidade e coesão.

A ocupação da Av. 29 tem sido mutável no tempo, pois foi deixando ser ter um uso residencial para

se tornar comercial. Desse modo, a forma espacial tem sido bastante alterada, e o fluxo de pessoas e veículos tem aumentado exponencialmente no lugar. A maioria de seu comércio está ligada ao setor de alimentação, embora nos últimos anos tenha também se instalado na avenida, imobiliárias, lojas de móveis, escolas entre outras.



Imagens: Marcelo Zanelatto/Foto Brasil





Imagens: Marcelo Zanelatto/Foto Brasil





O **Comércio da Rua 14** foi se concentrando de maneira gradual, poucas construções foram adaptadas, pois os prédios já foram construídos visando um uso comercial de serviços. A Rua 14, como é denominada, na verdade em seu aspecto geral tem uma forma que equivale a uma ampla avenida com canteiro central. Trata-se de uma importante via arterial que corta a cidade de Rio Claro unindo diversos bairros. Nesse

sentido, é uma via de extremo movimento de veículos, motociclista, ciclista e pedestres.

Os estabelecimentos comerciais estão abrigados em prédios com grandes áreas de construções, geralmente em forma de “barracões”. Nos últimos anos o comércio da Rua 14 tem se diversificado bastante e também se ampliado para praticamente toda a sua extensão, marcando a paisagem local.



Imagens: Marcelo Zanellato/Foto Brasil



Imagens: Marcelo Zanellatto/Foto Brasil





O **Comércio da Av. Tancredo Neves** tem um papel de destaque no contexto do desenvolvimento urbano da cidade de Rio Claro, pois de forma veloz foi capaz de requalificar totalmente a área.

Este processo de revalorização foi desencadeado a partir da instalação do McDonald's. Desse modo, observa-se a importância do comércio na dinâmica de refuncionalização de áreas urbanas. A

partir do McDonald's novos estabelecimentos se instalaram e foram dando origem a uma nova centralidade na cidade de Rio Claro. Formaram então um círculo otimista para o capital imobiliário e acabaram atraindo novos investimentos para o local, proporcionando assim um novo tipo de desenvolvimento centrado no comércio e no consumo do espaço.

Nos primeiros anos do século XXI as dinâmicas



Imagens: Marcelo Zanelatto/Foto Brasil

socioespaciais da Av. Tancredo Neves e de toda a área de seu entorno passaram a demonstrar uma apropriação do espaço pelo capital, através da implantação da racionalidade da reprodução dos meios de produção, visando maior circulação, distribuição e consumo das mercadorias, tudo isso com o objetivo final de ampliação do lucro. (Carmo, 2005)

Observa-se que o comércio da Av. Tancredo Neves é focado em um comércio de passagem, que procura atender a demanda dos consumidores por meio de um sistema de serviços rápidos, isso é muito bem representado pelos *fast foods* de grandes marcas mundiais ligadas ao setor de alimentação tais como *McDonald's* e *Habib's*.

Outro diferencial da Av. Tancredo Neves é a Praça Dalva de Oliveira, que tem desde sua criação o papel de reunir aos domingos, um grande público para prestigiar bandas dos estilos de seresta e Música Popular Brasileira. O local é marcado como um valorizado ponto de encontro dos rio-clarenses, e com isso a avenida e a Praça se conjugam demonstrando a grande centrali-

dade ao lugar.

Por meio de entrevistas com os frequentadores da Praça, Carmo (2005) constata que, em sua maioria, são pessoas da terceira idade, que algumas vezes estão acompanhados pelos netos que utilizam a Praça para brincadeiras; casais com filhos pequenos, que se acomodam na grama, com os colegas, divertindo-se com as mais variadas brincadeiras; e casais que aproveitam a ocasião para passear com seu animal de estimação. Muitos são frequentadores da praça desde o início das atividades culturais e marcam presença no local todos os domingos formando um círculo de amizades.



O **Comércio da Av. M25** está localizado no Jardim Cervezão em Rio Claro que é um bairro tipicamente formado por migrantes e, portanto, tem características endógenas bastante homogêneas. De todas as áreas comerciais da cidade, é a que mais se aproxima de um formato de subcentro. Nas imediações da Av. M25 existe uma enorme variedade de tipos de comércio, serviços e outros equipamentos urbanos, chega a contar com agências bancárias, hospital, subprefeitura e unidade da Polícia Militar.

No que tange ao comércio, a sua maioria tem como característica principal a presença de lojas de propriedade dos moradores, pequenas lojas, popula-

res. Nos últimos anos, tem ocorrido a ampliação de muitas lojas, ou seja, pequenas lojas são reformadas e ampliadas, isso revela que o comércio local está atravessando um movimento ascendente no número de consumidores e com eles têm crescido as exigências.

Um outro aspecto que caracteriza o comércio local é que muitas lojas tem o uso conjugado, ou seja, o imóvel é adaptado para conjugar o uso residencial e comercial. O uso residencial geralmente ocupa o fundo ou o andar superior do imóvel e o comercial ocupa toda a fachada. Esse tipo de uso e ocupação dos imóveis dá origem a uma paisagem do consumo bastante densa e homogênea.

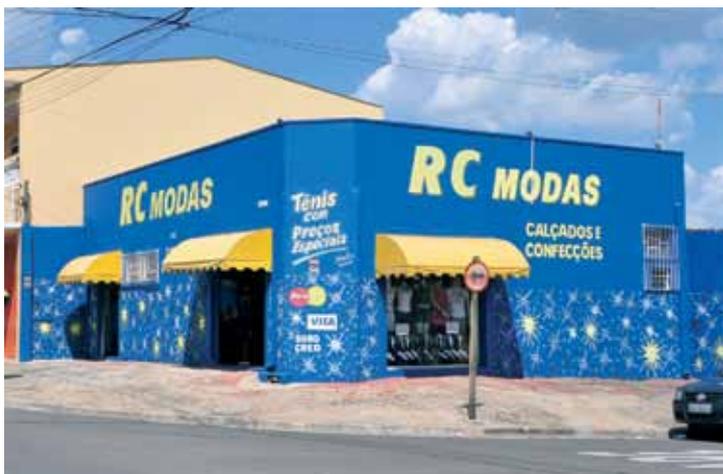


Imagens: Marcelo Zanellato/Foto Brasil



Imagens: Marcelo Zanelatto/Foto Brasil

Acirc, 90 anos de história



Imagens: Marcelo Zanelatto/Foto Brasil





**O Comércio da Rua José Felício Castelano** tem o perfil de um comércio de vizinhança. No local vem sendo formado um centro comercial que reúne produtos e serviços que encabeçam as listas de compras do dia a dia das famílias que residem nos bairros do entorno, tais como Arco Íris, São Miguel, Vila Cristina, Mãe Preta, Jardim América, entre outros. Esse comércio é, nos dias de hoje, uma necessidade para minimizar a circulação na cidade, pois no caminho de casa, consegue-se encontrar os produtos de primeira necessidade.

Nesse contexto, na referida Rua encontra-se um comércio diversificado que vai desde a padaria, farmácia, mini-mercado, bares, varejões de frutas e legumes, papelarias até lojas de materiais de construção e lojas de modas, entre outras. Recentemente foi inaugurado o Supermercado Lavapés o que trouxe um dinamismo ainda maior a este corredor comercial.

**O Comércio da Rua Jacutinga**, ainda denominado por muitos moradores como Estrada de Jacutinga pois no passado era uma das portas de entrada e saída do município de Rio Claro tem uma dinâmica bastante próxima a da Rua José Felício Castelano, ou seja, o comércio ali localizado traduz-se em lojas que visam atender as demandas mais imediatas dos moradores dos bairros circunvizinhos (BNH, Vila Olinda, Parque Universitário, entre outros) e também os consumidores de passagem. Esta Rua é uma importante via de acesso de bairros periféricos e populosos com o centro da cidade, desse modo, muitos ao passarem por ali acabam consumindo.

Outra característica dessa Rua comercial é o fato de aos domingos, as lojas se manterem abertas o que atrai moradores de outros bairros mais distantes. Ressalta-se ainda que no setor de alimentação a Rua oferece boas opções de preços e variedades de produtos.

## TENDÊNCIAS E DESAFIOS AO FUTURO DO COMÉRCIO

**A**o avaliar as novas estratégias locacionais do comércio observamos um movimento de valorização de novas áreas da cidade. Podemos dizer que temos assistido em Rio Claro no início do século XXI a um espraiamento dos estabelecimentos comerciais a partir do Centro para as áreas de expansão urbana e preferencialmente em vias de circulação de grande volume de veículos. Muitos comerciantes têm estabelecido unidades comerciais nessas diferentes áreas, fortalecendo assim a tendência da criação de subcentros de comércio.

As grandes empresas do setor produtivo e comercial sempre buscam as melhores oportunidades de realização da mercadoria e, ao criarem um círculo vicioso de consumo, podem gerar grandes impactos socioambientais. Entre eles podemos destacar: o saturamento das vias públicas de circulação nas cidades; a poluição da água e do solo; a poluição do ar pelo excesso de deslocamento, principalmente de veículos individuais; o uso indiscriminado dos recursos naturais; o excesso de resíduos gerados, entre outros.

Nesse contexto, além dessa tendência de ocupação de novas áreas urbanas pelo comércio, estamos vivenciando a partir do início do século XXI uma nova realidade que apresenta vários desafios para o varejo. Ou seja, o comércio varejista para conseguir manter seu desenvolvimento, terá que criar mecanismos de contribuir com a sustentabilidade ambiental do nosso planeta.

A questão ambiental a partir do início dos anos de 1990 desponta como uma problemática global sem precedentes na história e, nesse sentido, não só o mundo da produção, mas também o mundo do comércio e do consumo terão que incorporar novas preocupações em suas estratégias e ações.

Para o caso brasileiro, esse quadro aponta para a necessidade de um planejamento a curto, médio e lon-

go prazo que considere a realidade socioespacial em sua diversidade e, ao respeitar as diferenças nos níveis de consumo, busque alternativas viáveis para contribuir com uma mudança positiva em prol do resgate da cidadania em sua plenitude. Trata-se de mudar as atuais condutas, pois num mundo tão reduzido ao consumo desenfreado, ao individualismo e ao desrespeito pela natureza, deve-se fazer emergir o cidadão responsável, livre e solidário com os problemas sociais e ambientais.

Além da educação ambiental, os próprios varejistas são peças essenciais nesse processo de mudança de conduta, é claro que toda a cadeia produtiva deve ser sustentável, mas, o comércio, pela proximidade e identidade com o consumidor, é o canal mais indicado para acionar as maiores transformações nas relações de consumo.

Para todos esses desafios o varejo tem que ser extremamente resiliente, ou seja, ser flexível e se adaptar às mudanças que serão necessárias. A resiliência do varejo está baseada na capacidade dos diferentes tipos de comércio de se adaptarem às mudanças e às crises. A resiliência é notável quando os varejistas encaram e desafiam o equilíbrio do sistema desempenhando suas funções de forma sustentável.

Para melhorar as condições de sustentabilidade, a vitalidade do comércio deve ser mantida, estimulando o consumo de forma adequada, responsável e consciente. Será preciso desenvolver estratégias para atender às diferentes necessidades e desejos dos consumidores, garantir a diversidade de equipamentos e ambientes comerciais e, ao mesmo tempo, preservar os sistemas varejistas.

Será preciso ainda, manter a vitalidade das áreas de comércio tradicional, propiciar segurança do ambiente das comunidades e dos espaços públicos, criar e viabilizar novas formas de comércio, modernas e eficientes.

O varejo para ser bem sucedido nessas transformações precisa de um planejamento que contemple o Estado e o Mercado. Nessa dinâmica as políticas públicas e novos modelos de governança são também fundamentais. Enfim com um planejamento integrado é possível aumentar a resiliência do varejo e assim alcançar o desenvolvimento socioambiental de forma sustentável.

Desse modo, deve existir uma via dupla de transformações, uma em que o próprio consumidor, torna-se cidadão e passe a exigir sistematicamente ofertas de produtos sustentáveis, e outra em que é o próprio varejo, que ao tornar-se responsável, provoca um futuro de fato mais feliz, ou seja, com menos impactos negativos ao ambiente.

O setor varejista de Rio Claro deve ser tomado por esta necessidade de repensar suas estratégias, construindo agendas verdes, cartilhas de qualidade ambiental e de vida, plano de sustentabilidade, entre outras. Ao abarcarem questões socioambientais, algumas empresas comerciais podem acabar por conquistar grande parte dos consumidores, principalmente aqueles considerados mais conscientes.

Além de cuidar dos problemas ambientais, o comércio também é uma atividade que contribui para amenizar as questões sociais. A atividade comercial sempre representou uma possibilidade de renda para diferentes cidadãos. O comércio é um setor extremamente criativo e flexível.

Nesse contexto, Rio Claro vem alcançando, de

forma pioneira, se comparado a outros municípios, a introdução de formas diferenciadas de economia solidária. Esta é uma tendência que vem crescendo no Brasil devido à necessidade de criar mecanismos de sobrevivência para as pessoas que vivem à margem do dinamismo econômico.

Mas, o fortalecimento de uma economia solidária, não deve ficar assentado somente na produção, pois o grande gargalo da produção solidária é a dificuldade de distribuição das mercadorias produzidas. O objetivo final da produção é o consumo, sem ele, não há a realização da mercadoria e todo o sistema produtivo se esvazia de sentido.

Com o intuito de conciliar a produção artesanal e o comércio das mercadorias produzidas, de forma solidária, temos em Rio Claro um grande exemplo que já se tornou referência em nível regional e nacional que é o Consulado da Mulher, fundado no ano de 2002, localizado na Av. Visconde do Rio Claro, desenvolve ações, cursos e assessorias para mulheres empreendedoras. O Consulado da Mulher é mantido pela empresa Whirpool, no seu projeto de Responsabilidade Social.

Mediante todo o exposto nesta parte do livro que trata do comércio observamos que atualmente novas perspectivas se abrem para pensar o comércio urbano de Rio Claro, ou seja, ele deve continuar se modernizando, ganhar eficácia, ser sustentável e continuar representando um setor rico em criatividade e adaptações em relação a dinâmica imposta pela economia global.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

**A**o analisarmos o comércio na cidade de Rio Claro observamos que as mudanças ocorridas não se dão ao acaso, e muito menos de forma radical e imediata, pelo contrário, são alterações que vão ocorrendo no tempo e no espaço e provocam transformações que envolvem as experiências coletivas e individuais do consumo. Os conteúdos do tempo, o papel da técnica e a incorporação de diversas mercadorias no cotidiano também foram responsáveis por alterações essenciais na vida urbana.

Abordar a dinâmica do comércio e sua reprodução no tempo e no espaço foi importante para entender a essência da vida na cidade de Rio Claro em suas dimensões cultural, social, espacial e simbólica. Essas dimensões são os principais conteúdos do desenvolvimento comercial e, desse modo, a reflexão em torno das transformações nas relações de consumo contribuiu para o entendimento das principais estratégias utilizadas pelo comércio local.

O espaço urbano de Rio Claro, por sua complexidade genética e funcional, apresenta uma multiplicidade de padrões culturais, diferentes formas de sociabilidade e com isso diversos usos e apropriações do espaço; esses processos não se apresentam em sua totalidade nos lugares e, principalmente, não são visíveis de forma imediata. É preciso então estabelecer recortes empíricos para a análise do comércio através, por exemplo, da identificação de aspectos significativos que marcam as especificidades.

O papel do comércio passa a ser fundamental em todo o processo de consolidação das estruturas econômicas, e portanto, é muito importante compreender as articulações da produção, do comércio, da distribuição e do consumo nas escalas globais e locais para compreender o próprio desenvolvimento da cidade de Rio Claro.

Procurando demonstrar a importância do co-

mércio na cidade de Rio Claro, refletimos sobre as contradições que se escondem por detrás das imagens visíveis do mundo das mercadorias. A referida análise permitiu constatar que na rede do comércio varejista de Rio Claro destacam-se: o Centro tradicional que mantém uma centralidade capaz de atrair toda a população do município, e até mesmo de alguns municípios da região; o Shopping Center Rio Claro que é um objeto técnico central e com grande poder de atração; o Boulevard do Jardins que representa um centro de conveniência e conjuga funções de lazer, principalmente no período noturno; a Av. 29 que tem um desenvolvimento bastante recente, mas que vem ganhando densidade de comércio ligado a alimentação e também funciona como apoio ao lazer noturno; a Rua 14 que forma um corredor de comércio que nasceu especializado e hoje vem ganhando aspectos mais heterogêneo; a Av. Tancredo Neves especializada no comércio de alimentação, hotelaria e serviços; a Av. M25 e suas adjacências que agrega no Bairro Jardim Cervezão um comércio mais popular, mas com grande movimentação, representando também um elemento de sociabilidade dos moradores do bairro; a Rua José Felício Castelano na Zona Norte da cidade que tem nos anos mais recentes aumentado muito o número de unidade comerciais nos mais diferentes ramos. E o corredor comercial da Estrada de Jacutinga que com um comércio dinâmico atende a população da vizinhança.

Analisando as principais estratégias utilizadas ao longo do tempo e as possibilidades no desenvolvimento do comércio de Rio Claro observamos que as estruturas antigas e as novas se interagem. Assim as possibilidades de rompimento do homogêneo encontradas por alguns comerciantes podem representar um caminho de sobrevivência do comércio mais tradicional. Constatou-se ainda que a modernização do

comércio em Rio Claro não está implantada de forma hegemônica, pois não abarca a totalidade da produção espacial (formas e estruturas), encontramos em um mesmo espaço a existência de contradições e de conflitos de interesse e estratégias. A racionalidade global não se constitui sem resistência já que as relações locais reagem à lógica geral. E também existe a questão da diferenciação de classes, de hábitos, de necessidades, enfim, o cotidiano guarda especificidades, e o comércio se aproveita das diversidades para conquistar novos consumidores.

O comércio em geral e a venda a varejo em especial, constitui uma atividade essencialmente urbana, e exigente de centralidade. As relações entre a cidade e o comércio são dinâmicas e a cidade vai se tornando produto das decisões e das práticas de diversos atores, entre eles os comerciantes, os consumidores, os promotores imobiliários e os produtores/fabricantes. Por outro lado a própria cidade favorece ou restringe as condições para que as práticas desenvolvidas pelos diferentes agentes se realizem. Nesse sentido, o território em suas diversas escalas marca fortemente a atividade comercial, constituindo um importante elemento na leitura das características do tecido comercial e na compreensão das dinâmicas do varejo.

A cidade é o local onde as grandes mudanças são implantadas. Nesse sentido, a cidade de Rio Claro foi se adaptando de modo a respeitar a vontade política das lideranças locais e, muitas vezes, acabou alterando sua forma espacial, para dar maior condição para a plena realização do processo de produção e da reprodução do capital. Foram sendo criadas na cidade as condições de apoiar o desenvolvimento econômico em todos os seus momentos, da produção ao consumo final do produto. Assim passou a ocorrer à formação de aglomerações de empresas, instalação de grandes centros de compras, shopping centers, hipermercados, o que despertou o dinamismo econômico da cidade. A importância da Acirc nesse processo foi preponderante, pois esteve por 90 anos à frente na gestão do setor do comércio na cidade de Rio Claro, sempre apoiando e orientando o setor.

Para finalizar as reflexões podemos dizer que o comércio de Rio Claro se adapta e se transforma, e acaba atendendo a todas as classes sociais. O que revela essa capacidade de adaptação do comércio é a síntese dos componentes locais, das estratégias de venda, das formas e dos diferentes níveis de centralidades. Ao avaliar esses componentes em Rio Claro foi possível observar a concretização de uma dinâmica comercial bastante heterogênea e próspera.



**A Indústria e o Município  
de Rio Claro, das Origens  
à Atualidade: Uma Interpretação  
Geográfica de seus Elementos,  
Relações e Efeitos.**

Por: Silvia Selingardi-Sampaio



## INTRODUÇÃO

**E**m linguagem cotidiana, ou em estilo coloquial, este capítulo poderia ser aberto com a afirmação de que refletir e / ou escrever sobre a indústria de Rio Claro em sua evolução no tempo é, especialmente para as gerações mais antigas de sua população, um exercício de memórias e recordações, que surgem mescladas às próprias lembranças de vida das pessoas. Isso porque, ainda que se possa dizer que Rio Claro não possuía, até 1970, um grande parque fabril, cerca de três centenas de indústrias haviam se instalado no município, conferindo-lhe certas feições e especificidades que não passavam despercebidas de seus habitantes, pelo menos os mais atentos ou sensíveis.

Entre as fábricas, algumas de grandes dimensões sobressaíam, e eram elas que efetivamente colocavam Rio Claro no mapa industrial paulista e lhe outorgavam importância econômica. Para os rio-clarenses, as aludidas indústrias eram como símbolos locais, entidades que marcavam indelevelmente a paisagem dos lugares ou bairros em que estavam fixadas, que proporcionavam trabalho e sustento para milhares de habitantes e pareciam definitivamente incorporadas ao cotidiano local.

Sei que não falo apenas por mim: quem, entre os nascidos até 1960, não teve um parente, amigo ou vizinho empregado nas Oficinas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, na cervejaria Skol-Caracu, na fábrica da Matarazzo, depois Cianê, na também têxtil E. F. Saad, na Fábrica de Balas São João (atual Riclan), na indústria de bebidas Tatuzinho-Três Fazendas, na Quimani? Quem não teve, de formas variadas, sua vida regulada, ou apenas marcada, pelos apitos de algumas delas, como os da Skol-Caracu, que ecoavam por todo o centro urbano e bairros próximos, lembrando que era hora de acordar, de almoçar, de encerrar o expediente, de voltar para casa? Quem nunca presenciou uma saída de fábrica da Matarazzo / Cianê, com

centenas de operários-ciclistas deixando o trabalho? Quem podia se referir a Rio Claro sem lembrar sua condição de centro ferroviário, de “capital da cerveja” ou “terra da Caracu”? Como um detalhe importantíssimo, destaque-se que todas as unidades acima citadas haviam resultado de investimentos de origem externa ao município (com exceção da Três Fazendas) mas, gradativamente, foram se incorporando à vida local e se tornaram como que “frutos da terra”.

Algumas dessas indústrias permanecem até a atualidade, foram expandidas e/ou reestruturadas, como a Riclan (antiga Balas São João) ou a Tatuzinho-Três Fazendas. Outros importantes ícones fabris rio-clarenses se extinguíram, contudo, por obsolescência tecnológica, de produtos e de processos; localização tornada inadequada pelo decorrer do tempo; gestão ineficiente, ou seja, incapacidade gerencial e / ou financeira de se adaptar a tempos de mudanças generalizadas, de promover reestruturações produtivas e organizacionais, ou mesmo reconversões radicais na produção; ou ainda falta de apoio dos poderes públicos, como insistem alguns empresários, etc. Nesse contexto, a cidade sofreu duros reveses econômicos no início dos anos 1990, com o fechamento da Cianê e da Skol (além da Gurgel Motores S/A que, também “de fora”, chegara mais tarde, mas já era outro ícone local), e com a lenta, mas inexorável, desativação das oficinas da antiga Cia. Paulista, depois Fepasa e A.L.L. (América Latina Logística), eventos que precipitaram uma fase de alto desemprego e de muito saudosismo, de parte da população, em relação a décadas anteriores.

As edificações das indústrias extintas, no entanto, permanecem na paisagem urbana e rural, seja sob a forma de construções refuncionalizadas (como as da Cianê que, reformadas, deram origem ao Shopping Rio Claro, ou, em parte, as da Skol), seja como prédios deteriorados ou parcialmente em escombros, configurando brown-

fields em meio ao tecido urbano (como os das antigas oficinas da Cia. Paulista) ou restos de construções, mais ou menos encobertas pela vegetação, em áreas periurbanas ou rurais (edificações do antigo Matadouro Municipal, fornos de cal do distrito de Assistência). De uma forma ou de outra, constituem permanências, mantêm-se como testemunhos concretos de ações, técnicas e tempos passados e, exatamente por isso, lhes concedem sobrevida no presente.

Paralelamente às atividades, ao sucesso e / ou aos percalços das grandes fábricas, Rio Claro ainda se distinguia pelas indústrias menores, que podiam não ter maior projeção externa, mas marcavam igualmente a vida local e proviam emprego a muitas famílias. Com algumas dezenas de operários, ou apenas alguns em cada unidade, tais indústrias podiam ser contadas às centenas, e distribuíam-se pelo centro e bairros adjacentes, interpostas às áreas residenciais, em uma vizinhança que podia ser tanto providencial (no caso de se trabalhar próximo à própria residência) quanto incômoda (como se poderá um dia saber quantos rio-clarenses tiveram infância, juventude ou velhice cadenciadas pelo barulho ritmado de máquinas ou pelo som estridente de furadeiras, prensas e que tais?). Aparentemente sem planos de expansão, mas firmes em suas atividades, elas se incorporavam ainda adequadamente ao contexto econômico local e a um Brasil que, a partir dos anos 1950, deslanchava rumo à industrialização não mais “restringida”, com a implantação da indústria de bens de capital. Enquadradas nesse tipo genérico, sejam lembradas as oficinas metal-mecânicas de Bruno Meyer, de Leopoldo Meyer e a da família Leonardo (Lelé); as indústrias mecânicas Fischer, São Judas Tadeu (CAF) e Mercla, produtora de auto-peças; as tipografias Conrado, Brasil, Costa e Beltrati; as fábricas de bebidas D’Abronzo e Casonatto e a cervejaria Mãe Preta; as fábricas de calçados Gury, Codo, Leivy e Timoni; da mesma família, a selaria Timoni; as unidades têxteis Jasp e Maristela; a química Quarex; a unidade da Laticínios Rio Claro (chamada de “leiteria” pela população); a Cerâmica Ferreira, ou

o “poteiro”, entre muitas outras.

Os capitais nelas investidos eram locais, em grande maioria, e os exemplos de iniciativas lideradas por antigos imigrantes estrangeiros e seus descendentes, em especial italianos e alemães, eram abundantes. Assim como as grandes fábricas, muitas dessas médias e pequenas indústrias desapareceram, principalmente após 1970, enquanto outras poucas sobreviveram e até se expandiram, geralmente reestruturadas e em novas localizações (como a CAF e a MGM–Meyer Giometti, agora TC Caldeiraria).

Muito provavelmente, este pequeno exercício rememorativo até aqui desenvolvido serviu para trazer à lembrança de muitos rio-clarenses eventos e empresas que fizeram parte da evolução econômica do município e que, com graus diversos de intensidade e proximidade, podem ter afetado suas vidas, de alguma forma.

O que se pretende no presente esforço, contudo, é muito mais do que um texto evocativo, em forma coloquial. Na essência dos propósitos aqui perseguidos estão o resgate e a análise, com linguagem e método científicos, do processo histórico de industrialização em Rio Claro e das múltiplas relações que a atividade industrial desenvolveu e mantém com o espaço e a sociedade locais. Tais relações são multiformes; bastante antigas, pois estabelecidas desde a segunda metade do século XIX, e muito ricas em significados e efeitos no processo local de desenvolvimento socioeconômico. Paradoxalmente, entretanto, há, sobre esta temática, muitas informações esparsas e poucos estudos específicos, elaborados de forma sistemática e com fundamentos científicos, e foi nesse contexto bibliográfico e documental de rarefação e dispersão que aceitei o desafio de contribuir para um melhor entendimento da evolução industrial rio-clarense, tarefa que se mostrava necessária, entre outras investigações igualmente importantes, e a qual este livro, de louvável iniciativa, tem o propósito de vir a desempenhá-la.

Algumas considerações de cunho teórico e metodológico são indispensáveis. Em tal direção, um primeiro passo é afirmar que duas categorias de

análise fundamentais à Geografia, implícitas no título deste capítulo, embasam a presente explanação. Uma primeira é o espaço, considerado tanto de forma genérica, desde que o geógrafo tem que privilegiar a dimensão espacial da realidade, quanto específica, sendo que o recorte territorial aqui adotado circunscreve o município de Rio Claro, em especial a cidade média que lhe serve de sede. Nesta localidade ou lugar, a atividade industrial tem se desenvolvido, ao longo do tempo, definindo alguns padrões históricos de estrutura e dinamismo; estabelecendo relações de emprego e trabalho (entre outras) com sua população; contribuindo muito significativamente para o processo local de desenvolvimento econômico e se integrando à paisagem, em especial a urbana, por meio de suas edificações, funções e fluxos. É segundo tal lógica que se pode reafirmar que no cerne dos procedimentos metodológico-explanatórios desenvolvidos neste texto encontram-se a análise e a interpretação das principais relações estabelecidas entre a indústria e o espaço rio-clarense, à luz da dimensão temporal; nesse contexto, um dos instrumentos analíticos escolhidos é a periodização do processo de desenvolvimento industrial, com a correlata identificação das feições essenciais de cada período ou fase.

Aspecto fundamental a ser acrescentado é que, ao longo do tempo, espaços, atividades econômicas e populações estão sempre em movimento. Como bem afirmou o geógrafo M. Santos (1978, p. 207), “[...] o valor relativo de cada lugar está sempre mudando no correr da história”, porque mudam as ações, os atores, os contextos espaciais e temporais de inserção, e essas dinâmicas parecem ter se tornado, de 1970 até hoje, cada vez mais rápidas e aceleradas. O tempo presente e os tempos passados, materializados em objetos e técnicas pelas correspondentes ações humanas, aparecem, portanto, mesclados no território (ou lugar), o qual, sempre em movimento, está continuamente se fazendo e se refazendo.

Igualmente, o dinamismo acelerado da evolução da atividade industrial, foco deste estudo, é sua

feição dominante. A partir dos anos 1960, profundas e intensas transformações atingiram a indústria em escala mundial, estabelecendo um novo paradigma tecnológico-produtivo-organizacional e configurando a Terceira Revolução Industrial. Possibilitada pelo enorme avanço correlato da microeletrônica, da informática e das telecomunicações (as quais propiciaram a Revolução da Tecnologia de Informação), a indústria introduziu novas tecnologias de automação nas linhas de produção, as quais aumentaram a produtividade e aceleraram o ritmo de inovação dos produtos e o tempo de giro dos capitais, ao mesmo tempo em que novos métodos gerenciais e de organização da produção, caracterizados pela busca de flexibilidade operacional em tais áreas, eram adotados (STORPER; SCOTT, 1989). Toda essa reestruturação produtiva flexível, contraposta aos anteriores e rígidos métodos produtivo-organizacionais fordistas, veio reforçar o processo de globalização econômica ativado após a Segunda Guerra Mundial, ao estender redes e cadeias produtivas à escala mundial (CASTELLS, 1999).

Por tais transformações (além de muitas outras, concomitantes, de naturezas diversas à industrial), ao se estudar hoje qualquer lugar, como Rio Claro no presente caso, é preciso ter atenção para o fato de que nele se superpõem, muitas vezes em conflito, uma ordem local, que tem fundamentos no cotidiano e valoriza a co-presença, a cooperação, a proximidade, a confiança, o sentimento de pertencimento ao lugar, etc., e uma ordem global, que busca impor aos mais diferentes lugares uma mesma racionalidade (social, econômica, política, etc.), propalada pelos grandes atores decisores globais e formadores de opinião, a saber, os governos de países poderosos, as grandes corporações multinacionais, as organizações supranacionais, os grandes veículos de comunicações, etc. Reconhecido este embate local x global, cabe ainda ao pesquisador considerar as demais escalas que se interpõem entre esses dois extremos, tais como as regionais, nacionais, supra-nacionais e continentais, e procurar definir as articulações, ou a trama de relações

socioeconômicas que a localidade em estudo configura no espaço, porque, sem elas, o lugar e a região não têm existência própria. Dito de outra forma, as partes (lugar, região) não podem ser isoladas ou consideradas de forma desintegrada de sua totalidade, que é a Terra, ou o mundo.

O lugar Rio Claro é, para os rio-clarenses como eu, o espaço vivido, o local onde se constrói a vida, ou partes muito expressivas dela, para o qual são criados muitos significados e sentidos e com o qual se estabelece identidade. Em palavras mais abrangentes: “O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o local da vida”. (CARLOS, 1996, p. 29). A autora afirma ainda que o sujeito pertence ao lugar e este a ele, desde que a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida.

Vale lembrar, também, que cada lugar é o resultado, no presente, da combinação de ações desempenhadas ao longo do tempo pela sociedade, pelos governos, pelos empresários, enfim, pelos diferentes atores so-

ciais envolvidos, sejam internos ou externos ao local. Como cada lugar tem algumas feições próprias, ou especificidades, pode-se afirmar que elas influenciam o desenrolar de alguns processos socioeconômicos que, por sua vez, em si encerram certas semelhanças, ou princípios genéricos: dessa atuação articulada de especificidades e generalidades resultará sempre uma combinação singular, ou seja, cada lugar é único. Materializando tal consideração, exemplifique-se com Rio Claro que, embora possa apresentar algumas semelhanças genéricas com outras cidades próximas, como Limeira, Piracicaba, São Carlos, etc., em seus processos de desenvolvimento socioeconômico e de industrialização (entre outros), nestes também imprime sua “marca”, certa peculiaridade que se revela em alguns traços específicos, ou características próprias, as quais aqui se busca identificar e enfatizar.

Justificada e fundamentada a presente proposição, resta esperar que esta iniciativa e o correlato esforço de resgate e conhecimento da evolução no tempo e da situação atual da indústria em Rio Claro possam representar um passo firme e consciente em direção ao preenchimento dessa lacuna existente nos registros e análises do desenvolvimento social e econômico local.

## OS FATORES DE ATRAÇÃO INDUSTRIAL: A LOCALIZAÇÃO DE RIO CLARO E SUAS ARTICULAÇÕES ESPACIAIS

Com um considerável contingente populacional (186.253 hab. em 2010, de acordo com o Censo Demográfico do IBGE), o município de Rio Claro tem como sede um centro urbano que pode ser considerado uma cidade média, não apenas por tal expressão populacional, mas por apresentar alguns elementos que têm sido apontados, por geógrafos e outros estudiosos do tema, como essenciais na construção de um quadro teórico sobre as cidades médias (CORREA, 2007, p. 29-30). São eles: a) a existência de uma elite empreendedora, com raízes históricas na propriedade fundiária rural, no pequeno comércio e na pequena indústria, iniciativas que prosperaram, permitindo a acumulação capitalista para novos investimentos no município, e relativa autonomia econômica e política; b) a boa localização relativa junto a importantes vias de transporte (a seguir detalhada), o que dela faz um ponto nodal de circulação e tráfego; c) em parte como efeito da existência, no local, desses dois primeiros elementos, a criação de uma rede bem desenvolvida de interações espaciais, as quais se mostram complexas (incluindo não apenas o setor industrial), multidirecionais e marcadas pela multiescalaridade (por exemplo, as empresas industriais, comerciais e de outros serviços de Rio Claro estabelecem ligações técnico-econômicas de compra, venda, terceirização, cooperação, parceria, etc. com empresas, instituições e pessoas em todo o Estado de São Paulo, no Brasil e no mundo). Todos esses elementos, com interações mútuas, podem ser reconhecidos como indicativos da condição de cidade média.

Com tais características, e em parte como causa e efeito delas (além de outras causas de origem externa), Rio Claro tem apresentado, historicamente, alguns fatores (ou condições) favoráveis à industrialização e ao posterior bom desempenho operacional das indústrias. Um deles, talvez o mais importante, é exatamente a boa posição geográfica relativa, não apenas quando se toma

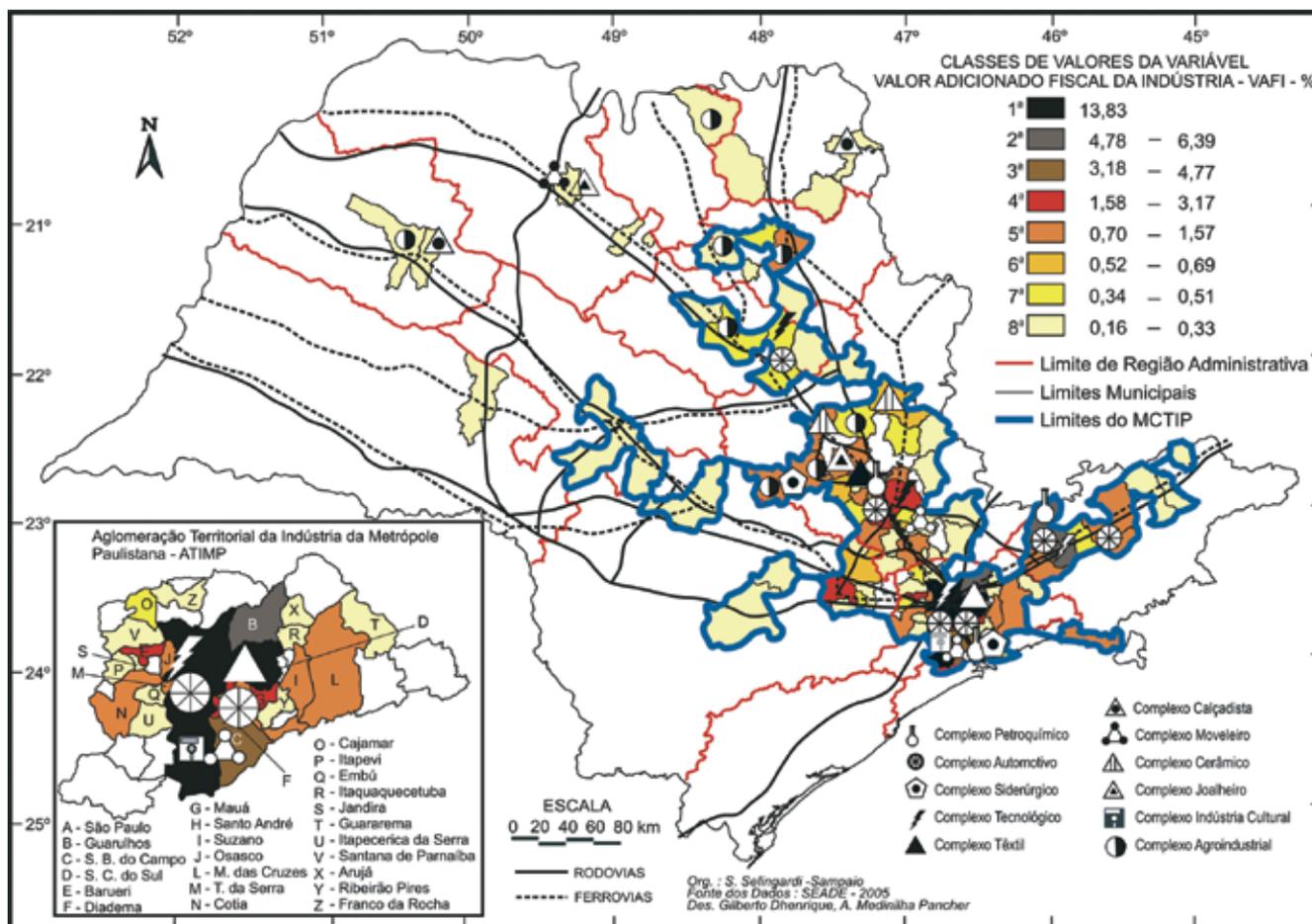
por base o espaço paulista mais desenvolvido e industrializado, mas também quando a relação é estabelecida com o Brasil e o mundo. Nessa condição genérica “boa posição geográfica” podem ser incluídas, ainda, a relativa proximidade da metrópole paulistana (170 km.) e a localização junto a vias troncais de circulação rodo-ferroviária (rodovia Washington Luís, a 15 km. de sua junção com a rodovia Anhanguera e com a rodovia Bandeirantes, eixo esse, Anhanguera-Bandeirantes, que é o principal vetor do desenvolvimento em direção ao interior paulista, e permite a ligação deste com a capital e a Baixada Santista; linha ferroviária da América Latina Logística, que se estende de São Paulo à divisa com Mato Grosso do Sul, passando por Araraquara e Rio Preto). Igualmente, a relativa proximidade do Aeroporto Internacional de Viracopos (aproximadamente 80 km.) pode ser considerada uma vantagem logística, a qual permite ligações mais rápidas com os demais estados brasileiros e com o mundo.

Como decorrência parcial desse quadro positivo de atributos locais, Rio Claro pôde aumentar a capacidade técnica e a fluidez de seu território quando, a partir de 1990, as redes dos meios digitais de comunicação, com cabeamento de fibras ópticas, começaram a avançar sobre as áreas interioranas mais desenvolvidas, sendo instaladas exatamente ao longo dos eixos rodoviários mais importantes já implantados, como é o caso daqueles que atravessam ou contornam o município rio-clarense. Pode-se afirmar, portanto, que a boa localização geográfica relativa de Rio Claro, aliada a condições previamente estabelecidas, e bastante positivas, de desenvolvimento socioeconômico, urbano e de vias de transporte, favoreceram amplamente o acesso do município e dos rio-clarenses às novas tecnologias comunicacionais, indispensáveis ao bom funcionamento da economia globalizada desde fins do século XX.

Em relação às áreas industriais do estado pau-

lista, em geral, e ao contexto regional industrial de inserção, de modo específico, a localização de Rio Claro continua sendo excelente, desde que se insere na maior e mais importante aglomeração espacial da indústria existente em São Paulo, a sudeste, leste e centro-leste do estado. Delimitando e interpretando tal aglomeração, nela reconheci um extenso e múltiplo complexo territorial da indústria (SELINGARDI-SAMPAIO, 2009), uma entidade territorial fundada em um consistente e bem organizado arcabouço metropolitano e urbano, e em meio ao qual se aglomeram vários tipos de complexos territoriais industriais (automotivos, aeronáutico, de alta tecnologia, siderúrgicos, petroquímicos, têxteis, cerâmicos, etc.), ou seja, complexos setoriais ou intersetoriais integrados por empresas produtivamente vinculadas; um extenso complexo

territorial industrial metropolitano; inúmeros complexos territoriais agroindustriais (sucroalcooleiros, de frutas cítricas, leiteiros, etc.), além de outros tipos. Nessa mesma área, ainda se distribui, tanto de forma concentrada quanto difusa, grande número de indústrias com produções isoladas diversas, sem vínculos técnico-produtivos com outras. Por todas essas características (e muitas mais, que não cabe aqui rastrear), denominei esta grande aglomeração da indústria no Estado de São Paulo, com longa e rica construção social e histórica, de Multicomplexo Territorial Industrial (Metropolitano/Urbano) Paulista. É, pois, nessa área, de cuja estruturação socioeconômica participou, com relativo destaque, que Rio Claro se localiza e desenvolve parte expressiva de suas interações e conexões espaciais.



Como antes afirmado, no Multicomplexo Industrial Paulista situam-se os municípios mais industrializados do estado, como São Paulo, Paulínia, São José dos Campos, Guarulhos, São Bernardo do Campo, Cubatão, Campinas, etc. (essa ordem decrescente foi estabelecida de acordo com os dados do VAFI- Valor Adicionado Fiscal da Indústria (Produto e Renda), do SEADE, para o ano de 2005). Segundo a mesma variável e fonte, no ano citado, Rio Claro figurava em 30º lugar entre os 645 municípios paulistas, o que lhe conferia, certamente, uma posição honrosa na hierarquia industrial paulista (em 1996, havia ocupado o 29º lugar e, em 2000, o 31º). Tal posto, entretanto, tem apresentado variações mais significativas, se for considerado um período temporal mais longo: assim, em 1950, segundo o VPI- Valor da Produção Industrial, do IBGE, Rio Claro ocupava o 21º lugar na lista dos mais industrializados; em 1960, a mesma variável apontava que havia caído para a 28ª posição, assim como em 1970 e 1980, quando se colocou no ranking industrial paulista em 47º e 43º lugares, respectivamente.

O que pretendo argumentar com base nesses dados é que, sem dúvida, Rio Claro auferiu algumas vantagens econômicas comparativas com sua localização geográfica no ambiente urbano/metropolitano/industrial do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista, principalmente em relação a municípios que estão fora dele. Contudo, essa situação, acrescida às demais condições favoráveis anteriormente enumeradas, não são (e não foram) suficientes para alçá-lo a uma posição mais elevada no conjunto estadual e regional, como, por exemplo, incluí-lo entre os 20 municípios paulistas mais industrializados, e isso por razões que serão melhor apontadas ao longo do trabalho. Um argumento óbvio, porém, pode ser antecipado: as vantagens de localização no Multicomplexo não são exclusivas de Rio Claro, caracterizam também muitos outros municípios na área, sendo que alguns são influenciados, ainda, por outras forças atuantes, certamente mais potentes no dinamismo da industrialização, conjugação que lhes tem garantido postos

mais elevados na hierarquia industrial paulista e os mantém tradicionalmente à frente do município rio-clarense. Como exemplos, sejam lembrados alguns das Regiões Metropolitanas de São Paulo e da Baixada Santista (São Paulo, Guarulhos, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Barueri, Diadema, Mauá, Cubatão, etc.); da Região Administrativa de São José dos Campos, região metropolitana em implantação (São José, Taubaté, Jacareí, Pindamonhangaba); e, muito mais próximos a Rio Claro, os da Região Administrativa de Campinas, tais como Paulínia, Campinas, Jundiá, Jaguariúna, Piracicaba, Sumaré, Limeira e Americana. Em outras palavras: Rio Claro tem posição secundária no conjunto dos municípios mais industrializados do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista exatamente por competir com aqueles mais industrializados e de maior crescimento industrial de todo o estado, os quais, justamente por isso, fazem do Multicomplexo a maior aglomeração territorial da indústria no Estado de São Paulo e no Brasil.

De qualquer modo, todas essas considerações não invalidam a afirmação de que Rio Claro tem uma posição geográfica privilegiada, pois o simples fato de ter como ambiente para recepção e implantação de indústrias esse meio regional tão desenvolvido - desde que, como se sabe, a expansão industrial geralmente leva à ampliação de outros setores econômicos, como o terciário e o quaternário - já constitui uma vantagem comparativa do município, que leva o pesquisador a pensar que, muito provavelmente, tal lugar deva se beneficiar de economias de aglomeração vinculadas a sua localização.

A suposição enunciada é baseada na seguinte explicação: a proximidade entre cidades populosas e bem equipadas, bem articuladas entre si por uma excelente infraestrutura de transportes e de comunicações, com inúmeras universidades e centros de Pesquisa e Desenvolvimento, boa infraestrutura de inúmeros outros serviços e ainda com um parque industrial bastante diversificado e avançado resulta, com o decorrer do tempo, em conjuntos urbano-industriais

que passam a funcionar como um grande e integrado “campo aglomerativo” (AZZONI, 1985), no qual algumas vantagens surgidas justamente em função da aludida aglomeração ativam sinergias e favorecem as empresas nele localizadas, ao mesmo tempo em que também passam a atuar como fator de atração para novos investimentos. Assim, a proximidade espacial entre Rio Claro e centros industriais tão importantes como Campinas e os demais de sua RA, anteriormente citados, sugere que pode haver, nessa área, uma maior capacidade (ou potencial) de difusão de inovação, conhecimento e tecnologia; mais facilidades para o contato face a face entre empresários e outros decididores sociais; mais oportunidades para o estabelecimento de vínculos produtivos e de serviços entre empresas (terceirizações, subcontratações, parcerias e outras formas de acordos estratégicos), etc., fatores que podem dinamizar a atração de novos investimentos e contribuir para a criação de um “clima industrial” regional, efeitos que, por sua vez, poderão vir a intensificar a dinâmica de crescimento do equipamento urbano de serviços e da própria cidade, entre outras feições.

Pesquisas diretas realizadas por mim e por meus orientandos têm esclarecido alguns aspectos muito importantes sobre os fatores intervenientes na industrialização de Rio Claro. Em uma delas, revelou-se que, entre 1969 e 1985, na fase historicamente mais dinâmica do referido processo, 19 estabelecimentos de dimensões grandes e médias foram ali instalados, por ação de empresas externas ao município. Nas entrevistas feitas, 50,00% delas indicaram como principal fator para a escolha desse lugar sua posição geográfica relativa (entendida genericamente como “localização no centro do estado”, “próxima a São Paulo”, “junto a importantes vias de transporte”), enquanto mais 12,50% das citadas unidades apontaram de forma específica a localização do município em uma região industrial, o que, em uma somatória de respostas, significa que 62,50% das indústrias adventícias privilegiaram, em suas decisões locais, a situação geográfica relativa de Rio Claro (SELINGARDI-SAMPAIO, 1987). Outro fator indicado

como o mais importante para as decisões das indústrias que ali chegavam foram os incentivos da Prefeitura Municipal relativos à instalação do Distrito Industrial (12,50%), enquanto a existência desse distrito, significando disponibilidade de terrenos, a boa qualidade de vida no município e a oferta em potencial de mão de obra barata e abundante foram elementos atrativos menos apontados. Como fatores secundários, ou coadjuvantes, apareciam arrolados a existência de mão de obra especializada, a boa infraestrutura pública, energética e de serviços e até um fator subjetivo e intangível, a “simpatia pela cidade”.

Em trabalhos posteriores (SELINGARDI-SAMPAIO; CRUZ, 1992; OLIVEIRA, 2000; REIS, 2004), tendo como alvo algumas grandes empresas de capitais externos que se instalaram no local após 1985 (Brascabos, Multibrás-Lavadoras, atual Whirlpool S/A, Agrocerec, Gates, Torque), os mesmos fatores de atração acima citados foram enfatizados, e novamente a posição geográfica do município foi, de longe, o aspecto mais lembrado como tendo sido ponto decisivo nas análises prévias das empresas. Também foram ressaltados os incentivos da Prefeitura Municipal, desde que a Multibrás-Lavadoras recebeu gratuitamente serviços de terraplenagem e de infraestrutura urbana (1988), a Metalfer teve isenção de impostos (1987) e a Torque (atual DNP Indústria de Navegação Ltda) foi beneficiada por doação pública de terreno, em 1995. Como fator novo, duas indústrias oriundas de São Bernardo do Campo destacaram o fato de Rio Claro ter um ambiente operário calmo, com ausência de pressões sindicais mais exacerbadas, ao contrário de seu local de origem.

A propósito dos incentivos do poder público, ressalte-se que as pesquisas mostraram que é possível reconhecer, ao longo do tempo, algumas formas de atuação do governo local dirigidas ao setor industrial, por meio de ações de cunho orientador, normativo e planejador. Tal política variou, entretanto, de acordo com a sucessão de diferentes prefeitos e, olhada em conjunto, de uma perspectiva temporal, revela-se descontínua,

intermitente, ao intercalar momentos de grande oferta de incentivos e estímulos, como por ocasião da criação do Distrito Industrial (anos 1970), com outros bem menos ou nada ativos. Tal situação se estendeu até 1993, quando, na gestão do prefeito Nevoeiro Jr., foi instituído o PRODERC - Programa de Desenvolvimento de Rio Claro, que estabeleceu uma série de benefícios fiscais, como isenções de taxas e impostos, para indústrias que queiram se instalar no município ou que, já implantadas localmente, desejem ampliar suas plantas e suas atividades. Essa prática de política industrial tem se revelado relativamente satisfatória, e é mantida até a atualidade (2012) por outros prefeitos, sem interrupções.

Já para as indústrias, de diversos tamanhos, surgidas endogenamente, de capitais locais, o principal motivo da fábrica se localizar em Rio Claro é o fato do empresário ser natural da cidade, o que é considerado, pelas teorias locacionais da indústria, como um “acidente histórico” (HURST, 1972), determinado não por alguma motivação de cunho econômico, mas sim por circunstâncias de ordem pessoal.

Quanto à trama de articulações que a indústria de Rio Claro configura no espaço geográfico, pode-se afirmar que fábricas de portes variados, em especial as grandes e médias, estruturam uma rede de relações econômicas no próprio município, além de outras com a própria região, com o país e com o mundo, por meio de:

a) exportação de produtos finais.

Para citar apenas algumas empresas, lembre-se que a Whirlpool S/A (lavadoras e fogões), a Owens Corning Fiberglass A. S. Ltda. (fibra de vidro para múltiplos usos), a Brascabos Componentes Elétricos e Eletrônicos Ltda. (chicotes elétricos), a Tigre S. A. Tubos e Conexões (materiais plásticos de PVC) e a Riclan S/A (balas, chicletes e caramelos) exportam para todo o Brasil e para países como China, Israel, EUA, vários da União Européia, países do Mercosul, outros da América Latina, da África, etc.;

b) relações de produção (ou linkages produtivos ou materiais).

Elas se estabelecem entre uma fábrica e seus fornecedores: 1) de matérias-primas, processadas e em bruto; 2) de peças componentes e partes produzidas de seu produto final; 3) de certos processos ou serviços industriais específicos, como galvanização, solda, tornearia, costura, etc.; 4) de máquinas e equipamentos que permitem sua produção. Tais ligações são efetuadas, em grande parte, por meio de arranjos variados de terceirização (ou subcontratação), estratégia produtiva que existe, pelo menos, desde os fins do século XIX, mas foi revitalizada e muito difundida pela reestruturação produtiva flexível dos anos 1980 e 1990. Muitas indústrias de Rio Claro adotam tais arranjos, como contratantes e como contratadas, tanto com outros estabelecimentos locais e trabalhadores a domicílio (configurando redes produtivas intra-municipais e intra-urbanas) como com indústrias localizadas em outras cidades e estados, estruturando redes de produção espacialmente muito mais abrangentes. Fato importante a se destacar é que os aludidos arranjos podem ser permanentes ou ocasionais, assim como podem representar uma estratégia consciente de desintegração vertical da produção ou uma terceirização de tipo concorrencial, a saber, feita somente em períodos de demanda ampliada.

As indústrias contratantes e contratadas inseridas nas referidas redes produtivas podem manter relações mais ou menos estáveis entre si, as quais podem durar muitos anos ou apenas breves períodos de tempo; nesse contexto, o quadro de linkages produtivos existentes em um lugar e a partir dele pode ser bastante mutável, ou dinâmico, no que se refere aos nomes das empresas envolvidas e deve, portanto, ser apresentado devidamente datado.

Alguns exemplos constatados em Rio Claro podem ser ilustrativos das considerações acima feitas.

- Nos anos 1980, foi detectado em pesquisa que a unidade da Owens Corning Fiberglass, produtora de fibra de vidro, matéria-prima utilizada na fabricação de 38.000 diferentes produtos industriais, era a fornecedora de tal insumo para outras indústrias locais, como a Gurgel Motores, a Tubos e Conexões Tigre, a Sulplast, a

Ancel e muitas outras menores, tendo as duas primeiras citadas identificado essas ligações de matéria-prima com a Owens Corning como um dos fatores locais que determinaram sua implantação em Rio Claro (SELINGARDI-SAMPAIO, 1987, p. 41).

- Analisando especificamente a indústria de confecções local, Pinheiro (1993) constatou que a rede de relações produtivas das maiores indústrias com aquelas menores e com o trabalho a domicílio era bastante ramificada no próprio município, e que muitas das confecções locais então existentes (Fac-Prá, Benvides, empresa I. C. Schlittler, Godoy Confecções, Bira Confecções, Fafer, Free Stars, entre muitas outras) mantinham vínculos de produção, como contratantes e como contratadas, com indústrias congêneres do Estado do Paraná, de cidades paulistas como Ibitinga, Santos, Americana, Matão, Sumaré e Araras e, de forma dominante, tanto pelo número de relações estabelecidas quanto pelo seu volume, com empresas sediadas na capital São Paulo, quase todas detentoras de marcas famosas de jeans como Benetton, Vitasay, Gledson, Staroup, Zoppa, Sultan etc.

- Investigando as relações de trabalho e de produção nas indústrias de Rio Claro no início do século XXI, Reis (2004, p. 97-100) verificou que a Riclan era empreitada pela Nestlé e Elma Chips para fabricação de produtos da linha candies; a mecânica CAF mandava fundir e moldar peças em Marília (SP) e

em Florianópolis (SC), ao mesmo tempo em que era subcontratada por indústrias localizadas em Tupã (SP), São Paulo e Petrópolis (RJ); de forma ocasional, a indústria mecânica Weiler- C. Holzberger ampliava sua produção de equipamentos para indústrias de pré-moldados para atender a demanda ampliada da Weiler, empresa localizada em Bengen, na Alemanha; empresas gráficas de Rio Claro subcontratavam serviços de cortar, furar, grampear e envernizar papéis a outras de Limeira; a Inoplast Fibras tinha produção própria de piscinas em fibra de vidro e ainda as fabricava por subcontratação para uma empresa de Campinas; algumas indústrias de confecções produziam apenas por empreitada para griffes de São Paulo, como Zoomp, Sultan, Ópera Rock, enquanto outras terceirizavam tarefas para congêneres de Ajapi, etc. (REIS, 2004, p. 97, 98, 100).

Espera-se que os exemplos aqui especificados tenham fornecido ao leitor uma ideia relativamente coerente e aproximada das tramas (ou redes) de múltiplas articulações e interações econômicas que a indústria implantada em Rio Claro organiza, ou entretece, no espaço geográfico. Como antes afirmado, tais relações têm caráter multidirecional e ainda se distinguem, sobremaneira, pela multiescalaridade de seu alcance espacial, o que vem comprovar a sólida condição de Rio Claro como cidade média e como centro urbano-industrial relativamente diversificado.

## UMA PERIODIZAÇÃO DA INDUSTRIALIZAÇÃO DE RIO CLARO: FASES INDUSTRIAIS DEFINIDAS E SUAS CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS.

**A**nálises evolutivas na Geografia costumam interpretar o presente como resultado de um processo iniciado em algum momento do passado; esse processo, geralmente, tem dinamismo, feições e variáveis mutantes ao longo do tempo. No campo da Geografia Econômica / Industrial, tais princípios de método são geralmente obedecidos, com a correlata observação de que as aludidas variações ocorrem, via de regra, por causa de mudanças e inovações tecnológicas, com surgimento de novos instrumentos e meios de trabalho, transformações nas relações sociais, etc., as quais podem ter origem em várias escalas geográficas, da local à mundial. Desse modo, porque o processo evolutivo industrial (como ainda a própria história social) não é linear, homogêneo ao longo do tempo, podendo apresentar rupturas, “voltas sobre si”, fragmentação, tanto como continuidades, ou permanências, torna-se necessário buscar uma periodização, ou seja, definir períodos nos quais alguma unidade geral, ou certas características mais ou menos uniformes do conjunto, possam ser definidas, assim como identificadas as mudanças ou rupturas que venham a abalar esses estamentos, as quais podem sinalizar o fim da referida fase e o início de uma nova.

Seguindo tal lógica, para se chegar a uma análise satisfatória e coerente da atividade industrial em Rio Claro, na atualidade, cabe tentar uma periodização de seu processo de industrialização. Tendo como critérios básicos de delimitação o dinamismo (mais ou menos acelerado e pujante) de implantação industrial; o grau (mais ou menos complexo) de desenvolvimento técnico e organizacional e as diferentes estruturas produtivas definidas ao longo do tempo, alguns períodos (ou fases) podem ser identificados, no caso rio-clarense.

A busca por dados relativos à evolução indus-

trial de Rio Claro apontou o ano de 1873 como a data mais remota em que podem ser encontradas algumas informações consistentes. Elas se encontram no “Almanak de São João do Rio Claro para 1873”, organizado por Thomaz Carlos de Molina, o qual apontava que existiam 46 estabelecimentos industriais no município, então com uma população de 12.203 habitantes. Como é óbvio, se em 1873 algumas dezenas de unidades produtivas podiam ser contadas, é porque estavam surgindo ou haviam sido implantadas antes, e tal constatação faz recuar no tempo o início da história industrial de Rio Claro, para datas que apenas pesquisas muito mais aprofundadas poderão revelar. Outros dados esparsos, existentes para 1906, 1922 e 1927 permitiram verificar que houve considerável expansão das aludidas unidades nesse período, revelando certa força no processo de instalação de indústrias que iria mostrar arrefecimento após 1929. Também os padrões técnico e organizacional da indústria, caracterizados, respectivamente, por máquinas e equipamentos de baixa tecnologia e por estruturas gerenciais e de controle muito mais simples do que as que seriam introduzidas posteriormente, permaneceram relativamente estáveis e mais ou menos homogêneos ao longo do tempo em foco, sem grandes mudanças ou rupturas. Com base em tais constatações, pôde ser identificado um primeiro período, ou fase, do processo evolutivo industrial rio-clarense.

### A FASE I – 1873-1929

- Características essenciais: *Nas implantações pioneiras, o uso generalizado de tecnologias muito simples, majoritariamente na fabricação de produtos de consumo não durável e em pequenos estabelecimentos; e o domínio de um “tripé” produtivo, do qual uma das*

*bases era a atividade metalo-mecânica, com destaque para o segmento ferroviário.*

Para melhor entendimento dos primórdios da implantação industrial em Rio Claro, necessário se torna definir, ainda que de forma sumária e parcial, os múltiplos contextos socioeconômicos que então se conformavam nos níveis escalares regional, nacional e mundial.

Em uma perspectiva global, e para a segunda metade do século XIX, pode-se afirmar que, na então vigente divisão internacional da produção e do trabalho, o Brasil se inseria como país subdesenvolvido de economia predominantemente agrária, e com situação “periférica” em relação às nações mais desenvolvidas e industrializadas, que integravam o “centro” econômico mundial. Principalmente para este, o Brasil produzia e exportava certos produtos alimentares, entre eles os de “sobremesa” (principalmente café, e ainda açúcar), assim como algodão e madeira. Foram, contudo, a economia cafeeira e, em especial, a exportação de café, com seus inúmeros desdobramentos e atividades correlatas, os sustentáculos econômicos do país até 1930.

Apesar de algumas iniciativas dispersas e estagnadas até 1850, pode-se afirmar que a economia industrial começa a despontar no país na segunda metade do século XIX, sob o domínio da economia cafeeira e, sobretudo, em São Paulo. É o período de “surgimento da economia industrial”, ou da “indústria nascente”, já que não se pode falar em efetiva industrialização, pois a dinâmica industrial estava ainda assentada na acumulação capitalista propiciada pelo complexo cafeeiro, e não na geração de excedente da própria indústria, fato que iria acontecer apenas após 1933 (NEGRI, 1994; MELLO, 1986). E para a indústria nascente paulista, o complexo cafeeiro influenciou de muitas formas: além de permitir a acumulação capitalista em níveis até então inéditos e a correlata formação de excedente passível de ser investido na indústria (assim como na atividade comercial, bancária, ferroviária, etc.), ele propiciou a introdução de uma inovação, um fato novo que foi a entrada maciça de imigrantes de

origem europeia (cerca de 2,5 milhões de pessoas), que viriam a constituir mão de obra tanto agrícola quanto industrial e a contribuir para a formação de um mercado interno de trabalho assalariado, assim como para o alargamento do restrito mercado de consumo; a economia cafeeira estimulou, ainda, o surgimento e a expansão de ampla e hierarquizada rede de núcleos urbanos, devidamente articulados entre si por meio de outra inovação, uma malha ferroviária de relativa boa qualidade. Assim surgiram e se conformaram certas infraestruturas indispensáveis a posterior industrialização.

Nesse contexto geral de desenvolvimento de estado paulista, o município de Rio Claro inseriu-se de maneira bastante harmoniosa, a julgar-se pelo quadro socioeconômico local existente nas últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras do século XX.

No século XIX, Rio Claro foi dominado pela grande lavoura cafeeira de exportação, tendo sido, em 1886, o quarto município maior produtor de café no estado paulista. Até 1890, as fazendas eram auto-suficientes quanto a alimentos, materiais de construção e alguns artefatos: nelas fazia-se caldo de cana e aguardente, o algodão era fiado e tecido, havia serrarias, moinhos e descascadores de café e, em algumas, aproveitava-se a argila e a cal existentes em fornos e olarias, geralmente arrendados (DEAN, 1971, p. 51).

A esse respeito, deve ser registrada a existência, até os dias de hoje, de alguns antigos fornos de cal (caieiras), e / ou de suas ruínas, no distrito de Assistência. Dois deles, descobertos em pesquisas arqueológicas, situam-se a 38,70 metros da margem esquerda da Rodovia Fausto Santomauro, em sentido Rio Claro-Piracicaba. Sabe-se que o referido distrito abrigou muitos fornos de cal, e que essa atividade extrativa de um recurso natural foi bastante significativa, desde aproximadamente 1870 até 1915, tendo sido encontrados em jornais dos anos de 1893, 1895 e 1906 anúncios das aludidas olarias (SELINGARDI JÚNIOR, 1998). Esse arqueólogo, em pesquisas realizadas, documentou-as com fotos e ainda afirmou que,

por meio de história oral, chegou ao nome do provável construtor de tais fornos, um imigrante italiano chamado Antonio Bortolozzi. As caieiras da Assistência, com sua técnica rústica, teriam começado seu processo de desaparecimento entre 1910 e 1920, impactadas por uma inovação técnica - a adição de areia à cal -, mudança que possibilitou a dispersão geográfica das unidades produtoras de calcário.

As informações obtidas permitem que se comprove a precoce utilização que os terrenos argilosos, característicos, em especial, dos municípios de Rio Claro e de Santa Gertrudes, tiveram na produção local de tijolos e telhas. Essa forma produtiva, durante muito tempo apenas manual, marcou toda a evolução econômica de Rio Claro - ao longo da qual foi adquirindo maior complexidade técnica e grande diversificação de produtos - e representa os primórdios do que viria a ser o atual complexo industrial cerâmico que se estende por Rio Claro, Santa Gertrudes e Cordeirópolis.

No núcleo urbano, apareciam concentradas as atividades subordinadas à economia rural, como a pequena produção de alguns artigos manufaturados,



*Na foto acima, vista geral de antigos fornos de cal, semi destruídos e cobertos de vegetação no distrito de Assistência, Rio Claro. Data da foto: 1997. No alto à direita, detalhe da entrada de antigo forno de cal no Distrito de Assistência, Rio Claro. Data da foto: 1997 (gentilmente cedidas pelo arqueólogo Anselmo A. Selingardi Junior)*

“[...] arreios, carroças, e outros trabalhos de carpintaria e ferro batido”. (DEAN, 1971, p. 52), além de produtos destinados à subsistência da população urbana, como bebidas, padarias e confeitarias, calçados, colchões, etc.

Por volta de 1900, com a difusão generalizada do trabalho assalariado, o núcleo urbano já mostrava dinamismo próprio: sede de um município com 31.891 hab., abrigava, desde 1892, depósitos de vagões e oficinas de construção e reparos da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, além de inúmeras pequenas indústrias; possuía rede telefônica, energia elétrica, casas comerciais, escolas, demandava a instalação de rede de esgotos, então planejada pelos poderes locais. Para Diniz (1973, p. 174), tornara-se “[...] uma cidade de importância no conjunto urbano do Estado de São Paulo”. Destaque-se que Rio Claro foi beneficiada com energia elétrica a partir de 1885, e que registros encontrados em livro da Prefeitura dos anos 1880 relatavam a promessa oficial de desconto de 5% no fornecimento de luz e energia elétrica aos estabelecimentos industriais que possibilitassem emprego a grande número de trabalhadores (DUARTE; CERRI, 1999). Ao mesmo tempo, a economia agrícola passava por transformações, com a cafeicultura entrando em lenta decadência e novas culturas sendo introduzidas, como as de cereais, difundidos pelos imigrantes estrangeiros (DAVIDS, 1968, p. 87).

Configurou-se, portanto, na passagem de século, uma gradativa reversão da situação preexistente, que fora ca-

racterizada pelo domínio da economia agrícola sobre o centro urbano. Esse processo de crescimento da cidade, sustentado por gradual expansão de sua própria renda, teria ocorrido ao longo de três décadas, e recebeu duas explicações diversas, feitas por estudiosos da evolução socioeconômica do município:

- Em uma primeira, a ferrovia foi considerada como o fator fundamental do crescimento urbano (DINIZ, 1973; DEAN, 1971). De acordo com tais autores, a proliferação de atividades urbanas e o surto demográfico da década de 1880 - a população local passou de 17.241 hab. em 1886 para 31.891 hab. em 1900 - decorreram da chegada da linha da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, em 1876, e da condição de “ponta de trilhos” que Rio Claro desfrutou até 1884, pois estendeu sua influência sobre vasta área compreendida entre as atuais cidades de Torrinha, Jaú, Jaboticabal, Descalvado e Cordeirópolis.

*Locomotivas estacionadas no pátio interno da estação ferroviária da Cia Paulista de Estradas de Ferro. Data da foto: 1882*



Havia, contudo, a intenção de prolongar os trilhos até Jaú, Dois Córregos e Brotas e, sabendo disso, o fazendeiro de São Carlos do Pinhal, Antonio Carlos de Arruda Botelho, apresentou ao Governo Imperial um pedido para que o traçado original do plano de extensão da ferrovia fosse mudado e passasse por São Carlos, servindo assim suas propriedades agrícolas. Obtida a concessão em 1880, no ano seguinte Botelho criou uma companhia sob sua direção, com a participação acionária de outros fazendeiros da região: assim surgiu a Companhia Rio Claro de Estradas de Ferro, a qual estendeu os trilhos de Rio Claro até São Carlos (1884) e dali até Araraquara (1885) e Jaú. Em 1889, a Companhia Rio Claro foi vendida a ingleses, e passou a se chamar Rio Claro Railway Company, até ser comprada pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro em 1892 (LORENZO, 1979, p. 37-39).

Dessa forma, após 1884, com a extensão das linhas ferroviárias até São Carlos e a consequente perda da condição de “ponta de trilhos”, o crescimento urbano rio-clarense teria se desacelerado.

- Essa argumentação “ferrovista” foi refutada, em parte, por outra interpretação (HOGAN; OLIVEIRA; SYDENSTRICKER NETO, 1986), que sustentou que antes da chegada dos trilhos, a cidade já possuía uma infraestrutura baseada no artesanato e em serviços; relações rurais-urbanas haviam sido estabelecidas, como argumentou Dean (1971); havia considerável especulação imobiliária em 1873 e uma vida cultural relativamente rica e diversificada, de acordo com o “Almanak de São João do Rio Claro para 1873”, de Molina. Após perder a condição de “ponta de trilhos”, a cidade continuou crescendo, desde que 148 novos quarteirões surgiram no período 1887-1900, enquanto o crescimento econômico foi de 5,5% entre 1886 e 1900, contra uma taxa de 2,4% na fase de “ponta de trilhos”. Desse modo, os autores em tela concluíram que Rio Claro se beneficiou das ferrovias menos como vias de transporte em si e mais como sede da Cia. Rio Claro e de suas oficinas.

Esta segunda argumentação encontra respaldo na obra de Davids (1968), cujo enfoque é político-social.

Para esta autora, por volta de 1890 e 1900, o centro urbano já havia se transformado em motor da economia do município, enquanto o complexo socioeconômico-político-cultural baseado na cafeicultura entrava em processo de desintegração. Assim, como antes afirmado, a lavoura do café foi sendo gradativamente substituída por novos cultivos, que agora se destinavam ao mercado urbano, e não mais à exportação. Com isso, dinamizou-se a economia urbana, ampliando setores originalmente relacionados com o complexo cafeeiro (transportes, serviços urbanos, comércio) e favorecendo o aparecimento de pequenas indústrias.

Em meu entendimento, as duas explicações oferecidas para o crescimento de Rio Claro na época em apreço são satisfatórias e verossímeis, pois confirmadas pelos dados correlatos, mas não devem ser consideradas de forma isolada e / ou excludente e sim de modo articulado, e até mesmo interativo, em certos aspectos, desde que todos os eventos relatados ocorreram mais ou menos simultaneamente. Assim, refletindo a partir dos eventos ocorridos e dos argumentos dos autores anteriormente analisados, pode ser proposta a suposição que se segue.

A economia cafeeira desenvolveu o centro urbano, principalmente por meio dos setores de beneficiamento e comércio de café e do setor de transportes (ferrovias) e, enquanto foi mantida sua alta lucratividade, ela sustentou o crescimento da cidade. Quando o café entrou em decadência, o núcleo urbano já havia adquirido certo tamanho funcional que lhe garantia algum dinamismo próprio de sustentação e crescimento e pôde ir revertendo gradativamente a situação anterior de dependência da economia agrícola. A demanda da população crescente bastava para manter o setor comercial e ainda provocava o surgimento de pequenas indústrias de bens de consumo. A indústria acabou sendo beneficiada com a decadência do café, pois, sem este para atrair os capitais, os investimentos foram sendo paulatinamente direcionados para outras atividades, inclusive a industrial. Pode-se concluir, portanto, que se a economia cafeeira foi a principal responsável pelo

desenvolvimento da cidade até 1890 e pela capitalização que provocaria o surgimento de algumas indústrias, o mercado interno assim gerado, representado principalmente pela população urbana em crescimento, foi fator essencial para origem e expansão de novas médias e pequenas unidades industriais. São dois momentos históricos sucessivos, cronologicamente, e até mesmo concomitantes, nos quais interações devem ter ocorrido, com influências mútuas, até a situação final de ruptura da economia cafeeira. Já as ferrovias teriam tido papel coadjuvante muito importante nos dois momentos históricos, certamente muito mais no primeiro, dada a necessidade de transporte do café e a condição de “ponta de trilhos”. No segundo período, com o café decadente, a compra das oficinas da Rio Claro Railway pela Cia Paulista, em 1892, e sua subsequente expansão (chegando a oferecer cerca de 2000 empregos, de acordo com Hogan, Oliveira e Sydenstriker Neto), teriam sido alavancas fundamentais para a expansão urbana.

Talvez as informações que mais recuem no tempo sobre a existência de alguma atividade artesanal / industrial na então Vila de São João Batista do Rio Claro sejam as que se encontram em Ferraz (1922, p. 39), com o relato do autor afirmando que, em 1852, existiam na referida vila dez grandes engenhos de açúcar e nove estabelecimentos de café (supõe-se que sejam de beneficiamento e moagem). Essas são afirmações isoladas, contudo, que não se desdobram em outras. Assim, para a definição da Fase I da evolução industrial de Rio Claro, muitas outras informações, também dispersas, porém mais consistentes, tiveram que ser buscadas, em várias fontes e relativas a diferentes anos (MOLINA, 1873; KRETTLIS, 1906; o próprio FERRAZ, 1922; MINISTÉRIO da AGRICULTURA, 1928). Uma dúvida crucial que permanece é em relação à maneira como as diferentes contagens foram feitas, e ao grau de exatidão que elas incorporam. De qualquer forma, não se pode desprezar informações bibliográficas existentes em um quadro geral tão carente delas. Assim, com tais dados foi elaborada a Tabela 1, cuja análise permite alguns esclarecimentos sobre os primórdios da indústria rio-clarense.

Tabela 1 - EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE ARTESANAL/INDUSTRIAL NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO, SP : A FASE I - 1873/1929

Tipos de Estabelecimentos e de produtos	Número de estabelecimentos em			
	1873	1906	1922	1927
Serrarias	-	2	1	2
Marcenarias e Carpintarias	4	8	2	3
Beneficiamento de Algodão	2	-	-	1
Beneficiamento de Café	3	1	2	12
Beneficiamento de Arroz	-	1	4	5
Sabão, Sabonetes e Perfumaria	-	-	1	3
Chapéus	-	2	1	1
Cervejas e Refrescos	1	7	3	7
Licores, Vinagre e Vinho	1	-	1	1
Aguardente (Engenhos)	-	24	-	32
Massas Alimentícias	-	5	2	6
Padarias e Confeitarias	4	15	9	-
Fecularias	-	-	1	4
Gelo	-	1	-	-
Refinação de Açúcar	1	2	1	1
Calçados, Chinelos e				
Artefatos de Couro	3	6	5	2
Cigarros e Charutos	-	2	1	-
Móveis	-	-	1	2
Colchões	4	2	1	-
Artefatos de Madeira	-	-	1	-
Oficinas Mecânicas	-	1	1	1
Fundição de Metais e				
Produção de Máquinas	4	2	2	2
Carros a Tração Animal	3	3	6	8
Ferrarias e Funilarias	3	3	2	2
Tipografia	-	5	3	3
Marmorarias	-	2	2	1
Cal, Telhas e Tijolos	11	4	8	40
Louças	-	2	-	-
Curtumes	-	2	1	3
Ourivesaria	2	-	-	-
<b>Totais</b>	<b>46</b>	<b>102</b>	<b>62</b>	<b>142</b>

Fontes dos dados:

1873 - "Almanak de São João do Rio Claro para 1873", organizado por Thomaz Carlos de Molina.

1906 - "Almanak do Rio Claro", organizado por Conrado L. Krettlis.

1922 - "Ferraz, J.R. "História do Rio Claro. A Sua Vida, os Seus Costumes e os Seus Homens", 1821/1827-1922".

1927 - Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. "Estudos dos Fatores da Produção nos Municípios Brasileiros e Condições Econômicas de Cada Um".

Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.

Org.: Selingardi-Sampaio, S.

Aspecto muito importante a esclarecer é que, quando denomino de “atividade artesanal / industrial” aquela então existente, é porque não existem informações completas sobre o número de pessoas ocupadas e as técnicas empregadas pelas diferentes unidades. Na realidade, apenas nove delas são chamadas de “fábricas”, por Molina, em 1873, sem que o autor forneça informações sobre os critérios que determinaram essa denominação. Assim, é bem provável que as ourivesarias, as unidades de produção de calçados e chinelos, de colchões, em 1873, ou as de massas alimentícias e de chapéus, em 1906, entre muitas outras, nada mais fossem que pequenas oficinas domésticas, com capitais mínimos, que funcionavam nas próprias residências, em seus quintais e / ou anexos, com base no trabalho familiar, na pequena produção, com uso precário de máquinas e ferramentas e larga utilização de energia humana, feições que distinguem o modo técnico artesanal, ou a fase eotécnica da indústria, anterior ao modo técnico da manufatura (HURST, 1972, p. 127).

Essa suposição é feita por analogia com o contexto geral da industrialização brasileira e o da paulista, no período em questão: na segunda metade do século XIX, a pequena indústria tinha caráter local, e era limitada a mercados de curto raio (PRADO JR., 1966, p. 25); de acordo com o recenseamento de 1920, muitas das “indústrias manufatureiras” contadas eram pequenas oficinas e algumas não passavam de instalações artesanais de tipo rural (BAER, 1983, p. 14); mesmo na década de 1930, as fábricas ainda surgiam como oficinas, com equipamentos simples e capital arrecadado entre membros da família empreendedora (BRESSER-PEREIRA, 1985, p. 35).

É, portanto, com todas essas considerações em mente que a análise da Tabela 1 pode ser legitimada.

A primeira constatação possível é a de que houve nítida expansão industrial em todo o período enfocado, pois se passou de 49 “estabelecimentos” em 1873 para 142 em 1927 (expansão de 189,80%, distribuída, contudo, por 54 anos). Ao longo desse tempo, cabe notar que a expansão não foi linear, tendo se alternado

sub-períodos com linhas evolutivas ascendentes e descendentes: nesse contexto, as elevações no número de indústrias, ocorridas de 1873 a 1906 e de 1922 a 1927, e a queda registrada entre 1906 e 1922 parecem coerentes com os principais eventos da evolução econômica geral do município até aqui destacados, ou seja, o apogeu da economia cafeeira, o impulso dado ao crescimento da cidade e dos transportes, o aumento populacional e a expansão do mercado interno, a lenta decadência da economia cafeeira, o aparecimento de novas atividades e de pequenas indústrias. Se estas surgiam, eram provas concretas de que havia certa iniciativa empresarial e acumulação capitalista no município, ainda que tais fatos locais tivessem expressão mínima no conjunto das cidades então mais industrializadas do estado paulista ou do Sudeste brasileiro. Para a queda do sub-período 1906 e 1922, lembre-se ainda de um fator restritivo de âmbito externo, que foi a Primeira Guerra Mundial.

Fato digno de destaque é a existência de cerca de 11 olarias e fornos de cal em 1873, e de 40 delas em 1927. A proliferação de tais unidades produtivas é tema recorrente dos estudiosos da evolução econômica de Rio Claro, e sua exploração marcou todo o século XIX, como antes ressaltado. As grandes fazendas, que necessitavam de tijolos para a construção de moradias e de terreiros para a secagem do café, tinham suas próprias olarias, com trabalho artesanal, como bem registrou Dean (1971). A origem dos fornos de cal da Assistência remonta aos anos 1870, como se viu, e ainda eram referidas, em décadas posteriores, as olarias e cerâmicas de Santa Gertrudes (que só se emancipou de Rio Claro em 1948) e as do bairro Batovi. Como detalhe, registro que esse tipo de transformação de mineral não metálico também está ligado à história de minha família, desde que meu avô materno, Leonardo Quilici, tinha um forno de cal na Assistência e uma olaria, em sociedade com seu grande amigo, Floriano Bianchini, entre 1915 e 1920, e uma pequena fábrica de ladrilhos, em 1926, na rua 4, entre avenidas 7 e 9. Todos esses fatos, repita-se, inscrevem-se como pre-

liminares históricas da posterior estruturação de um complexo cerâmico em Santa Gertrudes, Rio Claro e Cordeirópolis, que será à frente analisado.

Há pouco tempo descobri, ainda, que no Jornal Alpha, em sua edição de 05 de janeiro de 1915, há um anúncio do Depósito de Madeira de Sylvio Selingardi, meu avô paterno, o qual se localizava à rua 4, nº 42, “no canto da Av. 5”. O depósito tinha em anexo “grande fábrica de móveis a tracção eléctrica”, e ainda “officina de tornearia e officina de marcenaria”. Que fique registrada a existência de mais essa indústria em meio a tantas outras, na Fase I da evolução industrial de Rio Claro.

Outra inferência que a Tabela 1 permite diz respeito aos tipos de produtos fabricados e, por extensão, à estrutura produtiva por gêneros ou ramos que a indústria local então apresentava. Assim, pode-se notar que os ramos que mais se destacaram em certos anos ou que mais se expandiram em todo o período foram os ligados à produção de bens de consumo direto da população (cerveja e refrescos, calçados, pães e doces, louças, aguardente, etc.) e à fabricação de materiais de construção (cal, telhas, esquadrias de madeira, etc.), aspectos da evolução industrial que são absolutamente coerentes com o crescimento urbano e com as expansões demográfica e do mercado interno ocorridas nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX.

Com base na Tabela 1, pode-se, portanto, afirmar que a estrutura produtiva da indústria rio-clarense na Fase I assentava-se predominantemente em um “tripé” de tipos de produção que iam do modo técnico artesanal até os métodos produtivos realmente fabris, com níveis tecnológicos compatíveis com o estágio técnico geral da época:

a) elaboração de bens de consumo direto ou imediato da população, produtos gerados por ramos cuja origem e crescimento se baseiam na existência e expansão do mercado interno, como massas e bebidas, chapéus e calçados, cigarros, móveis e colchões, etc.;

b) beneficiamento e transformação de matérias-primas de origem agrícola e extrativa mineral e vege-

tal (serrarias, beneficiadoras de algodão, café e arroz, engenhos de aguardente, curtumes, olarias e cerâmicas, etc.), atividades que também geram vários produtos destinados ao consumo direto da população;

c) produção metalo-mecânica, que incluía fabricação e montagem de produtos ferroviários, fundição de metais, ferrarias e funilarias, produção de máquinas e de carros à tração animal, etc.

Esse tipo de estrutura industrial tinha grande similaridade com a de muitas outras cidades sudestinas e paulistas e inseria Rio Claro de modo relativamente harmonioso nos contextos industriais nacional e regional da época. No país, era difusa a distribuição de unidades de beneficiamento de matérias-primas agrícolas, minerais e vegetais, as quais desenvolviam atividade complementar à exportação de produtos primários, sustentáculo da economia nacional até 1930 (FURTADO, 1975, p. 16). A indústria de produtos alimentares, uma das mais típicas representantes da produção de bens de consumo direto, também se expandia desde 1860 (BAER, 1983, p. 10), tendo se multiplicado após 1890 os moinhos, as fábricas de biscoitos, de massas, de bebidas. No âmbito do estado paulista, a identidade estabelecia-se por meio do setor metalo-mecânico, difundido especialmente por imigrantes estrangeiros na região servida pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro, em sua linha tronco entre Jundiaí e Rio Claro ou em seus ramais (GRUPO DA GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS, 1963).

A grande diferença entre a estrutura industrial rio-clarense e aquelas então vigentes em escalas nacional e regional foi, como anteriormente dito, a quase inexistência do ramo têxtil no município até fins dos anos 1930, pois, como é notório, o citado gênero era a principal atividade de transformação industrial no país e liderou a industrialização de muitas cidades do Sudeste e do Estado de São Paulo (CANO, 1983, p. 201). A noção de que as fábricas de tecidos representavam alguma garantia de emprego para a população local até havia levado a Câmara Municipal a conceder incentivos, em 1890, para a primeira indústria de tecidos

que se instalasse no município: os terrenos seriam dados e ainda havia o compromisso de comprar grande quantidade de sementes para desenvolver localmente a cultura do algodão (DINIZ, 1973, p. 200-201). Contudo, apenas a breve existência de uma pequena empresa têxtil, de Maurício Timoni, ficou historicamente registrada, na Fase I, como se verá a seguir.

A Tabela 1 não abrange, evidentemente, todos os demais aspectos da indústria que interessam à presente análise; assim, para se conhecer os maiores estabelecimentos da Fase I, ou as verdadeiras “fábricas”, muitas informações tiveram que ser reunidas com base em fontes diversas e relativas ao período em exame, na tentativa de se chegar à composição de um quadro geral de tais unidades produtivas. Destaque-se que, dentre elas, algumas nascem de iniciativas de imigrantes alemães e italianos radicados no local, empresas com estrutura familiar e que operavam com técnicas simples, de acordo com o modelo delineado por Bresser-Pereira.

- As Oficinas Mecânicas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro foram a unidade industrial de maior porte, nesse período, e não se enquadravam no tipo acima descrito, pois representavam investimentos de capi-

tais externos ao município. Sua instalação data de 1892, quando a Cia. Paulista adquiriu a Rio Claro Railway e, com ela, suas oficinas, que foram remodeladas, ampliadas e adaptadas para as operações de conservação de material rodante, montagem de máquinas e vagões importados, fabricação de material de uso da própria companhia e consertos de peças. Os prédios originais e suas ampliações estão situados entre a parte central da cidade e a Vila Alemã, ao longo dos trilhos que cortam a cidade no sentido S-N, prédios e trilhos que permanecem na paisagem urbana até hoje, apesar da desativação das Oficinas e da utilização dos trilhos apenas para trens de carga. Como já afirmado, as Oficinas em foco empregavam no início cerca de 2000 pessoas e, durante quase um século, foram a maior fonte de emprego industrial no município, ainda que o número total de empregados fosse declinante, ao longo do tempo: em 1922, eles teriam sido 900 (FERRAZ, 1922); em 1926, um máximo de 2550 empregos teria sido atingido; em 1960, as Oficinas ofereciam 980 postos de trabalho, número que foi reduzido para 705, em 1984, para 420 pessoas, em 1991, e daí para menos, ininterruptamente, até a desativação total, após o ano 2000.



*Pátio interno e prédios das oficinas da Fepasa (antiga Cia. Paulista de Estradas de Ferro), localizados ao longo da via férrea, em Rio Claro. Data da foto: 1991*

- A Cervejaria Rio Claro, outra indústria de destaque surgida na Fase I, também permaneceu em atividade por quase um século, ao longo do qual suas instalações passaram por sucessivas reformas e ampliações e vários proprietários assumiram seu comando, alterando, também, sua razão social. Ela foi fundada, em 1899, pelo major Carlos Augusto Rodrigues Pinho que, em 1902, a arrendou para o imigrante alemão Júlio Stern, que a dirigiu até 1915, quando então, já com sua cerveja Caracu desfrutando de prestígio estadual, foi vendida para Oscar Batista Costa, que ampliou as instalações da fábrica e reformou suas máquinas. Em 1922, seu quadro de funcionários atingia o total de 86 pessoas (FERRAZ, 1922). Em 1930, a Cervejaria Rio Claro, então com sérias dificuldades financeiras, foi vendida para um industrial de Sorocaba, o comendador Nicolau Scarpa, e entrou em um novo período de expansão, com ampliação dos prédios, compra de novos equipamentos e aumento do número de empre-



*Ao fundo, aparecem os prédios da Cervejaria Rio Claro e, à frente, supostamente, funcionários e carroças para transporte de insumos e / ou produtos. Data provável da foto: 1920*

gados. Em setembro de 1935, um artigo de jornal local descrevia que os prédios já se estendiam por porções consideráveis de quatro quadras do centro da cidade, entre as ruas 7 e 8 e as avenidas 2 e 4, em uma área total de 7.900 metros quadrados (SELINGARDI-SAMPAIO; PIRES, 1992). Em 1967, os Scarpa venderam a Cervejaria para o grupo Skol, que a revendeu em 1980 para a Cia. Cervejaria Brahma que, em 1992, a desativou, deixando sem trabalho cerca de 500 empregados. Seus prédios, refuncionalizados ou não, com ou sem reformas, permanecem implantados na área central de Rio Claro, constituindo memória concreta da Fase I de sua evolução.



*À esquerda, porta de entrada do escritório da Cervejaria Rio Claro (av. 4, ruas 7 e 8). À direita, a antiga "vila" dos operários, depois substituída pelos barracões de expedição de produtos da Skol-Caracu. Data provável da foto: década de 1940*

Tanto as Oficinas da Paulista quanto a Cervejaria, pela importância econômica e social que assumiram no contexto municipal, ao longo de praticamente um século, transformaram-se em símbolos industriais rio-clarenses, tendo marcado de modo indelével a evolução da indústria localmente implantada.

- A “Casa Schmidt”, criada pela firma Schmidt, Meyer & Cia., de Augusto Schmidt, Bruno Meyer e Frederico Timm, agrupava várias oficinas localizadas na rua 1 entre avenidas 3 e 5, em frente à Estação Ferroviária. Surgidas em 1917, faziam trabalhos de serraria,

carpintaria e marcenaria, produzindo principalmente forros, assoalhos e madeiramentos para a construção civil (a aludida firma ensaiou, na realidade, a organização de uma cadeia produtiva industrial, pois possuía, ainda, cerâmicas nos distritos de Corumbataí e Santa Gertrudes). Atente-se para o fato de que as construções populares da época, não as dos palacetes dos fazendeiros e capitalistas, obviamente, eram muito precárias, baixas e pequenas, de paredes de meio tijolo, e Augusto Schmidt antevia melhorias na construção civil, e se antecipava na oferta de materiais. Com sua

morte em 1944, a firma até então existente foi substituída por uma nova, a “Augusto Schmidt Filhos & Cia.”, que Augusto Schmidt Filho e, provavelmente, um irmão ou filho estabeleceram em associação com Emílio Pereira Lima e Reinaldo Redher; para a indústria, contudo, foram mantidos os mesmos tipos de produtos e o mesmo nome de “Casa Schmidt”. A firma e as oficinas foram extintas por volta de 1955, mas suas edificações ainda permanecem incrustadas no espaço rio-clarense, tendo sido ocupadas por novas funções comerciais e reformadas, em parte.



*Extraída de um catálogo da “Casa Schmidt”, a imagem oferece uma vista geral de suas oficinas, depósitos e escritórios. Data provável da foto: 1920*

*Visão do interior de uma das oficinas da “Casa Schmidt”, com operários executando trabalhos de serraria e marcenaria. Data provável da foto: 1930*



- Outro estabelecimento de grande porte, para a época, foi a fábrica de cigarros “Princesa d’Oeste”, fundada em 1913 por seis viajantes comerciais, a qual ocupava, alguns anos depois, 50 pessoas (PENTEADO, 1977).

- A produção de carroças, charretes, trolleys e similares foi efetuada em várias indústrias mecânicas da época. Uma delas foi a “Oficina Mecânica a Vapor”, com fundição de ferro e bronze, de João Kleiner, situada à rua 4, n. 49; no “Almanack do Rio Claro”, de 1895, organizado por Candido Neves, pode ser encontrado um anúncio de tal empresa, no qual ela oferece seus serviços em fundição, assim como “assentamento de vapores e machinas”, e ainda a fabricação de carros, carroças, trolleys e carroções. Entre tais oficinas, muito provavelmente, a maior e com produção mais diversificada tenha sido a “Oficina Bruno Meyer”, fundada no início do século XX, também sobre bases familiares de imigrantes alemães, como a Casa Schmidt. Com atividades de fundição, carpintaria e mecânica, a produção da fábrica incluía, além de carros a tração animal, grande variedade de artigos para lavoura, tais como foices, arados, moinhos para fubá, descascadores de milho, etc.



*Operários em frente à “Oficina Bruno Meyer”, localizada na esquina da rua 7 com av. 7. Data da foto: 1924*



*Prédio onde funcionava a fábrica de cigarros “Princesa d’Oeste”, aparecendo à frente, supostamente, proprietários e funcionários. Data provável da foto: anos 1920*

A trajetória dessa empresa é uma verdadeira saga familiar de persistência e iniciativa empresarial, desenrolada ao longo de um século: em 1914, Bruno Meyer decidiu explorar o ramo cerâmico em Santa Gertrudes, em sociedade com Augusto Schmidt, e arrendou sua oficina, localizada na rua 7 com avenida 7, para seus irmãos Paulo e Leopoldo Meyer. Estes a comandaram até 1919, quando Bruno Meyer voltou para assumir o controle de sua empresa, e seus irmãos decidiram, então, instalar sua própria oficina, a qual se localizou à rua 4, entre avenidas 8 e 10

Em 1922, com a morte de Paulo Meyer, seus herdeiros (viúva e filhos) assumiram a firma, ainda em sociedade com Leopoldo Meyer, a qual durou até 1928, quando foi desfeita por desentendimento entre os sócios. A oficina, então com cerca de 80 empregados, foi comandada unicamente por Leopoldo Meyer até 1944, ano de sua morte, quando passou então para a razão social “Viúva Meyer & Filhos”. Após o falecimento da viúva, assumiram o controle da empresa a filha Juliana Meyer e seu esposo Hamilton Giometti, cujos filhos, mais tarde, construíram novas e amplas instalações da indústria no Distrito Industrial, inauguradas em 1981, sob a razão social “MGM – Meyer Giometti Engenharia Mecânica”. No presente, sua principal atividade produtiva está voltada para caldeiraria e para construção de barcaças utilizadas nos serviços de desassoreamento do rio Tietê. Em 2011, a MGM foi comprada pelo Grupo TC Caldeiraria, de São Paulo, e parece que a aliança industrial-familiar se desfaz. Os Meyer e suas oficinas, contudo, fazem parte da história industrial rio-clarense, dela foram importantes protagonistas e como tal devem ser lembrados.

Menores do que as fábricas até aqui arroladas, há outras que, igualmente, não podem deixar de figurar em um pretenso quadro geral da atividade fabril rio-clarense na Fase I, pois também se inscrevem como marcos da evolução industrial local.



*Fachada do prédio original da antiga oficina “Leopoldo Meyer”, de Hamilton Giometti, à rua 4 entre avenidas 8 e 10. Data da foto: 1991*

- O Matadouro Municipal foi inaugurado pelo Imperador D. Pedro II, em 1886, e teve seu funcionamento regulamentado pelo poder local, por meio do decreto de 05 / 08 / 1893. Suas operações expressavam as técnicas rudimentares de abate e tratamento da carne que caracterizavam o período em tela e, com o decorrer do tempo, sua inadequação foi se tornando patente. Em 1933, no governo do prefeito Benedicto Pires Joly, reformas foram viabilizadas em suas instalações, em uma tentativa de adequá-lo às normas então vigentes de higiene e saúde pública. Isso lhe garantiu



*As instalações originais do Matadouro Municipal de Rio Claro. Data provável da foto: 1920*



*O prédio do Matadouro Municipal de Rio Claro, já desativado e mostrando alterações na arquitetura original.  
Data da foto: 1992*

alguma sobrevida, entretanto, “[...] o pouco que se lhe acrescentou não foi o suficiente para lhe garantir boas condições de funcionamento”. (ALBUM “RIO CLARO SESQUICENTENÁRIA”, 1978, p. 154). Em 1965, dada a precariedade de suas instalações, o Matadouro foi fechado pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF), mas o prédio permanece no local (ao sul da cidade, atrás do Aeroclube municipal), abandonado, semi-encoberto por vegetação, a testemunhar, ainda que de forma desalentadora, técnicas e ações do passado em plena atualidade.

- As “fábricas dos Timoni” constituem outros empreendimentos da Fase I da evolução industrial rio-clarense co-responsáveis pela própria estruturação e caracterização do aludido período, ou seja, seus dirigentes também foram protagonistas em sua construção sociohistórica. É outra história familiar que gravita em torno da atividade industrial, história ligada, neste caso, aos imigrantes italianos, igualmente responsáveis por muitas iniciativas empresariais, como os alemães. O início foi marcado pela instalação de uma unidade têxtil, em 1883, por Maurício Timoni,

imigrante que chegara ao Brasil na década anterior, trazendo em sua bagagem dois teares elétricos, que ficaram guardados por alguns anos, até que ele resolveu usá-los, no prédio que ficava na atual rua 4, entre avenidas 2 e 4, casa n. 19. No anteriormente citado Almanack do Rio Claro, de 1895, um anúncio divulgava a “Fábrica de Tecidos – Indústria Nacional” do referido empresário, com “completo sortimento de fazendas, redes, toalhas de mesa e de rosto, colchas para cama etc., etc.”. Note-se que esta foi a única iniciativa local registrada no referido ramo fabril, na Fase I, o que colocava Rio Claro na contramão de muitos dos empreendimentos industriais de outras cidades da linha da Paulista, do próprio Estado de São Paulo e do Sudeste brasileiro, os quais eram direcionados, em grande parte, para a produção têxtil.

A tecelagem teve curta duração e, em 1901, o mesmo empresário teria criado a selaria e fábrica de chinelos Timoni, que foi instalada à rua 6, nº 40, e depois transferida para a rua 1, esquina da avenida 6, em 1920 (PIGNATARO, 1984, p. 96). A matéria-prima para essas unidades produtivas foi garantida

com a instalação de um curtume, em 1907, também de sua propriedade, localizado no atual bairro da Cidade Nova, naquele tempo ainda periferia da cidade; cabe notar, portanto, que Maurício Timoni ensaiou a estruturação local de alguns elos seqüenciais da cadeia produtiva calçadista, muito provavelmente de forma intuitiva. Com a morte de Maurício Timoni, em 1905, seus filhos João, Antonio e José criaram uma nova sociedade, a Timoni, Irmãos e Cia. Ltda., que se responsabilizou pela selaria até sua desativação, em 1974. No mesmo prédio, reformado e ampliado, permanece até hoje a loja comercial da família, de Rodini & Cia. Ltda (no início, dirigida pelo genro de Antonio, e hoje por dois de seus netos). Nos fundos dessa loja existe uma pequena fábrica de confecções sob encomenda, que ocupa quatro funcionários e produz bolsas e sacolas de plásticos e lona, e capas para os mais diversos objetos, inclusive piscinas, etc.

Na fase seguinte da evolução industrial de Rio Claro, já em 1938, o filho de João, Mauro Timoni,



*As instalações reformadas da antiga selaria e fábrica de chinélos Timoni, que hoje abrigam a loja comercial de Rodini & Cia. Ltda. Data da foto: 1992.*

fundou uma fábrica de sapatos e também instalou um curtume, no bairro Cidade Nova; muito próximo deste, outro curtume já havia sido instalado, por seu primo Nelson Timoni, o qual também abastecia a selaria da família. Todos os estabelecimentos dos Timoni foram desativados nas décadas de 1960 e 1970, por motivos que serão analisados no próximo segmento deste capítulo.

Outra iniciativa local no ramo calçadista foi a Fábrica de Calçados Flora, fundada em 1908 e ativa até meados da década de 1950, quando foi fechada. Ela surgiu a partir da oficina do sapateiro Antonio Hoffman, com o objetivo de fornecer calçados à Casa Castellano (Caetano & Castellano & Cia), que era a maior e mais diversificada loja comercial da cidade. A presença de curtumes no município, com oferta de matéria-prima, muito provavelmente deve ter influenciado, de modo favorável, a implantação de mais essa fábrica local de calçados.

O rastreamento das origens do capital industrial em Rio Claro na Fase I revelou um quadro geral bastante semelhante àquele identificado para o Estado de São Paulo, ou seja, tais raízes podem ser en-



*Prédio original da antiga selaria e fábrica de chinélos Timoni, na rua 1, esquina da av. 6. Data da foto: 1944 (gentilmente cedida pelo neto de Antonio Timoni, Sergio Timoni Rodini)*

contradas nos mesmos elementos humanos que sustentaram o período da indústria nascente no estado paulista. Nesta, os grandes investimentos industriais surgiram com a acumulação capitalista que a cafeicultura propiciou a certos atores sociais, como empresários agrícolas (fazendeiros de café) e comerciais (agentes importadores e exportadores), ou a burguesia cafeeira; seria essa uma relação café - indústria direta. Já os pequenos investimentos artesanais / industriais foram predominantemente conduzidos por: a) imigrantes que trabalharam na lavoura cafeeira e nela amealharam alguns recursos; b) imigrantes que vieram para trabalhar na cafeicultura, mas, por razões diversas, acabaram se localizando em cidades e, como vetores de conhecimento, principalmente tácito, que os dotava com certas habilidades técnicas industriais, foram trabalhar em fábricas; c) imigrantes que, mais ou menos com as mesmas habilidades, chegaram ao Brasil com alguns recursos – os “burgueses imigrantes”, de acordo com Petrone (1990) – e, assim, puderam associá-las à capacidade empresarial e dar início a pequenos empreendimentos industriais. Nessa última condição, note-se que não se evidencia a relação café-indústria (SELINGARDI-SAMPAIO, 2009, p. 105-106).

Consoante com esse quadro geral paulista, pode-se afirmar que os elementos que atuaram nas origens do capital da indústria rio-clarense são praticamente os mesmos: a burguesia cafeeira, os agentes de importação e exportação, o imigrante estrangeiro, quase sempre como pequeno empreendedor. Há, entretanto, algumas condições locais quanto à capacidade de acumulação capitalista e quanto à intensidade com que cada elemento detentor de capital atuou que conferem algumas feições específicas ao processo rio-clarense de implantação de indústrias.

Uma delas, provavelmente a mais importante, foi a pequena capacidade de acumulação capitalista demonstrada pelo município, apesar da economia cafeeira tê-lo dominado durante décadas; para Dean (1971, p. 157), a acumulação capitalista local foi mesmo “insignificante”. Isso teria ocorrido principalmen-

te porque grande parte dos lucros auferidos com o café não foi reinvestida localmente: alguns dos maiores proprietários rurais não residiam no município, assim como as ferrovias, maiores empregadoras locais, pertenciam a pessoas residentes em outras cidades (no caso da Cia. Paulista, os proprietários moravam em Campinas, Limeira, Araras (SILVA, 1981, p. 57)). Além disso, a prolongada dependência financeira e creditícia à capital paulistana - o primeiro banco só se instalou em Rio Claro em 1926 - não permitiu que a classe média urbana local assegurasse para si uma parcela maior da comercialização do café (DEAN, 1971, p. 157).

Essa pequena acumulação de capital no município certamente explica a existência de um número muito reduzido de unidades industriais com maiores dimensões; nestas, alguns grandes e médios proprietários rurais e outros capitalistas, inclusive os agentes de importação e exportação, aplicavam parte de seus lucros, especialmente na Cia Paulista de Estradas de Ferro com suas oficinas e em algumas “[...] metalúrgicas e fábricas de cerveja, que eram as maiores indústrias da época.” (DAVIDS, 1968, p. 58).

Nas pequenas unidades artesanais / industriais, que constituíam maioria absoluta no conjunto dos estabelecimentos existentes, os capitais eram detidos predominantemente por imigrantes estrangeiros, que o haviam acumulado no trabalho assalariado ou na exploração de pequeno empreendimento comercial ou agrícola, não havendo nenhuma evidência que conduza à suposição da existência do “burguês imigrante”.

As afirmações feitas baseiam-se em informações “garimpadas” nos trabalhos de Molina (1873) e Krettlis (1906). Neles, é possível constatar que na economia rural dominada pelo café, os principais produtores chamavam-se Cardoso de Negreiros, Ferraz de Sampaio, Arruda Penteado, Almeida Prado, Mello Oliveira, sobrenomes que ratificavam a maciça predominância de elementos de origem luso-brasileira na posse da terra e na classe social dominante. Já na economia urbano-industrial, os fabricantes de cerveja

eram os Stern, Schneider e Mecatti; os empresários da fundição de metais e da fabricação de máquinas, carros e charretes chamavam-se Meyer, Walter, Höfling, Ciarrochi, Reiff, Kleiner; Krettlis desempenhava as funções de tipógrafo, os Timoni, Gasbarro, Mampri- ni, Lazzarini faziam o trabalho do couro e produziam selas, calçados e chinelos; os carpinteiros e empalha- dores eram Froch, Cohn, Kappel, Blumer, Helveig, e assim por diante.

Em uma ou duas gerações, contudo, essa estru- tura social teria se transformado, e os descendentes de italianos e alemães passariam a constituir um dos es- tratos, culturalmente dominante, da classe média.

Para Davids (1968, p. 91), a passagem do sécu- lo e a década que se seguiu já anunciavam a ruptura do complexo cafeeiro e, em decorrência, a estrutura das classes sociais evoluía para uma nova configura- ção. Assim, enquanto a classe dominante tradicional, diretamente ligada à economia cafeeira e representada por fazendeiros, capitalistas, agentes de importação e exportação, tinha seu prestígio social e poder polí- tico progressivamente diminuídos, outros segmen- tos sociais ganhavam corpo, com a expansão da faixa populacional assalariada na cidade, os primórdios do crescimento industrial e o êxodo rural dos imigrantes estrangeiros; dessa forma foram gestadas e ampliadas as classes médias, nas quais figuravam profissionais li- berais, jornalistas, pequenos comerciantes, os ligados à burocracia civil, e os imigrantes geralmente dedicados a pequenos empreendimentos industriais ou comer- ciais. Também a classe operária surgia e se ampliava com as indústrias nascentes, mas eram os ferroviários, muito numerosos, os mais politizados, fazendo reivin- dicações de ordem salarial ou de melhores condições de trabalho, já no início do século XX.

Em relação ao imigrante estrangeiro, e em face de todas as evidências até aqui relatadas, parece lícito concluir que ele desempenhou papel nuclear no pro- cesso inicial de implantação industrial em Rio Claro, fosse como investidor de capitais, ainda que muito modestos; fosse como possuidor de iniciativa empre-

sarial, ou ainda como detentor de conhecimento téc- nico dos processos industriais, trazido dos países de origem, de modo formal, ou aprendido no ambiente familiar (conhecimento tácito); fosse como operário assalariado.

A propósito das condições de trabalho nas uni- dades produtivas de então, é preciso ter em mente que elas eram bastante penosas, como de resto em todo o Brasil. A força humana era muito utilizada, desde que máquinas elétricas eram raras e caras, os instrumen- tos e ferramentas eram muito simples e apenas auxi- liavam os homens em suas tarefas: corroboração dessa afirmação é o informe de Krettlis (1906) relatando que apenas 5 estabelecimentos industriais tinham motores elétricos, a saber, a cervejaria de Júlio Stern, com dois, a tornearia de Guilherme Meyer, as Oficinas da Cia. Paulista, a máquina de arroz de João Tognolli e a tipo- grafia de Conrado Krettlis. Além disso, não havia ain- da uma legislação trabalhista de regulação e controle, os regimes de trabalho eram fatigantes, incluindo sá- bados, e com turnos que podiam se estender por até 12 horas ou mais. Em suma, trabalho árduo, porém talvez mais suave do que aquele realizado nas lavou- ras, também sem mecanização e ainda ao sol. Tempos difíceis, aqueles, para os corpos humanos!

Um detalhe que merece ser registrado é que a implantação do ensino técnico industrial no municí- pio ocorreu na Fase I: Rio Claro foi a quarta cidade paulista (após São Paulo, Amparo e Jacareí) a possuir uma escola profissional, tendo se instalado, em 1920, a Escola Profissional Masculina de Rio Claro (hoje Etec Prof. Armando Bayeux da Silva, à av. 5, esquina da rua 6), com cursos de mecânica, marcenaria e pintura. Este setor do ensino seria ampliado na fase seguinte com a instalação, em 1934, dos Cursos de Ferroviários e dos Núcleos de Ensino Profissional, incorporados em 1942 ao SENAI.

Sintetizando a Fase I da evolução industrial de Rio Claro, pode-se afirmar que ela teve como caracte- rísticas básicas:

- A atuação dominante de fatores endógenos

no processo de implantação da quase totalidade das unidades artesanais / industriais. No tocante aos investimentos industriais, contudo, o capital externo ao município detinha grande importância por ser o controlador da maior indústria local. Esse caráter dual dos capitais investidos irá manter-se por todas as demais fases, até a atualidade, com importância crescente daqueles de origem externa ao município, nacionais e estrangeiros.

Nesse contexto, na esmagadora maioria dos estabelecimentos, os capitais eram locais, assim como a iniciativa empresarial. Quanto aos mercados, embora não haja referências explícitas na bibliografia, pode-se inferir, pelo tipo e dimensão da grande maioria das unidades industriais, que a produção atendia basicamente a demanda interna do município, sendo provável que as cervejarias e as metalúrgicas, ou ainda a fábrica de cigarros, tivessem mercados mais amplos.

A grande exceção a esta feição geral foi justamente o maior estabelecimento industrial do município, ou seja, o conjunto das oficinas mecânicas da Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Esta era uma empresa que atuava em âmbito estadual, formada por pessoas de diferentes lugares. Na realidade, suas ligações com Rio Claro estabeleciam-se fundamentalmente por meio do emprego de grande massa de trabalhadores, isto é, eram relações de mão de obra; ligações (linkages) de matéria-prima ou de produto com outras unidades fabris, se existiram, não foram registradas por escrito. As Oficinas constituíam uma indústria com características próprias, diversas daquelas geralmente apresentadas pela maioria das fábricas, e seu efetivo papel na evolução industrial de Rio Claro será analisado com maior detalhe no próximo segmento deste texto.

- Uma estrutura produtiva coerente, exceto quanto ao ramo têxtil, com o padrão estrutural então vigente em muitas cidades do atual Sudeste, do Estado de São Paulo e da região mais próxima.

- Uma muito nítida relação de origem (ou genética) com a economia cafeeira, embora ela pareça não ter sido exclusiva.

- A participação fundamental do imigrante estrangeiro por meio do trabalho, da iniciativa empresarial e do capital (fatores de implantação e de produção industriais).

- Um padrão de localização industrial predominantemente intra-urbano, à exceção das olarias, Matadouro Municipal, fornos de cal e curtumes.

Esse padrão era possibilitado pelas pequenas e médias dimensões das unidades produtivas e pela necessidade de proximidade do mercado, dadas as precárias condições de transporte. Desse modo, as características arquitetônicas dos estabelecimentos produtivos eram semelhantes às das residências populares da época (como o atestam várias fotos inseridas neste texto), e eles se distribuíam aleatoriamente em um tecido urbano que apenas muito mais tarde viria a ser objeto de planejamento e zoneamento urbano. Mesmo indústrias maiores, como a Cervejaria Rio Claro, encontravam-se em meio às quadras urbanas ou em áreas limítrofes, como as Oficinas da Paulista. Na área rural, dispersavam-se o Matadouro, as olarias, fornos de cal e curtumes, fosse pela necessidade de proximidade com a matéria-prima, fosse pelos inconvenientes ambientais ligados a tais tipos de produção.

Como facilmente se pode perceber, os traços gerais da Fase I não são essencialmente diferentes das feições comuns ao quadro evolutivo da indústria no Sudeste e nas principais cidades do Estado de São Paulo, mas os lugares, como anteriormente destacado, apresentam particularidades, certas características específicas que apenas pesquisas direcionadas conseguem revelar, e Rio Claro não se mostra como exceção a essa afirmativa. Em outras palavras, as histórias industriais de muitas cidades paulistas, inclusive de muitas próximas a Rio Claro, como Piracicaba, Limeira, São Carlos, podem ter alguns ou vários pontos em comum, mas estudos detalhados geralmente conseguem revelar especificidades, detalhes peculiares que irão conferir a cada história um enredo singular, único. Nesse processo de descoberta se encerra toda a beleza, toda a paixão da pesquisa científica.

Foi possível descobrir que, na atualidade, existem cinco estabelecimentos industriais remanescentes da Fase I da evolução industrial rio-clarense, ainda que em novas instalações e com outra razão social: o primeiro deles é o Diário do Rio Claro, fundado em 1886 pelo Major José David Teixeira, e mantido pelos descendentes deste até a década de 1970, quando passou para novo controle administrativo. Outra empresa é a MGM Meyer Giometti Engenharia Mecânica, remanescente das antigas oficinas Meyer. De porte muito pequeno, permaneceu a unidade de confecções dos Timoni, que, embora com outros produtos, representa uma continuidade da antiga selaria Timoni.



*Frente da fábrica de ladrilhos Mungai, à rua 6, avs. 9 e 7.  
Data provável da foto: anos 1920*

No setor gráfico, sobreviveram a Tipografia Costa, de 1908, com novos donos, mas mantendo o mesmo nome, e a Majograf, igualmente uma continuidade da antiga Tipografia Conrado, de 1901, ainda que com outros proprietários e em novas instalações.

Outras indústrias, como as Oficinas da Paulista e a Cervejaria Rio Claro, depois Skol, resistiram até há pouco tempo, mas não conseguiram vencer a obsolescência de processos, de produtos e / ou a localização inadequada. Contudo, mais do que os prédios deteriorados que deixaram como testemunhos concretos de sua existência, são sua história e os papéis que desempenharam na evolução industrial de Rio Claro, devidamente resgatados e analisados, que se encarregarão de perpetuá-las através dos tempos.

O fim da Fase I é reconhecido e se delinea entre 1929 e 1930. Foi atingido um momento histórico em que, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo capitalista, os agentes endógenos, locais e regionais, haveriam de sucumbir à força de influências de eventos, muito poderosos e negativos, ocorridos na escala mundial. Tal foi o momento da quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, a qual abalou, com intensidades diversas, economias, sociedades e espaços no mundo inteiro, e provocou no Brasil, a partir de 1930, a ruptura do modelo agrícola de exportação, baseado no café,



*Prédio da Tipografia Costa, da firma Irmãos Costa, formada por filhos de Joaquim Figueiredo Costa, seu fundador.  
Data provável da foto: anos 1920*

e crises profundas nas economias brasileira e paulista. Como é óbvio, Rio Claro não ficou imune a esses processos e as mudanças desencadeadas localmente, a partir do aludido ano, constituem razões consistentes para que se considere encerrada a Fase I de sua evolução industrial. Já nos anos 1930, o embrião industrial antes gerado não encontrou condições muito propícias, externas e internas ao município, para plena germinação, assim a evolução industrial rio-clarense não se fez em ritmo acelerado, como a fase precedente poderia fazer pressupor.

### A FASE II - 1930-1969

- Características essenciais: *Uma década inicial quase “perdida”; o surgimento de alguns grandes e médios estabelecimentos, principalmente têxteis; e o dinamismo moderado da industrialização, em meio ao lento aumento da complexidade técnica e da diversidade produtiva.*

Após 1930, delineou-se claramente no país a ruptura do modelo agrícola de exportação, com grave crise econômica, e os inevitáveis rebatimentos de tais fatos na esfera sociopolítica não tardaram: assim, em 1930, o então presidente Washington Luís foi deposto por Getúlio Vargas, sucedendo-se a formação de um governo provisório; em 1932, eclode a Revolução Constitucionalista, iniciada em São Paulo; em 1937, Vargas fecha o Congresso Nacional e faz promulgar uma Constituição por ele imposta, iniciando-se o período ditatorial conhecido como “Estado Novo”, encerrado em 1945.

Na esfera econômica, a crise do comércio exterior, impondo drásticos limites à capacidade de importar, e os mecanismos acionados pelo Estado para a defesa do nível de renda da cafeicultura provocariam o surgimento de uma nova forma de crescimento industrial (CANO, 1983, p. 258). Iniciava-se a fase para a qual já se pode usar apropriadamente o termo “industrialização”, desde que se instala um movimento endógeno de acumulação capitalista no setor industrial.

A industrialização que se segue será denominada de “substituição de importações”, com a produção interna se expandindo para atender o mercado preexistente e em crise de abastecimento de suas fontes externas tradicionais (FURTADO, 1975, p. 23- 24).

A consolidação do poder central, após 1937, levaria o Estado a desempenhar o papel de agente orientador e normativo da industrialização, e também o de agente produtor ao tornar-se empresário das primeiras grandes indústrias de base do país. O Estado não chegaria, no entanto, a promover o planejamento, a nível nacional, da localização das indústrias que se instalavam, nos anos 1940; o processo foi espontâneo, natural, e dessa forma os centros urbanos de maior tamanho funcional e já relativamente industrializados passaram a ser os principais polos de atração para as indústrias. Obviamente, o maior beneficiário desse processo teria que ser o Estado de São Paulo, detentor da rede urbana melhor estruturada do país, e onde as relações capitalistas de produção eram mais desenvolvidas e o setor industrial mais avançado (CANO, 1985, p. 259). “As demais regiões se envolvem sucessivamente numa divisão de trabalho tipo cidade-campo com esse núcleo privilegiado, que passa a ter o resto do país como mercado para os produtos de sua indústria”. (SINGER, 1966, p. 12). No estado paulista, a grande concentração de indústrias ocorreu na capital, que passou a organizar a atividade agrária estadual como fornecedora de matérias-primas industriais e gêneros alimentícios.

Ao que tudo indica, e por complexas razões de ordem interna e externa ao município, Rio Claro não se beneficiou desse impulso industrial tanto quanto São Paulo e algumas outras cidades paulistas. Ao perder sua antiga posição de centro urbano de uma próspera área cafeeira, Rio Claro até entrou em um período de estagnação econômica e de retração demográfica, tendo a população diminuído de 50.416 hab., em 1920, para 42.287 hab., em 1940, com a taxa de crescimento demográfico anual caindo a -0,13%; há que se considerar, entretanto, que em 1935 o até então distrito de Itirapina se desmembrou como município. No pla-

no econômico, a pequena indústria, incapacitada de competir com os grandes centros - pelas suas próprias dimensões, pela pequena capacidade de geração e acumulação de renda e pela reduzida oferta de capitais de financiamento no município -, restringiu-se, nos anos 1930 e 1940, ao mercado consumidor interno e próximo (DAVIDS, 1968, p. 92). A grande indústria, tradicionalmente representada por algumas poucas unidades, continuaria nesta situação, pois, enquanto algumas novas fábricas têxteis surgiam, importantes estabelecimentos remanescentes da Fase I encerravam suas atividades nas décadas de 1930 e 1940, como a fábrica de cigarros Princeza d'Oeste.

Característica dessa fase foi a existência de seis fábricas de trolleys e charretes, com oficinas de consertos, algumas surgidas na fase anterior. No "Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo", de 1945, foi possível encontrar os nomes de todas essas empresas. Eram elas: Alberto Lassen Filho & Irmão, surgida em 1933; Antonio Välter & Filho, de 1901; Francisco Marchiori, instalada em 1940; Guilherme Leonardo Sobrinho, remanescente de 1915; Henrique Höfling, de 1913, e Luis Palladino, fundada em 1940. Como oficinas de consertos de carroças, apareciam as de Irmãos Lunardi (de 1943), João Gobes-

so & Irmãos (de 1941) e Silvio Zappacosta (1937). As fábricas seriam gradativamente desativadas a partir de então, por queda de demanda e problemas decorrentes de administração interna, mas principalmente, nos anos 1950, por obsolescência tecnológica, em face da implantação da indústria automobilística no país e crescente concorrência dos automóveis. Em 1958, ainda surgiu a Indústria de Carroças Cecagno, cujo fundador havia trabalhado, quando jovem, na fábrica de Guilherme Leonardo Sobrinho. A indústria Cecagno sobreviveu a todas as demais, tendo sido extinta por volta do ano 2000.

A respeito dessa unidade produtiva, ressalte-se que ela constituía, em pleno final do século XX, um exemplo concreto de formas produtivas dominantes nos séculos anteriores: empresa de estrutura familiar, com processos muito simples de produção, alta proporção de trabalho manual, e uma organização gerencial-produtiva em que a administração, a produção e o armazenamento de insumos e de produtos eram feitos em um único recinto. Em suma, visitá-la era como entrar em um "túnel do tempo" e fazer contato com fases técnicas remotas da atividade industrial (mais precisamente, com a fase paleotécnica da indústria). Uma aula "viva" e muito estimulante.



*Vista geral do barracão da av. 13, ruas 11 e 12, onde funcionou, ao lado da residência do proprietário, a Indústria de Carroças Cecagno. Data da foto: 1994*

Nos anos 1940, ocorreu um significativo êxodo rural, e a urbanização reagiu, elevando a taxa de população urbana para 73%, em 1950 (BILAC, 1980). A agricultura, lentamente reorganizada com base na pequena produção e na policultura, perdeu mão de obra, e não mais voltaria a atingir a antiga lucratividade, nem mesmo com a ascensão da cana na década de 1950. Mesmo com o crescimento urbano, a cidade continuou se caracterizando por modesta capacidade de acumulação de capital, e a implantação e o desenvolvimento do ramo têxtil, que foram os grandes eventos industriais dos anos 1940, só se viabilizaram por meio de investimentos externos ao município.

Essa segunda fase no processo de industrialização rio-clarense foi caracterizada por algumas feições específicas, destacadas a seguir, que a diferenciam tanto da fase anterior quanto da posterior. Como não há dados oficiais para 1930, a delimitação das duas primeiras fases da evolução industrial rio-clarense, ou o fim da Fase I e o início da Fase II fundamentaram-se no marco econômico-industrial-político-social representado pelo citado ano.

- *Característica essencial da Fase II foi a pequena expansão da indústria, ou o dinamismo relativamente fraco do processo de industrialização.*

A levar-se em conta a variável “número de esta-

Tabela 2 - EVOLUÇÃO DA ATIVIDADE INDUSTRIAL NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO (SP), POR GÊNEROS - 1940/1984.

Indústrias de Transformação/ gêneros industriais	1940		1950		1960		1965		1970		1975		1980		1984	
	Nº de estab.	Pessoal Ocupado														
Minerais não Metálicos	-	-	-	-	92	-	89	-	83	575	109	937	90	1.075	91	868
Metalúrgica	-	-	-	-	10	-	27	-	30	151	25	236	26	300	49	477
Mecânica	-	-	-	-	9	-	12	-	13	50	19	344	20	566	12	312
Material Elétrico e Comunicação	-	-	-	-	3	-	-	-	9	30	7	46	6	201	6	44
Material de Transporte	-	-	-	-	10	-	5	-	7	84	12	1.162	9	909	9	1.046
Madeira	-	-	-	-	13	-	13	-	14	171	23	308	9	181	20	235
Mobiliário	-	-	-	-	35	-	46	-	25	145	19	175	27	402	24	349
Papel e Papelão	-	-	-	-	-	-	2	-	2	x	2	x	2	-	3	216
Borracha	-	-	-	-	-	-	-	-	2	x	-	-	2	-	1	85
Couros, Peles e Similares	-	-	-	-	5	-	5	-	4	17	1	x	1	-	7	98
Química	-	-	-	-	10	-	19	-	14	436	13	356	14	321	10	810
Produtos Farmacêuticos e Veterinários	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	x	-	-	1	5
Perfumaria, Sabões e Velas	-	-	-	-	1	-	-	-	1	x	1	x	-	-	1	1
Produtos de Matérias Plásticas	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	10	229	6	938	11	753
Têxtil	-	-	-	-	7	-	11	-	11	569	5	523	7	525	3	483
Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	-	-	-	-	22	-	2	-	33	344	31	302	31	578	45	671
Produtos Alimentares	-	-	-	-	75	-	80	-	71	583	71	942	63	1.300	59	1.218
Bebidas	-	-	-	-	6	-	8	-	10	584	11	866	8	536	6	1.194
Editorial e Gráfica	-	-	-	-	10	-	10	-	11	85	12	114	12	89	20	144
Diversos	-	-	-	-	7	-	7	-	10	34	12	11	7	92	4	56
Totais da Indústria de Transformação	-	-	-	-	316	-	362	-	350	3.941	384	6.928	340	8.684	382	9.065
Indústria Extrativa	-	-	-	-	-	-	-	-	8	22	17	161	12	93	19	285
Atividades de Apoio e de Serviços de Caráter Industrial	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	88	7	379	-	-
Totais Gerais	155	2.178	222	3.607	316	3.074	362	-	358	3.963	415	7.016	359	8.777	401	9.350

Fontes dos dados:

1940 - Censos Econômicos - V Recenseamento Geral do Brasil; 1950 - Censo Industrial, Comercial e dos Serviços - VI Recenseamento Geral do Brasil; 1960 - Censo Industrial - VII Recenseamento Geral do Brasil; 1965 - "Cadastro Industrial 1965" - Estado de São Paulo; 1970 - Censo Industrial 1970 - VIII Recenseamento Geral do Brasil; 1975 - Censos Econômicos de 1975 - Censo Industrial - São Paulo; 1980 - Censo Industrial 1980 - IX Recenseamento Geral do Brasil; 1984 - Prefeitura Municipal e Delegacia Regional da CIESP - FIESP Org.: Seligardi-Sampaio, S.

belecimentos”, tal afirmação pode parecer incorreta: o número de unidades de produção existentes em 1940 era de 155 - pouco mais, portanto, que as 142 encontradas em atividade em 1927 - e, em 1970, havia sido atingido o total de 358 estabelecimentos, o que evidencia um crescimento relativo de 130,96% em trinta anos. No entanto, é através da variável pessoal ocupado, infelizmente disponível apenas a partir de 1940, que o modesto crescimento industrial da Fase II pode ser apreendido: de 2.178 pessoas ocupadas na indústria, em 1940, passou-se para 3.963, em 1970, um crescimento global de 81,95% em 30 anos, que assume pequenas proporções quando comparado com a expansão de 121,47% que viria a ocorrer no curto período 1970-1980. O crescimento relativo da população do município também se fez ao mesmo ritmo lento, pois registrou uma taxa de 84,55% no aludido período, passando de 42.287 hab., em 1940, para 47.073, em 1950 e 78.040 hab., em 1970.

Se a análise do crescimento do pessoal ocupado na indústria durante a Fase II for feita por décadas, alguns importantes detalhes, não perceptíveis na análise global do período focalizado, serão revelados; dessa forma, nota-se que a maior parte (65,60%) da expansão verificada se concentrou na década 1940-1950, que foi então a de maior dinamismo industrial no período em questão. De 1930 a 1940, sabe-se pela bibliografia consultada que houve crescimento ínfimo (até 1939, quando se instala a fábrica da Matarazzo) e entre 1950 e 1960, de acordo com os dados organizados na Tabela 2, chegou mesmo a ocorrer diminuição do pessoal ocupado na indústria, embora o número de estabelecimentos tivesse se expandido bastante. Tais fatos sugerem que tenha ocorrido na última década citada surgimento de muitas pequenas unidades industriais, continuidade de outras já existentes e extinção de indústrias de grande e médio porte e/ou de setores produtivos de grandes estabelecimentos.

A retração industrial ocorrida em Rio Claro na década de 1950 a 1960 não se coaduna com os contextos nacional e estadual então existentes. Como

se sabe, a situação internacional favorável ao comércio de mercadorias e ao movimento de capitais, após o término da II Guerra Mundial; a intervenção do Estado no processo de industrialização do país, desenvolvendo o setor de insumos básicos e de infraestrutura; a implantação da indústria automobilística, em 1957, foram fatores que, entre outros, permitiram o grande impulso dado à indústria brasileira após 1950, consolidaram a hegemonia da metrópole paulistana sobre outros centros industriais do país e definiram seu papel de polo difusor da atividade industrial. Rio Claro, entretanto, até 1969, permaneceu pouco afetado por tais influências.

*- A Fase II também se caracterizou pela introdução (tardia) do gênero têxtil no município.*

Sintomaticamente, ele não surgiu como uma expressão dos capitais locais, até então desinteressados ou incapazes no citado gênero, mas sim como um dos raros exemplos da influência que capitais externos tiveram a nível local, na década de 1930. Como fator principal de atração atuou o grande potencial de mão de obra feminina geralmente existente em um centro ferroviário; no entanto, a localização da cidade, junto a uma linha-tronco ferroviária importante, e a proximidade de São Paulo também devem ter influenciado a decisão locacional.

Como anteriormente visto, desde 1890 havia incentivos para a instalação de fábricas têxteis, sem sucesso. A pesquisa em livros de atas da Prefeitura Municipal revela ainda que, em 1923, na gestão do prefeito Irineu Penteado, a lei nº 153 concedia incentivos à “Sociedade Anônima Indústria de Seda de Campinas” para a implantação de uma unidade de produção em Rio Claro: isenção de impostos por 20 anos, auxílio em dinheiro para a compra de terreno de até 10 hectares, etc., obrigando-se o beneficiário a instalar, no prazo de um ano, uma estação de sericicultura, com curso grátis de treinamento na criação do bicho da seda. Dez anos se passaram, contudo, até os trabalhos de construção da fábrica de seda começarem, em 1933, já na gestão do prefeito Benedito Pires Joly.

Este se propunha a doar à empresa o terreno onde se encontrava o Hospital dos Lázaros, mas enfrentou forte oposição de setores políticos. Depois de muitos desentendimentos, a Cia. Paulista de Estradas de Ferro acabou doando um lote de dois alqueires junto ao Horto Florestal, e mais uma cota diária de 50 mil litros de água, sem qualquer ônus para a Prefeitura. A construção, iniciada em 1933, estendeu-se no tempo e, quando pronta, a fábrica foi vendida às Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, grande grupo empresarial paulistano, que só a inaugurou em 1939, com 808 operários.

Em 1944, implantou-se em Rio Claro, à rua 1, em grande área limítrofe à linha ferroviária, uma unidade de produção da E. F. Saad e Cia, de menores dimensões que a da Matarazzo e igualmente controlada por capitais paulistanos. Ela seria desativada em 1966, abrigando-se em suas instalações uma empresa de abate de aves e, nos anos 2000, toda a área foi refuncionalizada, surgindo no local um condomínio residencial de luxo, o “Portal do Copacabana”, possibilitado por obras de terraplenagem e remoção das antigas edificações.



*Vista geral dos prédios originais da fábrica de seda da empresa Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, no bairro Cidade Nova, à entrada do Horto Florestal. Eles serviram ainda à fábrica têxtil da Cianê e, reformados e refuncionalizados, abrigam hoje o Shopping Center Rio Claro. Data provável da foto: década de 1950*



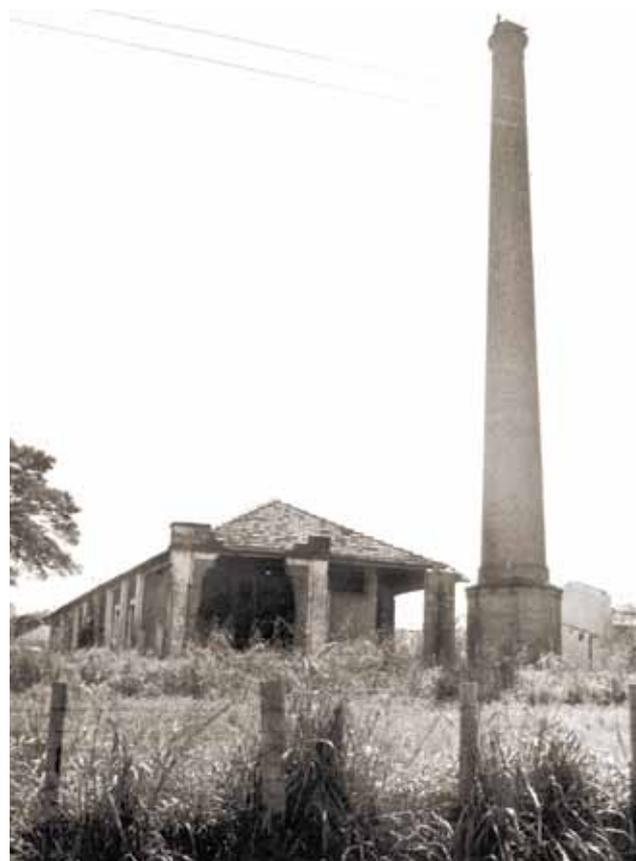
*A fábrica da I. R. F. Matarazzo vista de outro ângulo. Data provável da foto: década de 1950*



*Portão de entrada e saída de funcionários da fábrica da I. R. F. Matarazzo, com suas bicicletas. Data provável da foto: década de 1950*

No “Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo”, de 1945, anteriormente citado, é feita referência, à página 785, à Fiação de Seda Santa Sofia Ltda, localizada à avenida 1 A, nº 304, surgida em 1944 e com 63 funcionários em 1945; esse é o único registro escrito encontrado de tal fábrica. De outro lado, por história oral, colhida junto a duas senhoras ex-funcionárias, foi-me relatada a existência da empresa Têxtil Paulo Abreu, instalada para fiação de seda natural, por capitais externos ao município, em 1943 ou 1944. Funcionava tal indústria em um prédio localizado à avenida 4 B, Bairro Cidade Nova, com cerca de 40 empregadas, que faziam a extensão do fio da seda (os casulos eram trazidos de outro lugar) e o enrolavam em bobinas, que eram enviadas para tecelagem, em outra cidade. Também não há na bibliografia concernente nenhuma referência a essa indústria. Ou seria ela a Tecelagem Santa Sofia, com endereço errado? Fato a pesquisar!

De qualquer modo, fica aqui registrada a existência das aludidas fábricas, que vieram preencher uma lacuna da qual a cidade se ressentia há muito tempo. Em relação às unidades da Matarazzo e da Cianê, foram elas, em especial a primeira, a maior fonte de emprego para a mão de obra feminina urbana, até fins da década de 1960. Com os fracos setores comercial e de serviços então existentes, às mulheres rio-clarenses da classe operária era oferecido um restrito campo de trabalho: ou conseguiam emprego “na fábrica” (as duas indústrias têxteis) ou, como alternativa mais provável, eram empregadas domésticas.



*Na foto acima, edificações deterioradas da antiga indústria têxtil da E. F. Saad e Cia.  
Data da foto: 1991*

*Na foto abaixo, outra perspectiva das instalações abandonadas da extinta indústria têxtil E. F. Saad.  
Data da foto: 1991*

O gênero têxtil fortaleceu-se ainda, ao longo da Fase II, com o aparecimento de estabelecimentos menores, como a Tecelagem Maristela, em 1951, e a Têxtil Jasp, em 1956. Em livro de atas da Prefeitura Municipal, encontra-se a informação de que, em 20 de dezembro de 1963, a lei nº 894 autorizava uma desapropriação de terreno para ampliação da fábrica Têxtil Moreira, sendo essa a única referência encontrada até agora sobre tal indústria. Por volta de 1969, havia 11 unidades têxteis no município, número que foi sendo gradativamente reduzido na década de 1970.

- Na fase em questão, a estrutura por gêneros da indústria local caracterizou-se pela supremacia dos gêneros “tradicionais” sobre os “motrizes” ou “dinâmicos”.

Entendendo-se indústria motriz e ramo motriz como aqueles que têm efeitos de aglomeração e multiplicação ao reunir ou provocar o aparecimento de atividades complementares, que lhes fornecem matéria-prima industrializada, peças e equipamentos, ou consomem seus produtos (enquanto ramos tradicionais não possuem essas propriedades), pode-se esclarecer que a afirmação acima é baseada em informações bibliográficas existentes e nas datas de instalação dos estabelecimentos, obtidas em pesquisa direta, já que não existem dados oficiais do Censo sobre o número de estabelecimentos existentes em cada gênero até 1960 e sobre o número de pessoas ocupadas em cada gênero até 1970.

Assim, segundo Davids (1968, p. 99), que se baseou em dados do IBGE (sem maiores especificações), em 1945 o gênero material de transporte era o que ocupava o maior número de pessoas, ou seja, 1.575; em seguida, apareciam o gênero têxtil, com 1.079 pessoas ocupadas, o de minerais não metálicos, com 582 funcionários, e o de bebidas, com 323 empregados. Em 1955, segundo outra fonte (RIO CLARO, 1955), a estrutura industrial por gêneros mantinha as mesmas feições da década anterior: depois das Oficinas da Paulista, o gênero têxtil era o que mais ocupava mão de obra (611 empregados), vindo em seguida o ramo

de minerais não metálicos (423 pessoas ocupadas) e o de bebidas (416 funcionários). Quanto ao valor da produção, a indústria de bebidas aparecia em primeiro lugar (Cr\$ 153.503.000,00) e a têxtil em segundo (Cr\$125.837.000,00).

No anteriormente aludido Catálogo das Indústrias do Estado de São Paulo, de 1945, a obtenção de dados exatos também parece difícil, pois são classificadas como indústria áreas com extrações de lenha, unidades de consertos de autos e de bicicletas, firmas ligadas à construção civil, de tingimento de roupas, etc., o que eleva o total de pretensas unidades produtivas para 428. Tentando fazer uma contagem ditada pelo bom senso, considerando apenas unidades que seriam efetivamente industriais, atinge-se o total de 308 estabelecimentos, o que também parece não corresponder à verdade. Tal catálogo é útil, todavia, para nos dar pistas sobre a estrutura industrial em 1945: havia 6 unidades de beneficiamento de café, 23 das de arroz e 3 que faziam o beneficiamento de algodão; ainda eram contados 4 curtumes, 11 marcenarias, 15 fabricantes de calçados e chinelos, 46 de tijolos, telhas e ladrilhos (metade em Batovi, outra metade em outros bairros rurais), 7 de carroças e charretes (como se viu), 6 gráficas e jornais, 10 de máquinas e de seu conserto, padarias e confeitarias, etc. Como é fácil perceber, uma estrutura industrial bastante semelhante à existente na Fase I, mas com algumas poucas diferenças: uma delas fundamental, que foi a implantação do ramo têxtil, como visto; outra, que merece ser registrada, a instalação, em 1943, da Mecânica Rioclarense Mercla Ltda., surgida em 1943, com 16 funcionários, produzindo acessórios para autos, o que era uma novidade, assim como a instalação de quatro unidades de vulcanização de borracha e recauchutagem de pneus, entre 1939 e 1944, o que talvez representasse uma tentativa de substituição de materiais importados, devido às dificuldades criadas no exterior pela Segunda Guerra Mundial. Registre-se, ainda, o aparecimento da fábrica de fósforos Indaiá S. A., em 1943, com 28 empregados.

Apesar da diversidade das fontes, o que recomenda certa cautela na utilização dos dados antes citados, para a definição da estrutura industrial por gêneros vigente na Fase II (objetivo aqui visado) as informações existentes são úteis. Assim, quatro gêneros industriais tradicionais (têxtil, minerais não metálicos, bebidas, produtos alimentícios), notoriamente sem efeito multiplicador no processo de industrialização, dominaram, juntamente com a construção de material ferroviário, a atividade e o emprego industrial no município ao longo das duas décadas citadas e, provavelmente, também nos anos 1960, e este fato, sem dúvida, constituiu um dos principais motivos do pequeno crescimento industrial, ou modesto surgimento de novas unidades produtivas, ocorrido no período em questão.

Há que se esclarecer, ainda, porque não se considerou a estrutura industrial por gêneros da Fase II como representativa dos ramos motrizes, já que a indústria de material de transporte, em seu sub-setor de construção de material ferroviário, notoriamente era a mais importante do município quanto ao número de pessoas ocupadas. Obviamente, o gênero material de transporte (assim como seus vários sub-setores) é motriz, mas, em Rio Claro, devido às condições específicas de funcionamento das Oficinas da Cia. Paulista, não assumiu tal condição. Isto se explica pelo fato de que as oficinas produziam exclusivamente para o uso da própria Cia. Paulista, além de para ela fazer consertos e reparos; toda a matéria-prima recebida pelas oficinas vinha de outros centros, especialmente de São Paulo, pela própria ferrovia. Não se estabeleceram, portanto, entre as Oficinas e o espaço econômico rio-clarense, ligações funcionais (linkages) de matéria-prima ou de produto, desde que nenhuma empresa local a elas fornecia seus produtos ou delas comprava componentes. Desta forma, não ocorreram efeitos de aglomeração e de multiplicação, e a condição de motriz não pode ser reconhecida no citado gênero e em seu único estabelecimento de grandes dimensões, então existente em Rio Claro.

- De acordo com as poucas informações existentes, na Fase II a estrutura dimensional da indústria rio-clarense foi marcada pelo domínio dos pequenos estabelecimentos, e o surgimento destes superou em muito o de grandes e médias unidades de produção.

Estas, em pequeno número, surgiram quase que exclusivamente nos gêneros tradicionais, como se argumenta em seguida, e a partir de 1948 (com exceção das têxteis, obviamente).

No gênero produtos alimentares, surgiu um grande estabelecimento, a Usina Santana, instalada em 1948 e, no gênero bebidas, foi implantada, nos anos 1950, uma grande unidade de engarrafamento de aguardente, a Caninha 3 Fazendas S. A.. Esta expansão verificada refletiu menos a atuação de estímulos internos, locais, do que a influência de forças externas, emanadas das conjunturas nacional e estadual. Os anos 1940 e 1950 foram marcados pela grande expansão da cultura canavieira, no país e no Estado de São Paulo, e pela intensa proliferação de usinas de açúcar e álcool em substituição aos antigos engenhos, processo desencadeado a partir de 1933 pelo I. A. A. (Instituto do Açúcar e do Alcool). Obviamente, tal expansão atingiu os municípios tradicionalmente açucareiros e alcooleiros da Depressão Periférica paulista (Piracicaba, Limeira, Araras, etc.) e em Rio Claro, devido à proximidade geográfica, a cultura da cana também foi incrementada. A maior parte da produção, no entanto, era destinada às numerosas usinas situadas nos municípios vizinhos, situação que não foi revertida, até o fechamento da aludida usina, em 1985; a partir daí, a totalidade da cana plantada em Rio Claro é absorvida pelas usinas distribuídas em municípios mais próximos.

O ramo produtos alimentares foi, no conjunto, o que provavelmente apresentou a maior expansão quanto ao número de estabelecimentos no período focalizado, pois em 1970 já ocupava o segundo posto na hierarquia dos ramos locais. Dessa forma, foi nele que surgiu, além da citada usina, o maior número de estabelecimentos de médio porte: a fábrica de balas São João (que atualmente é a Riclan, unidade de gran-

de porte, com mais de mil funcionários), em 1948; a empresa Cooperativa de Laticínios Rio Claro, em 1945, as unidades de abate de aves (Fricock, Zucchi), nos anos 1960, e alguns frigoríficos, depois extintos.

O gênero bebidas apresentou expansão menor. Assim, além da grande unidade já citada, instalaram-se nessa fase uma cervejaria de médias dimensões (a Mãe Preta, hoje extinta) e duas unidades médias de produção de refrigerantes, a D'Abronzo, em 1930, e a Irmãos Casonatto, em 1947, que faziam refrigerantes muito apreciados localmente ("Maçã", "Jatubaína", "Soda" e "Gengibirra"), e que foram mais tarde desativadas, sufocadas pela concorrência de produtos similares de grandes marcas de crescente expressão nacional, como Antártica e Brahma.

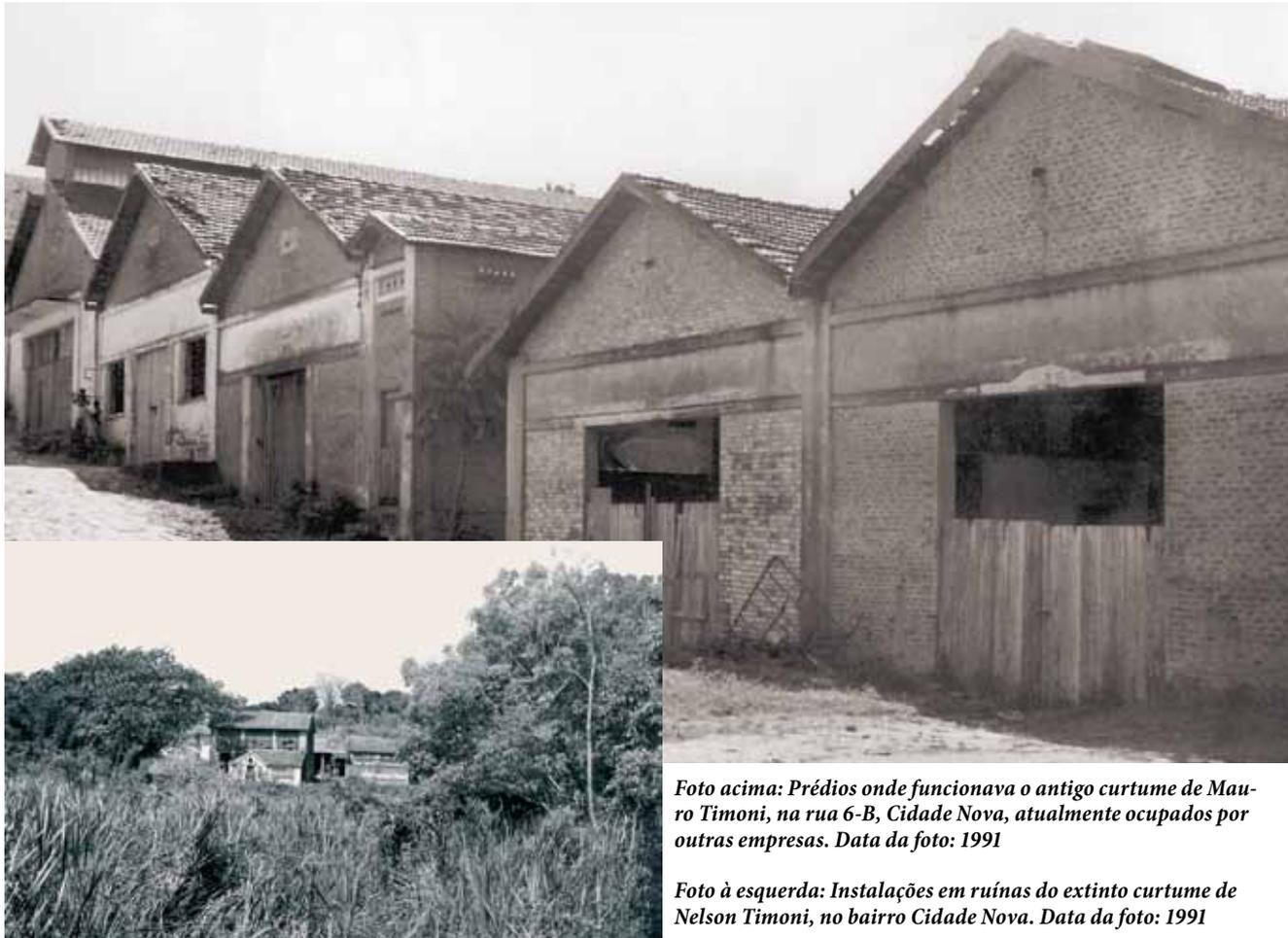
*Prédio situado à rua 10, esquina da av. 3, onde funcionou a indústria Bebidas D'Abronzo, implantada em 1930 e desativada nos anos 1980. O prédio, reformado, tem atualmente função comercial. Data da foto: 1991*



*Antigas instalações da Cervejaria Mãe Preta, que deu seu nome ao bairro em que se instalou. Data provável da foto: década de 1960*

O ramo de vestuário, calçados e confecções apresentou uma expansão relativa menor que os já citados, e tal crescimento derivou principalmente da instalação de pequenas unidades de produção de roupas e de artigos de cama, mesa e banho. No grupo de calçados, mais exatamente na produção de sapatos populares, duas unidades médias (Gury e Codo) e uma

pequena (Leivy) foram acrescentadas àquela já existente, a Timoni, remanescente da Fase I. Provavelmente, essas fábricas surgiram em virtude da existência, no município, de 5 curtumes, àquela época. Cinco prédios industriais, situados à avenida 6-B, no Bairro Cidade Nova, e datados de 1947, 1955, 1956 e 1958 permanecem até hoje na paisagem urbana, como testemunhos do curtume de Mauro Timoni, e são alugados para outras indústrias. Muito próximo, ainda podem ser encontrados os escombros do antigo curtume de Nelson Timoni. Destaque-se que, quando esses prédios foram cons-



*Foto acima: Prédios onde funcionava o antigo curtume de Mauro Timoni, na rua 6-B, Cidade Nova, atualmente ocupados por outras empresas. Data da foto: 1991*

*Foto à esquerda: Instalações em ruínas do extinto curtume de Nelson Timoni, no bairro Cidade Nova. Data da foto: 1991*

truídos para abrigarem curtumes, sua localização era adequada, pois estavam fora do espaço urbanizado e às margens do córrego Lavapés, que supria suas necessidades de água.

A partir da década de 1960, com o alto preço do couro (produto muito valorizado devido à exportação), e com a concentração da produção nacional em Franca (SP) e no vale do Rio dos Sinos (RS), os centros menos especializados e com infraestrutura mais precária não suportaram a concorrência e Rio Claro constitui exemplo típico desse processo, já que nos anos 1980 não tinha mais curtumes e apenas

duas fábricas de calçados sobreviviam, tendo encerrado atividades logo depois.

Nos gêneros motrizes, algumas implantações, ainda que em pequeno número, merecem destaque.

Na indústria química, foram implantadas duas unidades de porte médio: a Prema - Preservação de Madeiras S.A., surgida em 1936 em função da atração exercida pelo Horto Florestal do município e especializada no tratamento de madeiras (dormentes) para a Cia. Paulista de Estradas de Ferro; e a Quimanil, implantada em 1955 por capitais holandeses e voltada para a produção de corantes para curtumes, para indústrias

têxteis e alimentícias. Nas décadas seguintes, essa fábrica se expandiu bastante, pois tinha nas indústrias têxteis de Americana um mercado certo e amplo; nos anos 1970, já aparecia incorporada à Imperial Chemical Industries (ICI), “gigante” multinacional do ramo químico, com sede na Inglaterra. Passou posteriormente para o controle da empresa Gessy-Lever e atualmente sua razão social é PQ Sílicas do Brasil Ltda.

Na indústria mecânica, também apareceram duas unidades de médio porte: a Fischer Indústrias Mecânicas, que desde 1957 fabrica acessórios para cabos de aço, e a C.A.F., criada em 1963 para produzir máquinas e acessórios para frigoríficos, e que hoje está localizada no Distrito Industrial. Na metalurgia, enquanto desapareciam algumas unidades maiores, herdadas da Fase I (especialmente as produtoras de charretes e carroças), surgiam estabelecimentos pequenos, em sua maioria serralherias destinadas a abastecer o mercado local.

*- Outra feição que individualiza a Fase II da indústria rio-clarense é a relativa importância que os capitais locais mantiveram no confronto com os capitais de origem externa ao município.*

A esta conclusão conduziram as pesquisas realizadas, embora não tenha sido possível estabelecer, quantitativamente, a participação de cada tipo de capital (segundo sua procedência) no conjunto da atividade industrial. No entanto, embora aparecesse vinculado a apenas cinco estabelecimentos, o capital externo assumia importância maior do que pode parecer a primeira vista, já que tais unidades eram de médio e grande porte: as duas indústrias têxteis e a Prema, representativas de capitais paulistanos; a fábrica de balas São João, resultante de uma fusão de capitais locais associados a outros de Piracicaba, mas todos de pessoas com laços familiares entre si; e a Quimanil, controlada por capitais estrangeiros. Os capitais locais dominavam o conjunto das unidades produtivas pequenas.

Definida a Fase II em seus traços essenciais, e já destacadas algumas das condições que permitiram a implantação industrial, cabe agora reconhecer certos

fatores endógenos que, supostamente, tenham contribuído, por meio de uma atuação integrada, para o modesto desempenho da indústria rio-clarense durante a fase em questão, tanto em termos absolutos quanto em relação ao contexto regional.

*- A pequena capacidade de acumulação de capital do município.*

Esta característica já havia sido reconhecida desde os primórdios de sua evolução econômica, e deve ser considerada, obviamente, como causa e efeito da relativa debilidade de seus setores econômicos, inclusive o industrial. Depois da época áurea do café, a agricultura local não teve outro período de grande expansão ou de domínio de um produto gerador de grande riqueza, como aconteceu em Piracicaba, e assim não houve uma grande acumulação capitalista que propiciasse vultosos investimentos de origem local na indústria de Rio Claro.

*- A tímida iniciativa empresarial local.*

Essa feição pode ser parcialmente associada à escassez de capitais, mas também a outros fatores, nem todos plenamente identificáveis. A impressão que se tem é que, guardadas as devidas proporções, o importante papel que o imigrante estrangeiro desempenhou na geração de indústrias na Fase I foi gradativamente se esvaziando, por razões que, evidentemente, justificariam outras pesquisas. Para as indústrias metalúrgicas e mecânicas, alguma especulação é possível, com base nas informações levantadas em pesquisas diretas; elas indicam que a difusão do conhecimento técnico, feita por meio de formas tácticas de aprendizado nos citados ramos, teria sofrido solução de continuidade de uma fase para outra, fosse no âmbito das empresas familiares, fosse no daquelas de maior porte.

O que se sabe com certeza é que não existiu em Rio Claro uma grande unidade metalúrgica ou mecânica que, formando mão de obra especializada, passasse a ter efeito multiplicador no processo de industrialização, com a eventual saída de empregados para fundar sua própria empresa (processo conheci-

do como spin-off), como aconteceu com a “Machina São Paulo”, em Limeira, ou com a Metalúrgica Dedini, em Piracicaba. Esse tipo de origem de empresário industrial apareceu em um único exemplo em Rio Claro, mais precisamente na pequena fábrica de carroças e charretes Cecagno, hoje desativada, como anteriormente visto. Em outras indústrias mecânicas e metalúrgicas pesquisadas, surgidas na Fase II e mesmo posteriormente, cinco empresários admitiram ter desempenhado anteriormente atividades ligadas aos citados gêneros, mas não necessariamente no mesmo grupo de produção e nem mesmo em Rio Claro: o primeiro trabalhou na Bosch, em Campinas, outro foi soldador da Light, em São Paulo, um terceiro trabalhou em outra indústria da região, enquanto outros dois, com cursos no SENAI, foram empregados em oficinas de autos em Rio Claro.

- *O fato de haver um reduzido número de estabelecimentos motrizes, ocorrência que restringiu sobremaneira o aparecimento de novas indústrias e atividades vinculadas, e que já foi abordado em outras oportunidades.*

- *A existência das Oficinas da Cia. Paulista.*

Pode parecer paradoxal, mas tudo indica que a mais antiga indústria ainda existente nos anos 1960, aquela que, juntamente com a Cervejaria Rio Claro e ao longo de toda a evolução industrial rio-clarense, empregou o maior contingente de mão de obra local, também contribuiu para o ritmo pouco acelerado que a industrialização rio-clarense mostrou até 1969. Certamente não se pode negar que as Oficinas sempre tiveram muita importância no contexto socioeconômico local por serem a maior fonte de empregos, ocupando um contingente de operários que oscilou de 2.550, em 1926, para 1468, em 1945, ou para 980 em 1960. Obviamente, tal número de pessoas (acrescido ainda daquelas que trabalhavam no serviço de transportes e no Horto Florestal) deve ter gerado demanda para o setor comercial, para o de serviços e para a indústria de bens de consumo direto locais, e isto constituiria um efeito econômico indireto da presença

das Oficinas em Rio Claro. Elas também podem ter contribuído para a formação de mão de obra especializada, eventualmente aproveitada em outros estabelecimentos. No entanto, elas não estabeleceram ligações funcionais de matéria-prima e de produto com indústrias locais, como já se viu, despojando-se, portanto, de qualquer efeito multiplicador. Também os operários que saíram não chegaram a se estabelecer por conta própria, aplicando assim o conhecimento técnico adquirido, porque o mercado de material ferroviário é muito específico e a produção geralmente abrange poucas e grandes unidades fabris. Além do mais, segundo informações obtidas, poucos saíram, já que o emprego na Cia. Paulista era considerado como estável, dos melhores existentes, o que provavelmente também não contribuía para encorajar “aventuras” empresariais de parte de seus empregados. Por outro lado, a elevada demanda de mão de obra das oficinas pode ter funcionado, ainda, como fator de repulsão para outros tipos de indústrias mecânicas, fossem as de capital local ou as de capital externo (que teriam dificuldades no recrutamento de pessoal qualificado), enquanto que suas grandes dimensões e condições específicas de produção também desencorajariam a instalação de empresas similares e concorrentes.

Por tudo o que foi exposto, as Oficinas da Paulista, como unidade industrial, não parecem ter contribuído para a ativação do crescimento industrial de Rio Claro, pelo contrário, teriam sido um dos fatores inibidores da industrialização local.

- *As precárias condições de abastecimento em energia elétrica e água.*

Essa foi uma feição bastante negativa a caracterizar o município até meados dos anos 1960. A antiga concessionária do setor de geração de eletricidade, a Central Elétrica de Rio Claro, era uma empresa de pequenas dimensões, operando usinas de reduzida capacidade, sem condições de acompanhar e muito menos de se antecipar ao crescimento da cidade. Assim, nas décadas de 1940 e 1950, eram frequentes os cortes no fornecimento de energia elétrica, o que obviamente

constituía um sério obstáculo ao funcionamento das indústrias, e levou ao dito popular: “Rio Claro, Cidade Azul, de dia falta água, de noite falta luz”. Em 1966, com a criação da CESP, empresa de âmbito estadual, a antiga Central Elétrica foi a ela incorporada, e sucessivas medidas de melhoria da rede de distribuição de energia sanaram o problema.

A solução para a questão da água viria em fins da década de 1960, com a construção de uma nova adutora e a captação de parte das águas do rio Corumbataí.

Como um fator complementar aos demais, poderia ser citada a falta de efetiva implementação de uma política industrial ordenada e permanente de parte do poder executivo local, o que só viria a acontecer a partir de 1969. Algumas iniciativas existiram no sentido de incentivar a industrialização local ou mesmo proteger as pequenas empresas: em 1951, a lei nº 312 isentava do imposto de indústria e profissões as pequenas indústrias domiciliares e as serrarias e olarias que só produzissem para as necessidades de seus proprietários; pela lei nº 628 de maio de 1959, concedia-se às novas indústrias que se instalassem no município nos quatro anos seguintes e às já existentes a isenção de impostos municipais de modo proporcional aos aumentos que tivessem em número de empregados e em faturamento, durante a vigência da citada lei. A lei nº 628 estabelecia ainda que, se fosse conveniente, a Prefeitura fizesse doação ou cessão por comodato de terrenos para a instalação de novas indústrias ou ampliação das já existentes. Em 1963, nova lei posta em vigor praticamente estendia a duração da lei nº 628 por mais quatro anos, acrescentando apenas alguns novos detalhes e condições.

No entanto, provavelmente pela atuação mais forte e decisiva dos fatores internos negativos, anteriormente citados, e ainda pelos problemas que cercaram a execução de tais leis - restrita divulgação, a notória precariedade de recursos do município, a solução de continuidade representada pela troca quadrienal de pessoas nos poderes legislativo e executivo locais -, os resultados esperados não se fizeram sentir.

Certamente os citados fatores endógenos inibidores da industrialização explicam, em grande parte, o parque industrial relativamente modesto e o ritmo pouco acelerado de industrialização, existentes até 1969. Entretanto, não se pode esquecer que, conjugados a eles, alguns fatores exógenos também atuaram, tais como a concorrência exercida pelas cidades próximas mais industrializadas na disputa pelos capitais industriais que se difundiam a partir da metrópole paulistana ou que provinham diretamente do exterior, processos de difusão que, por sua vez, não haviam adquirido ainda a pujança e a intensidade que demonstrariam nos anos 1970.

Em fins da década de 1960, Rio Claro era uma cidade média do interior, que apresentava como feições típicas duas condições relativamente conflitantes. No plano social, era reconhecidamente possuidora de uma boa qualidade de vida, cidade tranquila, sem grandes desníveis sociais, com relativa boa infraestrutura de educação e saúde; no plano econômico, apresentava lento crescimento, especialmente no setor industrial, e a geração de empregos não acompanhava o crescimento da população, daí sua condição de exportadora de mão de obra para o trabalho diário em Campinas, Limeira e Piracicaba. Em 1969, era voz corrente na cidade que cerca de 400 rio-clarenses trabalhavam em Campinas, a maioria na indústria Bosch, deslocando-se diariamente, até lá.

A total responsabilidade pelo modesto desempenho econômico do município não deveria, entretanto, ser atribuída apenas ao setor industrial, o que parecia ser consenso geral entre os rio-clarenses. Certamente se o desenvolvimento econômico local era pouco expressivo, em grande parte isto se explicava porque Rio Claro “não tinha indústria de porte”, “não procurava atrair indústrias, como as outras cidades”, “não tinha gente de iniciativa”, para usar expressões da época. No entanto, o setor agrícola também era pouco desenvolvido, como já se argumentou, e consequentemente os setores comercial e de serviços refletiam a debilidade das atividades produtivas. Em síntese, o

conjunto econômico do município, tradicionalmente centrado na condição de núcleo ferroviário e na de produtor de bens de consumo direto da população, ressentia-se de maior capacidade de acumulação de renda e esta deficiência geral comprometia um eventual desenvolvimento mais pujante de cada setor.

A mudança, no entanto, estava iminente. O elemento catalisador da reversão do quadro econômico tradicionalmente derivado da ação de fatores endógenos seria a industrialização, baseada na entrada de capitais externos ao município e com dinamismo suficientemente ativo e acelerado para desencadear uma nova fase no processo evolutivo industrial rio-clarense.

### A FASE III – 1970-1989

- Características essenciais: *A forte aceleração do ritmo da industrialização, com grandes ganhos em complexidade técnica e diversidade produtiva; inédito aumento do número de estabelecimentos de porte grande e médio, principalmente dos de natureza motriz; surgimento e expansão das indústrias de matérias plásticas; e inserção incisiva no processo de globalização econômica.*

É nesta fase que a industrialização rio-clarense vai se articular plenamente a processos que ocorriam a nível mundial, nacional e regional, ou seja, a internacionalização do sistema industrial capitalista, a integração brasileira a este sistema e a desconcentração espacial da indústria em território paulista.

Após a Segunda Guerra Mundial, em especial a partir de 1950, a progressiva internacionalização do capital provocou o surgimento de um sistema mundial de produção industrial, caracterizado espacialmente pela distribuição irregular e descontínua de seus elementos. Em fuga dos altos impostos, e em busca de novos mercados e de trabalho mais barato, empresas norte-americanas e europeias, instalaram filiais em escala global. Como efeito de tais fatos, alguns países que as acolheram se transformaram em NICs (sigla em inglês para Novos Países Industriais) e assim se es-

tabeleceu uma nova divisão internacional do trabalho.

O Brasil integrou-se à nova ordem econômica mundial como um dos países da então periferia capitalista mais aptos a receber investimentos externos. Desde os anos 1930, delineava-se no país uma política de industrialização que, na década de 1950, foi definitivamente implementada pelo Estado e favorecida pelo crescimento da força de trabalho e pela crescente incorporação do mercado interno. Conjugados à boa receptividade demonstrada pelos sucessivos governos aos investimentos estrangeiros (excetuando-se apenas o curto período compreendido entre 1961 e 1964), e a alguns outros elementos de atração detidos pelo Brasil - país de dimensões continentais, com amplos e diversificados recursos naturais e grande contingente populacional -, tais fatores responsabilizaram-se por dois grandes surtos industriais ocorridos localmente. O primeiro deles marcou o período de 1955 a 1961, e se notabilizou pela instalação de indústrias automobilísticas no país; o segundo surto, ocorrido entre 1968 e 1974, foi marcado por grande expansão - registraram-se taxas de crescimento industrial de 14,3% em 1971 e de 16,00% em 1973 (BAER, 1983, p. 407), daí a equivocada denominação de “o milagre brasileiro” - e pela continuidade da significativa participação de capitais estrangeiros.

Para a grande concentração espacial da indústria que ocorria desde os anos 1940 na capital paulista, já havia sido transposto o ponto de retorno a partir do qual decresceu a contínua concentração industrial, passando a cidade e a metrópole de São Paulo a comandarem a difusão espacial de indústrias, nacionais e estrangeiras, que buscavam no interior paulista espaços menos congestionados, menos poluídos e menos valorizados, mas relativamente próximos aos grandes centros polarizadores.

Ciente do processo de interiorização industrial que se efetuava e da necessidade que o município de Rio Claro tinha de acelerar seu desenvolvimento econômico, o poder local (governo Álvaro Perin) definiu, a exemplo de outros municípios da região, uma política de estímulo à industrialização, implementada por

meio das seguintes medidas:

- concessão de incentivos às indústrias que viessem a se localizar no município (lei nº 1.167 de 6 de julho de 1970), tais como doação de terrenos, isenção de Imposto Predial e Territorial Urbano, pagamento de parte do aluguel do prédio provisório, indenização de culturas eventualmente existentes nos terrenos a serem ocupados pelas indústrias, fornecimento de infraestrutura (água, esgoto, construção de estradas de acesso, serviços de terraplenagem e limpeza dos terrenos);

- criação de um distrito industrial (decreto nº 1.866 de 26 / agosto de 1970) que, ao contrário de estudos preliminares existentes que aconselhavam sua localização a oeste da cidade, junto à rodovia Washington Luís, foi instalado ao norte do centro urbano, compreendendo a área onde desde 1969 se construía a fábrica de grande porte da Ocfibras S.A. (atual Owens Corning Fiberglass A. S. Ltda.), empresa multinacional com sede nos EUA, e com forte caráter motriz, desde que produtora de fibra de vidro, matéria-prima utilizada em cerca de 38.000 diferentes produtos industriais;

- concessão do direito de captação de água e de despejo de águas utilizadas no rio Corumbataí a algumas indústrias químicas;

- compromisso de intercessão do poder executivo local junto a empresas públicas (Fepasa, Telesp, Cesp, etc.) para agilização do processo de obtenção de um serviço pretendido (por exemplo, um ramal ferroviário ou um telefone).

A ocorrência simultânea de todos os processos e eventos até aqui citados, em especial a chegada da então Ocfibras, a criação do Distrito Industrial e a aceleração do crescimento industrial, facilmente verificável pela análise dos dados estatísticos, após décadas de relativa estagnação industrial, são razões mais do que suficientes, em minha opinião, para que se considere que houve uma ruptura histórica, que uma fase da evolução industrial de Rio Claro se encerrou, e que uma nova foi iniciada.

Certamente, as medidas então implementadas dotaram o município de maior poder de atração, e podem explicar, em grande parte, a aceleração ocorrida no ritmo da industrialização. Há outros fatores intervenientes, contudo, e é sobre esse conjunto de processos, eventos e ações que pretendo explanar a partir daqui, tornando-se necessário o exame da expansão verificada e das mudanças ocorridas na estrutura industrial rio-clarense durante a referida fase.

#### *O crescimento e as alterações estruturais*

Levando-se em consideração, inicialmente, a evolução do número de pessoal ocupado, a expansão industrial ocorrida na Fase III é indiscutível: de 3.963 pessoas ocupadas em 1970 passou-se para 7.016 em 1975, para 8.777 em 1980 e para 9.350 em 1984 (Tabela 2); em números relativos, a expansão verificada na década 1970-1980 foi de 121,47% e a compreendida no período 1970-1984 foi de 135,93%, taxas muito superiores às registradas em qualquer período anterior (e também posterior). Esclareça-se que os últimos dados da citada tabela são referentes ao ano de 1984 porque nesse ano foi possível realizar uma ampla pesquisa de campo, que possibilitou a obtenção de grande quantidade de dados. Não seria esse o ano de encerramento da fase III, contudo, desde que eventos ligados à implantação industrial, ocorridos posteriormente, até 1990, mostraram que as condições gerais da fase em exame não foram substancialmente alteradas nos anos 1980, e é por isso que a data de seu término foi definida como tendo acontecido em 1989.

A expansão do número de pessoal ocupado resultou essencialmente do crescimento das grandes e médias unidades preexistentes e do surgimento de novos estabelecimentos, dos quais uma parte expressiva tinha 6 ou mais pessoas ocupadas e, entre estes, muitos eram de médio porte (50 a 100, e mais de 100 pessoas ocupadas) e de grande porte (mais de 500 pessoas ocupadas). Tais afirmações baseiam-se em dados obtidos através de pesquisa direta: de 118 estabelecimentos com 6 ou mais pessoas ocupadas (91 que for-

mavam o estrato-base da pesquisa e os demais escolhidos aleatoriamente, de acordo com a boa vontade demonstrada pelos responsáveis pelas indústrias em informar a data de instalação), 52 surgiram após 1969. Em outro agrupamento, que reuniu os 25 maiores estabelecimentos existentes em 1984, segundo o pessoal ocupado, constatou-se que 14 deles haviam surgido na Fase III, 9 eram remanescentes da Fase II e dois o eram da Fase I (Quadro 1).

Enquanto o surgimento de novos estabelecimentos se caracterizava pela alta proporção de unidades médias e grandes, muitos pequenos estabelecimentos desapareciam, e assim no período 1970-1984 a expansão do número de estabelecimentos (12,00 %) foi bem menos acelerada que a do número de pessoal ocupado, o que indica concentração técnica da produção.

Os gêneros que registraram as maiores taxas de crescimento no período foram material de transporte (1.145,24%), produtos de matérias plásticas (753,00%), mecânica (524,00%), metalúrgica (215,89%), mobiliário (140,68%), produtos alimentares (108,91%) e bebidas (104,45%). A maior expansão relativa ocorreu, pois, nos gêneros motrizes, fato até então inédito na evolução industrial do município e que provocou alterações na hierarquia dos ramos segundo o número de pessoal ocupado.

Do exposto até aqui, evidencia-se que a Fase III não se caracterizou apenas pela aceleração do crescimento industrial, mas também por importantes alterações ocorridas na estrutura da indústria local.

*Na estrutura por gêneros, os motrizes conquistaram significativas posições hierárquicas.* Assim, se no começo da Fase III (1970), os principais gêneros quanto à mão de obra ocupada eram os tradicionais (bebidas, produtos alimentares, minerais não metálicos e têxtil), em 1980 os motrizes neles já se incluíam (produtos alimentares, minerais não metálicos, produtos de matérias plásticas e material de transporte (Tabela 2). Em 1984, entre os seis ramos mais importantes, três eram motrizes (material de transporte, química, produtos de matérias plásticas). Isto indica que, en-

quanto alguns gêneros tradicionais se expandiram e conseguiram manter sua posição privilegiada (produtos alimentares, bebidas, minerais não metálicos), alguns motrizes saíram de uma posição de desvantagem absoluta para uma situação de destaque. Esta ascensão a nível local mostrou-se coerente com a evolução do quadro econômico-industrial do país ocorrida após 1968: houve um nítido processo de concentração de renda entre grupos sociais de rendas médias e altas, garantindo a manutenção do mercado em níveis elevados para as indústrias motrizes, que constituíam a base da dinâmica de desenvolvimento econômico e apresentavam taxas elevadas de expansão (BRESSER-PEREIRA, 1985, p. 198-202).

Entre os gêneros motrizes, alguns merecem exame mais acurado.

O ramo material de transporte que, como se destacou anteriormente, não exercia no município a função de motriz, passou a fazê-lo. O crescimento relativo do número de pessoal ocupado que apresentou no período foi muito elevado, de 1.145,23%, e faz supor que no pequeno total de pessoas ocupadas pelo gênero em 1970 não estivessem incluídos os empregados das Oficinas da Fepasa. Independentemente deste fato, no entanto, novos estabelecimentos efetivamente motrizes surgiram, dentre os quais os maiores foram uma grande unidade de produção de veículos, a Gurgel S.A., transferida da metrópole paulistana em 1975, e atraída pela obtenção facilitada de matéria-prima para suas carrocerias, a fibra de vidro produzida localmente pela então Ocfibras; e uma unidade média de produção de implementos rodoviários (a indústria São João S.A.), também resultante de investimentos de capitais externos ao município.

O gênero produtos de matérias plásticas, inexistente em 1970, atingiu em 1984 os totais de 11 estabelecimentos e de 753 pessoas empregadas, ocupando o 6º lugar na hierarquia dos gêneros de acordo com o número de pessoal ocupado. Este é o ramo essencialmente implantado na Fase III, por meio de estabelecimentos grandes (Tigre, Brazilian Plastic) e médios

Quadro 1 - MAIORES INDÚSTRIAS DO MUNICÍPIO DE RIO CLARO EM 1984: PESSOAL OCUPADO, DATAS DE INSTALAÇÃO E PROCEDÊNCIA DOS CAPITAIS

	Estabelecimentos e/ou empresas	Pessoal ocupado em 1984	Data da Instalação	Procedência dos capitais
1	Oficinas da FEPASA	705	1892	Ext. Nacional
2	Cervejarias Reunidas Skol Caracu S.A.	587	1899	Ext. Nacional
3	Fábrica de Balas São João Ltda.	480	1948	Local
4	Cia. Nacional de Estamparia - Cianê	465	1939	Ext. Nacional
5	Indústrias Reunidas de Bebidas Tatuinho 3 Fazendas S.A.	430	1957	Ext. Nacional
6	Tubos e Conexões Tigre S.A.	381	1975	Ext. Nacional
7	Ocfibras Limitada	317	1969	Estrangeiro
8	Gurgel S.A. Indústria e Comércio de Veículos	272	1975	Ext. Nacional
9	I.C.I do Brasil - Quimanil	260	1955	Estrangeiro
10	Luival Móveis Ltda.	220	1974	Local
11	Prema - Tintas e Preservação de Madeira S.A.	208	1936	Ext. Nacional
12	Brazilian Plastic Indústria e Comércio Ltda.	188	1979	Ext. Nacional
13	Cia. Manufatureira de Papel - COMAPA	184	1960	Local
14	Usina Santana S.A. - Açúcar e Alcool	178	1947	Local
15	Mecânica Alfa S.A.	170	1974	Ext. Nacional
16	Uniroyal do Brasil S.A. Indústrias Químicas	141	1976	Estrangeiro
17	Artepan - Artefatos de Madeira Ltda.	131	1976	Local
18	Fricock Frig. Indústria e Comércio Ltda.	109	1964	Local
19	Villa Velha - Comércio e Indústria de Bebidas	107	1974	Local
20	Fischer Indústria Mecânica Ltda.	101	1957	Local
21	Confecções Isabela	100	1974	Local
22	John Crane do Brasil	95	1984	Estrangeiro
23	I.C. Schlliter - Confecções	90	1974	Local
24	Pennwalt S.A.	85	1975	Ext. Nacional
25	Indústria de Implementos Rodoviários S. João Ltda.	81	1970	Ext. Nacional

Fontes dos dados: Pesquisa Direta  
Org.: Selingardi-Sampaio, S.

(Ladal, Sulplast, Ancel), voltados para a produção de embalagens plásticas, tubos e produtos de plástico reforçado. De todos os estabelecimentos citados, apenas o último é representativo de capitais locais.

Na mecânica, o crescimento do pessoal ocupado (524,00%) representou concentração, já que o número de estabelecimentos existentes foi levemente reduzido. Uma única fábrica de grandes dimensões surgiu no período, a Mecânica Alfa S.A., com produção de máquinas para construção civil e oriunda de capitais paulistanos.

Na metalurgia, gênero sem maior expressão em 1970, o crescimento ocorrido, embora elevado (215,89%), não foi suficiente para alçá-lo a uma posição hierárquica de maior destaque. A expansão verificada deveu-se principalmente ao aumento de algumas unidades preexistentes e ao surgimento de muitos pequenos estabelecimentos. Com dimensões médias (50 a 100 pessoas ocupadas), a maior unidade de produção metalúrgica surgida no período enfocado foi a pertencente à John Crane do Brasil, subsidiária de uma empresa norte-americana, que foi transferida da área

metropolitana de São Paulo e se dedica à fabricação de selos metálicos para vedação (sua razão social é atualmente Smiths Brasil Ltda, uma divisão da John Crane do Brasil).

Para a indústria química, a expansão de 85,08% do pessoal ocupado foi suficiente para garantir-lhe o 5º lugar entre todos os gêneros listados. Enquanto pequenos estabelecimentos desapareciam, cinco novos surgiram, um de grandes dimensões (Uniroyal, atual Chemtura) e quatro de porte médio (Pennwalt, atual Arkema, Aldoro, Nheel e Quarex), todos resultantes de capitais externos ao município, investidos isoladamente ou, no caso dos dois últimos citados, em associação com capitais locais.

Cabe ainda destacar o ramo minerais não metálicos, um dos mais importantes do município em toda a sua evolução industrial. Até 1969, como já salientado, tal ramo caracterizou-se exclusivamente como tradicional quanto a um eventual efeito multiplicador no processo de industrialização porque, ligado à produção de bens de consumo direto, não exercia efeitos de aglomeração e de junção. Em fins de 1969, no entanto, iniciou suas atividades uma grande unidade de produção de fibra de vidro, subsidiária de uma empresa norte-americana. Esta indústria foi a primeira a desfrutar dos incentivos então oferecidos pelo poder local e representou a primeira inversão vultosa de capitais estrangeiros na indústria local após 1955. Tipicamente motriz, a fábrica da então Ocfibras veio imprimir feições mistas ao gênero minerais não metálicos e, ao que tudo indica, exerceu efeito multiplicador na industrialização local: após ela, surgiram no município alguns estabelecimentos que utilizavam a fibra de vidro como matéria-prima no fabrico de plásticos reforçados (Gurgel, Tigre, Sulplast, Ancel, e outros de pequenas dimensões). Na pesquisa direta feita em 1984, algumas destas empresas negaram a existência de qualquer ligação genética entre seus estabelecimentos e a unidade produtora de fibras de vidro, enquanto as duas maiores, a Gurgel e a Tigre, identificaram as ligações de matéria-prima com a Ocfibras

como um dos fatores locais que condicionaram sua implantação em Rio Claro.

O gênero minerais não metálicos foi ainda ampliado, na década de 1970, com a instalação da Coban S.A., fabricante de material cerâmico para instalações industriais e subsidiária de uma empresa norte-americana.

Entre os ramos tradicionais mais importantes, a grande expansão do pessoal ocupado ocorreu simultaneamente com a redução, maior ou menor segundo o caso, do número de estabelecimentos. Tal processo foi sensível na indústria de produtos alimentares; nela, o aumento do pessoal ocupado no período em questão (108,91%) permitiu-lhe subir do 2º lugar para o 1º posto na hierarquia por gêneros. A expansão ocorreu, no entanto, basicamente nos grandes estabelecimentos (Balas São João, Fricock, Usina Santana, desativada em 1985) e em outros de médio porte preexistentes. Não houve inovação quanto aos grupos de produção, nenhum grande estabelecimento surgiu. Pequenas unidades desapareceram, e assim o número total de estabelecimentos do gênero diminuiu.

No gênero bebidas, ocorreu o mesmo processo, gerando, no entanto, maior concentração devido ao pequeno número de estabelecimentos existentes; pequenas unidades fecharam, enquanto as grandes expandiram muito o número de pessoal ocupado. Nele, no entanto, surgiu uma grande unidade de engarrafamento de aguardente, a Villa Velha Comércio e Indústria de Bebidas Ltda., oriunda de capitais locais, e extinta nos anos 1990.

Foi o gênero mobiliário que apresentou a maior taxa de crescimento entre os tradicionais, 140,68%. Dada sua pequena expressividade anterior, entretanto, sua posição na hierarquia industrial dos gêneros segundo o pessoal ocupado caiu do 9º lugar para o 10º lugar. A concentração técnica também o caracterizou, assim como o surgimento, em 1974, de um estabelecimento de grande porte, a Ludival Móveis Ltda., de capitais locais.

Entre os ramos tradicionais que apresentaram

expansão do número de estabelecimentos e do pessoal ocupado, o mais importante é o de vestuário, calçados e artefatos de tecidos. Apesar da expansão, caiu do 5º posto para o 7º lugar na hierarquia dos gêneros. Se o grupo de calçados mostrou-se decadente, como anteriormente foi destacado, o de confecções masculinas e femininas, especialmente de calças de jeans, conheceu plena expansão; geralmente tais estabelecimentos não têm marca própria e prestam seus serviços para empresas de maior porte, principalmente de São Paulo. O maior estabelecimento do gênero à época, Confecções Isabela, de capitais locais, surgiu na Fase III (e nela também se extinguiu).

O gênero têxtil teve um desempenho singular, que merece ser analisado. Um dos ramos mais importantes durante a Fase II, quarto colocado em 1970 quanto ao número de pessoal ocupado, mostrou-se decadente na Fase III. De 11 estabelecimentos existentes em 1970, que empregavam 569 pessoas, restavam três em 1984, ocupando 483 empregados: a antiga fábrica da Matarazzo, depois incorporada à Cia. Nacional de Estamparia - Cianê, e extinta em 1990; uma pequena tecelagem, a Hironnelle, que fazia serviços a facção para empresas de Americana, e também foi fechada nos anos 1990; e uma pequena fábrica de meias, que prosperou e existe até hoje, a Soares Guimarães Ltda. Encerraram suas atividades na Fase III, entre outras, a antiga fábrica Saad, em 1966; a Tecelagem Maristela, em 1979; a J. C. Cornac, um estabelecimento de fiação de ataduras de crepe, que foi transferido para o vizinho município de Ipeúna, nos anos 1980 e a Têxtil Jasp S.A., que chegou a ter 300 teares e foi depois transferida para Cosmópolis, no início da década de 1980.

Enquanto oito estabelecimentos eram desativados no município, o maior de todos, da Cianê, mantinha suas atividades e, a partir de 1982, expandia-as continuamente, a ponto de responsabilizar-se, em 1984, por um número de empregados pouco inferior aquele ocupado por todo o gênero em 1970. O ramo têxtil conheceu, portanto, na Fase III, retração em seu conjunto (caindo para 8º lugar na hierarquia dos gêneros

segundo o número de pessoal ocupado), concentração técnica e expansão no âmbito de sua maior unidade então existente. Por motivos que serão destacados no próximo segmento do texto, ela foi fechada em 1990.

Algumas causas da retração ocorrida podem ser identificadas:

- falta de mão de obra especializada. Como a escola local do Senai especializou-se na formação de pessoal para o setor ferroviário e para a indústria mecânica, faltaram técnicos para o gênero têxtil. De outro lado, as indústrias menores formavam mão de obra que, quando devidamente treinada, era atraída pela fábrica da Matarazzo;

- falta de algumas etapas na cadeia técnica da produção têxtil, ou seja, a necessária integração técnica produtiva do gênero não se realizava ao nível local. Havia muitas tecelagens, enquanto lacunas existiam nos setores de fiação, engomagem, estamparia e tinturaria. Ao nível de estabelecimento, só a fábrica da Matarazzo era integrada;

- falta de uma infraestrutura de apoio, representada por lojas especializadas em assistência técnica e na venda de máquinas têxteis e de peças para reposição;

- a concorrência estabelecida pelo centro têxtil de Americana, o maior do estado paulista, situado a 70 km. de distância e que, além da perfeita integração técnica ao nível local, possui eficiente infraestrutura de apoio, exercendo influência regional.

Todos os gêneros existentes, motrizes e tradicionais, e seus respectivos valores absolutos e relativos quanto a três variáveis (número de estabelecimentos, pessoal ocupado e capital investido na indústria) estão demonstrados na Tabela 3.

Além da ascensão dos gêneros motrizes e das consequentes alterações ocorridas na composição por gêneros, outra mudança estrutural caracterizou a Fase III. Como se viu, a expansão do número de pessoal ocupado foi muito mais acelerada do que a do número de estabelecimentos, ocorrendo, pois, concentração técnica da produção, que pode ser avaliada através da evolução da média de pessoal ocupado por estabeleci-

Tabela 3 – ATIVIDADE INDUSTRIAL NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO – 1984

Indústria de transformação	Número de estabelecimentos		Pessoal ocupado		Capital investido na indústria (Cr\$ 1.000)	
	Nº absoluto	Participação no total (%)	Nº absoluto	Participação no total (%)	Nº absoluto	Participação no total (%)
Gêneros industriais						
Minerais não Metálicos	91	22,69	868	9,28	1.521.727	2,66
Metalúrgica	49	12,22	477	5,10	142.632	0,25
Mecânica	12	2,99	312	3,34	133.635	0,23
Material Elétrico e Comunicações	6	1,50	44	0,47	980	-
Material de Transporte	9	2,24	1.046	11,19	854.570	1,49
Madeira	20	4,99	235	2,51	43.215	0,08
Mobiliário	24	5,99	349	3,73	242.677	0,42
Papel e Papelão	3	0,75	216	2,31	66.300	0,11
Borracha	1	0,24	85	0,91	-	-
Couro, Peles, Similares	7	1,75	98	1,05	12.382	0,02
Química	10	2,49	810	8,66	41.902.004*	73,13*
Produtos Farmacêuticos e Veterinários	1	0,25		0,05	-	-
Perfumaria, Sabões e Velas	1	0,25		0,01	-	-
Matérias Plásticas	11	2,74	753	8,05	111.900	0,20
Têxtil	3	0,75	483	5,17	1.738.571*	3,03*
Vestuário, Calçados e Artefatos de Tecidos	45	11,22	671	7,18	24.390	0,04
Produtos Alimentares	59	14,71	1.218	13,03	1.686.485	2,94
Bebidas	6	1,50	1.194	12,77	8.246.959*	14,39*
Editorial e Gráfica	20	4,99	144	1,54	44.236	0,08
Diversas	4	1,00	56	0,60	838*	*
<b>Totais Indústria de Transformação</b>	<b>382</b>	<b>95,26</b>	<b>9.065</b>	<b>96,95</b>	<b>56.773,51</b>	<b>99,08</b>
<b>Indústria Extrativa</b>	<b>19</b>	<b>4,74</b>	<b>285</b>	<b>3,05</b>	<b>526.715*</b>	<b>0,92*</b>
<b>Totais Gerais</b>	<b>401</b>	<b>100,00</b>	<b>9.350</b>	<b>100,00</b>	<b>57.300.216</b>	<b>100,00</b>

Fontes dos dados: Cadastro da Prefeitura Municipal e da Delegacia Regional da FIESP-CIESP.

\* Estão incluídos todos os estabelecimentos do gênero. No total, foram computados os capitais investidos em 360 estabelecimentos.

Org.: Selingardi-Sampaio, S.

mento, em todo o setor industrial. Em 1970, este índice era de 11,06 pessoas ocupadas por estabelecimento, e em 1984 chegou a 23,31 pessoas ocupadas por unidade industrial. A análise por ramos revelou que a maior elevação da média de pessoal ocupado por estabelecimento, portanto maior concentração, ocorreu na indústria de bebidas, na têxtil, na de material de transporte e, em menor escala, na química e na mecânica. A concentração técnica deve ser entendida como um processo genérico, que afetou praticamente todo

o conjunto da atividade industrial, pois apenas dois gêneros pouco expressivos (madeira e editorial e gráfica) não a apresentaram.

A concentração ocorrida provocou alterações na estrutura dimensional dos estabelecimentos, com as pequenas unidades, que formavam a maioria absoluta, cedendo espaço para as médias e grandes, cuja expansão foi acelerada no período. Não foi possível, pela falta de dados completos, avaliar as mudanças ocorridas em todo o período em questão, mas a determinação da estrutura dimensional dos estabelecimentos para o ano de 1984 permite que alguns aspectos importantes sejam esclarecidos (Tabela 4). Assim, a situação existente na referida data indicava que, enquanto os micro estabelecimentos (0 a 5 pessoas ocupadas) representavam 62,10% do total existente e empregavam apenas 5,48% do total de pessoas ocupadas na indústria, os muito grandes (acima de 500 funcionários) eram apenas dois e se responsabilizavam por 13,82% do total de pessoal ocupado. Os grandes estabelecimentos (101 a 500 funcionários) formavam a classe dimensional que detinha a maior parcela (46,44%) do pessoal ocupado na indústria.

A distribuição dos estabelecimentos industriais por classes dimensionais, de acordo com os gêneros, pôde ser assim definida: os estabelecimentos muito pequenos, majoritários no conjunto, predominavam nos ramos tradicionais, como minerais não metálicos, produtos alimentares, vestuário, calçados e artefatos de tecidos, mobiliário, madeira e, como exceção, na metalurgia. Os pequenos apareciam predominantemente nos gêneros produtos alimentares, minerais não metálicos, metalurgia, vestuário, calçados e artefatos de tecidos, madeira, mobiliário, editorial e gráfica e nas indústrias extrativas. As grandes unidades de produção pertenciam aos gêneros metalurgia, mecânica, minerais não metálicos, material de transporte, madeira, mobiliário, papel e papelão, química, produtos de ma-

térias plásticas, produtos alimentares e bebidas, enquanto os estabelecimentos muito grandes restringiam-se aos ramos material de transporte e bebidas.

Em resumo, pode-se afirmar que a expansão industrial no município rio-clarense ocorreu simultaneamente com a concentração técnica, processo que se intensificou durante a Fase III, a ponto de definir uma estrutura dimensional dos estabelecimentos em que apenas 4,99% de todas as unidades de produção então existentes, ou seja, aquelas correspondentes a estabelecimentos de dimensões grandes e médias, respondiam por 60,26% do total de pessoal ocupado pelo conjunto industrial. De resto, tal processo se coadunava plenamente com a tendência ao gigantismo que então caracterizava a evolução de muitos gêneros industriais, especialmente os motrizes, a nível mundial e nacional, com o domínio do paradigma industrial fordista.

Por fim, cabe destacar outra alteração estrutural ocorrida após 1969, já subentendida através do que foi exposto até aqui e circunscrita à área financeira e administrativa. *Os capitais locais, dominantes durante a Fase III, tiveram reduzida sua participação relativa no conjunto da indústria em virtude da vigorosa afluência dos capitais externos ao município (de origem nacional e estrangeira) durante a aludida fase:* assim, de 52 estabelecimentos com 6 ou mais pessoas ocupadas surgidos durante a citada fase, 22 empregavam 50 ou mais pessoas e, destes, 15 eram controlados por capitais externos. Estes passaram, portanto, a deter um papel de destaque no conjunto da atividade

Tabela 4 - ESTRUTURA DIMENSIONAL DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS, SEGUNDO PESSOAL OCUPADO – RIO CLARO -1984

	Classes Dimensionais (segundo o pessoal ocupado)	Total do nº de estabelecimentos	Participação no total geral (%)	Total do pessoal ocupado	Participação no total geral (%)
Muito pequenos	0 a 5	249	62,10	513	5,48
Pequenos	6 a 20	75	18,70	820	8,77
	21 a 50	42	10,47	1.215	12,99
Médios	51 a 100	15	3,74	1.168	12,50
	101 a 200	9	2,24	1.309	14,00
Grandes	201 a 300	4	1,00	960	10,27
	301 a 400	2	0,50	698	7,46
	401 a 500	3	0,75	1.375	14,71
Muito grandes	Mais de 500	2	0,50	1.292	13,82
<b>Totais Gerais</b>		<b>401</b>	<b>100,00</b>	<b>9.350</b>	<b>100,00</b>

Fontes dos dados: Cadastro da Prefeitura Municipal e da Delegacia Regional da FIESP-CIESP. Pesquisa Direta.

Org.: Selingardi-Sampaio, S.

industrial rio-clarense e uma posição dominante no que se refere aos grandes e médios estabelecimentos.

Chegou-se a esta constatação por meio do levantamento, em pesquisa direta, da procedência dos capitais investidos nos 25 maiores estabelecimentos industriais do município, segundo a variável pessoal ocupado (Quadro 1). Tais informações, devidamente quantificadas, indicaram que, no citado estrato, a participação do capital local correspondia, em 1984, a 40% do total de estabelecimentos (10 unidades), a do capital estrangeiro a 16% (4 unidades) e a do capital externo de origem nacional a 44% (11 unidades). Ainda entre os 25 maiores estabelecimentos industriais do município, que empregavam um total de 6.085 pessoas, as unidades controladas por capital externo de origem nacional empregavam 58,70% do total do pessoal ocupado (3.572 pessoas), as pertencentes a capitais estrangeiros reuniam 13,36% do total (813 empregados) e as detidas por capitais locais ocupavam 27,94% do total (1.700 pessoas).

Evidenciou-se, pois, que o capital externo ao município, de origem nacional e estrangeira, empregava em seus estabelecimentos, em 1984, um contingente de 4.385 pessoas, que representavam 72,06% do total de pessoal ocupado nos 25 maiores estabelecimentos e 46,89% do total de pessoas ocupadas no conjunto da indústria rio-clarense (9.350 pessoas).

A penetração dos capitais externos fez-se quase que exclusivamente por meio da instalação de novos estabelecimentos (isto ocorreu com 19 empresas de capital externo). A compra de estabelecimentos já existentes, pertencentes a capitais locais, ocorreu em poucos casos, coincidentemente restritos ao gênero bebidas: a Indústria Reunidas de Bebidas Tatuzinho, controlada por um grupo financeiro de Piracicaba, adquiriu, na década de 1970, a indústria de aguardente 3 Fazendas S.A.; nos primeiros anos da década de 1980, a indústria de refrigerantes Casonatto, estabelecida desde os anos 1930, foi vendida a empresários paulistanos, e depois fechada; e a Villa Velha foi incorporada por um grupo empresarial de Catanduva (SP), e também foi desativada.

A implantação de novas indústrias, ainda que com ritmo um tanto arrefecido, manteve-se bastante expressiva na década de 1980, mas principalmente após 1984, desde que no período 1981-1983 houve crescimento negativo do PIB nacional e um nítido refluxo dos capitais externos, provavelmente consequência da crise mundial da economia capitalista no início dos anos 1980 e das incertezas da política econômica nacional, que fariam do referido decênio “a década perdida”. O Quadro 2 permite que seja avaliada a ainda significativa industrialização da Fase III entre 1985 e 1989, data que viria a representar o último ano da aludida Fase, desde que, a partir de 1990, novos eventos e situações ocorreram, provocando uma ruptura histórica na situação até então vigente e precipitando o início de uma nova fase, com feições diversas.

De acordo com o Quadro 2, é possível constatar quanto à estrutura produtiva que, dos 28 estabelecimentos pesquisados, e considerados os mais impor-

tantes surgidos nos anos 1980, sete pertencem ao ramo mecânica, quatro ao química, três à metalurgia, mais dois ao de material elétrico e de comunicações e, com apenas uma unidade surgida, os ramos de borracha e de matérias plásticas. Os ramos motrizes somaram, portanto, 18 unidades, ou 64,28% do total de estabelecimentos computados no período. Quanto ao número de pessoal ocupado, as mesmas 18 unidades de produção responsabilizaram-se por 1778 novos empregos gerados, ou 66,15% do total, sendo as mais importantes as duas unidades produtivas da então Multibrás, atual Whirlpool Latin America (detentora das marcas Brastemp, Consul e KitchenAid), a de produção de lavadoras (e também de fogões, desde 2007) e a de “chicotes” (distribuidores elétricos nos aparelhos fabricados pela empresa e por outras congêneres), que vem a ser a Brascabos Componentes Elétricos e Eletrônicos Ltda. Esta surgiu, portanto, como uma divisão da atual Whirlpool mas, em 2006, teve seu controle acionário transferido ao grupo Solartech International Holdings Limited, de Hong Kong, um dos maiores fabricantes mundiais de condutores elétricos e cordões de força, e mais tarde à empresa New Universe, do mesmo local.

Um fato a ser destacado, apesar de ser mais ou menos óbvio, é que as grandes unidades industriais surgidas em 1985 e após já nascem com incorporação das inovações tecnológicas do paradigma produtivo-organizacional flexível, ou pós-fordista, e as aperfeiçoam constantemente, pois precisam manter e ampliar competitividade em mercados globais. Exemplo de tais atitudes e estratégias é o da Whirlpool, em sua unidade de lavadoras e fogões (a maior empregadora industrial do município, em 2011, com 4000 funcionários), que tem certificações ISO 9001:2008, ISO 14001:2004 e 18001:2007, emprega sistemas operacionais modernos como JIT (Just in Time) e Kanban e dispõe de robôs em sua linha de produção, tudo isso em prédios claros, arejados, e com grande racionalidade no *lay out* de produção. Esta e algumas outras fábricas são a face da modernidade da indústria em Rio Claro, e fazem um interessantíssimo contraponto com aqueles estabele-

Quadro 2: MUNICÍPIO DE RIO CLARO: PRINCIPAIS INDÚSTRIAS INSTALADAS ENTRE 1980 E 1990 - RAMOS, PESSOAL OCUPADO, DATAS DE INSTALAÇÃO E PROCEDÊNCIA DOS CAPITAIS

Ramos Industriais	Estabelecimentos e/ou Empresas	Pessoal Ocupado	Data de Instalação	Procedência dos Capitais
Mecânica	01 - Brastemp S.A. (unidade Lavadoras)	570	1990	Ext. Nacional/Estrangeiro
Mecânica	02 - Brastemp S.A. (unidade Chicotes)	467	1985	Ext. Nacional/Estrangeiro
Prod. Alimentares	03 - Agroceres Ind. Com. Nutrição Animal	376	1987	Ext. Nacional
Química	04 - Crios Resinas Sintéticas S.A.	237	1982	Ext. Nacional
Madeira	05 - Harpex Artefatos de Madeira Ltda.	227	1985	Local
Borracha	06 - Gates do Brasil Ind. Com. Ltda	130	1986	Estrangeiro
Vest. Calçados e Artef. Tecidos	07 - Fac – Prá Confeccões Ltda.	130	1985	Local
Madeira	08 - Madeireira Brasil Rio Claro Ltda.	92	1985	Local
Química	09 - Diadema Ind. Química Ltda.	87	1988	Ext. Nacional e Estrangeiro.
Metalúrgica	10 - Metalúrgica Beccaro Ltda.	61	1982	Local
Química	11 - DPV Produtos Químicos Ltda.	39	1982	Local
Mecânica	12 - Mecanoplast Industrial Comercial Ltda	32	1989	Ext. Nacional/Estrangeiro
Mecânica	13 - C. Holzberg e Cia Ltda.	31	1982	Estrangeiro
Mecânica	14 - Anpac Indústria e Comércio Ltda.	26	1984	Ext. Nacional
Metalúrgica	15 - Metalfer Construções Metálicas Ltda.	25	1987	Ext. Nacional
Mat. Plásticos	16 - Mamplast Fibras e Plástico Ind. Ltda.	24	1983	Local
Diversos	17 - Synthes Ind. Com. Ltda.	22	1988	Estrangeiro/Local/Ext. Nacional
Prod. Alimentares	18 - Nat - Mel Indústria e Comércio Ltda.	17	1985	Local
Minerais não metálicos	19 - Refrata Cerâmica Refratária Ltda.	15	1990	Ext. Nacional
Mobiliário	20 - Rio Claro Ind. de Móveis Estofados Ltda.	15	1988	Ext. Nacional
Metalúrgica	21 - Serralheria Traina Esquadrias Alumínios e Ferro Ltda	12	1981	Local
Prod. Alimentares	22 - Cerealista Mackey Ltda.	11	1988	Local
Mat. Elétrico e Comunicação.	23 - Aitec Automação Ind. Com. Ltda.	11	1987	Local
Mecânica	24 - CAC Equipamentos Hidráulicos Ltda	09	1990	Local
Mecânica	25 - Indústria Mecânica Eletro Eletrônica Curilla Ltda.	06	1986	Local
Química	26 - Richmond Química Industrial Ltda.	06	1990	Local
Mobiliário	27 - Veneza Indústria e Comércio de Móveis Tubulares Rio Claro Ltda.	05	1986	Local
Mat. Elétrico e Comunicação	28 - Tec - López Equipamentos Industriais Ltda.	05	1989	Local
<b>Total</b>		<b>2688</b>		

Fontes dos dados: Pesquisa Direta.

Org.: Selingardi-Sampaio, S.; Cruz, R.A.P.

cimentos remanescentes de fases mais antigas da industrialização rio-clarense. Constatar tal contraste *in loco* é uma experiência extraordinária, que vale mais do que mil palavras explicativas.

O Quadro 2 revela, ainda, em relação à estrutura dimensional das unidades de produção, que os estabelecimentos médios assumiam importância quanto ao número surgido (10 unidades, contra 11 dos pequenos e 7 dos grandes), assim como continuava a tendência à concentração técnica da produção, desde que as fábricas grandes (em número de 7) detinham a parcela mais expressiva de pessoal ocupado, ou seja, 1567 funcionários, representando 58,29% de todos os empregos gerados pelas 28 indústrias consideradas.

Quanto à *estrutura financeiro-administrativa*, pode-se afirmar que a evolução ocorrida ao longo dos



*Vista geral da fachada da unidade de lavadoras e fogões da Whirlpool Latin America, no Distrito Industrial de Rio Claro.  
Data da foto: 1994*



*Interior da fábrica de lavadoras e fogões da Whirlpool, com as caixas típicas do sistema Kanban.  
Data da foto: 1994*

anos 1980 veio reforçar o quadro preexistente, já que das 28 principais indústrias surgidas no período, 13 delas, ou 46,42% do total, resultaram de investimentos externos ao município. Assim, capitais nacionais não locais instalaram a Metalfer Construções Metálicas Ltda (de Araras, SP); a Refratta Cerâmica Refratária Ltda. (de Porto Ferreira, SP); e a Agroceres Indústria e Comércio de Nutrição Animal Ltda (de Patos de Minas, MG). Os capitais estrangeiros responsabilizaram-se pela implantação da C. Holzberger & Cia. Ltda (da Alemanha) e da Gates do Brasil Ind. e Comércio Ltda (dos EUA). Capitais estrangeiros associados a nacionais resultaram em cinco implantações: Diadema Indústrias Químicas Ltda., Meca-

noplast Industrial Comercial Ltda. e Crios Resinas Sintéticas S.A., surgidas de associação de capitais alemães e brasileiros; e as duas unidades da então Multibrás, a de lavadoras e a de chicotes eletrônicos, resultantes de associação de capitais norte-americanos e nacionais (como antes afirmado, na atualidade a Brascabos não pertence mais à Whirlpool Latin America).

Ressalte-se que as últimas cinco indústrias citadas, e mais a Rio Claro Indústria de Móveis e Estofados Ltda. e a Anpac Indústria e Comércio Ltda., ambas controladas por capitais nacionais, foram descentralizadas a partir da metrópole de São Paulo, pelas respectivas empresas controladoras. Tais implantações vêm, portanto, corroborar a noção de que, a partir de 1969, Rio Claro se integrou plenamente aos processos de desconcentração e descentralização industrial comandados pela aludida metrópole, em direção a algumas áreas selecionadas, no interior do estado paulista, assim como continuou, nos anos 1980, a receber investimentos industriais estrangeiros, consolidando sua inserção (assim como as do Brasil, do estado paulista e da metrópole de São Paulo) na economia mundial, agora efetivamente globalizada, e no sistema global de produção industrial.

Quando interrogadas sobre os fatores de atração que teriam influenciado para que a decisão locacional privilegiasse o município de Rio Claro, entre tantos outros que potencialmente eram candidatos, as empresas advindas na década de 1980 arrolaram os mesmos fatores já explicitados no Capítulo 1. Assim, mais uma vez, o maior destaque foi dado ao fator posição geográfica do município, em área central do estado paulista e bem servido por meios de transporte e comunicações. Em seguida, foi citada a boa qualidade de vida, presumível em uma cidade média, teoricamente mais tranquila e segura e menos poluída que centros maiores. A disponibilidade de mão de obra com bom nível técnico e pouco engajada em movimentos sindicais, e a existência de um Distrito Industrial destinado ao acolhimento de indústrias de médio e grande porte foram fatores citados por seis das grandes e médias

empresas oriundas da metrópole paulistana, em especial de São Bernardo do Campo, Diadema e Cotia.

Já os incentivos da Prefeitura Municipal foram citados por apenas uma das empresas adventícias, fato que deixou patente o inexpressivo papel que as políticas industriais desempenharam nos anos 1980, a nível local. Com as crises econômicas mundial e brasileira emergindo e se instalando, Rio Claro teve suas verbas orçamentárias bastante reduzidas. Com isso, vários aspectos da política industrial local sofreram alterações, como a supressão de incentivos de ordem financeira e de doações de áreas para instalação ou realocação de indústrias; desse modo, muitas das instaladas na década de 1980 usufruíram apenas da concessão de incentivos relativos à infraestrutura urbana (como a Brastemp - Lavadoras), o que vem reforçar, por outro lado, a força dos demais fatores de atração relacionados pelas empresas pesquisadas.

Por tudo o que foi exposto nas últimas páginas, pode-se concluir que a evolução da industrialização em Rio Claro, na década de 1980, não mostrou alterações expressivas em relação àquela analisada para os anos 1970, alterações que pudessem chegar a ser interpretadas como um ponto de ruptura em relação aos parâmetros considerados. Houve, sim, desaceleração no ritmo de implantações ocorridas, causada pela força de agentes externos ao município (crise financeira mundial, crise do fordismo, retração da economia brasileira como efeito dos problemas mundiais e nacionais, etc.); mesmo assim, o número de estabelecimentos foi ampliado de 359, em 1980, para 545, em 1990, um aumento absoluto de 186 unidades, ou de 51,81% em um período de dez anos. Pode-se afirmar, pois, em síntese, que a análise de todas as variáveis consideradas mostrou que a grande maioria das feições estruturais que levaram ao reconhecimento da Fase III da citada industrialização (a saber, crescimento mais acelerado que na Fase II; crescente importância dos ramos motrizes, dos estabelecimentos de grandes e médias dimensões e dos capitais externos ao município) ainda podiam ser identificadas até 1990. Uma mudança brusca, entretanto, em especial

quanto ao ritmo de crescimento industrial, estava muito próxima, e iria sinalizar que uma nova fase definia seus contornos, pouco animadores nos anos iniciais, a partir de 1990.

#### **A FASE IV – 1990 em diante.**

- Características essenciais: *A extinção de alguns marcos industriais rio-clarenses; a restrita ocorrência de novos investimentos em grandes indústrias; o domínio quantitativo dos estabelecimentos de micro e pequeno portes; e a constatação de que ocorrem, simultaneamente, aumento da diversidade de ramos e produtos e consolidação de uma especialização produtiva, com o reconhecimento da inserção de Rio Claro em um Polo Cerâmico de abrangência micro-regional.*

Antes de tudo, cabe esclarecer que não há dúvidas sobre o fim da Fase III a partir de 1990, por todos os eventos que se sucederam, em breve espaço de tempo. Analisando-os, fica muito clara a mudança da conjuntura geral socioeconômica no município, estabelecendo-se uma ruptura com a fase até então vigente.

Nesse sentido, desde o início de 1990 até aproximadamente meados de 1994, Rio Claro viveu um período histórico de duras perdas econômicas. À diminuição gradativa de empregos, principalmente industriais, devida a causas macroeconômicas (crise no Brasil e no exterior), foi acrescido um quadro de desemprego atípico, gerado subitamente, em golpes sucessivos, com o fechamento e/ou paralisação de três de seus maiores estabelecimentos industriais. O primeiro dos golpes foi a extinção da fábrica da Cianê – Companhia Nacional de Estamparia, do grupo Severino Pereira da Silva, com sede em Sorocaba, SP, que havia comprado, no início dos anos 1980, várias fábricas do grupo Matarazzo, entre elas a de Rio Claro. Em 1989, por divisão de herança entre herdeiros do grupo da Cianê, seu setor têxtil ficou em mãos de um membro da família que, por razões de racionalidade econômica, resolveu proceder à integração técnica de várias etapas produtivas em alguns poucos estabeleci-

mentos, e logo após transferiu os 626 teares do setor de tecelagem da fábrica de Rio Claro para outras unidades da empresa em Ribeirão Preto e Sorocaba, onde estavam localizadas as seções de fiação, alveijamento, tinturaria e estamparia. Também o fato da unidade rio-clarenses ser antiga, assim como seus equipamentos, pesou para a decisão tomada. Assim, por obsolescência de processos e pela necessidade de integração técnica de fases produtivas, foi a fábrica da Cianê, um dos marcos industriais de Rio Claro, fechada em fevereiro de 1990, e com ela foram extintos 650 empregos. Seus prédios permanecem, contudo, ficaram alguns anos desocupados e, a partir de 1994, foram reformados e refuncionalizados com o Shopping Center local, atualmente em expansão.

Outra indústria emblemática de Rio Claro também se aproximava de seu fim. Remanescente da Fase I, a Cervejaria Rio Claro, controlada pela Cia. Cervejaria Brahma desde 1980, há tempos emitia sinais de que a localização intra-urbana, em pleno centro da cidade, com prédios e equipamentos espalhados por cerca de seis quadras, não era a mais racional, do ponto de vista econômico. Não havia espaço para ampliações, o IPTU se tornou muito elevado, assim como cara a água utilizada pela indústria. Assim, para a empresa Brahma, preocupada com pesados investimentos em tecnologia, e em aumento da capacidade produtiva e da produtividade, o que interessava, naquele momento, era a construção de fábricas novas, se possível com muitos incentivos oferecidos pelas prefeituras, como em Jacaré (SP), Lages (SC) e Recife (PE), de modo a manter ou melhorar sua posição no mercado. Nesse contexto empresarial é que a fábrica de Rio Claro foi desativada, como um puro lance, por parte da empresa, de racionalização de suas atividades.

A decisão foi relativamente súbita, pelo menos para os rio-clarenses, e em maio de 1992 cerca de 500 funcionários foram demitidos (a ida para a nova fábrica em Jacaré foi oferecida, mas não se sabe quantos aceitaram essa proposta) e a fábrica encerrou suas atividades, deixando, entretanto, na paisagem urbana,

suas edificações, parcialmente remodeladas e/ ou refuncionalizadas, até a atualidade.

Igualmente a Gurgel Motores S. A., que fabricava veículos diferenciados, com carrocerias de plástico reforçado (obtidas com a aplicação de resinas sobre mantas de fibra de vidro), enfrentou graves problemas financeiros no início dos anos 1990 e, entre novembro de 1991 e janeiro de 1993, teve seu quadro de funcionários reduzido de 1.080 pessoas para apenas 60, até o fechamento completo, em 1994. Essa empresa, típica representante do movimento de desconcentração / descentralização industrial da metrópole paulistana para o interior do estado, havia se instalado em Rio Claro em 1975, e desde então se colocava entre as maiores empregadoras do município. Sua desativação não foi brusca, pelo contrário, fez-se anunciar por alguns anos, mas os efeitos deletérios da extinção dessa fonte de empregos também foram muito sentidos localmente, em especial porque ela veio agravar um momento conjuntural já bastante deteriorado, economicamente.

Enquanto tais fatos aconteciam com as grandes indústrias, as menores também registravam problemas: pequenas e médias indústrias de confecções fecharam; a M.G.M. passou por sérias dificuldades financeiras; a fábrica da Interfibra foi transferida para Santa Catarina; a da caninha Villa Velha foi destruída por um grande incêndio; a Chicotron, outra empresa que havia se instalado em Rio Claro para produzir chicotes elétricos, paralisou suas atividades e demitiu empregados. Em meio a tudo isso, nenhuma empresa de porte considerável se instalou no município, e também a lenta desativação das Oficinas da Fepasa começava a se delinear mais claramente, até a completa paralisação por volta de 2009.

Acrescente-se, ainda, que os limites estabelecidos, por lei estadual, para a Área de Proteção Ambiental - APA de Piracicaba, seccionavam o Distrito Industrial rio-clarense e inviabilizavam sua expansão futura. O panorama industrial não se mostrava positivo, portanto, e grande parte das razões para isso

residia em fatores externos, de escala nacional, que exerciam, naquele momento histórico, uma influência negativa muito forte. Para citar apenas alguns, sejam lembrados o confisco monetário do início do governo Collor; seu *impeachment*, pouco depois; a abertura comercial que ele propiciou, e o recrudescimento da concorrência mundial que confrontou, de repente, a indústria nacional, até então bastante protegida pelas barreiras alfandegárias; a inflação galopante, que havia resistido a vários planos de combate, e apenas seria debelada após 1994, com o Plano Real, etc., etc.

No âmbito local, problemas também não faltavam em outros setores, que não a indústria: no setor comercial, vários estabelecimentos foram fechados, inclusive o das Lojas Riachuelo, e um shopping às margens da via Washington Luís não saiu do papel; no plano político, as incertezas quanto ao fato do prefeito eleito em 1992 poder ou não exercer legalmente seu mandato criaram um clima de expectativa pessimista no município, que foi adiando, *sine die*, certas decisões e obras que poderiam tê-lo beneficiado.

Após a tempestade, porém, costuma vir a bonança... Depois do período extremamente negativo de 1990 a meados de 1994, alguma mudança pôde ser sentida, um novo alento pareceu tomar conta da vida rio-clarense, com a ocorrência de alguns fatos auspiciosos. Na indústria, tomou forma o Projeto NIDO (Núcleo de Iniciação e Desenvolvimento de Organizações), implantado pela Fiesp - Ciesp, o qual veio a abrigar uma incubadora de microempresas e pequenas empresas nascentes, muito ativa, desde então; atualmente, a entidade gestora e mantenedora do Nido é a Acirc. Uma fábrica de porte médio, a da Masterglass Ind. e Com. Ltda., transferiu-se de Santa Catarina para Rio Claro, e veio aumentar o número de empresas vinculadas ao setor cerâmico. A empresa Torque Mecânica S.A., do vizinho município de Araras, concluiu a construção de sua grande fábrica, no Distrito Industrial; atualmente, ela é um dos maiores estabelecimentos do município, com 830 funcionários, mudou sua razão social para DNP Indústria de

Navegação Ltda., faz barcas para navegação fluvial e ainda tem uma secção de estamparia, que produz carrocerias para a Volkswagen do Brasil.

No plano político, e afetando o setor industrial, registre-se que, depois de muita movimentação política, foi obtida a alteração pretendida nos limites da APA – Piracicaba, que deixou o Distrito Industrial rio-clarense livre de restrições para expansão futura. Cabe lembrar, ainda, que, após quatro anos sem qualquer estímulo à industrialização do município, o poder local promulgou, em 29 de dezembro de 1993, a lei nº 2629, que instituiu o Programa de Desenvolvimento Econômico de Rio Claro - PRODERC, visando incentivar, com estímulos financeiros e fornecimento de infraestrutura, a instalação de novas empresas e oferecer condições para a expansão daquelas já instaladas, programa, este, que vige até hoje, com bons resultados.

Entendo que a colocação de todos esses fatos tenha sido suficiente para comprovar algumas argumentações anteriores, de que existiu um ponto de mudança bastante nítido, a partir de 1990, que constitui, portanto, embasamento para a minha proposição de que uma nova fase industrial começou naquela data e continua até hoje, pelos indícios que percebo. Não se tem, contudo, uma adequada e suficiente perspectiva histórica, e pesquisas muito mais detalhadas do que esta, para uma perfeita comprovação. Com tal entendimento, pode-se tentar definir algumas características da Fase IV da industrialização rio-clarense, que a diferenciam da fase precedente.

- Em 2000, com base na Lista das Atividades Industriais, da Prefeitura Municipal de Rio Claro, realizei uma análise de sua evolução industrial no período 1990 a 2000, e argumentei que podia se perceber, apesar da perspectiva histórica de tão curto alcance, um *arrefecimento do ritmo de implantação de novas indústrias, em especial das de porte médio e grande* (SELINGARDI-SAMPAIO, 2000). Isso porque os dados da aludida Lista mostravam que o número de indústrias locais havia subido de 545, em 1990, para 653, em 2000, um aumento absoluto de 108 unidades,

ou de 19,81% na década em questão, o que caracteriza *uma expansão muito discreta ao longo de 10 anos*, e que vem contrastar com o crescimento verificado nos anos 1980 a 1990, quando o aumento verificado foi de 186 estabelecimentos (ou de 51,81%).

- *O crescimento por ramos industriais* mostrou que o gênero que mais expandiu seu número de unidades produtivas entre 1980 e 2000 foi o de vestuário, calçados e artefatos de tecidos, que passou de 31 para 152 estabelecimentos, um crescimento relativo de 390% em dez anos. Vinham em seguida a metalurgia, com 94 unidades produtivas, o ramo de minerais não metálicos, com 69 estabelecimentos, e diversos, com 55.

- Introduzindo o referido decênio, *um quadriênio de nítida retração do emprego industrial pôde ser registrado, com desativação de grandes e tradicionais estabelecimentos*, como anteriormente visto.

- *O tamanho das empresas/estabelecimentos industriais* é outro aspecto importante que a Tabela 5 esclarece, sendo possível notar que, em 2000, de 653 unidades de produção, 347 eram classificadas como microempresas, o que representa uma participação de 53,13% no total de empresas. Como em 1990 essa proporção havia sido de 28,25% do total, torna-se evidente que a aludida participação ampliou-se drasticamente, ao longo da década em questão. Essa situação tinha suas causas fundadas, entre outras, nos reduzidos capitais locais para investimento; nas crises econômicas e políticas que ocorriam em escala macro, e também na local; no aumento do risco e da competitividade industrial, e seus efeitos se faziam sentir na reduzida oferta de empregos e na alta taxa de “mortalidade” empresarial, que é especialmente ampliada nessa categoria dimensional de indústrias.

- Infelizmente, os dados da Lista de 2000 não abrangiam o número de pessoal ocupado. Ante tal lacuna, cabe recorrer a outros dados existentes, embora não do mesmo ano e nem com a mesma abrangência. Em 1997, elaborei a lista dos 100 maiores estabelecimentos industriais de Rio Claro, ocasião em que todas essas unidades foram por mim contatadas, para o

Tabela 5 - ATIVIDADE INDUSTRIAL NO MUNICÍPIO DE RIO CLARO: EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS POR RAMOS, NO PERÍODO 1980 - 2000.

RAMOS OU GÊNEROS	1980	1990	1999	2000
MINERAIS NÃO METÁLICOS	90	104	82	69
METALÚRGICA	26	76	101	94
MECÂNICA	20	19	20	29
MATERIAL DE TRANSPORTE	09	08	10	09
MATERIAL ELÉTR. E COMUNICAÇÕES	06	10	22	25
MADEIRA	09	21	32	32
MOBILIÁRIO	27	26	35	32
PAPEL E PAPELÃO	02	04	05	05
BORRACHA	02	-	02	02
COURO, PELES E SIMILARES	01	04	02	03
QUÍMICA	14	14	24	18
PRODUTOS FARMAC. E VETERINÁRIOS	-	-	02	01
PERFUMARIA, SABÕES E VELAS	-	-	02	02
PRODUTOS DE MATÉRIAS PLÁSTICAS	06	11	23	26
TÊXTIL	07	04	02	03
VESTUÁRIO, CALÇADOS E ARTEF. DE TECIDOS	31	123	165	152
PRODUTOS ALIMENTARES	63	60	62	56
BEBIDAS	08	07	04	03
EDITORIAL E GRÁFICA	12	07	20	16
DIVERSOS	07	26	42	55
<b>TOTAIS DA IND. DE TRANSFORMAÇÃO.</b>	<b>340</b>	<b>524</b>	<b>657</b>	<b>632</b>
<b>INDÚSTRIA EXTRATIVA</b>	<b>12</b>	<b>18</b>	<b>16</b>	<b>18</b>
<b>SERVIÇOS DE APOIO</b>	<b>07</b>	<b>03</b>	<b>03</b>	<b>03</b>
<b>TOTAIS GERAIS</b>	<b>359</b>	<b>545</b>	<b>676</b>	<b>653</b>
<b>MICROEMPRESAS</b>	<b>-</b>	<b>154</b>	<b>360</b>	<b>347</b>

Fontes dos dados:

1990 - 1999 - 2000 - Cadastro Industrial - Prefeitura Municipal

1980 - Censo Industrial do IBGE

Org.: Selingardi-Sampaio, S.

levantamento de seu número de empregados. O total obtido foi de 11.126 pessoas ocupadas, sendo possível supor que, além das 100 maiores, não existissem mais que 2000 empregados em todas as demais unidades. Assim, mesmo com tal ressalva, verifica-se que o total obtido em 1997 representa 78,88% de expansão em relação ao total de 1980 (8.777 empregados) e 84,03% em relação ao de 1984, ano de crise, como se viu (Tabela 2). Essas taxas, apesar da não exata concordância das datas e da abrangência dos dados, ficam muito aquém

daquelas registradas entre 1970 e 1980 (121,47%) e entre 1970 e 1984 (135,93%), na Fase III, e justificam, mais uma vez, a delimitação e identificação da Fase IV. Dessa forma, e com todos os devidos cuidados, *pode ser reafirmado, em relação à variável pessoal ocupado, que o período 1990-2000 apresentou discreta expansão industrial, se comparado às décadas anteriores.*

Pelos eventos e dados aqui analisados, concernentes à Fase IV da industrialização de Rio Claro, é possível afirmar que a passagem da Fase III para a Fase

IV, talvez como todas as transições, foi marcante e dolorosa. Hoje, pode-se realmente reiterar que se esgotou uma etapa secular da produção industrial rio-clarense, a partir de 1990. O município deixou de ser conhecido pelas oficinas ferroviárias, pelos tecidos, pela cerveja, pelo carro realmente nacional. Tudo isso pertence ao passado, embora deva permanecer na memória oral e escrita. No século XXI, a indústria local reafirma-se em alguns ramos e setores, renova-se e reestrutura-se em outros e consolida Rio Claro na condição de centro industrial diversificado, que tem nos eletrodomésticos da linha bran-

ca, nos plásticos, nas balas e caramelos, na fibra de vidro, em tipos variados de máquinas, inclusive as cortadoras e moedoras de carne e frios, em materiais químicos e em artigos cerâmicos seus principais produtos. Continuarão eles a dominar pelo restante do presente século? É uma pergunta sem resposta, no momento, que não deve ser esquecida, contudo.

Para completar a análise da Fase IV, uma nova pesquisa foi efetuada junto ao Cadastro da Prefeitura, em 2011, e os resultados obtidos são apresentados a seguir.

## O ESBOÇO DE UM PAINEL GERAL DA INDÚSTRIA EM RIO CLARO, NA ATUALIDADE.

Depois da periodização empreendida, com o objetivo de propiciar uma perspectiva abrangente da totalidade do processo de evolução industrial de Rio Claro e a definição de seus traços mais marcantes, além de certas especificidades percebidas, resta a tarefa imprescindível de tentar delinear um quadro geral da atualidade, uma análise da situação constatada em 2011, em plena Fase IV, tanto para permitir completude ao presente texto quanto para oferecer alguns dados e conclusões sobre esse tema tão importante e, paradoxalmente, tão pouco estudado.

Para a efetivação de tais propósitos, não há como fugir à difícil e exaustiva análise do “Cadastro da Prefeitura Municipal de Rio Claro – Indústria e Serviços - 2011”. Ele disponibiliza aos interessados dados preciosos sobre razão social das empresas, nome fantasia, código e classificação sumária de atividade, data de instalação da firma, número de funcionários, telefone e endereço. Tais dados, entretanto, estão agrupados apenas por tipos de atividades, sem ordem alfabética das empresas e sem ordenação cronológica rigorosa, cabendo ao pesquisador fazer as tabulações e os agrupamentos estatísticos que lhe interessem.

No presente caso, e em função do propósito específico desta pesquisa, foi preciso considerar todas as empresas classificadas simplesmente como “Indústrias”, e ainda “garimpar” outras que aparecem em meio às atividades “Instalação e Montagem de Aparelhos, Máquinas e Equipamentos”, “Editorial e Gráfica”, “Alfaiataria e Costura exceto Aviamentos”, “Carpintaria e Serralheria”, além de vários outros códigos e especificações. Nessas análises, foram por mim consideradas como indústrias também as firmas cuja razão social é apenas o nome do empresário, mas 1) têm algum indicativo de atividade produtiva, como

as classificações ME (microempresa), MEI (microempresário individual) e EPP (empresa de pequeno porte) ou termos como “confeccões” ou “plásticos”; 2) têm um número de funcionários igual ou superior a dois, o que leva a que se pressuponha não se tratar de uma única pessoa prestadora de serviços. Nesta tarefa, o conhecimento empírico do lugar e das indústrias nele localizadas acaba se revelando um precioso aliado do pesquisador. Os resultados das longas e repetidas contagens são explanados a seguir.

Como mostra a Tabela 6, em junho de 2011 podia ser contabilizado em Rio Claro um total de 729 *estabelecimentos industriais*, o que representa um aumento de 10,42% em relação ao total registrado em 2000 (653 unidades produtivas), uma expansão muito discreta, por sinal. Já o *número de funcionários empregados atingia um total de 20.274* pessoas e, nesse caso, fica mais difícil fazer comparações com os dados anteriores de 1997, que se referiam apenas ao total de pessoal ocupado nas 100 maiores indústrias. De qualquer modo, os dados existentes indicam claramente que há um dinamismo relativamente ativo no processo de industrialização local, não tendo ocorrido estagnação ou retração da indústria, na primeira década do século XXI, o que de resto é bastante coerente com a expansão econômica vivenciada pelo Brasil, em especial a partir de 2007. Em especial, cabe destacar o grande aumento no número de funcionários na unidade produtiva da Whirlpool S/A, o qual deve resultar tanto da transferência da produção de fogões, antes em São Bernardo do Campo, para o estabelecimento de Rio Claro, quanto do bom momento que as vendas de eletrodomésticos da linha branca desfrutaram no país, beneficiadas que foram com a redução do IPI, nos dois últimos anos.

Tabela 6 - TOTAL DE ESTABELECEMENTOS E DE FUNCIONÁRIOS DA INDÚSTRIA DE RIO CLARO - JUNHO DE 2011.

Tipos de atividades	Número de estabelecimentos	Número de funcionários
Indústria	412	11.678
Inst., montagem de aparelhos, máquinas e equipamentos.	37	1.577
Editorial e gráfica	26	145
Alfaiataria e costura exceto aviamentos	62	298
Carpintaria e serralheria	38	166
Indústrias encontradas em meio a outros códigos de atividades	154	6.410
<b>Totais</b>	<b>729</b>	<b>20.274</b>

Fontes dos dados: Cadastro da Prefeitura Municipal de Rio Claro - "Indústria e Serviços" - 2011. Secretaria de Desenvolvimento Econômico Org.: Selingardi-Sampaio, S.

Os dados do Cadastro da Prefeitura possibilitam, também, que se chegue a uma definição geral sobre o *tamanho das empresas/estabelecimentos*. Enquanto os de maior porte, que ocupam acima de 100 funcionários, são 30, as ME somam 324, as MEI atingem um total de 81 unidades e as EPP são 21. Somadas todas essas unidades produtivas muito pequenas, chega-se a um total de 426 estabelecimentos, que representam 58,43% do total da indústria de Rio Claro. Destaque-se que essa proporção tem aumentado com o decorrer do tempo, desde que foi de 28,25% em 1990 e de 53,13% em 2000. Esses dados vêm corroborar algumas argumentações feitas ao longo deste texto, e em uma perspectiva histórica: os capitais locais investidos na produção industrial não são vultosos; os grandes estabelecimentos resultaram, quase todos, de investimentos externos ao município; os empreendimentos micro e pequenos, apesar de representarem alguma oferta de emprego, sem dúvida, são relativamente instáveis, o que é atestado pelas altas taxas de “mortalidade” entre eles (e também de “natalidade”, daí a instabilidade reconhecida). Essa última consideração é especialmente válida para o ramo de Confecção de Artigos de Vestuário e Acessórios.

Outra constatação possível é sobre a *estrutura*

*produtiva* da indústria local. Antes, porém, esclareça-se que, além da classificação geral por código de atividade, conforme explicitado no início deste capítulo, não há outro tipo de agrupamento no Cadastro que permita a exata definição do tipo de produção que cada estabelecimento desenvolve, dessa forma, é preciso se guiar pelo conhecimento empírico e pela razão social das empresas que, em sua maioria, nela incluem um indicativo de produção. Já as ME, MEI e EPP não fazem isso, o que se consegue é apenas o nome do proprietário e, nesse caso, teria que ser consultado o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), da Receita Federal, ou se proceder à pesquisa direta, na própria indústria, sem garantia, contudo, de que os dados demandados sejam fornecidos. Tudo muito difícil e demorado, como se pode constatar. No presente caso, muitas classificações puderam ser efetuadas, com a ressalva de que há um número contabilizado de indústrias sem indicação explícita do tipo de produção, o qual futuras pesquisas de campo tentarão determinar.

Atente-se, pois, para a Tabela 7, que, ao contrário das similares anteriores, já incorpora a classificação por grupos, setores, ramos e sub-setores industriais utilizada pelo IBGE a partir de 1994, ou seja, a Classificação

Nacional das Atividades Econômicas – CNAE, que veio permitir um melhor estudo da estrutura produtiva do país, em um patamar mais desagregado que a anterior. Na aludida tabela, é possível observar que, quanto ao número de estabelecimentos:

- domina o de Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios, com 161 estabelecimentos, a maioria de micro e pequenas dimensões;

- vem em seguida Fabricação de Produtos de Metal exceto Máquinas e Equipamentos, com 81 unidades produtivas;

- aparecem depois, em ordem decrescente, Mecânica-Fabricação de Máquinas e Equipamentos, com 57 fábricas; Fabricação de Produtos Alimentícios, com 51 e Fabricação de Produtos de Minerais não Metálicos, com 43 estabelecimentos.

Tem-se, portanto, um tipo de estrutura de produção com três ramos de natureza tradicional e dois de natureza motriz, segundo o número de unidades produtivas.

Ressalte-se que essa classificação com base no número de estabelecimentos é feita em função da disponibilidade de dados; ela é apenas uma visão quantitativa possível, pois, se fosse permitido o acesso a dados de Valor Adicionado, de faturamento das empresas e/ou de recolhimento de ICMS, é óbvio que os ramos Mecânica-Fabricação de Máquinas e Equipamentos, Fabricação de Produtos de Metal, Fabricação de Minerais Não Metálicos e Fabricação de Produtos Alimentícios suplantariam largamente a indústria de confecções local.

Já quanto ao número de funcionários, foi definida a seguinte es-

trutura produtiva:

- o gênero mais importante é Mecânica - Fabricação de Máquinas e Equipamentos, com o total de 5.890 funcionários e média de 103,33 empregados por unidade fabril. Há que se notar, contudo, que essa média mascara a realidade, desde que nesse ramo estão computados os 4000 empregados da Whirlpool, que é então o estabelecimento mais importante do gênero em questão, e os 830 funcionários da DNP Indústria de Navegação Ltda.;

- em segundo lugar, aparece a Fabricação de Produtos Alimentícios, com 2.656 pessoas ocupadas,

Tabela 7 – ESTRUTURA PRODUTIVA DA INDÚSTRIA EM RIO CLARO – 2011

SETORES DE ATIVIDADES	Nº Estab.	Nº Func.
INDÚSTRIA EXTRATIVA	18	147
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	711	20.127
DIVISÕES E GRUPOS DE ATIVIDADES		
Fabricação de produtos alimentícios	51	2.656
Bebidas	3	188
Fabricação de produtos têxteis	2	78
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	161	1.154
Preparação de couros e fabricação de produtos de couro, artigos para viagens e calçados.	-	-
Fabricação de produtos de madeira	28	480
Fabricação de celulose, papel, produtos de papel	4	49
Edição, impressão e reprodução de gravações	34	352
Fabricação de produtos químicos	31	1.217
Fabricação de artigos de borracha	3	299
Fabricação de matérias plásticas	28	2.022
Fabricação de produtos de minerais não metálicos	43	1.801
Metalurgia básica	26	94
Fabricação de produtos de metal – exceto máquinas e equipamentos	81	789
Mecânica – Fabricação de máquinas e equipamentos	57	5.890
Fabricação de máq. para escritório e equipamentos de informática	-	-
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos.	8	133
Fabricação de material eletrônico e aparelhos e equipamentos de comunicações	8	1.500
Fab. de equip. de instrumentação médico – hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial, cronômetros e relógios	13	225
Fabricação de montagem de veículos automotores, reboques e carrocerias.	2	34
Fabricação de outros equipamentos de transporte	-	-
Fabricação de móveis	12	526
Indústrias diversas	9	165
Indústrias sem indicação explícita de ramo e grupo (apenas pesquisa de campo ou consulta ao CNPJ podem esclarecer)	107	475
Totais Gerais	729	20.274

Fontes dos dados: Cadastro da Prefeitura Municipal de Rio Claro – "Indústria e Serviços" – 2011. Secretaria de Desenvolvimento Econômico (dados da Whirlpool)  
Org.: Selingardi-Sampaio, S.

com média do ramo de 52 pessoas por estabelecimento, aparecendo aí a força da Riclan, com suas duas unidades, que somam 1442 empregados;

- na terceira posição, surge a Fabricação de Matérias Plásticas, com um total de 2022 funcionários e média de 72 pessoas por estabelecimento, a terceira mais alta de todos os ramos e sub-setores, fato que, nesse caso específico, revela o porte médio e grande de muitas das unidades produtivas. Destaque-se que esse sub-setor industrial desenvolveu-se a partir da Fase III, em especial após a implantação da fábrica da Owens Corning (Ocfibras), produtora da matéria-prima industrial fibra de vidro, utilizada, entre muitas outras indústrias locais, pela Tigre S.A. Tubos e Conexões, maior unidade do sub-setor, com 1075 funcionários;

- ratificando a importância da inserção de Rio Claro em um Polo Cerâmico micro-regional, o ramo Fabricação de Minerais não Metálicos ocupa lugar de destaque nessa classificação, englobando um total de 1801 funcionários, com média do ramo de 42 pessoas por unidade produtiva;

- o quinto lugar é ocupado pelo sub-setor de Fabricação de Material Eletrônico e de Aparelhos e Equipamentos de Comunicações, com média de 187 funcionários por estabelecimento. Novamente, tem-se o típico exemplo da média mascarando a realidade, pois, na verdade, a grande responsável pela quantidade de empregados nesse sub-setor é uma única fábrica, a da Brascabos Componentes Elétricos e Eletrônicos S.A., com 1327 funcionários. As duas outras de maior porte empregam 88 e 41 pessoas.

O ramo que vem a seguir é o de Confecção de Artigos do Vestuário e Acessórios que, com o maior número de estabelecimentos, 161 como se viu, emprega apenas 1154 funcionários e, ressalte-se, com média de 7 pessoas por estabelecimento. Fica ratificada, portanto, a característica desse ramo em Rio Claro, já reconhecida em pesquisas anteriores, que é o de possuir um número muito elevado de estabelecimentos de micro e pequeno porte, que demandam poucos capitais

para investimento, e assim surgem, mas também desaparecem, com relativa facilidade.

Em síntese, pode-se afirmar que, na atualidade, a estrutura produtiva da indústria rio-clarense, de acordo com a variável número de funcionários, revela *um movimento histórico muito positivo*, um desempenho bastante satisfatório ao longo do tempo, o qual pode ser percebido com grande nitidez a partir de 1970, início da Fase III e, fato importante, tem se ampliado e consolidado, apesar das restrições encontradas na Fase IV. A relevância do setor metal-mecânico, estabelecida desde a Fase I, foi mantida desde então, como feição emblemática da indústria local, e evoluiu para uma situação de supremacia; entre os cinco ramos e sub-setores mais importantes, três são de natureza motriz, exatamente aqueles que podem exercer efeito multiplicador no processo de industrialização, que demandam maior aporte de capital, incorporam maior complexidade tecnológica de processos e de produtos e podem a estes agregar mais valor (a cadeia produtiva da indústria cerâmica também pode ser considerada motriz). Em suma, uma estrutura produtiva muito mais diversificada e avançada, esta que se consolida no século XXI, e que contrasta com aquelas detectadas nas Fases I e II.

Por concentrar elos importantes de uma cadeia produtiva cerâmica, Rio Claro integra um Polo Cerâmico de abrangência micro-regional, que tem como centro o município de Santa Gertrudes e ainda incluiria Cordeirópolis, Limeira, Piracicaba e Ipeúna, de acordo com informações colhidas junto à Aspacer – Associação Paulista das Cerâmicas de Revestimento, a qual ainda esclarece que o Polo Cerâmico de Santa Gertrudes tem empresas de grande, médio e pequeno porte, que são responsáveis por 86% de toda a produção do setor no Estado de São Paulo.

A referida aglomeração territorial de indústrias congrega unidades de vários ramos e setores: indústrias extrativas de mineração de argila e outros minerais; de transformação de minerais não metálicos, como produção de calcário e cerâmicas (telhas, tijolos

e revestimentos cerâmicos); metalúrgica, com construção de moldes para indústria cerâmica; química, com produção de pós, tintas e vernizes para revestimentos cerâmicos, etc. A suposição de que todas essas ligações técnico-produtivas estejam efetivamente se concretizando no espaço geográfico conduz à dedução de que essa aglomeração industrial não seja apenas um polo, uma simples aglomeração no espaço, mas sim um *complexo territorial industrial cerâmico*.

A existência de olarias e fornos de cal é recorrentemente citada na bibliografia sobre a evolução econômica de Rio Claro, como antes constatado, e isso se deve a um recurso natural, os solos argilosos, existentes não apenas em Rio Claro, mas em todo o seu entorno regional, principalmente em Santa Gertrudes, antigo distrito de Rio Claro. Geologicamente, tal recurso é explicado pela localização dos citados municípios em meio à série estratigráfica Passa Dois, em seu Grupo Estrada Nova, que apresenta solos com calcários, arenitos, sílex, etc., ou seja, terrenos argilosos que permitem a formação do barro para a produção de tijolos (VILLALOBOS, 1990). São encontradas referências a olarias desde o início do século XIX, como se viu, e elas se distribuíam pelos bairros de Sobrado, Batovi, Serra D'Água, São Bento, etc., com produção tipicamente artesanal. Olarias existem muitas até hoje, obviamente, mas algumas delas, antigas fábricas de tijolos, blocos e telhas de cerâmica vermelha deram origem à produção de revestimentos cerâmicos, os quais - com a expansão da construção civil no Brasil, a partir dos anos 1990, e o grande impulso dado às exportações, possibilitado pelos expressivos avanços tecnológicos registrados pelas empresas e pelas oportunidades criadas pela globalização econômica intensificada após 1980 - garantiram extraordinário desenvolvimento ao setor em exame.

A análise e a interpretação do Cadastro Industrial da Prefeitura Municipal de Rio Claro, para 2011, elucidam vários aspectos importantes relativos a esse complexo territorial industrial, embora a total compreensão deste permaneça na dependência de pes-

quisas mais aprofundadas e específicas. Por meio do referido Cadastro, é possível constatar que há várias etapas (ou elos de produção) da cadeia produtiva cerâmica estabelecidas em Rio Claro:

- são relacionadas 18 indústrias extrativas, a maioria delas efetuando a exploração de argila e calcário;

- com o nome explícito de olaria aparecem seis unidades;

- cerâmicas de porte considerável em Rio Claro são a Industrial Cerâmicos Fortaleza Rio Claro Ltda, situada às margens da rodovia Washington Luís, com 189 funcionários; a Delta Indústria Cerâmica, às margens da rodovia que liga Rio Claro à Piracicaba, com 185 empregados; a Rocha Gres Pisos e Revestimentos Ltda, com 183 funcionários; a Cerâmica Cristofolletti Ltda, em Batovi, com 164 funcionários. Outras podem ser citadas, como a atual Cerâmica Savane, antiga Cerâmica Ferreira (que não consta do Cadastro da Prefeitura); a Conpar - Pisos Kardênia; a Cerâmica Thomazella Santa Marta Ltda; a Duragres Indústria Cerâmica Ltda.; a Cerâmica Alfagres Indústria e Comércio Ltda., e várias outras que produzem pisos e mosaicos;

- há indústrias que produzem equipamentos para indústrias cerâmicas, como a Icon Estampas e Moldes S.A; a Mapoker do Brasil Equipamentos Cerâmicos Ltda.; a Hidracer Equipamentos Cerâmicos; a Assefor Serviços e Equipamentos para Cerâmica Ltda., etc;

- outras empresas fornecem tintas, vernizes, esmaltes e outros produtos químicos para as indústrias de pisos e revestimentos, tais como a Perfortex - Indústria de Recobrimento de Superfície Ltda., a Terrar Ind. e Com. Ltda. (Esmaltec), a Uni-Color Indústria e Comércio de Esmaltes Cerâmicos, a MQB Aditivos Cerâmicos S. A., a Esmalglass do Brasil Esm. e Corantes Cerâmicos, etc.

O exame do Cadastro da Prefeitura revela, como se pode perceber, que há vários elos da cadeia produtiva cerâmica instalados em Rio Claro, abrangendo um total de quase 40 unidades produtivas. Pesquisas mais detalhadas e precisas seriam muito oportunas, para

que tal complexo territorial produtivo fosse analisado em sua totalidade e em uma perspectiva histórica, e a rede de suas articulações técnico-produtivas pudesse ser configurada.

Cabe afirmar que essa especialização produtiva definida nas três últimas décadas – embora as etapas mais simples, como olarias e cerâmicas, já existissem de longa data – apresenta muitas condições para um posterior desenvolvimento, e deve ser um dos caminhos mais favoráveis para a industrialização futura. Instituições que integram a governança regional/local não estão alheias a isso, evidentemente, e exemplo de seu interesse foi a inauguração do Núcleo de Tecnologia Cerâmica, criado junto à sede local do Senai, em setembro de 2011, em esforço conjunto das entidades vinculadas à indústria Fiesp, Ciesp, Sesi, Senai e Aspacer. Ele deverá formar profissionais especializados para o referido setor, em várias tarefas e operações, qualificação esta que tem sido identificada como um dos problemas atuais, assim como um “gargalo” para o desenvolvimento pretendido para o Polo, no futuro.

Outra via interessante a ser trilhada pelas instituições locais, entre elas o Poder Público, seria a busca de maior especialização produtiva em setores de alta tecnologia, desde que Rio Claro já conta com 8 unidades de Fabricação de Material Eletrônico e de Aparelhos e Equipamentos de Comunicações e com 13 indústrias de Fabricação de Equipamentos de Instrumentação Médico-hospitalar, de Instrumentos de Precisão Óptica e Equipamentos para Automação Industrial. Uma incubadora de base tecnológica foi criada para incentivar tais tipos de indústrias: era a Incunesp – Incubadora Tecnológica da UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Rio Claro, criada em 2003, em parceria com o Sebrae e a Prefeitura Municipal. O *site* à frente citado afirma que ela teria atualmente 9 empresas incubadas e 5 pré-incubadas (dados disponíveis em [http://pt.wikipedia.org/wiki/UNESP\\_RioClaro](http://pt.wikipedia.org/wiki/UNESP_RioClaro). Acesso em 28 de novembro de 2011), mas informações colhidas junto à dire-

ção do IGCE da Unesp de Rio Claro dão conta de que a Incunesp foi desativada em 2010, por saída, não programada, de quase todas as empresas incubadas.

Esse é um fato a ser lamentado, pois o sucesso em tal empreendimento piloto poderia levar, futuramente, à implantação de um Parque Tecnológico, a exemplo do que vem acontecendo em várias cidades paulistas de porte relativamente semelhante. Criar condições para isso no presente seria propiciar a gestação planejada do futuro.

As *datas de instalação das empresas* permitem que se faça um interessante exercício analítico sobre a evolução industrial de Rio Claro e que se reitere aspectos anteriormente assinalados e argumentações já explanadas. Assim, o que se constata é que as indústrias mais antigas hoje em atividade no município são:

- o Diário do Rio Claro, de 1886, como visto no segmento inicial deste capítulo;

- a atual Majograf, razão social da antiga Tipografia Conrado, de 1901;

- a anteriormente conhecida como Tipografia Costa, fundada em 1908 por Joaquim Figueiredo Costa, e pertencente à mesma família até 1943. Após sucessivos donos, ficou sob controle da família Simões Cerri, e sua razão social é hoje “Célio Simões Cerri & Cia”;

- a atual MGM, remanescente das antigas Oficinas Meyer, igualmente da Fase I, como as anteriores;

- outra empresa bastante antiga é a do Jornal Cidade de Rio Claro, surgida em 1934 de capitais locais, na Fase II, portanto, tendo também passado até hoje por algumas mudanças em sua estrutura gerencial e administrativa;

- da mesma Fase é a Prema - Tintas e Preservação de Madeiras S.A., localizada no Horto Florestal (Fena), cuja instalação, em 1936, resultou de investimentos originários da capital São Paulo, como se viu.

Da *década de 1940* são remanescentes as indústrias Irmãos Wenzel Ltda, de 1942, localizada no bairro Santana, e produtora de machados e outros utensílios de metal; a Cooperativa de Laticínios de São Carlos e Rio Claro, instalada desde 1945; a Pada-

ria Santo Antonio, de 1948 e, ainda desse ano, a atual Riclan, antiga Fábrica de Balas São João, um marco industrial de Rio Claro, que se mantém há décadas entre os cinco estabelecimentos maiores empregadores do município. Dos *anos 1950* ainda podem ser encontradas 9 indústrias em atividade: Indústrias Reunidas de Bebidas Tatuzinho – 3 Fazendas, Cuccaro & Cia. Ltda, no ramo química; Confecções Cirigliano, com produção em alfaiataria; Café Expresso Ltda.; Bonaldo & Cia. Ltda, trabalho em madeira e móveis; Fischer Indústria Mecânica Ltda.; C. A. Frederick & Cia. Ltda, no ramo mecânica; a serralheria Lunardi & Cia.Ltda., e a microempresa de edição gráfica de Carlos Frederico Stivali, ativa desde 1954.

À medida que se avança para anos mais recentes, aumenta o número de indústrias deles representativas. Desse modo, são hoje em número de 29 as indústrias surgidas na *década de 1960* e que ainda estão em operação, estando entre elas a Mineração e Calcário Vitti Ltda. e a Fricock – Frigorificação Avicultura Indústria e Comércio. Dos *anos 1970* ainda existem 51 estabelecimentos, sendo exemplos a Cerâmica Cristofoleti Ltda.; a Jobe Luv Indústria e Comércio, que produz vestimentas para segurança no trabalho; a Nheel Química; a Ferramentaria Ferrave Ltda.; a atual Chemtura Ind. Química do Brasil Ltda, antiga Uniroyal; a atual Arkema Química Ltda., antiga Pennwalt, a Ludival Móveis, a Schobell Industrial Ltda, entre muitas outras. Destaque-se aqui a continuidade da empresa Owens Corning Fiberglass A.S. Ltda, antes conhecida como Ocfibras, cuja atividade foi iniciada em 1970, como se viu, e que propiciou o surgimento de várias indústrias no ramo de fabricação de matérias plásticas, tais como a Tigre S. A. Tubos e Conexões, a Ladal Plásticos e Embalagens, a Ancel Tecnoliga em Compósitos Ltda. e a Sulplast Fibra de Vidro e Termoplástico Ltda, todas surgidas entre 1973 e 1976, além de outras menores.

Podem ser contadas 91 indústrias que, hoje em atividade, foram instaladas na *década de 1980*. Entre elas, citem-se a Metalfer Construções Metálicas Ltda; a Harpex Artefatos de Madeira; a Agroceres Multimix

Nutrição Animal Ltda.; a Ind. de Implementos Rodoviários São João e a Weiler - C. Holzberger Ind. Ltda., no ramo de mecânica, e a DPV Produtos Químicos Ltda. Em especial, devem ser registradas como tendo sido instaladas na referida década a Brascabos Componentes Elétricos e Eletrônicos Ltda e a Whirlpool S/A.

Nos *anos 1990* foram instaladas no município rio-clarense 179 indústrias que permanecem ativas, merecendo ser destacadas a Perfortex – Indústria de Recobrimento de Superfície Ltda., em 1992 e a Conpar (Pisos Kardênia), em 1994, ambas integrantes do Polo Cerâmico micro-regional; a Tec-Bor Borracha Técnica Ltda, surgida em 1993; a Biotechnology Ortopedia Imp. e Export. Ltda, de 1992; a Bentomar Indústria e Comércio de Minérios Ltda., de 1995; a Anaber Cosméticos Indústria e Comércio Ltda, de 1997; a Nutrifarms Indústria e Comércio de Nutrição Animal, de 1998, e a antiga Torque Ind. e Com. Ltda., atual DNP, a maior surgida nos anos 1990, como se viu. Além dessas, há mais de uma centena de micro e pequenas empresas que surgiram na década de 1990, pertencentes principalmente aos ramos e sub-setores de confecções, edição e impressão, serralheria, produtos alimentícios, etc.

Do ano de 2000 até 2011, o Cadastro da Prefeitura registra a instalação e atual existência de 359 empresas industriais em Rio Claro, das quais as mais importantes seriam a metalúrgica Icon Estampas e Moldes, surgida em 2000; a Sew-Eurodrive do Brasil Ltda, em 2001, do ramo mecânica; a empresa Dalila de Fátima Zabaglia Gobbo, no ramo de confecções; a Praiamar Ind. Com. e Distribuição Ltda., de 2002; a Viavolt Ind. e Com. Ltda., de 2004; a Helf Ind. de Máquinas e Equipamentos, de 2005, a 9Injet - Injeção de Peças Plásticas Ltda., de 2007. Mais uma vez cabe destacar que mais de três centenas das unidades produtivas surgidas neste século XXI se enquadram nas categorias micro, muito pequenas e pequenas empresas, a maioria com dois ou apenas um funcionário, situação que leva a que se conjecture que seja este o empresário. Entre os estabelecimentos de porte médio, o de maior dimensão é o da Sew-Eurodrive do

Brasil, que emprega 123 funcionários e parece apresentar condições para vir a desempenhar um papel motriz no processo de industrialização rio-clarense. Apenas estudos mais aprofundados poderão esclarecer se os demais têm potencial para tanto. Todos esses fatos conduzem à confirmação das considerações anteriormente feitas a respeito da industrialização local na Fase IV, de que além do arrefecimento relativo do ritmo de instalação de novas unidades produtivas médias e grandes, após 1990, pode-se notar que poucos estabelecimentos parecem apresentar condições para impactar positivamente, de maneira efetiva e eficaz, o processo de industrialização local, como o fizeram as indústrias dos anos 1970 e 1980.

A *distribuição espacial das indústrias* no município de Rio Claro é outro aspecto que pode ser esclarecido pelos dados do Cadastro da Prefeitura e, em um próximo passo de pesquisa, ser objeto de mapeamento. Tais dados indicam que as indústrias extrativas, de mineração, de calcário e muitas cerâmicas e olarias encontram-se dispersas pela área rural, por seus bairros e pelos distritos do município. No bairro de Batovi, localizam-se 3 olarias e uma cerâmica; no bairro de Ferraz, distribuem-se mais 3 indústrias, sendo duas delas a 3 FM- Produtos Químicos e a Habermassa Indústria e Comércio de Argamassa; no distrito de Assistência, 5 estabelecimentos são relacionados, entre eles a Delta Ind. Cerâmica e a Itacu Comércio e Mineração. No distrito de Ajapi, concentram-se 14 empresas; entre elas, a Açucareira e Cerealista Rodrigues, a Rigor Alimentos S. A. (Ipê Agroavícola), a BRF Brasil Foods, e mais 11 unidades de confecções, delineando-se ali uma aglomeração territorial de tal ramo industrial.

A distribuição industrial intra-urbana contempla o Distrito Industrial da porção norte da cidade, onde se encontram 39 estabelecimentos de porte médio e grande, principalmente aqueles implantados nos anos 1970 e 1980, e representativos de capitais externos ao município. Há consideráveis concentrações de fábricas, principalmente das mais recentes, ao longo

das duas margens das vias de acesso Presidente Kennedy e Castelo Branco, no bairro Jardim Mirassol e ao longo das duas margens da Rodovia Washington Luis, onde florescem também, na margem direita em sentido interior-capital, dois condomínios industriais, com galpões pré-construídos. A chamada área central da cidade ainda abriga muitas indústrias, geralmente mais antigas e de pequeno e médio porte, distribuídas pelos bairros de Santa Cruz, Vila Alemã, Santana, Vila Paulista, Cidade Nova e bairro do Estádio.

Para completar o quadro geral da situação da indústria de Rio Claro no presente momento histórico, de início do século XXI, foi elaborado o Quadro 3, no qual são relacionadas as setenta maiores indústrias do município, de acordo com o número de funcionários, os respectivos ramos/setores produtivos e as datas de instalação.

Como se pode constatar, em um universo de 729 unidades produtivas, apenas cinco empregam mais de 500 pessoas, apenas quatro ocupam mais de mil funcionários. Sem se usar as classificações institucionais para categorias dimensionais (do Seade ou do IBGE), muito genéricas, pode-se afirmar que todos eles poderiam ser considerados estabelecimentos muito grandes em Rio Claro, dadas as características específicas locais quanto ao porte das indústrias. Os que empregam entre 100 e 500 pessoas, em total de 24, seriam os grandes, enquanto 33 unidades produtivas teriam dimensões médias, entre 50 e 100 funcionários. Todos os demais 667 estabelecimentos fabris são de pequenas dimensões, sendo 426 deles classificados como ME, MEI e EPP, como anteriormente visto. Há que se reconhecer, portanto, a manutenção de uma estrutura dimensional da indústria que é peculiar a Rio Claro, desde que já caracterizou várias fases de sua evolução econômico-industrial.

Por outro lado, as pequenas unidades produtivas respondem por apenas 21,19% dos empregos existentes, desde que os 70 maiores estabelecimentos ocupam 78,81% dos funcionários industriais, ou um total de 15.895 pessoas.

A estrutura financeira das indústrias incluídas no Quadro 3 é um aspecto que não consta do Cadastro Industrial da Prefeitura Municipal e que demandaria uma pesquisa direta nas indústrias, o que consumiria muito mais tempo, evidentemente. O que se pode adiantar com segurança, com base em conhecimento prévio, é que das cinco maiores, quatro são resultantes de investimentos de origem externa ao município; das dez maiores, seis o são; das vinte maiores, onze são controladas por capitais externos. Tal situação tem duas faces, como se sabe, uma positiva e outra negativa, sendo o ônus desta o fato de que uma parcela muito expressiva da indústria local fica atrelada e dependente de um poder decisório externo, que sempre vai tomar decisões com base em estrita racionalidade econômica, sem abrir espaço para qualquer manifestação com base em laços afetivos com o lugar, os quais geralmente apenas empresários com vínculos de nascimento e vivência local poderiam desenvolver.

Quadro 3 - ATIVIDADE INDUSTRIAL EM RIO CLARO, SP, EM JUNHO DE 2011: MAIORES ESTABELECIMENTOS QUANTO AO NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS –RAMOS/SETORES DA INDÚSTRIA – DATAS DE INSTALAÇÃO

Estabelecimentos e/ou empresas	Nº Func.	Grupos/Ramos Industriais	Datas de Instalação
1 – Whirlpool S/A	4.000	Mecânica - Máquinas e Equipamentos	1989
2 – Brascabos Componentes Elétricos e Eletrônicos Ltda	1.327	Material Eletrônico e de Comunicação	1985
3 – Riclan S/A	1.108	Fabricação de Produtos Alimentícios	1948
4 – Tigre S. A. Tubos e Conexões	1.075	Fabricação de Produtos Matérias Plásticas	1975
5 – DNP Indústria de Navegação Ltda	830	Mecânica – Máquinas e Equipamentos	1995
6 – Owens Corning Fiberglass A. S. Ltda	460	Fabricação de Minerais não Metálicos	1970
7 – Ludival Móveis Ltda	452	Fabricação de Móveis	1974
8 – Riclan S/A (Distrito Industrial)	334	Fabricação de Produtos Alimentícios	2000
9 – Harpex Artefatos de Madeira Ltda	302	Fabricação de Produtos de Madeira	1985
10 – Sulplast Fibra de Vidro e Termo plástico Ltda	263	Fabricação de Produtos Matérias Plásticas	1978
11 – Agroceres Multimix Nutrição Animal Ltda	259	Fabricação de Produtos Alimentícios	1987
12 – SI Group Crios Resinas S/A	239	Fabricação de Produtos Químicos	1981
13 – Fricok – Frigorificação Avicultura Indústria e Comércio	189	Fabricação de Produtos Alimentícios	1963
14 – Industrial Cerâmicos Fortaleza Rio Claro Ltda	189	Fabricação de Minerais não Metálicos	1995
15 – Delta Indústria Cerâmica S/A	185	Fabricação de Minerais não Metálicos	2000
16 – Indústrias Reunidas de Bebidas Tatuinho – 3 Fazendas	183	Bebidas	1957
17 – Rocha Gres Pisos e Revestimentos Ltda	183	Fabricação de Produtos Minerais não Metálicos	2003
18 – Cerâmica Cristofolletti Ltda	164	Fabricação de Produtos Minerais não Metálicos	1976
19 – Tec-Bor Borracha Técnica Ltda	162	Fabricação de Artigos de Borracha	1993
20 – Ladal Plásticos e Embalagens	153	Fabricação de Produtos Matérias Plásticas	1975
21 – Sew – Eurodrive do Brasil Ltda	123	Mecânica – Máquinas e Equipamentos	2001
22 – Jornal Cidade de Rio Claro Ltda	122	Edição, imp. e reprodu. Gravações	1934
23 – Chemtura Ind. Química de Brasil Ltda (antiga Uniroyal)	114	Fabricação de Produtos Químicos	1975
24 – Meta Bio Industrial Ltda	113	-	1998
25 – Alexandre Altomar e Cia Ltda (Pão de Queijo "Uai")	112	Fabricação de Produtos Alimentares	2004
26 – Weiler – C. Holzberger Ind. Ltda	105	Mecânica – Máquinas e Equipamentos	1982
27 – Schobell Industrial Ltda	103	Fabricação de Equipamentos Médicos e Hospitalares	1976
28 – Dalila de Fátima Zabaglia Gobbo	103	Confecção de artigos do Vestuário	2002
29 – Nutrifarms Indústria e Comércio de Nutrição Animal	102	Fabricação de produtos Alimentícios	1998
30 – Terrar Ind. e Comércio Ltda (Esmaltec)	97	Fabricação de Produtos Químicos	1993
31 – Ferramentaria Ferrave Ltda	96	Mecânica - Máquinas e Equipamentos	1976
32 – C. A. Frederich e Cia Ltda (CAF Maquinas)	94	Mecânica - Máquinas e Equipamentos	1951
33 – Jaw Plasticos Ltda	92	Fabricação de Produtos Matérias Plásticas	2001
34 – PQ Sílicas Brasil Ltda (antiga ICI)	92	Fabricação de Produtos Químicos	1989
35 – Nheel Química Ltda	92	Fabricação de Produtos Químicos	1976
36 – Indústria de Frios Xavier Ltda	91	Fabricação de Produtos Alimentícios	1978
37 – Smiths Brasil Ltda (divisão John Crane)	91	Fabricação de Produtos de Metal	1984
38 – Etel Automação Industrial	88	Material Eletrônico e de Comunicações	1975

Quadro 3 - ATIVIDADE INDUSTRIAL EM RIO CLARO, SP, EM JUNHO DE 2011: MAIORES ESTABELECIMENTOS QUANTO AO NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS –RAMOS/SETORES DA INDÚSTRIA – DATAS DE INSTALAÇÃO

Estabelecimentos e/ou empresas	Nº Func.	Grupos/Ramos Industriais	Datas de Instalação
39 – Bulk Molding Compound do Brasil Ind. de Plásticos	88	Fabricação de Produtos Matérias Plásticas	1997
40 – Perfortex – Ind. de Recobrimento de Superfície Ltda	86	Fabricação de Produtos Químicos	1992
41 – DPV Produtos Químicos Ltda	85	Fabricação de Produtos Químicos	1982
42 – Icon Estampas e Moldes SA	84	Fabricação de Produtos de Metal	2000
43 – Osteomed – Ind. e Comércio de Estampas Ltda	82	Fabricação de Equipamentos Médicos e Hospitalares	1995
44 – RJ Ind. Com. Imp e Exp. (Biscoitos Gold)	80	Fabricação de Produtos Alimentícios	2006
45 – Anaber Cosméticos Ind. E Com. Ltda	78	Indústrias Diversas	1997
46 – Bentomar Ind. e Com. de Minérios Ltda	77	Indústria Extrativa	1995
47 – Cuccaro e Cia Ltda	72	Fabricação de Produtos Químicos	1952
48 – Praiamar Ind. e Com. e Distribuição Ltda (Cerveja Cristal)	71	Bebidas	2002
49 – Arkema Química Ltda (antiga Pennwalt)	70	Fabricação de Produtos Químicos	1975
50 – Indústria Mecânica Curilla Ltda	68	Mecânica – Máquinas e Equipamentos	1986
51 – Ancel Tecnoliga em Compósitos Ltda	67	Fabricação de Produtos Matérias Plásticas	1974
52 – Jobe Luv Indústria e Comércio Ltda	64	Confecção de Artigos de Vestuário	1973
53 – Confecções Helena de Rio Claro Ltda	62	Confecção de Artigos de Vestuário	1985
54 – Colorminas Colorífico e Mineração S/A	62	Fabricação de Produtos Minerais não Metálicos	2006
55 – Biotechnology Ortopedia Inp. e Exp. Ltda	61	Fabricação de Equipamentos Médicos e Hospitalares	1992
56 – Ibrac – Ind. Brasileira de Aditivos e Condimentos	59	Fabricação de Produtos Alimentícios	1967
57 – Eco Dyno Ind. e Com. de Artefatos de Plástico	57	Fabricação de Produtos Matérias Plásticas	2007
58 – Engimplan Engenharia de Implante Indústria e Com. Ltda	53	Fabricação de Equipamentos Médicos e Hospitalares	1992
59 – Cooperativa de Laticínios de São Carlos e Rio Claro	52	Fabricação de Produtos Alimentícios	1945
60 – Aldoro Indústria de Pós e Pigmentos Metálicos Ltda	52	Fabricação de Produtos Alimentícios	1981
61 – BRF Brasil Foods S/A	52	Fabricação de Produtos Alimentícios	1986
62 – Indústria de Meias Soares Guimarães	52	Fabricação de Produtos Têxteis	1998
63 – Argamack Argamassa para Construção Ltda	50	Fabricação de Minerais não Metálicos	2003
64 – Viavolt Ind. e Com. Ltda	49	-	2004
65 – Prema – Tintas e Preservação de Madeiras Ltda	48	Fabricação de Produtos de Madeira	1936
66 – Soft Textil Ind. de Confecções Rio Claro Ltda	48	Confecção de Artigos de Vestuário	2005
67 – 9 Injet Injeção de Peças Plásticas Ltda	46	Fabricação de Produtos de Matérias Plásticas	2007
68 – Look Out Ind. e Comércio de Equipamentos Elétricos	45	Fabricação de Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	1988
69 – J. R. J. Águas Minerais Ltda	44	Indústria Extrativa	1985
70 – Andréa Lima dos Santos – Plásticos	44	Confecção de art. Vest. e Acessórios	2006
<b>Total dos 70 Maiores</b>	<b>15.895</b>		

Fontes dos dados: Cadastro da Prefeitura Municipal de Rio Claro – "Indústria e Serviços" – 2011 – Pesquisa Direta – 2011.

Org.: Selingardi-Sampaio, S.

## EPÍLOGO

Muitos outros aspectos, detalhes, eventos e relações existentes na atividade industrial de Rio Claro poderiam ser ainda relatados, mas há um momento em que é preciso parar. Entendo que o essencial foi analisado, que os principais processos e características da indústria rio-clarense foram abordados, o que não significa que não possa haver outros mais a serem descobertos e pesquisados. O estudo da atividade industrial em suas relações com o espaço e a sociedade é assim, inesgotável, com mil perspectivas e ângulos a serem explorados, e é por isso que ele é tão instigante e envolvente.

Poderão perguntar: será a história industrial de Rio Claro tão especial assim, ou tão fecunda, mais do que a de outras cidades até mais ricas e maiores? Já analisei a industrialização de muitas outras cidades próximas, e posso afirmar que cada história tem a sua feição peculiar, seu traço de beleza, um algo mais que parece ser típico daquele lugar. Por exemplo, Limeira tem a sua pujante tradição metalo-mecânica, oriunda da influência da “Machina São Paulo”, de 1914, que serviu de escola para inúmeros operários que depois se transformaram em empresários, fundando as indústrias Rocco, Luccato, D’Andrea, Zaccharia, etc. Piracicaba tem a mesma tradição metalo-mecânica, ainda mais poderosa, com a saga de Mário Dedini e a construção de seu grupo industrial; mas tem também, em uma história entrelaçada, a terra fértil, a riqueza agrícola da cana, o domínio econômico das usinas de açúcar e destilarias de álcool, e a grande diversificação industrial obtida a partir de 1970. São trajetórias históricas lindas, podemos admirá-las, mas não nos pertencem, porque não fazem parte de nosso espaço vivido. Apenas a de Rio Claro é nossa (aqui, penso que falo por todos os rio-clarense, como eu), só ela acompanhou e envolveu nossas vidas, nosso crescer e amadurecer, talvez propiciou nosso trabalho, garantiu

o sustento de nossas famílias... Então, ela é especial, sim, é linda, sim, e tem que ser mais examinada, discutida, abordada em novos ângulos e detalhes, e assim poder ser revelada às gerações mais novas e às futuras.

Deixando a esfera emocional de lado, e focando o processo de evolução industrial de Rio Claro em sua totalidade, de uma perspectiva estritamente racional, pode-se concluir que, enquanto ficou na dependência de forças e agentes internos, a industrialização de Rio Claro caracterizou-se como um processo pouco vigoroso em certas fases, o que pode ser explicado por um conjunto de fatores, como se argumentou. Em especial durante a Fase II, as iniciativas de capitais locais ficaram restritas a estabelecimentos médios e pequenos, tendo sido a demanda por empregos suprida por algumas grandes unidades produtivas de capitais externos ao município, como as Oficinas da Cia. Paulista, depois Fepasa, e as indústrias têxteis Matarazzo e Saad. Houve dificuldades internas, portanto, para se promover o desenvolvimento econômico local em proporções compatíveis com o crescimento da população e, na escala regional, com a expressiva expansão econômica que caracterizou a evolução de alguns municípios vizinhos.

Foi a atuação incisiva de forças externas que desencadeou a Fase III da indústria, que instaurou um novo “clima” econômico no lugar, e criou interações e sinergias com outros setores, atores e forças locais. Assim moldado, esse múltiplo conjunto de agentes socioeconômicos pôde funcionar como catalizador do posterior desenvolvimento.

E as consequências de todas as fases industriais focalizadas, são positivas ou negativas? Em primeiro lugar, cabe esclarecer que elas são muitas, de várias naturezas (sociais, espaciais, econômicas, políticas, etc.), boas e más, e seu estudo completo demandaria outra pesquisa e outra explanação alongada. Tentan-

do sintetizar, pode ser dito que, ao longo de todos os processos relatados, o valor adicionado pela transformação industrial teve acentuado crescimento, e a arrecadação municipal foi amplamente fortalecida. A cidade cresceu bastante e o traçado urbano foi estendido de forma acentuada, mas não uniforme, gerando novos bairros, tanto de alto padrão quanto populares, com extensões de terrenos vazios intercalados. A população também teve grande expansão, alcançando em 2010 o total de 186.253 habs.; além do crescimento vegetativo, a expansão econômico-industrial trouxe levadas de migrantes, muito mais de mão de obra barata, mas também de pessoal técnico qualificado. Ela ampliou significativamente, ainda, o número de empregos e a renda dos trabalhadores industriais e dos prestadores de serviços, em geral; e deu grande impulso ao setor de construção civil e ao setor de serviços (lojas comerciais, restaurantes, hotéis, transportes, etc.). Enfim, a cidade cresceu de uma maneira relativamente compatível com o desenvolvimento geral do país e de sua área de inserção e, se a industrialização não foi intensa a ponto de alçar Rio Claro aos mais elevados postos da hierarquia industrial regional, pelo menos foi suficiente para garantir a manutenção de suas posições anteriores, em um contexto regional que prima por forte e acelerado dinamismo nos processos locais de industrialização.

Como tudo na economia e na vida, porém, a industrialização, o progresso material e a expansão demográfica têm também outro lado, e costumam trazer, em seu rastro, um corolário de efeitos indesejáveis, os quais comprometem atualmente a qualidade de vida rio-clarense: a explosão da violência urbana, a alta da criminalidade e a decorrente insegurança pública são aspectos que preocupam muito, e assim a condição de “cidade tranquila, ideal para se viver”, que já foi muito alardeada em épocas passadas, foi bastante afetada; no centro comercial e financeiro, a infraestrutura viária não foi modernizada, e assim o congestionamento de atividades, pessoas e veículos quase impossibilita o livre trânsito, em certos dias; a especulação imobiliária

se intensificou, e os preços de imóveis e de aluguéis dispararam; a poluição ambiental, em suas inúmeras formas, tem sido denunciada, etc. etc. Pode-se dizer que são problemas que afetam todas as cidades mais desenvolvidas do país, mas a busca de soluções tem que ter origem no nível local.

No plano regional, Rio Claro encontra-se prestes a integrar o Aglomerado Urbano de Piracicaba, projeto oficial coordenado pela Secretaria do Desenvolvimento Metropolitano do Estado de São Paulo, e atualmente em tramitação. Nesse contexto, poderá se beneficiar, quiçá, de propostas e iniciativas consorciadas em escala regional, na busca de soluções para os mais diversos problemas urbanos, sociais, econômicos e ambientais. Nessa nova configuração de governança territorial e de convivência e co-operação regional, pode vir a se delinear um novo momento histórico de desenvolvimento para o município rio-clarense, com abertura de “janelas de oportunidades”.

Ainda refletindo prospectivamente, cabe perguntar: qual é a nova “imagem industrial” que será atribuída a Rio Claro, ou qual sua nova identidade industrial? O “centro regional dos plásticos”? A “sede nacional da fibra de vidro”? A “capital das lavadoras e fogões”? O “polo estadual das máquinas para carnes e frios”? A cidade “líder das balas e confeitos”? Ou o centro urbano mais importante de um “complexo territorial cerâmico”? Rio Claro é, hoje, um pouco (ou muito) de tudo isso, e tem condições de se desenvolver e se consolidar em qualquer uma dessas direções, ou mesmo em mais de uma. Esse *mix* produtivo, essa combinação especial de processos opostos de industrialização – com especialização produtiva e com diversificação produtiva – abre um leque variado de oportunidades para a atração de indústrias de fora que intentem desenvolver eventuais ligações técnico-produtivas com unidades fabris localizadas em Rio Claro e pode vir a se transformar em uma eficiente estratégia de marketing do município, configurando-se no mais novo fator rio-clarense de atração industrial, no presente século.

Aos estudiosos do lugar Rio Claro, espero que a leitura deste texto possa descortinar muitas possibilidades e caminhos de investigações futuras. Em todas as fases analisadas, é possível se aprofundar a pesquisa, descobrir novos eventos e processos, novos atores... Para que tudo possa ficar devidamente registrado, para que nada se perca, e possa chegar como informação segura para as futuras gerações. Um exemplo: você sabe (ou se lembra) que em Rio Claro existiram indústrias como as Balas Kristen, a Casanobre, as confecções Benevides, Flora, Lartex e Madram, a Metalúrgica Capri, a Triaquímica, a industrial Bebidas Sabará, a Transmetal? Todas elas e dezenas de outras fecharam nos anos 1990 e 2000, eram empreendimentos predominantemente de capitais locais e suas memórias poderiam correr o risco de ser apagadas, se ficassem apenas na dependência de história oral. Elas podem ser lembradas e resgatadas porque foram pesquisadas diretamente, e / ou porque tiveram seus no-

mes registrados em algum artigo, livro ou cadastro.

Por fim, um tributo a todos aqueles (as) empreendedores (as) e trabalhadores (as) rio-clarenses que, ao longo de todas as Fases aqui definidas e analisadas, contribuíram, com seu idealismo, investimentos, suor e tenacidade para que elas pudessem existir, para que essa história pudesse, um dia, ser contada. Foram imigrantes europeus e seus descendentes, em grande parte, outros poucos de ascendência árabe ou asiática, depois os muitos já naturais do lugar e os migrantes nacionais que, de pedaço em pedaço, de “retalho em retalho”, ajudaram a construir o grande painel da industrialização rio-clarense. Painel que não está concluído, obviamente, que continua a ser elaborado e ampliado com a contribuição de cada geração de rio-clarenses e migrantes, ao longo da história, e que será tão mais bonito e colorido no futuro quanto mais coloridos e belos forem os sonhos e projetos do presente.





# Capítulo 4 ARTE CULTURA

## **Arte cultura em Rio Claro**

**Por: Vivian Guilherme Marques  
Odair Aparecido Lourenço Favari (Favari Filho)  
Maria Teresa de Arruda Campos  
Renê Mainardi  
José Roberto Santana  
Sebastião Luiz Miotto**



**P**or muito tempo a arte e a cultura foram associadas ao lazer e ao ócio (no sentido de não fazer nada, vagabundear). A fábula da “Cigarra e Formiga” traz justamente esse discurso sobre a arte, no qual a vida é o trabalho enquanto a arte só vale para diversão e não leva à produção necessária para o viver em sociedade. A cultura também sempre esteve associada aos eruditos, aos “cultos”, eximindo os mais pobres de sua produção.

Crescemos pensando assim, ouvimos isso em todos os cantos. Essa disputa entre o trabalho, a arte e a cultura, como se fossem situações excludentes pode ser derrubada se olharmos a vida e entendermos que ela não existiria se não fossem as manifestações artísticas.

Arte é um dos aspectos da cultura que nos torna mais humanos, que faz a civilização produzir e dar sentido ao que somos. Arte-cultura é ponto de humanidade e sem essa possibilidade de criação do novo nada teríamos avançado nas tecnologias, no cuidado com a vida, na saúde, e com as relações humanas.

Por faltar arte é que nos violentamos, violamos os direitos das pessoas, tornamos a vida dificultosa. Assim, a cultura pode nos ajudar a viver melhor e de forma mais humana. Nesse sentido, a arte e a cultura movimentam o setor econômico e hoje é comum ouvir falar em economia da cultura, tamanho o volume de recursos investidos na área.

Para o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), “cultura é ainda muito mais: é uma alavanca para o desenvolvimento socioeconômico sustentável do Brasil. A diversidade cultural do País é um grande ativo a ser empregado em prol da riqueza e do bem-estar da sociedade brasileira” ([http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes\\_pt/Areas\\_de\\_Atuacao/Cultura/](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Areas_de_Atuacao/Cultura/)).

Ainda de acordo com o BNDES, nos dias atuais, a economia da cultura é encarada como um setor estratégico e dinâmico, seja pelo ponto de vista econômico, seja pelo aspecto social. Isso porque as atividades ligadas à cultura geram trabalho, emprego e renda, fornecendo

possibilidades e oportunidades de inclusão social.

Segundo dados de pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia da cultura é ainda mais atuante: 5,7% das empresas do país são ligadas ao mercado cultural, o que compreende 320 mil empresas no setor. Essas empresas geram 1,6 milhão de empregos formais, além de ser o setor que melhor remunera.

Esta publicação da ACIRC apresenta esse diferencial em relação a outras publicações da área, pois reconhece a participação da arte e da cultura como geradora de renda e como elemento que movimentam a economia local. A partir dessa iniciativa novas produções poderão acontecer e a cidade ganhará mais respeito de seus cidadãos e mais espaço de produção artístico-cultural. Não pretendemos que essa publicação dê conta de todos os artistas e de toda a produção cultural dessa Cidade Azul. O que sabemos é que essa publicação despertou no grupo responsável por esse terceiro capítulo o desejo de continuar a pesquisa e avançar em uma próxima publicação. Apresentamos nesse capítulo um ensaio, um “toró de ideias” que não esgotam o grande número de manifestações culturais e artísticas que cidadãos rio-clarenses produziram ao longo dos 185 anos que a cidade completou nesse junho passado.

Entre esses números, o município de Rio Claro sempre esteve presente sendo representado por um cenário cultural atuante e vanguardista. Com nomes respeitados, a Cidade Azul é celeiro de artistas e de equipamentos culturais, o que resultou em grande produção histórica e gerou uma forma de fazer arte e cultura favorecendo o desenvolvimento do município.

No primeiro século a cidade respirou arte e cultura. A elite rio-clarense investiu nos teatros, nas salas de cinema, nos espaços de lazer e diversão para aquela parcela da cidade que fomentava a economia e precisava, dessa forma, aqui se fixar. Companhias internacionais de teatro e ópera tinham Rio Claro como parte da *tournee*, filmes aqui foram lançados e pintores se consagraram. Nem todos tinham acesso a toda essa

programação. Para os mais pobres e descendentes dos escravos restavam os terreiros, algumas praças mais afastadas e os quintais das casas. Pouca pesquisa há sobre essa parcela da sociedade que trabalhava na ferrovia e na lavoura no que se refere aos espaços de produção cultural e artística. Sabe-se pela história oral que se reuniam nos remanescentes dos quilombos, Praça de São Benedito, terreiros de umbanda e candomblé e nas casas daqueles que conseguiram adquirir ou ganhar algum bem, na sequência da assinatura da Lei Áurea.

Há também que se ressaltar a grande quantidade de escolas. Escolas de comércio como a Minervino e Bilac não foram criadas ao acaso. Era necessário que

se criassem quadros para o trabalho qualificado com as finanças, já que os produtores rurais, indústria e comércio cresciam a todo vapor.

Esperamos que esse capítulo seja a pedra fundamental para uma cartografia da arte e da cultura em Rio Claro, motivando a pesquisa e publicação de um trabalho mais completo, mais rico em nomes e situações experimentadas.

Torcemos e trabalhamos para que em breve tenhamos o Centro de Memória da Imagem e do Som em funcionamento, a Pinacoteca mais valorizada em uma estrutura mais adequada, os prédios históricos restaurados, o Centro Histórico protegido, a Cidade Azul das Orquídeas mais integrada à sua história...

**ENTRADA FRANCA**

**68ª Exposição Nacional de Orquídeas de Rio Claro**

O Círculo Rioclarense de Orquidófilos e a Prefeitura Municipal de Rio Claro sentem-se honrados em convidá-lo a visitar a **68ª EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ORQUÍDEAS** a ser realizada nos dias **22, 23 e 24 de Junho** próximo, nas dependências do **Colégio Claretiano (Av. Sto Antonio Maria Claret, nº 1724)**, como parte integrante dos festejos comemorativos do 185º Aniversário da cidade, e terá a seguinte programação:

DIA	HORÁRIO	ATIVIDADE
22 (sexta feira)	19:30hs	Abertura solene e Visitação Pública
23 (sábado)	8hs às 22hs	Visitação Pública
24 (domingo)	8hs às 17hs 17hs	Visitação Pública Encerramento

**Rio Claro 185 Anos / CIDADE DAS ORQUÍDEAS**

Planta: *Cattleya labiata coerules*  
Cultivo: Dr. Humberto Epiphânio



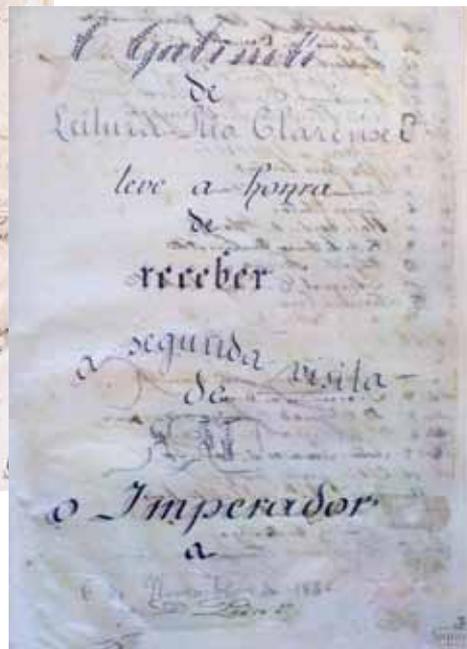
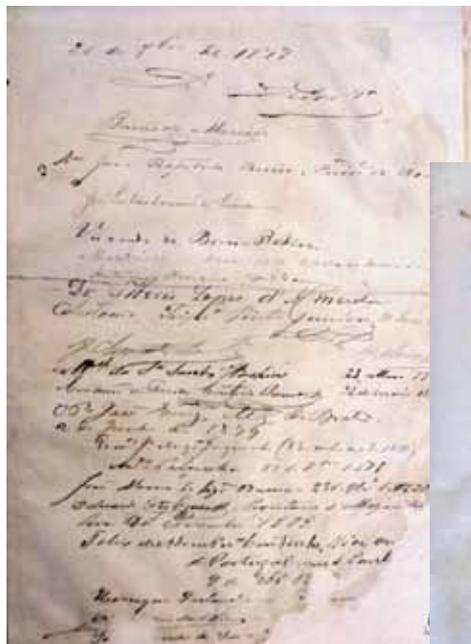



## DA FUNDAÇÃO DA CIDADE À ARTE MODERNA

Um município progressista com grande avanço tecnológico, Rio Claro sempre esteve em destaque nacional. No século XIX fez parte das principais rotas da ferrovia e foi o segundo município brasileiro a ter energia elétrica e o primeiro do estado. No século seguinte destacou-se por possuir um dos maiores centros de pesquisas em eucalipto.

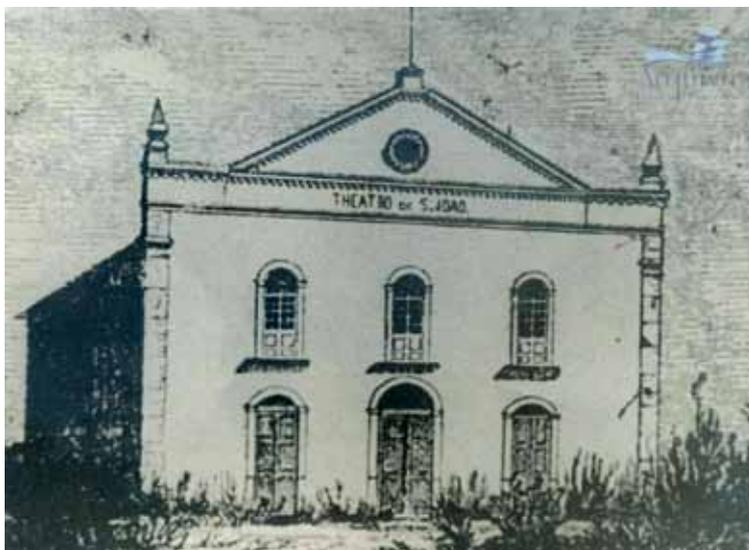
➤ O Gabinete de Leitura foi fundado em 1876, sendo inaugurado em 1890. Em sua longa história, o prédio chegou a receber a visita de Dom Pedro II e Camilo Castelo Branco. Além do papel de veiculador do livro, o Gabinete

também chegou a publicar em 1910 sua própria revista (Revista do Gabinete). Atualmente, o Gabinete mantém a Biblioteca Lenyra Fraccarolli, com títulos infantis e também abriga o Posto Digital.



Os livros de visita com assinatura de D. Pedro II (1878 e 1886) encontram-se no acervo do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro

Em paralelo, a cultura caminhava a passos largos, em 1864 o Teatro São João foi construído como um grande empreendimento para a época. Passou a ser chamado de TEATRO PHOENIX, situava-se na esquina da Rua 3, com Avenida 1. Foi demolido em 1957.



➤ O prédio do Mercado Municipal foi construído em 1897, em 1914 o local teve seu uso alterado para quartel do exército, mas em 1924 voltou à sua atividade comercial de origem. Na era dos supermercados e das compras pela internet, o Mercado Municipal viu suas atividades diminuir permanecendo alguns poucos comerciantes. A partir de 2011, com investimento de empreendimentos culinários e pequenos serviços, o local se tornou ponto de encontro de jovens e famílias que se divertem ao som de música ao vivo e se deliciam com os quitutes servidos pelos boxes.



Acervo Mons. Jami Abib Nassif



Obra de Percy de Oliveira



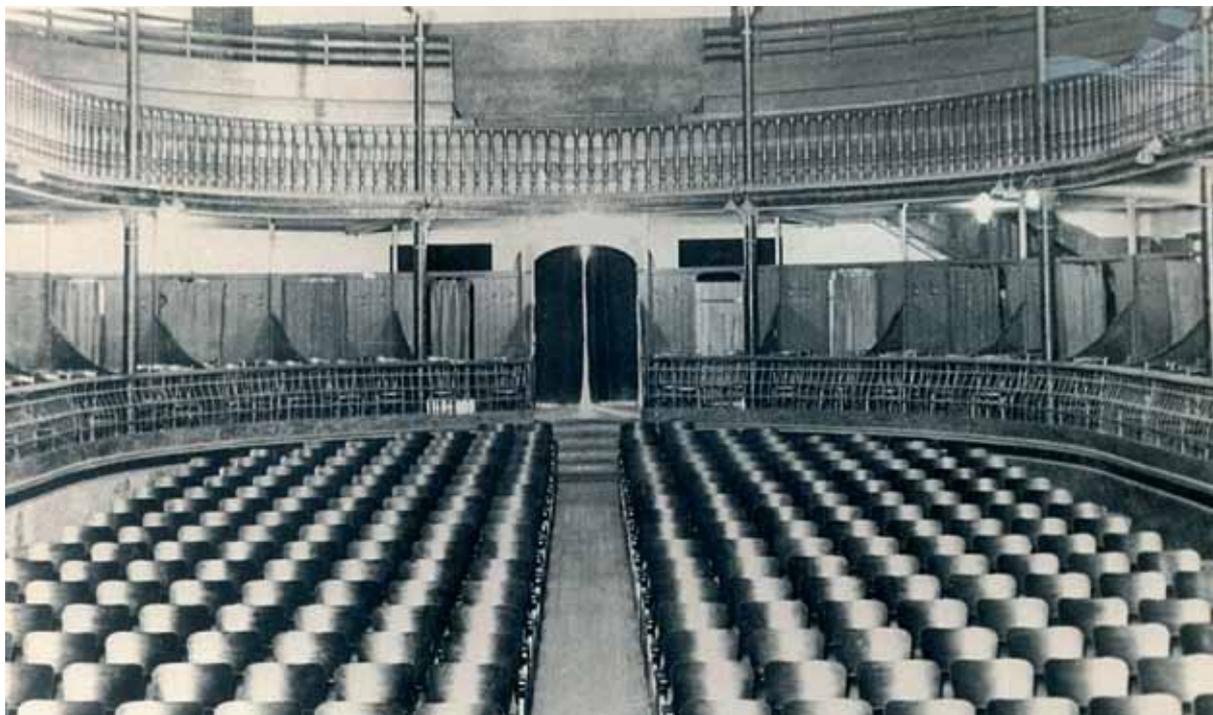
Acirc, 90 anos de história



➤ No início do século XX Rio Claro já possuía as salas de exibição Iris, Bijou (depois chamada Ideal) e Parque. Em 1914 é inaugurado o Cine Teatro Variedades que traria, em 1926, uma nova concepção cinematográfica com as sessões “musicadas”.



*Primeira exibição de um filme sonoro em Rio Claro - 1930*



Na música, as bandas e orquestras tinham espaço garantido nos teatros e salas de cinema. Já na imprensa, mais de 10 títulos estampavam a revolução cafeeira e a evolução do município que contava com as benesses do grande fluxo trazido pela ferrovia.



*Banda composta somente por homens negros - década de 1920*



*Chegada da Soc. Musical Colonial Portuguesa de Santos - 27 de junho de 1920*

➤ A Banda União dos Artistas Ferroviários foi fundada em 1896 por um grupo de músicos que se reunia para tocar informalmente, fundando, depois, uma associação musical. Algum tempo depois, a sociedade Musical União dos Artistas passou a fazer parte do Grêmio Recreativo dos Empregados da Companhia Paulis-

ta agregando o nome de Ferroviários. Na década de 70, deixou de pertencer à Fepasa e no fim da década seguinte a Prefeitura de Rio Claro firmou parceria com o grupo e passou a subsidiar suas apresentações. Atualmente, a banda está sob a batuta do maestro Jorge Augusto Mendes Geraldo e conta com cerca de cinquenta músicos.



Acirc, 90 anos de história



Giorgi Bastos

➤ O Grêmio Recreativo da Companhia Paulista de Estradas de Ferro foi fundado em 5 de agosto de 1896, e logo se tornou o maior clube social e poliesportivo de Rio Claro. A agremiação é fruto da união dos ferroviários e moradores do bairro Santa Cruz que se mobilizaram para criar um espaço em que pudessem passar momentos agradáveis. Atualmente, o clube conta com cerca de oito mil sócios e oferece opções de lazer para toda a família.



210

➤ Na primeira década dos anos 1900, foi feita a abertura em Rio Claro da primeira Escola de Desenho Artístico, com aulas ministradas pelo Senhor Primo Rivera. Nascido na Espanha, nessa época ocupava o cargo de chefe de Carpintaria e de Pintura na Companhia Paulista de Estrada de Ferro. O primeiro curso de desenho foi ministrado na antiga loja Maçônica “21 de Abril” e a maioria de seus alunos eram meninos e homens. Dentre seus alunos, figurou Reynaldo Meyer (de origem alemã, radicado em Rio Claro e responsável pelas Indústrias Bruno Meyer).

*Alunos da Escola de Desenho Artístico de Primo Rivera*



*Atelier da Escola de Desenho e Pintura Lúcia Cereda de Lima*

Em 28 de abril de 1907, nasce em Rio Claro, Guerino Grosso, filho de antigos comerciantes da cidade. Guerino Grosso se tornaria um artista acadêmico de grande sensibilidade e especialista na pintura de “natureza” e metais. Em 1917, começa a ser conhecido pelos seus trabalhos de desenho e pintura, cujos estudos iniciais foram com a Professora Lúcia Cereda de Lima e e Iginio Aquarone. Coursou mais tarde, a Escola de Belas Artes de São Paulo e foi professor e Conselheiro da Associação Paulista de Belas Artes.



*Obras de Guerino Grosso (Paisagem/Márcia)*

Em 31 de Maio de 1909, nasce em Rio Claro, Edgard Oelhmeyer, filho de Augusto Oelhmeyer e Maria Demer Oelhmeyer. Edgard se tornaria um dos grandes pintores de Rio Claro, de técnica forte e segura com as quais dominaria com sensibilidade os mais diversos gêneros de pintura.



Em 1913 é inaugurada a Segunda Escola de Desenho e a primeira de Pintura pela artista e professora de origem italiana, Lúcia Cereda de Lima (1865 - 1955). Além de ensinar pintura, Lúcia era modista. Na pintura, conhecia diversas técnicas que executava com competência e requinte, e que compartilhava com suas alunas até 1948 quando a Escola encerrou suas atividades. Em 1923, a pintora realizou a tela “O Samba no Largo do São Benedito” representando o batuque realizado pelos negros todos os anos antes do Treze de Maio, em comemoração à libertação dos escravos. Em 1927, produziu a tela “Primeira missa no sertão do Ribeirão Claro-1827”, em comemoração ao Centenário de fundação da cidade de Rio Claro.





Em 1916 nasce em Itaqueri da Serra (na época pertencente a Rio Claro, hoje no município de Itirapina), Antonio Marques Junior. Foi investigador de polícia, chegando a se aposentar em 1961. Foi compositor e dominava os instrumentos: violino, bandolin, acordeon e mais tarde o teclado eletrônico. Fundou grupo de seresteiros nas cidades de Americana, Itirapina e São Pedro, onde veio a falecer em 1999 aos 87 anos de idade. Antonio Marques deixou 510 composições dos gêneros: Valzas, Boleros, Tangos, Sambas, Dobrados, Marchas, Maxixes, Rancheiras, Baiões entre outras. Compôs músicas para Itirapina. O seu acervo musical com os discos e partituras foi doado pelo filho ao Arquivo Público e Histórico em 2011.



### Museu do Eucalipto

Existente desde 1916 o Museu do Eucalipto foi fundado pelo engenheiro agrônomo Edmundo Navarro de Andrade para sistematizar e expor o resultado de suas pesquisas. Localizado na Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade (FEENA) o museu possui em seu acervo uma belíssima coleção de gravuras do engenheiro e desenhista português Octávio Feliz Rabello de Andrade Vecchi realizadas em sua temporada em Rio Claro contribuindo para a catalogação de espécies arbóreas que hoje fazem parte do acervo do Museu do Eucalipto que também conta com gravuras originais de espécies botânicas de Carlos Fischer.



Imagens: Acervo do Museu do Eucalipto (FEENA)  
Foto: René Mainardi



Disponível em: [www.aprovincia.com](http://www.aprovincia.com)



O artista rio-clarense João Dutra (1893 - 1983) nasceu em Rio Claro, em 14 de junho de 1893. Viveu sua infância e juventude em Piracicaba, onde se formou, em 1911, professor normalista pela então Escola Normal Oficial.

Sua vida foi dedicada ao magistério, notabilizando-se como professor emérito de Desenho. O artista João Dutra teve seus primeiros aprendizados artísticos com o próprio pai, Joaquim Miguel Dutra e, depois, com o irmão Alípio. Era considerado o mais humilde dos irmãos Dutra e, talvez por isso mesmo, sua pintura era original, com características muito próprias, de colorido notável. Pintou especialmente paisagens e naturezas mortas e foi considerado um mestre nessa

arte. Seus críticos o admiravam pelo que diziam ser o grande segredo de sua arte: “a sobriedade e o domínio completo da luz.” Em 1919 expõe pela primeira vez em São Paulo na redação da revista “A vida moderna”, despertando o interesse tanto da crítica quanto do público. Em 1956 se aposenta após trinta e sete anos de magistério. João Dutra tem seus dados biográficos em publicações especializadas, como: “Artistas e pintores do Brasil” de Theodoro Braga; “História da Pintura no Brasil” de José Maria Reis Júnior; “Artistas contemporâneos de São Paulo” e no volume-4 da “Grande Enciclopédia Delta Larouse”. A Câmara Municipal e a Pinacoteca Municipal “Pimentel Junior” de Rio Claro possuem em seus acervos obras do pintor.

🔴 Rio Claro, seguindo as tendências da época, lança um representante na Semana de Arte Moderna em 1922. Ferrignac foi apenas o primeiro artista de vanguarda a elevar o nome do município como celeiro de grandes nomes na cultura nacional.

Ignácio da Costa Ferreira, Ferrignac, nasceu em Rio Claro em 1892 e faleceu em São Paulo em 1958. Bacharel em direito, teve trabalhos publicados pelo jornal de Rio Claro além de ilustrar a revista de cultura Panóplia. Durante sua estada na Europa colaborou com revistas e jornais de São Paulo, tendo trabalhos publicados em O Pirralho, A Cigarra e Vida Moderna.

Amigo de Guilherme de Almeida participou da Semana de Arte Moderna com o trabalho intitulado “Natureza Dadaísta”.



Disponível em: [brasilarteseniclopedias.com.br/nacional/ferrignac.htm](http://brasilarteseniclopedias.com.br/nacional/ferrignac.htm)



Acervo Mons. Jamil Abib Nassif

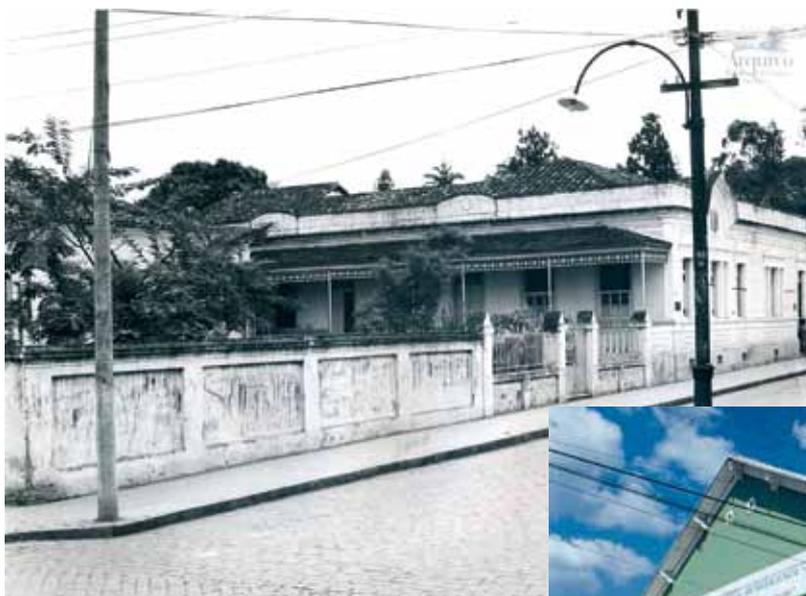
➤ Iniciada em 1924, a pintura da Igreja Matriz de São João Batista pelos artistas e artífices Felício e seu filho Luiz Rossini. Felício Rossini foi quem pintou a cúpula e suas figuras sobre o Altar-Mor e o teto da Nave foi executado por seu filho Luiz. A madeira do forro foi revestida de tela, sobre a qual foi feita a pintura. Na época, muitas residências de Rio Claro, tiveram as paredes ornamentadas com frisos decorativos e paisagens de Felício e Luiz Rossini.

➤ A 'Societá Italiana di Beneficenza', mais conhecida como Sociedade Italiana (1891), está entre as quatro mais antigas do país e juntamente com a Japonesa foram as únicas que restaram no município. Desde que foi fundada, sempre procurou manter um plano de ati-



vidades que promovesse, sobretudo, a cultura italiana. Sua primeira sede funcionava em um casarão do século passado, localizado na Rua 8, entre as Avenidas 10 e 12.

Na sequência, se mudou para a Rua 3, Avenidas 3 e 5, e se fixou em 1957 na Rua 4 nº 1334. Em 1927 foi inaugurada na Praça "XV de Novembro" a bellissima escultura em mármore denominada "Concórdia" (Anjo da Concórdia). Uma homenagem da Colônia Italiana ao Centenário da cidade de Rio Claro.





Centenária no município, a Sociedade Philarmônica Rio-Clarense já foi palco de toda a pompa da alta sociedade. Fundada em 1897, se estabeleceu em sede própria no terreno doado pelo Visconde do Rio Claro, onde atua até hoje, na Rua 5 com Avenida 5.

217

Em 1900 é inaugurado o Chafariz em cimento na Praça “XV de Novembro” com a figura de um índio em pé, armado de arco e flecha. Trata-se de uma alegoria à lendária nação dos Indaiás que habitaria a região na época da colonização.



➤ Nas proximidades da Rua 4 com Avenida 2, havia uma gruta de pedra, chamada Gruta do Leão. De acordo com os registros oficiais a edificação teria sido construída no final do século XIX e se tratava de uma atração no jardim, onde os pais passeavam com os filhos. O trabalho arqueológico de escavação foi coordenado por Maryzilda Couto Campos e descobriu-se que o leão era de argila misturada com cimento e fragmentos de tijolos.

➤ Diana, a caçadora, está localizada também no Jardim Público, próximo ao coreto Fábio Marasca. Após retirada da pintura branca, em 2009, esplendorosos detalhes apareceram, como a sandália amarrada à sua perna. O lago da deusa Diana, em frente ao palco dos seresteiros, passou por grandes mudanças após a reforma. A estátua estava no centro de uma piscina azulejada com problemas de infiltração e a nova apresentação em forma de lago deu o destaque que ela mereceu.



Giorgi Bastos



Escavações - Gruta do Leão

Consta que em 1963, uma reforma integrou as duas praças, antes separadas pela Avenida 1, e que formou o Jardim Público. As ruas laterais foram asfaltadas na reurbanização da área.



*Jornal Diário do  
Rio Claro -  
24 de julho de 195*

**A S.D.D. CIDADE NOVA E OS FESTEJOS  
COMEMORATIVOS AO SEU QUADRAGE-  
SIMO ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO**

Dando prosseguimento às festas em comemoração a mais um aniversário da sociedade cidadanovina, hoje, às 20 horas, será apresentada uma brincadeira diferente e que irá agradar a todos, pela sua originalidade. Trata-se da "Dança do Limão" que, apresentada na Rádio Nacional do Rio de Janeiro obteve grande sucesso e se tornou a brincadeira preferida do público rádio-ouvinte.

numa perfeita interpretação de seus elementos, destacando-se: profa. Maria Ivone Von Atzingem, Nair Canola, Edith Damário (2ª atriz rioclarense), Odair A. M. Monteiro, Antônio Guardia, Wilson Sauer, Delmino Urbano Filho, José Maria Orosz e Hélio S. Mattos, classificado como o 4.º ator rioclarense, na parte dramática, "Irene" alcançará um grande sucesso e firmará ainda mais a fama dos amadores que fazem parte do "Samuel Kleiner".

Dia 28, um espetáculo fino no palco da S. D. D. Cidade Nova, de danças coreográficas, a cargo do ótimo conjunto de Danças Clássicas de Limeira.

A SDD Cidade Nova faz parte da história de Rio Claro. Fundada em 27 de julho de 1917, a Sociedade Dramática Dançante Cidade Nova acompanhou muitas mudanças na Cidade Azul, abrigou gerações e continua na ativa com programação semanal. Criada com a proposta de ser um ponto de descontração e cultura para a velha guarda, a SDD foi palco de inúmeras peças teatrais, festivais de dança e bailes. Atualmente, as peças de teatro não constam mais nos calendários da SDD. Cerca de trezentas pessoas entre sócios e ingressos avulsos chegam a frequentar o clube, nos bailes que acontecem às quintas, sábados e domingos.



*Fachada - década de 1960*

Fundado em 1919, o Grupo Ginástico Rio-clarense tinha por objetivo ser um clube para atividades físicas. Predominam detalhes da influência da colônia alemã. Reinaldo Meyer foi o primeiro presidente, e a família Meyer teve importante papel na história do clube no período de consolidação de suas atividades.



*Antiga sede - Rua 2 esq. Av. 3*



*Grupo de Ginástica Olímpica*



Acervo Mons. Jamil Abib Nassif



Acirc, 90 anos de história

É lançado no ano do centenário da cidade uma coleção de cartões postais, registrando a cidade na época. Os cartões são hoje referência sobre a importância da fotografia na cidade, já naqueles 1927 e do cotidiano ali retratado mostrando costumes, organização urbana e espaços de relevância para o momento. Palco de grandes fotógrafos, a fotografia sempre esteve presente na cidade e graças a ela, às pinturas e desenhos podemos conhecer os primórdios da cidade.



Acirc, 90 anos de história

➤ Vale ainda ressaltar a importância da cidade pelo número de escolas que até 1930 haviam se instalado na cidade. Escolas de renome regional que apontavam para a importância do desenvolvimento da cidade na região.

Podemos elencar: Escola Americana (1873), Colégio Santa Cruz (1877), Escola Alemã (1883) - atual Colégio Köelle, Grupo Escolar Joaquim Salles (1900), Escola Puríssimo Coração de Maria (1909), Grupo Escolar Marcello Schmidt (1911), Colégio Minervino (1915), Escola Profissional Masculina (1919), Instituto Commercial de Rio Claro Arthur Bilac (1921), Grupo Escolar Irineu Penteadado (1925), Escola Joaquim Ribeiro (1926) e, Seminário Santa Cruz (1929), atual Seminário Claret.

Embora pouco pesquisado, o Grupo Escolar Irineu Penteadado nasce como Escola do Quilombo por receber, alunos da comunidade negra e estar localizado em região próxima a um dos quilombos da cidade, como relata D. Olga Maurício em depoimento ao Arquivo Público e Histórico, em 2009. O fato de termos escolas comerciais, desde esse primeiro século, de renome regional, também pode ser apontado para o avanço da produção e necessidade de formação de técnicos em economia e finanças.

➤ O filme do primeiro centenário da cidade, em 1927, está disponibilizado pelo Grupo Banzo, no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=wFKj-hBS PZ4&list=UU0n8rddbL3wlKkksAXwgIQ&index=20&feature=plcp>.

Produzido por Matanó Film, com o título “Os

Festejos do Centenário de Rio Claro”, contou com as seguintes participações: Otávio Metanó (operador), Paschoal Lourenço (Director Artístico), Miguel Arco e Flexa (Director Litterário). Há necessidade de levantamento histórico sobre a obra e seus participantes.



## DOS ANOS 30 AOS ANOS DOURADOS

**E**m um período contrastante, em que as guerras preocupavam os políticos, e o glamour da era de ouro do rádio distraía a população, Rio Claro caminhava em direção ao aperfeiçoamento técnico e cultural.

Nos anos 30, a abertura do Curso de Ferrovieiros da Escola Profissional foi o grande impulso para o desenvolvimento teórico e o início de uma geração formada e deslumbrada pela ferrovia. Na mesma Década, a inauguração do Aeroporto Adhemar de Barros, colocaria o município em destaque nacional.



Acirc, 90 anos de história

Apesar da tensão no período em virtude da Grande Guerra e da Revolução de 32, o rádio era figura presente em todos os cantos da cidade com os alto-falantes Primavera e a rádio PRF2, que traziam atrações musicais ao vivo, abrindo espaço a músicos locais.

Inaugurada com locução de João de Scantimburgo em 1934, a PRF-2 levou ao ar os anos dourados do rádio em Rio Claro. Fundada por Humberto Cartolano, foi inicialmente dirigida por Valdemar Cartolano e em seguida por Francisco Cartolano Filho, quando se tornou conhecida nacionalmente pela promoção de shows com os mais famosos artistas da Rádio Nacional. Cantores, orquestras, rádio-atores e rádio-atrizes atuaram em seus microfones. Grandes locutores esportivos transmitiram jogos do Velo e Rio Claro, como Blota Junior, Geraldo José de Almeida, Murilo Antunes Alves, Pedro Luiz, Homero Silva.

**Serviço de Alto-Falantes "Primavera"**  
**"PROGRAMA"**

Para o dia 27 de Junho de 1944.

10 Horas - Fantasia	vozes - Marçal	11 Horas - A Marcha dos tempos	Programa distribuído pelo Consórcio de Serviços Inter-Americanos das Nações Unidas. Cap. Fortaleza Almas.
Cada floração de cafeeiros	voz - David Matarraz-Fernandes	11,30 Horas - Implemento nacional	Propaganda educativa das filmes do Ministério da Educação e Cultura
Teve la my heart alone	voz - Almirante-Almirante	Al campo del Corazon	longo - J. Francisco-Almeida
W. B. e	voz - Almirante-Almirante	Alfons de Arcebal	longo - Sérgio Travassos
De saize do apolastro	voz - Ary Barroso	De este verde gris	longo - Almirante-Almirante
Jiboney	voz - Almirante-Almirante	El lleres	longo - J. Francisco-Almeida
De Nino Nino	voz - J. Sisking - J. Sisking	Troncoso	longo - J. Francisco-Almeida
Um noite em Santa Cecilia	longo - Sérgio Travassos	12 Horas - Ave Maria	voz - Almirante-Almirante
11 Horas - A Marcha dos tempos	Programa distribuído pelo Consórcio de Serviços Inter-Americanos das Nações Unidas. Cap. Fortaleza Almas.	El Ancheder	longo - Roberto Firpo
11,30 Horas - Implemento nacional	Propaganda educativa das filmes do Ministério da Educação e Cultura	El rielierri	voz - J. Sisking
Al campo del Corazon	longo - J. Francisco-Almeida	No meu sertão	longo - João Miranda
Alfons de Arcebal	longo - Sérgio Travassos	La Bolandrin	voz - Almirante-Almirante
De este verde gris	longo - Almirante-Almirante	12,30 Horas - Jingle, Jingle	longo - Almirante-Almirante
El lleres	longo - J. Francisco-Almeida	Final do período	voz - Almirante-Almirante
Troncoso	longo - J. Francisco-Almeida		
12 Horas - Ave Maria	voz - Almirante-Almirante		
El Ancheder	longo - Roberto Firpo		
El rielierri	voz - J. Sisking		
No meu sertão	longo - João Miranda		
La Bolandrin	voz - Almirante-Almirante		
12,30 Horas - Jingle, Jingle	longo - Almirante-Almirante		
Final do período	voz - Almirante-Almirante		
13 Horas - Impre Builders	voz - Humbert Smith		
Ave Maria	voz - Francisco Alves		
Teus olhos de ciclomen	voz - Francisco Alves		
Imagino	voz - Francisco Alves		
Um colosso n'loca azul	voz - Francisco Alves		
Cap por cento brasileiro	voz - Francisco Alves		
Três lagrimas	voz - Francisco Alves		
Terra boa	voz - Francisco Alves		
S. V. S.	voz - Francisco Alves		
Condição Nam	voz - Francisco Alves		
Temo e alibio	voz - Francisco Alves		
Jocando vos cantar	voz - Francisco Alves		
Não te leve	voz - Francisco Alves		
Problema de distribuição	voz - Francisco Alves		
Hino do IV Congr. Nac. (Orgão)	voz - Francisco Alves		
Primavera nos apertes (Orgão)	voz - Francisco Alves		
Jepidia	voz - Francisco Alves		
Me de saiz	voz - Francisco Alves		
Dejejeida	voz - Francisco Alves		
Atendimento do Fabricante em Portugal	voz - Francisco Alves		
14 Horas - Impre Builders	voz - Humbert Smith		
Ave Maria	voz - Francisco Alves		
Teus olhos de ciclomen	voz - Francisco Alves		
Imagino	voz - Francisco Alves		
Um colosso n'loca azul	voz - Francisco Alves		
Cap por cento brasileiro	voz - Francisco Alves		
Três lagrimas	voz - Francisco Alves		
Terra boa	voz - Francisco Alves		
S. V. S.	voz - Francisco Alves		
Condição Nam	voz - Francisco Alves		
Temo e alibio	voz - Francisco Alves		
Jocando vos cantar	voz - Francisco Alves		
Não te leve	voz - Francisco Alves		
Problema de distribuição	voz - Francisco Alves		
Hino do IV Congr. Nac. (Orgão)	voz - Francisco Alves		
Primavera nos apertes (Orgão)	voz - Francisco Alves		
Jepidia	voz - Francisco Alves		
Me de saiz	voz - Francisco Alves		
Dejejeida	voz - Francisco Alves		
Atendimento do Fabricante em Portugal	voz - Francisco Alves		

PROPRIETÁRIO: FRANCISCO ALVES  
RIO CLARO, 26 de Junho de 1944.  
Estado de São Paulo



29 de agosto de 1943

Entre seus locutores destacaram-se Raul Brunini, Altino Silva e Lúcia Helena, que depois foi a voz padrão da Rádio Nacional. A voz de Lúcia Helena tornou-se símbolo da abertura do Programa Francisco Alves, o Rei da Voz. Da Rádio Clube, Luiz Brunini transferiu-se para a Rádio Globo, que dirigiu por 37 anos. Mauro Martins Coelho substituiu Franz Cartolano na Clube depois de ser locutor da Rádio Record. Com ele, o jornalista Ribeiro Mancuso passou a integrar os quadros da emissora local ao lado dos locutores e apresentadores Armando Luiz, Geraldo Leme da Silva, Professor Travassos, Zé Butinudo, Hélio Bergamasco, Edmundo Silva, José Isaque, Eduardo Fortunato, Paulo Edson, Olavo Marques, Cláudia Claudio, Ivone Bindilatti, Vovô Simões, Sérgio Carnevale e outros.

O programa Show do Meio Dia foi ao ar pela primeira vez no dia 17 de setembro de 1963, com texto de Ribeiro Mancuso, apresentação de Armando Luiz e sonoroplastia de José Carlos Alves Batista. É o mais antigo

programa do rádio brasileiro e está no ar há 48 anos.

Hoje Rio Claro conta com as emisoras: Rádio Clube AM, Rádio Clube FM, Rádio Cultura, Rádio Excelsior Jovem Pan, Rádio Opção, Rádio Cidade Livre e Rádio Claretiana FM.

No segmento de televisão, Rio Claro conta com a TV Claret e a TV Cidade Livre.

Em 1937, começa a se pronunciar no centro da cidade o Serviço de Alto-Falantes “Primavera”. Em 1941, foram instalados alto-falantes localizados à Rua 6, Avenida 2; praça da Liberdade; Avenida 1 e Jardim Público. Na sequência foi ampliado para Largo da Boa Morte, Largo de S. Benedito, Santa Cruz, Aparecida, Vila dos Operários, Bairro Santana, Rua 1 e Avenida 20, Avenida 26 e Rua 2-A, Avenida 32 tendo se tornado a maior rede de alto-falantes do Brasil. Com 16.000 metros de extensão, amplificador de 120wats e 14 alto-falantes University de 25 wats, possuía uma discoteca de 2000 discos e funcionava no horário das 10h às 12h e das 18h às 22h. Além de anúncios de produtos, oferta de empregos, recados, resultados de jogos, mantinha um serviço de informação oficial.



*Estúdio da Rádio*

Nasce em 31 de março de 1930 em Rio Claro, o professor Dennizard França Machado. Viveu numa família onde a arte do desenho era comum e o traço artístico era executado de forma natural por todos. Dessa família projetaram-se artistas famosos como sua irmã, a pintora rio-clarense, Ilara Luz Machado. Competente e comunicativo, fazia da arte de pintar e desenhar seu ideal.

Dennizard França Machado ingressou no Magistério Público Estadual em 1955, ministrando aulas de desenho e educação artística em diversas escolas do Estado de São Paulo. Aposentou-se em 1986 como professor da Escola Estadual de Primeiro Grau “Prof. Michel Antonio Alem”.

Por muitos anos lecionou desenho e pintura na sua própria residência. Dennizard França Machado teve uma brilhante carreira artística e foi considerado um mestre na pintura.

Faleceu no dia 26 de janeiro de 2005, em Rio Claro, aos 74 anos de idade.



Acervo Mons. Jamil Abib Nassif

Em 1936, Irene da Aparecida Raymondo, conhecida como Irene Coelho (1921-2008) teve suas primeiras aulas de canto. Nascida em Rio Claro, mudou-se para São Paulo aos 12 anos pois sua mãe casara-se em segundas núpcias com um português trabalhador da ferrovia. A primeira rádio a apresentar-se foi na Rádio Atlântica, em Santos, no programa Saudades de Portugal. A cantora dedicou toda sua trajetória a música popular portuguesa no rádio paulista. Excursionou por todo Brasil e Portugal. Casou-se com Manoel dos Santos Coelho, músico que se dedicava ao estudo da guitarra portuguesa. Formaram uma dupla talentosa e respeitada nas Casas Portuguesas e shows.



O Cine Excelsior foi inaugurado em 16 de Abril de 1938 com a exibição do filme “Ela e o Príncipe”. Embora tenha sido construído com objetivo de desenvolver atividades cinematográficas, manteve também temporadas de teatro com companhias renomadas e uma escola de arte dramática.

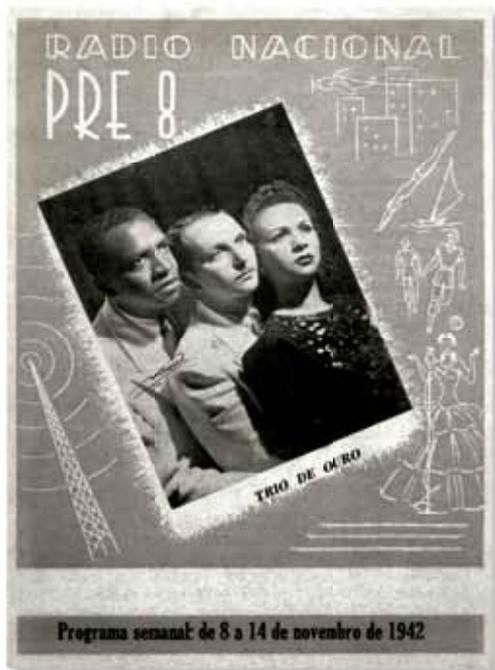


Inauguração do Cine Excelsior



Representante rio-clarense na era de ouro do rádio, Dalva de Oliveira foi eleita a Rainha do Rádio em 1952, sendo referência para toda uma geração.

Vicentina de Paula Oliveira, conhecida como Dalva de Oliveira, nasceu em Rio Claro em 5 de maio de 1917. Despontou como cantora logo depois que conheceu Herivelto Martins em 1935, no Cine Pátria, e ao seu lado e de Francisco Sena formaram o Trio de Ouro. Em 1939 se casou com Herivelto em um ritual de Umbanda e geraram dois filhos: Pery Ribeiro e Ubiratan de Oliveira Martins. A cantora faleceu no dia 30 de agosto de 1972.



Ai vem a consagrada artista rioclarense

# DALVA de OLIVEIRA

(A RAINHA DA VOZ)  
- NO SUPER-SHOW -

## «Ritmos e Canções do Brasil»

Um espetáculo maravilhoso com 17 artistas no palco!  
Veja DALVA DE OLIVEIRA — a vez que o mundo consagrou — apresentando o seguinte programa:

- 1.º «S. M. a rainha da Voz», DALVA DE OLIVEIRA e todo o conjunto.
- 2.º «ARY MORENO», com seu violão que «fala».
- 3.º «Aquarela do Brasil», com Jofre e Otilia e conjunto de «Ballet».
- 4.º «Al-grias» — Número espanhol com Pilar Mendez.
- 5.º «Salal e seus Brotos Louros».
- 6.º «DALVA DE OLIVEIRA em magníficas interpretações».
- 7.º «HOMENAGEM AO BRASIL» com os seguintes números: «VALSA VIENNESE» (Conjunto); «TANGO ARGENTINO» (Jofre e Otilia); «TARANTELA» (Lina e Loci); «MEXICANO» (Baileros, Wilton Mendez); «BOLETO WOODIE» (Ary Moreno); «DANÇA ORIENTAL» (Pilar Mendez); «CAN-CAN PARISIENSE» (conjunto) — e para finalizar o espetáculo: «VEM, A BAIJA TE ESPERA», com DALVA DE OLIVEIRA e toda a companhia!

Único e grandioso espetáculo em Rio Claro, dia 20 de Agosto de 1954 (Sexta-Feira) em duas espetaculares sessões às 20 e às 22 horas, no Palco do

### Cine Teatro EXCELSIOR

«ão percam esta rara oportunidade para verem e ouvirem a querida cantora rioclarense:  
DALVA DE OLIVEIRA (A rainha da voz)  
necessários à venda diariamente no Cine Excelsior. (2)

*Jornal Diário  
do Rio Claro  
17 de agosto de  
1954*

Nair de Oliveira, irmã da cantora Dalva de Oliveira, nasceu em 1922 na cidade de Rio Claro. É a segunda filha do casal Alice do Espírito Santo e Mário Antônio de Oliveira. Possuía um temperamento mais retraído, gostava dos afazeres domésticos. Dona de bela voz, começou a fazer coro nas apresentações e gravações do Trio de Ouro. Em 1941, iniciou sua carreira solo na Rádio Difusora de São Paulo. Nair aceitou o convite do cantor Cacique e formaram uma dupla na Difusora. Em 1943 regressou ao Rio de Janeiro e junto com suas outras duas irmãs, Margarida e Lila, passaram a integrar a Escola de Samba formada por Herivelto Martins, com ele atuando no Cassino da Urca e digressões pelo Brasil. Casou-se em 1947, deixando a carreira artística.

Com destaque, radialistas de Rio Claro também ganharam notoriedade em rádios da capital e outros grupos como o “Sentinelas do Céu” que marcava a presença rio-clarense nos tão aclamados grupos vocais.

Os locutores Lucia Helena e Raul Brunini, da rádio PRF2, com muito prestígio na década de 1940, foram chamados para rádios da capital. Lucia foi para rádio Nacional e Brunini para a rádio Tupi. Os locutores vinham para a cidade de avião e eram esperados por muitas pessoas no campo de aviação.



Locutor Altino Silva



Lucia Helena  
- Rádio Nacional (RJ)  
- Déc. de 1930-40

**Grande Parada Radiophonica**

NO  
**THEATRO VARIEDADES** DEZEMBRO  
NATAL **25** DIA  
A'S 14 HORAS

Uma das maiores realizações da  
RADIO CLUBE DE RIO CLARO P. R. F. 2

**Programma da BALANÇA**

sob o alto patrocínio do DEPOSITO DE RETALHOS A KILO

As inscrições começam em 15 de Novembro  
Dep. de Retalhos a Kilo  
a las 9 h. 1500 e são abertas até  
falta falta de Rio Claro - P. R. F. 2  
até a las 10

**Atenção:**  
Será feita grande distribuição de prêmios  
em forma de dinheiro e valores de prêmios  
em dinheiro.

**PREMIOS**

1.º colocado	60.000
2.º "	30.000
3.º "	20.000
4.º "	15.000
5.º "	10.000

PREÇOS  
Adultos - 15000  
Crianças - 5000

INSCRIÇÃO PESSOAL 20000

Em 1972 foi fundada a Rádio Educação e Cultura e em 2000 a Rádio Excelsior. Na música, o destaque vai para a diversidade de estilos que projetaram a cidade nos mais diferentes públicos consagrando o que a cidade já havia produzido.

Entre as gerações seguintes de locutores e apresentadores destacaram-se: Ribeiro Mancuso, Armando Luiz Bonani, Sérgio Carnevale, Edmundo Silva, Hélio Bergamasco, Moacir Martins, Eugênio Benetti, Mauro Martins Coelho, Altino Silva, Dalton Paciullo, Jorge Neves, Paulo Alvarenga e Luiz Nascimento.

▶ Cristina Maristany, soprano. Nasceu na cidade do Porto, Portugal, em 11 de agosto de 1906, sendo seu nome de registro Cristina Navarro de Andrade Costa. Cristina veio com poucos meses de idade para o Brasil, morando com a família no Rio de Janeiro. Fez o curso completo de piano e passou a receber aulas de canto com uma renomada professora. Em 1929, grava seu primeiro disco. Seu sucesso ultrapassou as fronteiras do Brasil, esteve inúmeras vezes na Argentina, Estados Unidos e diversos países da Europa. De 1935 até 1955 pertenceu ao elenco da Rádio Tupi do Rio de Janeiro. A música brasileira estava sempre em primeiro lugar no seu repertório. Tinha especial predileção pelas Bachianas n.º 5 de Villa-Lobos e Três Poemas de Camargo Guarnieri. Foi a maior intérprete de Villa-Lobos e é considerada por muitos a mais importante cantora brasileira de música de câmara. Nos intervalos de suas viagens costumava passar férias junto aos seus tios e primos em Rio Claro,



onde chegou a residir durante a adolescência. Em 1960, ficou muito doente e veio residir na Cidade Azul de seus familiares. Faleceu em Rio Claro aos 27 de setembro de 1966, com 60 anos de idade.



▶ O Festival de calouros no teatro Variedades acontecia na década de 1940. Patrocinada pela rádio PRF2, fundada em 1934, a atração lotou o teatro por vários anos. Quando o calouro desafinava ou perdia o ritmo, tocava o gongo, porém tudo na base da brincadeira.

▶ O primeiro músico brasileiro a ter seu nome individualmente em um disco sertanejo é Arlindo Sant'Ana. Ele está no lado A do disco com a gravação "Assim Cantam Alguns Pássaros", de 1929, pela Colúmbia. No lado B estão Mariano e Caçula com a música "Jorginho do Sertão", a primeira moda de viola gravada. O disco foi produzido pelo jornalista e folclorista Cornélio Pires, que inaugurou a pioneira série do sertanejo com seis discos anteriores trazendo anedotas e instrumentais da lendária Turma Caipira que tocava cana verde, cururu, cateretê, catira, bate-pé, repicado, desafio e moda de viola. Arlindo também se destacou por fabricar "pios" (para chamar passarinhos) e "berrantes".

Músico e artesão, Arlindo gravou pelos selos Colúmbia, Continental, RCA, Fermata e Odeon. Suas composições foram gravadas por Inezita Barroso, Tonico e Tinoco, Vieira e Vieirinha, Zé do Rancho e Zé do Pinho, Rolando Boldrin e outros. Ele tornou-se nacionalmente conhecido também pela produção de pios de pássaros em madeira e chifre de boi. Para alguns autores, ele é considerado o arranjador do toque fino que caracteriza a moda de viola.



➤ Fabio Marasca, professor, compositor e grande violinista, costumava se apresentar no TEATRO PHOENIX no tempo do cinema mudo. Regeu a orquestra de violinos e na década de 1930 comandava uma escola de música na Avenida 1. Costumava se apresentar em festividades ao lado de sua esposa, a pianista Heloisa Marasca.



➤ Nos anos 1940 Maria Aparecida de Goes Rodrigues, rio-clarense nascida em 1922, mudou-se para Taubaté e aproximou-se do grupo de atores do Mazzaropi, onde atuou como atriz, figurinista e figurante em programas na TV tupi e no rádio, e em filmes, atuando ou nos bastidores. Lembra-se de que participou dos filmes: Nadando em Dinheiro, Vendedor de Lingüiça, O Corintiano, entre outros.

Trabalhou ainda com Nha Barbina, com espetáculos de circo e programas de comédia em rádio. Viajou por muitos lugares nas caravanas que passavam por pequenos teatros, praças, fazendas, circos.

Voltou para Rio Claro em 1976. É mãe de sete filhos e trabalha há 35 anos no Cemitério Municipal como lavadeira de túmulos.



➤ Aroldo Barthmann, cantor, apaixonado pela língua espanhola, gostava de tangos, na década de 1940 chegou a gravar cerca de três discos, sempre acompanhado do irmão violinista Oswaldo Barthmann.



➤ José Guilherme começou a tomar gosto pela música através de um cavaquinho que ganhou aos 9 anos de idade. Auto-didata, o pai Benedito Guilherme percebeu a aptidão do filho e o colocou para aprender violino com Fábio Marasca. Aos 13 anos comprou seu primeiro violão e abandonou todos os outros instrumentos. No início da década de 1940 formou o grupo “Sentinelas do Céu” ao lado de Paulo Silva (irmão de Dom Salvador), com o qual chegou a se apresentar na rádio Tupi em São Paulo. Em 1947 viajou para o Rio de Janeiro onde teve aulas de violão com Dilermando Reis. Em 1959, José se dedicou à fabricação de instrumentos musicais junto aos irmãos Euclides, Roberto e Benedito, sendo responsáveis pela primeira braçadeira de violão e chave de piano fabricadas no Brasil.



*José Guilherme (acima)  
e Paulo Silva (abaixo)*

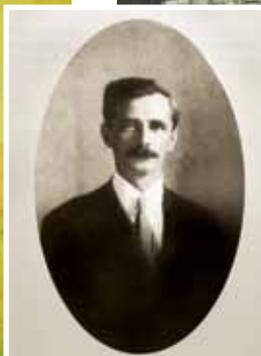


➤ Dando continuidade à produção em artes plásticas que já marcava a cidade pelos expoentes que se destacaram no cenário nacional, temos Carlos Hadler que realizava sua segunda exposição em São Paulo com inúmeros elogios da imprensa que atentavam para um novo estilo artístico chamado de ‘Hadlerismo’. O professor Carlos Hadler passou vinte anos lecionando em Rio Claro, inclusive dava aulas particulares. Sua arte, de estilo clássico e desenho leve, buscavam traduzir em movimento, sugestão e alegorias, seu irrefreável desejo de brasilidade. Além de expor seus trabalhos de alegorias e de paisagens em diversos pontos de Rio

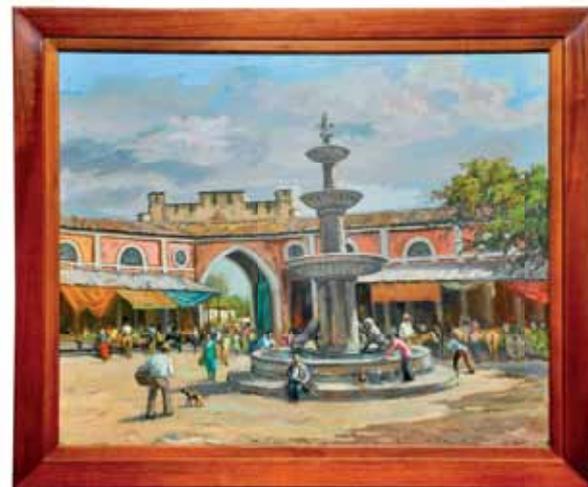
Claro, Hadler fez duas grandes exposições em São Paulo com obras suas e de seus ex-alunos, uma em 1928 e outra em 1932. Na Segunda Exposição de suas obras em São Paulo, o jornal “Folha da Noite” de 1932 noticiava: “Hadler acaba de fundar o ‘Hadlerismo’, um justo orgulho de sua arte radicalmente indígena, inspirada exclusivamente na riqueza vegetal e na maravilhosa lenda brasileira”.



Carlos Hadler  
Pax et Labor, 147,5 x 170cm, 13/08/1921  
Mural, ETE Armando Bayeux da Silva, Rio Claro-SR



Decoração do Grupo Ginástico  
- Carnaval 1934



Obras de Nicola Petti (Mercado Municipal/Primeira Missa)

➤ Neste período, Nicola Petti (1904 - 1983) também debutou no Salão Paulista de Belas Artes e destacou-se como um dos grandes nomes da Pintura de Rio Claro e um dos principais responsáveis pela criação da Pinacoteca Municipal “Pimentel Júnior” de Rio Claro. Em 1933 o artista participou pela primeira vez do “Salão Paulista de Belas Artes” onde, desde então, participou por diversas vezes como membro da Comissão Organizadora e fez parte de diversos Júris de Seleção e Premiação do “Salão Paulista de



Foto: Luciano Calligaris

Belas Artes”. De 1916 a 1919, estudou no Liceu de Artes e Ofício de São Paulo, cidade onde retornaria após se diplomar em Rio Claro para desenvolver sua arte de pintura.

Em 1934, o escultor Vilmo Túlio Rosada (1905-1987), casa-se com a rio-clarense Belmira Mônaco, na cidade de Campinas, permanecendo lá até 1940, quando resolveu mudar-se para Rio Claro. Em seu atelier na Avenida Cinco nº 737, durante quase 50 anos trabalhou sem interrupção, tornando-se a expressão

mais destacada no cenário da arte de esculpir. Em suas obras destaque para o Mausoléu dos Heróis da Polícia Militar de São Paulo, que se encontra no Cemitério do Araçá na Capital, a Herma do Dr. Theodoro Koelle, no Ginásio Koelle, a Herma do contabilista Carlos de Carvalho, o busto do Dr. Edmundo Navarro de Andrade, a estátua de Monsenhor Francisco Botti em frente à Igreja Matriz de São João Batista e a Escultura em bronze do Mausoléu Pró Soldado Rio-clarense Tombados na Revolução de 1932.



Ilara Luz Machado (1922 - 2007) artista plástica que levou o nome de Rio Claro ao Estado de São Paulo, ao Brasil e a diversos países como Portugal e Estados Unidos.

Em 1992, a professora e pintora integrou a Comissão de Seleção e premiação do I SABBART – Salão Brasileiro de Belas Artes de Ribeirão Preto. Como boa professora que sempre foi, deixou famosos alunos (Ronaldo Ceribelli, Marcel Ohlmeyer, Linaura Pedrosa, Sandra Negrão, Sulamita Deusti entre outros destaques das telas) e muitos ensinamentos

O ateliê no Casarão da Avenida Um, onde ministrava aulas e pintava, foi o espaço de iniciação de muitos artistas de Rio Claro. A Professora Ilara foi também diretora do Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga e Fundadora da Pinacoteca Pimentel Junior.



Fabiola Deusti Custódio



Acirc, 90 anos de história

➤ O “Primeiro Salão Estímulo de Pintura” aconteceu em setembro 1954 e foi realizado pelo Centro Cultural da Juventude “Alfredo Ellis” e prestigiado pela Prefeitura Municipal de Rio Claro e pelo Departamento de Fiscalização Artística do Estado, com a colaboração da Cervejaria Rio Claro. A Comissão Julgadora foi constituída pelos artistas pintores Nicola Petti, Guerino Grosso e Carlos Soboleski e secretariados pelos senhores Pimentel Junior e Vitor Ruiz.

**1.º Salão Estímulo de Pintura**

Sob os auspícios do Centro Cultural «Alfredo Ellis», realiza-se na Galeria São Paulo o 1.º Salão Estímulo de Pintura, com a participação de pintores rioclarense.

Sómente mais esta semana essa mostra de arte, reveladora de tendências artísticas, ainda estará franqueada ao público nos dias de hoje, 21, quinta-feira, sábado e domingo. Nesta data dar-se-á o solene encerramento da exposição, ato paraninçado pelo Prefeito Municipal, sr. Fausto Santomauro, com entrega dos prêmios e diplomas a todos os expoitores.

Nesta semana figurarão no Salão obras de arte cultural, de autoria do escultor Wilmo Rosada, artista cujos trabalhos constituem verdadeira consagração à sua arte.

**Proclama de casamento**

JAPYR PIMENTEL, Oficial do Registro Civil das Pessoas Naturais do Distrito sede da Comarca de RIO CLARO Estado de São Paulo, etc.

Faz saber que pretendem casar-se:

LUIZ MARIA DE CAMARGO MADEIRA e dona ENID BERTONI MARQUES, brasileiros, solteiros, de cor branca, naturais deste Estado e nele residentes. ELE, com 23 anos de idade, nascido em Tietê, cirurgião-dentista, domiciliado em

*Jornal Diário do Rio Claro - 21 de setembro de 1954*

➤ Espanhol, nascido em Palmas, Victor Salazar Ruiz, adotou Rio Claro. Sua escultura Anchieta, executada em ferro chato, em linha livre, curvada ao estilo de volutas, está localizada na Praça Copacabana. Ela foi idealizada por ele por meio de desenho e construída na Espanha, tendo sido enviada ao Brasil por navio. A obra consolida a irmandade entre Rio Claro e Bilbao, conforme depoimento de Percy de Oliveira.

**1.º Salão Estímulo de Pintura Rioclarense**

Magnífica iniciativa do Centro Cultural «Alfredo Ellis»

Inaugurou-se ontem às 19 horas o 1.º Salão Estímulo de Pintura Rioclarense, patrocinado pelo Centro Cultural «Alfredo Ellis», e do qual participam somente artistas amadores de nossa cidade, numa iniciativa de profundo valor e significação. A exposição está agradando plenamente, merecendo aplausos os seus iniciadores.

Hoje, das 15 às 17 e das 19 às 22 horas, ficará aberto à visitação pública o 1.º Salão Estímulo de Pintura Rioclarense.

*Jornal Diário do Rio Claro - 19 de setembro de 1954*



➤ Arthur Eleno, aluno de Hadler, foi professor de pintura na Escola Profissional (atualmente a Escola Industrial “Prof. Armando Bayeux da Silva”). Dentre os trabalhos de Eleno, deve ser citado o das pinturas originais que decoram as paredes do Museu “Navarro de Andrade” no Horto Florestal (hoje Floresta Estadual).

➤ Em 03 de Julho de 1957 foi realizado o Julgamento das obras da segunda Exposição de Artes Plásticas de Rio Claro, denominado “Grande Exposição do Centenário”.

➤ Existente desde 1943, acontece entre os festejos comemorativos ao aniversário do Município mobilizando grande participação dos munícipes na apresentação da renomada Esquadilha da Fumaça das Força Aérea Brasileira.



➤ No teatro a cidade revelou talentos que puderam elevar o nome da cidade para outras regiões. Em 1941 o teatrólogo Cerjio Mantovani adota Rio Claro como seu lar. Em 1950 monta junto com Belmiro Ferreira, Edvaldo Klain, Vilma Achenberg, Maria Ivone Neubauer, Vanda Góes, Antonio Borcatto, Zulmira Borcatto, Maria Lopes, o Grupo de Teatro dos Ferroviários da Cia. Paulista, que manteve suas atividades até 1972, ano em que o nome passa para Grupo de Teatro Frutos da Terra. Em 1981, o Grupo transfere-se para o Círculo Operário e adotam o nome de Palanque Produções Artísticas, inicialmente formado por adolescentes e crianças, com montagens de espetáculos infantis, que manteve suas atividades até 1998. De 1957 até 1986 o grupo foi premiado em diversos festivais de teatro.



*Cerjio Mantovani ao centro com Vitor Luz e Adriano Picelli*



*Adriano Picelli e Daniela Moreno na peça “Escolhido por Deus” de Gilson Câmara*

Em abril de 2.003 a PALANQUE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS retomou as atividades através do teatrólogo Hique Grandel. O nome do grupo passou para CIA. DE TEATRO PALANQUE, retomando a participação em festivais tendo recebido os títulos de melhor ator, melhor atriz coadjuvante, ator revelação, melhor iluminação, melhor sonoplastia, melhor maquiagem, no festival de teatro de Pirassununga, no teatro Cacilda Becker, nos anos de 2004 e 2005.



Ensaio da peça "Cárcere Privado" de Leonardo Alckmin, com a nova formação do Grupo Palanque



Com o lema idealizado, organizado e dirigido por ferroviários e para ferroviários surge no final dos anos 40 o Cinema dos Ferroviários conhecido popularmente como Cineminha da Paulista em um espaço cedido pela Cia. Paulista. O Cinema funciona sustentado

pela contribuição de seus associados e frequentadores prioritariamente ferroviários e familiares. Em 1950, a sala passa por reforma onde é instalado um palco e a instituição passa a contemplar apresentações de teatro. Em 1969 a sala é desativada pondo fim à atividade cultural dessa classe operária.



Lídio Bertolini, Jairo Cristofolletti, Mário Haaks, Nilo Chabregas e José Caldeireli



Copriva - 18/08/1955

➤ O Cine Tabajara faz parte da memória do município. Foi construído em 1948, inaugurado no final de 1950 e foi um dos símbolos de uma época. O Tabajara foi o sétimo cinema do município, construído pela família Padula. Nico Padula, pai de cinco filhos, era um alfaiate quando decidiu abrir o primeiro cinema em 1938 e chegou a ter 27 em toda a região. O Tabajara tinha lugar para mil pessoas sentadas. Além da sala de cinema, possuía um ambiente de 600 metros quadrados para aglutinação social, com lanchonete, sorveteria, bar e café. O Tabajara foi fechado em 1992 e, atualmente, seu antigo prédio abriga uma loja de utilitários.

**CINEMAS**  
**Excelsior — Tabajara**  
Telefone — 35 — RIO CLARO — Telefone 124

Lincolnscope — SuperScope — MetroScope — Macro pe  
Re-Scope — VistaVision — Hi-Vision — Verti-Vision —  
TotalVision — Art-Vision — Scopitone — Panormia

1ª e 2ª — 3 DE JULHO DE 1957 — 11:07

Cine EXCELSIOR — Sairam — às 20 horas  
CINE TABAJARA — SABAU — às 19:30 horas

1) — COMPLETOS  
2) Um amor proibido que despertou a fúria dos céus!!!

**NAO MATARAS**  
(Cometa Livre)  
FAMA — Com JOSÉ PARISI, BRACEMA DE  
HIPPO, CARLOS COTHINN, LINDA LOPEZ e  
outras. Ela teve tudo! Inclusive dois homens  
em sua vida!!!

3) Art Filmes apresentará:  
**DUAS NOITES COM CLEOPATRA**  
(Proibido até 14 anos)  
Com Sophia Loren, Alberto Sordi, Paul Müller,  
Ettore Manni e outras. Uma tremenda engra-  
ceadíssima sátira, sobre a mulher que jogava  
com os homens como o gato brinca com o rato!

**NOVAS 74 DISCOS** aráido, sexta cinema de ex-  
ibição realizada por CASABLANCA

Drama, comédia, emoção, sentimentalismo e  
as mais espetaculares cenas aquáticas!!!

**A RAINHA DO MAR**  
Metro-G. Mayer em arrojante technicolor —  
Com Esther Williams, Victor Mature, Walter  
Pidgeon, David Brian, Donna Corcoran e ou-  
tros. "A Rainha do Mar" um espetáculo que li-  
vra por muito tempo, na memória de todos!!!  
A partir de amanhã no Cine EXCELSIOR em  
sairam às 20 horas — no Cine Tabajara às 19:30  
horas.

**GHANDIOSO** — No impacto!!! na história!!! No  
"suspenso"!!!

**MASSACRADOS**  
Titan — Com John Ireland, Lloyd Bridges, Ma-  
rie Windsor, Jim Davis, Hugh O'Brian e muitos  
outras. Cada flexa dos índios mostra significava  
Massacre!!! — Este é o 1º filme realizado sob  
o novo processo da Titan "TotalVision"  
A partir de Sábado no Cine Excelsior em sairam  
às 20 horas — no Cine Tabajara às 19:30 horas.  
Em 1ª Exibição no Interior do Estado de São  
Paulo!!!

"Massacração vem o meu tubelinho de garrafão"  
da 1ª!!!

**O NOIVO DA GIRafa**  
Cineclube — Com MAZZAROLI, GLAUCE RO-  
SA, MANOEL VIEIRA, CELENEI COSTA,  
ROBERTO DUVAL e outras. Assista este filme  
e você dirá. Esta é realmente a maior comédia  
do cinema brasileiro!!! Classificado em 1º lu-  
gar na Bolsa de Cinema durante as suas recen-  
tes exibições em São Paulo.  
A partir de domingo no Cine Excelsior em três  
sessões às 17:30 — 20 — 22 horas — No Cine  
Tabajara em duas sessões às 19 e 21 horas.

*Jornal Diário do Rio Claro -  
03 de julho de 1957*



➤ A Sociedade Beneficente Cultural Dançante Veteranos foi fundada em 6 de setembro de 1955 por um grupo de amigos que gostava de dançar e desfrutar de momentos agradáveis ao lado de seus familiares. Desde o início o clube realiza um primoroso trabalho social no município e já realizou diversos projetos e campanhas beneficentes. A sede foi construída durante a administração do presidente Amadeu Humberto Vicentini, entre os anos de 1965 a 1977. Desde 2009, uma parceria com a Cia. Levitar possibilitou ao clube oferecer à comunidade aulas de dança dos mais diversos gêneros.



➤ Somente na década de 1950 foram construídos os primeiros clubes da comunidade negra de Rio Claro: o Tamoyo e o José do Patrocínio. Ambos iniciaram suas atividades após a doação de um terreno para cada grupo nos anos de 1956 e 1957 pelo prefeito da época Augusto Schmidt Filho. As sedes foram levantadas a partir do trabalho de seus participantes em regime de mutirão. As agremiações desfilavam no carnaval rio-clarense como Tamoyo e Voz do Morro. O espaço físico foi reduto da comunidade negra, sendo referência para muitas gerações, abrigando bailes, eventos e ensaios das escolas de samba.



*Construção do Tamoyo*



*Construção do José do Patrocínio -  
inspeção do prefeito Augusto Schmidt Filho*

➤ O rio-clarense Narciso Trevilatto entrou para o Grupo Demônios da Garoa em 1958, aos 24 anos. Durante a trajetória do grupo realizou gravações inesquecíveis de Adoniran Barbosa, como, por exemplo, 'Trem das Onze'. Permaneceu na formação até 1966, quando saiu para se casar e trabalhar no ramo farmacêutico. Depois, em 1971 voltou ao Demônios da Garoa e ficou por cerca três anos.



*Capa do LP Odeon de 1958. Em pé: Antonio e Narciso.  
Agachados: Cláudio, Arnaldo e Paulo Gallo*



Salvador da Silva Filho, conhecido internacionalmente como Dom Salvador, nasceu em Rio Claro em 1938, onde viveu até os 22 anos. Em Rio Claro iniciou seus estudos de piano, concluído no conservatório em Campinas. De lá, foi para São Paulo tocar em bares e rapidamente convidado para ir para o Rio de Janeiro. Na Cidade Maravilhosa tocou com os grandes nomes da música brasileira como Tom Jobim, Edu Lobo, Elza Soares, Pixinguinha, Rosinha Valença, Roberto Carlos, Elis Regina, sendo que esta última foi sua madrinha de casamento e interpretou diversas composições de Dom como o clássico “Uma Vida”.

Desde 1973, Dom Salvador vive em Nova Iorque, onde toca o estilo que chama de Afro-Jazz Brasileiro e é venerado pelos maiores nomes do Jazz mundial. Mesmo distante do Brasil, sua influência continuou viva, e diversos artistas consideram o seu trabalho o embrião do Soul Music brasileiro. Ed Motta e Benito de Paula compuseram músicas em sua homenagem. Foi o grande homenageado da escola de samba Grasifs Voz do Morro no carnaval 2012.



Antonio Lázaro Andriolli é rio-clarense, nascido em 7 de Junho de 1956.

Viveu sua infância na zona rural e aos doze trabalhava em olaria.

Sua iniciação em desenho artístico foi feita em 1974, em um curso de correspondência no Instituto Universal Brasileiro.

Trabalhou com molduras na oficina de Tabajara Heliodoro, onde conheceu e trocou experiências com artistas consagrados como Nelson Cabral e Vitor Salazar.

Passou da pintura em tela para a escultura depois de conhecer o trabalho do escultor Roberto Cavallari, de Piracicaba.

Desde então, vem participando de exposições com peças em argila, madeira e pedra sabão, obtendo diversos prêmios em Rio Claro, Piracicaba, Araras, Limeira, Campinas, Ribeirão Preto e Araraquara.



Medalha de Ouro -  
XI Novos Olhares



Rio Claro chegou a ter três Orquestras de Acordeão regidas por: Prof. Herta Koelle, Profs. Antonio Pieroni e Rosa Maria Castellano Pieroni, Prof. Narciso Schimoneck

## Bandas e Orquestras até 1968

Banda da Guarda Nacional (1857)

Banda do Maestro Custódio

Orchestra do Rio Claro (1871)

Músico de Santa Cruz (1871)

Associação dos Occarinistas (1878)

Philharmonica Rio-clarense (1879)

Corporação Musical da  
"Sociedade Carlos Gomes" (1899)

Sociedade União dos Artistas (1910)

Orquestra Marasca (1914)

Banda União Comercial (1921)

Borginho e Orquestra (1934)

Orquestra de Câmara Koelle (1943)

Orquestra Blue Star (1953)

Banda Marcial do Tiro de Guerra (1960)

Corporação Musical N. S. Aparecida (1965)

Bandas da Guarda Mirim (1968)

Banda Infernal do Maestro Ramalhof

Orquestra Irmãos Florin

## FOTOGRAFIA

 A fotografia nos encanta por registrar em um ínfimo espaço de tempo inúmeros momentos de nossas vidas, e também, por trazer até nós, coisas, pessoas, lugares e eventos que nossos antepassados vivenciaram e viram com seus próprios olhos. Por meio dessa magia nos foram legadas imagens de como era nossa cidade no passado: seu casario, palacetes, seu comércio, ruas e transportes, os costumes e os trajes da população que aqui residia ou trabalhava. Essa memória da cidade de Rio Claro que chegou até nós, deve-se aos fotógrafos

que aqui nasceram ou aos que por aqui passaram a viver vindo de outras localidades. Temos muitas dessas fotos antigas que retratam a cidade e sua dinâmica, mas pouco conhecemos sobre os fotógrafos que registraram essas imagens. Encontramos escassas referências formais sobre as atividades desses primeiros fotógrafos em Rio Claro e as informações aqui expostas foram obtidas em relatos orais de Paulo Laércio de Mello, fotógrafo estabelecido em Rio Claro desde o final da década 1960. Esse é mais um tema para futuras pesquisas. A fotografia nos apresenta a história dos lugares, das pessoas, dos acontecimentos...

### Fotógrafos de Rio Claro

- **Arnaldo Costa** – fotógrafo e proprietário do Studio de fotografias localizado na esquina da Rua 5 com Avenida 3, onde além de artigos fotográficos comercializava artigos cinematográficos e musicais.
- **Knudsen** – importante fotógrafo de registro de famílias em seu Studio na Avenida 1 em frente ao Cine Teatro Variedades.
- **Rodolfo Copriva** – registrou muitos postais, além de eventos e acontecimentos diários da cidade. Seu Studio na Avenida 1 entre Ruas 2 e 3, era muito visitado devido às novidades fotografadas e expostas nas suas vitrines.
- **Foto Zanetti** – Studio na Rua 1A entre Avenidas 22 e 24
- **Foto Takeshita** –
- **Foto Matsushita** – Studio fotográfico na Avenida 5 entre Ruas 4 e 5
- **Foto Salvi** – Studio fotográfico na Avenida 5 entre Ruas 7 e 8 em frente ao Colégio Puríssimo Coração de Maria.
- **Zé Boiadeiro** – com Studio na Rua 1 entre Avenidas 4 e 6
- **Foto Spedo** – Foi fotógrafo do Jornal Diário do Rio Claro e posteriormente montou Studio na Rua 8 entre Avenidas 12 e 14.
- **Foto Duarte Mamede** – fotógrafo especializado em fotografias aéreas, tinha Studio montado na Rua 5 entre Avenidas 2 e 4.
- **Foto Frigério** – trabalhava no DER (Departamento de Estradas de Rodagem) também fazia fotos aéreas e registros das mudanças que ocorriam na cidade.
- **Jato foto** – do fotógrafo Milton com Studio montado na Avenida 1 entre Ruas 1 e 2.
- **Foto 5 Minutos** – Localizado na Rua 2 entre Avenidas 1 e 2 o Studio foi inicialmente do fotógrafo Antonio Pastore, posteriormente ao fotógrafo Fontana que o vendeu aos fotógrafos Paulo Laércio de Mello e Ovído Zanelatto. Estes por sua vez passaram o ponto para o fotógrafo Romildo Zanelatto.
- **Foto Santa Cruz** – dos fotógrafos Paulo Laércio de Mello e Ovídio Zanelatto o studio localizado na Rua 8 esquina com a Avenida 14, foi inaugurado em 1972 e funciona até hoje.
- **Gusmão & José Santos** – proprietários do Studio na Rua 3 entre as Avenidas 6 e 8.
- **Silas Bianchini Filho (Silica)** – era proprietário do Studio fotográfico localizado na Rua 8 entre Avenida 3 e 5.
- **Sidnei Knetsch** – foi chefe do Departamento de Fotografia da Unesp da Rua 10 e o primeiro fotógrafo da cidade a fazer fotos coloridas

Sebastião Luiz Miotto é natural de Rio Claro, graduado em Engenharia Civil pela EEP - Escola de Engenharia de Piracicaba e pós-graduação em Geologia Ambiental, com título de Mestre pela UNESP - Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.

Além de se dedicar à fotografia, desenvolve estudos em desenho, nanquim e aquarela. É membro do n. Arte - núcleo de artistas plásticos de Rio Claro e região, desde a sua fundação em 1997. Atualmente é vice-presidente do Conselho Superior do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

Como fotógrafo, busca na natureza os elementos básicos para aprender continuamente a olhar, recortar e compor, exercitando sempre novos enquadramentos.

Miotto participa desde 1978 de exposições coletivas e individual, salões, concursos e já ganhou inúmeros prêmios e medalhas nas cidades de: Rio Claro, Araras, Jaú, Santa Gertrudes, Cordeirópolis, Serra Negra, Piracicaba. Segundo Luiz Miotto “o encanto que a fotografia exerce sobre nós vem da possibilidade de fixar no papel imagens inten-

cionalmente escolhidas. O olhar, seletivo pelo enquadramento, procura separar, analisar, apontar para os mais variados motivos. Por meio de recortes, as imagens fixadas resultam, então, num mosaico composto por tudo que me impressiona, seja pela beleza, pelo estranhamento, pela força ou por tantos outros apelos que se impõem.”

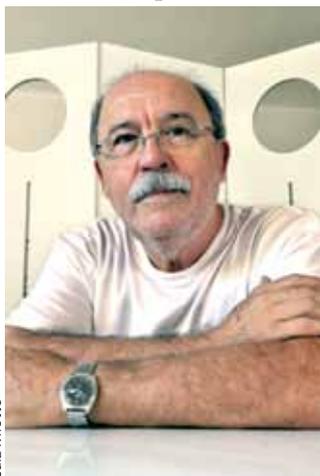
Rocco Antonio Caputo, nasceu em 11 de agosto de 1962, em Piracicaba, tendo passado a infância nas proximidades da Rua do Porto.

Pintor, escultor, mosaicista e professor, cresceu na oficina do pai Antonio Caputo (1923-1978), artista do ferro forjado, autor de inúmeras obras no interior paulista, como o portão para o batistério da Catedral de Santo Antônio de Piracicaba.

Com o pintor Hugo Benedetti (1913-1977) adquiriu as primeiras orientações formais na pintura. Formou-se em Pintura pela Accademia di Belle Arti da cidade de Foggia. O retorno ao Brasil ocorreu em 1991.

Atualmente, Rocco Caputo reside em Piracicaba onde mantém um ateliê e ministra aulas.

Possui um trabalho exaustivo de experimentações da técnica do óleo sobre tela. A obra de Rocco Caputo não é aliada às manifestações efêmeras da moda, mas a uma expressão de conhecimento, profissionalismo e plena capacidade criativa.



Luiz Miotto



Luiz Miotto



Luiz Miotto



Luiz Miotto

## DO GOLPE CIVIL-MILITAR À CONSTITUINTE

Na atmosfera jovem de emergente rebeldia e protesto dos anos 1960, o Brasil abria as portas para a modernidade industrial. O país afirmava sua identidade aos acordes dissonantes da bossa nova e com o resgate da música nordestina, sob a festajada invasão do rock'n roll. As manifestações culturais se renovavam em Rio Claro. Logo, porém, as expectativas libertárias encontraram as barreiras impostas pela ditadura civil-militar. A arte era a única forma de reflexão crítica, ainda que sob controle do regime, encontrada por estudantes e jovens. Na década de 1970, com o ar de rebeldia soprado pela juventude, a contestação política em forma de arte encontrou coro no desenvolvimento do teatro, da música, da dança e do cinema.

Em Rio Claro, a instalação do Colégio Vocacional colocara o município entre os principais destaques da educação na América Latina. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI), atual Unesp, se tornava reduto de discussão e formação.



➤ Datado de 1863, o Solar da Baronesa de Dourados pertence ao centro histórico de Rio Claro e abriga, desde o início da década de 60, o Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga. O nome Amador Bueno da Veiga é uma homenagem ao bandeirante cabo-maior da Guerra dos Emboabas, uma vez que o município de Rio Claro teve sua origem nas expedições dos bandeirantes que iam em busca de ouro em Mato Grosso. No local onde acampavam surgiu um povoado que se tornaria cidade de Rio Claro. Em 1963 viria a ser tombado como Patrimônio da União, para receber o Museu que integrou a rede de Museus Históricos e Pedagógicos do Estado de São Paulo. O museu pegou fogo em junho de 2010, sendo que sua recuperação iniciou-se em janeiro de 2012.



➤ Criado em 1960 pela irmã Hermínia Maria Zago, o conjunto desenvolveu uma carreira de sucesso em quase duas décadas de atividades, apresentando-se em inúmeros shows tanto no Puríssimo, como em outras escolas da congregação, em palcos de Rio Claro e outras cidades, e mesmo em programas de TV, tendo gravado um disco. Com a extinção do curso normal, suas atividades se encerraram em 1978. Em 1999, na comemoração dos 90 anos do Puríssimo, irmã Hermínia “convocou” as participantes para uma apresentação comemorativa especial e não se separaram mais.



Luiz Miozzo

*Ensemble Mús-Rítmico*  
Rio Claro - UNESP  
30 de Junho de 2011

Filho de imigrantes italianos, Roberto Fillipe Palmari nasceu no dia 05 de junho de 1934. Trabalhou na extinta TV Tupi, foi um dos criadores da TV Excelsior e entrou para a história da sétima arte ao realizar os longas ‘Diário da Província’ e ‘O Predileto’. Foi locutor da Rádio Clube de Rio Claro e em dezembro de 1979 lançou na cidade o jornal ‘Momento - A semana passada a limpo’. No cinema, o nome do rio-clarense Roberto Palmari garantiria a permanência de Rio Claro na calçada da fama. Com o lançamento de “O Diário da Província”, a Cidade Azul tornou-se celeiro de produção audiovisual.

Palmari faleceu em 3 de outubro de 1992. No ano seguinte a sua morte, a Câmara Municipal de Rio Claro aprovou projeto de lei dando o nome do cineasta rio-clarense ao Centro Cultural.



*Roberto Palmari e Paula Ribeiro*



*Roberto Palmari em uma GRUA improvisada*



*O cartaz é uma pintura em guache de Amanda Marcolino, integrante do Cineclube Ybitu Katu, de BOTUCATU-SP, e integra o Acervo Roberto Palmari do Grupo Auê. Gentilmente cedido pela Mostra de Cinema Sem Limites de Rio Claro*

O final dos anos 1960 registra o surgimento do primeiro cineclube universitário na cidade: o CineFafi. Raras e descontínuas, as sessões, sempre em 16mm, eram realizadas em salas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro e posteriormente no salão nobre do Puríssimo, por Silvio Rosalem, Troya e outros promotores em diferentes momentos. O projetor era emprestado do Ginásio Vocacional, dirigido por Maria Nilde Mascellani cuja tela de projeção era improvisada por um lençol. A frequência era praticamente restrita ao público estudantil. Mobilizados e organizados, jovens passaram a promover no início da década de 70, a Sessão Maldita, posteriormente rebatizada como Sessão Zero. Estas sessões foram realizadas no Cine Variedades e em raras ocasiões no Cine Excelsior I.

O Centro Rio-Clarense de Estudos Cinematográficos (Crec) foi fundado em 1986 por João Baptista Pimentel Neto e diversos amigos no intuito de popularizar as exibições de cinema. O Crec manteve intensa programação durante a década de 1980. Entre os anos 1989 e 1993 as atividades sofreram paralisação devido a desarticulação do movimento cineclubista. As ses-

sões foram retomadas sob o comando de Saburo Akamine Netto, que deu sequência ao projeto até o ano de sua morte.

➤ Saburo foi coordenador de audiovisual e cinema da Secretaria Municipal de Cultura, implantando os Projetos Cult Movie, Cine Brasil, Entre Artes, Zig Zag in Vídeo, Cine Paradiso. Em 1997, Saburo iniciou a implantação de uma videoteca e de uma biblioteca temática, criadas inicialmente a partir de seu acervo pessoal.

➤ Na música, as casas noturnas como Panqueca's, Stonage, Snobs, Barroquinho efervesciam ao som do Disc Music embalada por músicas da época. Bares

como A Toca, Jou jou Balangandãs, Brutus, Gruta, Chatanooga, Chambalo, entre outras, reuniam os animados em conversar sobre arte, cultura e política. Marcaram época os Djs Gulliver, Big Diário, Afonso Bovo, José Ely Cassab, Silvinho Star. Os conjuntos musicais como o Brazilian Birds, Impossíveis, The Hulks e outros animavam as brincadeiras dançantes nos clubes locais.

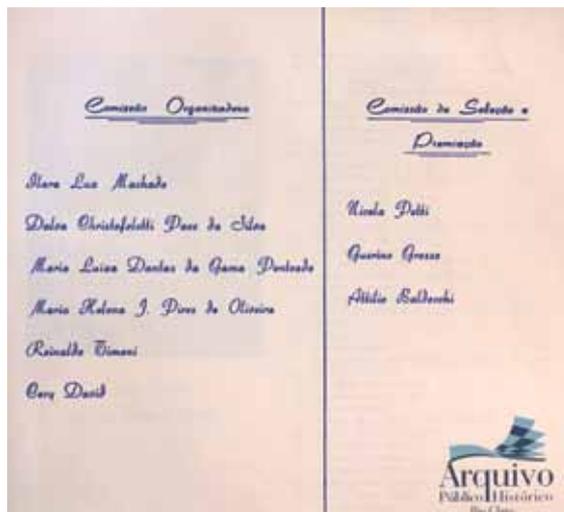
Os já conhecidos clubes deixaram de lado as valsinhas e adotaram os saltos coloridos e os cabelos à brilhantina e logo após os cabelos longos inspirados na moda hippie.



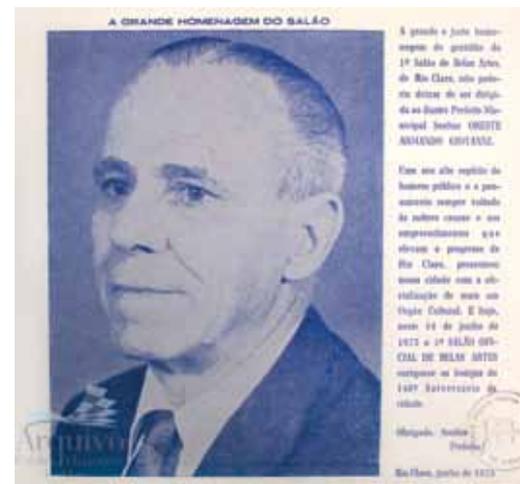
Acirc, 90 anos de história

Em 1963, o Clube da Lady de Rio Claro instituiu a primeira edição do “Salão Rio-Clarense de Pintura e Escultura”, que se manteve regularmente até sua última edição no ano de 1971. Os Salões eram realizados na Sociedade Philarmônica e faziam parte dos festejos comemorativos ao aniversário da cidade. O Júri dos Salões era formado por artistas convidados para o evento.

Em fevereiro de 1968 é aberta a Escola de Desenho e Pintura, onde a artista plástica Sueli Thomazini, ensinava artes às crianças. Posteriormente iniciou o ensino para alunos adultos.



*Dalva Christofolletti Paes da Silva e Archangelo José Cesar em solenidade do dia 27 de outubro de 1979*



É criado pelo Decreto 2102/74 em abril de 1974, o “Salão Oficial de Belas Artes de Rio Claro” fruto do incansável trabalho do artista rio-clarense Nicola Petti. No ano de 1974 é realizado o “I Salão de Belas Artes de Rio Claro” (I SBARC), se repetindo em 1975 e 1976. Em 1983 é criado o SAPLARC, sendo realizado todos os anos até os dias de hoje.

Em 1966 foi criado por Archangelo José Cesar o Teatro Ítalo-brasileiro, na Sociedade Italiana, que participou de todos os festivais Amadores do Estado de São Paulo, nos quais conquistou vários prêmios. Archangelo construía carros alegóricos para o carnaval, foi calouro, participou de comemorações cívicas. Fez parte do elenco do cineasta Roberto Palmari nos filmes Predileto e Diário da Província. Foi músico da Orquestra do Grêmio e da Banda dos Ferroviários. Fundou a casa noturna de Rio Claro, chamada Chatanooga em 1979.

Os Anos de Chumbo, como foi conhecido o período da ditadura civil-militar (1964-1985) geraram resistência na forma de manifestação teatral. Em Rio Claro nascia o Grupo M3 (1968) com atividades até 1971. O nome do grupo remetia à Música, Mensagem, Momento. O grupo atuou com a juventude participando ativamente da formação e do desenvolvimento cultural de Rio Claro. Seus atores e os textos de Odécio Pentecoste conquistaram



premiações em festivais no estado de São Paulo. Destacaram-se pelos prêmios recebidos: Solinha, Elaine Amato, Mariza Veloso, Cristin, João Carlos Navarro, Marta, Denise Veloso, Oswaldo, Bete Caligaris, Vitu, Vicente, Odécio Penteado, Halo, Magalhães, Sandra Jordão, Tião, Berenice, Pilé, Edisa, Miltinho, Tadeu Cesar, Ana Doimo, Elisinha Casonato, Elisinha Machado, João de Pieri, Rui Karan, Elvira, Nadai, Rui Cassavia.



Parte do elenco, em Encontro de Natal, Filarmônica - 21/12/1967

Sebastião Pedroso de Camargo Neto, Tião D'Ávila, nasceu na cidade de Rio Claro em 8 de abril de 1944. Ator de televisão, cinema e teatro, estreou na rede Globo em 1976, na novela 'Estúpido Cupido'. Em 1991, se transferiu para a Rede Manchete e atuou em 'Amazônia'. Na mesma emissora, em 1995 e 1997, estrelou 'Tocaia Grande' e 'Mandacaru', respectivamente. Em 2009, passou a integrar o cast o elenco da Rede Record e atuou nos sucessos 'A Lei e o Crime' e 'Poder Paralelo'. No cinema, participou dos filmes 'O Outro Lado do Crime', 'Luz Del Fuego', 'Memórias do Cárcere', 'Memórias Póstumas', 'Zuzu Angel' e mais recentemente do campeão de bilheteria 'Chico Xavier'.

Cedida por Tião D'Ávila



Apresentação do Living Theatre em Embu das Artes

Marco Antonio Cury, entre amigos conhecido por Tromba, começou cedo sua carreira de cineasta. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1975 quando trabalhou com o diretor Carlos Alberto de Souza Barros em "Um soutien para papai". Montou: "Gordos e magros" de Mário Carneiro, "Os sete gatinhos" e "Rio Babilônia", ambos de Neville d'Almeida, "Flamengo paixão" e "Luz Del Fuego", de David Neves, além de veículos para artistas populares, como "Lua de Cristal" e "Gaúcho Negro". Em 1990 venceu o 18º Festival de Gramado com o longa Barrela: Escola de Crimes, de Plínio Marcos. Faleceu em 1996.



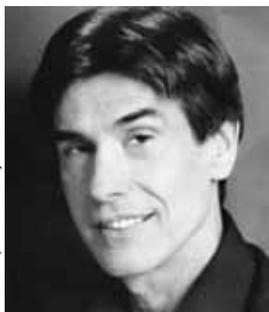
Cenas do filme "Barrela: Escola de Crimes", de Plínio Marcos



Jornal do Dia - Rio Claro, 11 de agosto de 1990

Com o final do Grupo M3 em 1971 o grupo fundou o Teatro Casavéia nos fundos da antiga funerária João de Campos. O grupo promoveu apresentações teatrais, shows e exposições que reuniam os jovens da época em eventos inéditos.

A passagem do contestador Living Theatre por Rio Claro em janeiro de 1971, foi ecoada e perpetuada pela participação do rio-clarense Ilion Troya, marcando o município no mundo das artes cênicas.



Cedidas por Ilion Troya



Na década de 70, a Federação de Teatro Amador (FETAMP) alugou uma sede, na esquina da Avenida 2 com Rua 6. O casarão antigo recebeu o nome de Centro Experimental de Artes (CEA). Formado por jovens que desejavam promover e renovar as manifestações artísticas em Rio Claro, o grupo manteve audições musicais, cine-clube, imprensa, estúdio de foto-filmagem, artes plásticas, teatro, danças, biblioteca de artes, folclore, oficinas para crianças, um palco de arena na parte interna e um palco italiano ao ar livre, ambos construídos pelos presos albergados. A sede recebeu peças de grupos profissionais além daquelas montadas pelos grupos de Rio Claro. Figuras como Fabinho Gardenal, Cláudio Mubarach, Ricardo Hofling, Eunice Quilice Gonzales, Everaldo Gonzáles, Marcos Tadeu Carneiro, Halo Arruda Campos, Miltinho Machado, Paulo Rodrigues, Santana, Neuza, Bruno Baunguer, Sandra Altenfelder, Paschoal Midea, Teresa Arruda, Vandinho Mastrocico, Germano Meyer, Tuti Destro, Anselmo Sellinardi, Léo, João Depieri, Nilce Altenfelder, João Zaine, Barbosa, Sonia Marrach e Pilé entre outros, ali

começaram suas carreiras de sucesso na música, nas artes plásticas, no teatro, na produção cultural, na fotografia, no magistério, na literatura entre outras.



Teatro Interno - CEA - Apresentação da peça "Art.59".  
Em cena: Pilé e Marcos Tadeu Carneiro

Nascido no CEA um grupo encabeçado pelo pesquisador Paulo Rodrigues, o Grupo Banzo, surgiu oficialmente no ano de 1976 como grupo de teatro e ativismo sócio-cultural. A primeira experiência oficial foi a apresentação da peça teatral "Sarapalha", de Guimarães Rosa, vencedora do Festival de Teatro Amador de Rio Claro no mesmo ano. Com a criação de um movimento de interação cultural que unia dança, teatro e música, a ação do grupo passou a integrar outras manifestações, como a história do negro, o meio ambiente, patrimônio público e políticas de participação popular. O grupo produziu manifestos políticos, ecológicos e históricos através da imprensa local, oficinas de cinema, histórias em quadrinhos, publicação de cartões postais, entre outras. Vale destacar a participação do fotógrafo José Roberto Melato, do professor de capoeira André Ribeiro, de Tuti Destro, do jornalista J. R. Santana, Rubens Tadeu Gomes, além de inúmeros colaboradores nas diferentes fases do grupo. A última ação do Grupo Banzo, representado somente por Paulo Rodrigues ainda em vida, foi disponibilizar na internet os registros audiovisuais gravados pela equi-

pe entre 1980 e 1998. Por testamento Paulo deixou sua casa e o acervo para o recém criado Instituto Paulo Rodrigues. Registros da cidade, em áudio-visual feito por seus integrantes, pode ser consultado em <http://www.youtube.com/user/grupobanzo/featured>



CEA - Manhã de Artes para crianças. Déc. 1970



Acervo: Grupo Auê

Centro Experimental de Artes - Av. 2 com Rua 6.  
Cláudio Oliveira (Gringo), Anselmo Selligardi,  
Paulo Rodrigues, Vandinho, Milton Machado Luz - 1976

teatro infantil. De volta a Rio Claro, no final da década de 1990, desenvolveu o projeto 'Rio Claro em Cena'. A iniciativa culminou na criação do grupo Molecada em Cena pelo qual diversos atores seguiram na profissão. Fausto faleceu em junho de 2009. E em sua homenagem foi criada em 2010 a Mostra de Teatro Fausto Brunini.

251

Acervo: Grupo Auê



Lavagem da estátua de Siqueira Campos pelo Grupo Banzo - Jardim Público

➤ O teatro contou com o talento de Fausto Brunini, nascido no ano de 1950, Faustinho, como era conhecido, deixou o curso de Comunicação Social, em São Paulo, para dedicar-se integralmente à carreira sob as luzes da ribalta. Na década de 70 integrou a montagem do espetáculo Missa Leiga, dirigida por Ademar Guerra. Em seguida, criou com o ator e autor Ivan José o grupo de teatro Fábrica Lúdica. Polêmicos, ambos defendiam uma nova marca que substituísse o tradicional



ARTE CULTURA

Com a demolição do Teatro Phoenix em 1957, Rio Claro perdeu seu mais antigo e tradicional teatro.

➤ Construído no final da década de 70, arquitetado pela Rino Levi e Arquitetos Associados, o Centro Cultural de Rio Claro Roberto Palmari, no parque do Lago Azul, conta com a estrutura de cinema, teatro, biblioteca e sala de exposições possibilitando assim a centralização e difusão de todas as produções artísticas em um único espaço.



Imagens Demetrio Tadeu Ceccatto



➤ Em 1979 foi criado o Arquivo Público e Histórico de Rio Claro para localizar, recolher, reunir, recuperar, organizar e preservar documentação pública e particular em geral, centralizando-a, a fim de que possa ser utilizada, pesquisada e divulgada, por qualquer forma, com o objetivo de resguardar a memória do município e sua gente. Reúne um acervo rico sobre a história da cidade, das pessoas e da região.



Antiga fachada Av. 3 com Rua 7, atual Casarão da Cultura



➤ Desde o início do rádio, Rio Claro contou com profissionais atuantes, entre os quais destaca Big Dário o primeiro programador e discotecário de rádio FM em Rio Claro, músico, locutor e proprietário de uma antiga e famosa loja de discos, que encerrou as atividades no ano 2000, com a transferência de Big Dário para os Estados Unidos. A data coincide com o declínio da indústria fonográfica e avanço dos downloads na internet. Nos EUA, Big se apresentava em casas noturnas e em bares tocando música brasileira para os americanos, além de trabalhar em diversos jornais. Em 2011, retornou para a terra natal onde atua na rádio Cidade Livre e Opção FM de Rio Claro, além de manter emissora on line.

➤ O Conservatório Musical “Rio Claro” foi fundado em 1967 e tinha por finalidade o desenvolvimento da arte musical e a difusão da cultura musical. Mantinha cursos de piano, acordeão, violão, violino, instrumentos de sopro. No currículo ministrava matérias como: teoria musical, leitura métrica, solfejo, ditado rítmico, melódico e harmônico, harmonia, análise musical, história da música, educação moral e cívica, pedagogia e folclore. Participou ativamente dos eventos culturais da cidade com audições, concertos públicos, festas municipais etc.

➤ A professora Ofélia Ricci Padula veio para Rio Claro em 1948. Concertista de piano formou-se pelo Conservatório Carlos Gomes. Foi professora de artistas

rio-clarenses que se destacaram na música internacional como Salvador da Silva Filho, o Dom Salvador, Carlos Alberto de Oliveira, o Pelé, e Fábio Gardenal da Silva. Faleceu em 16 de Novembro de 2005, com 85 anos.

➤ A Orquestra Sinfônica de Rio Claro foi fundada em 1983 sob a direção de Pedro Cameron e desde o início tem prestado destacado serviço à comunidade rio-clarense, tanto pela realização artística promovida pelos concertos da temporada, quanto pelo trabalho pedagógico realizado pela escola de música Fábio Marasca. Ao longo de quase 30 anos a escola formou uma quantidade inumerável de músicos que passaram a integrar orquestras em todo o Brasil e inclusive no exterior. Contando com o apoio decisivo da prefeitura a realização dos concertos que compõem a temporada anual da Sinfônica contribui para sustentar a tradição musical de Rio Claro.

Luiz Miotto



Luiz Miotto



➤ Com a fundação dos clubes da comunidade negra, a cultura encontrou espaço para manifestação pública, enquanto fora proibida nos tempos do Império e começo da República. Em Rio Claro, a tradição das congadas e do tambú foi mantida por meio do Grupo Folclórico Congada e Tambú de São Benedito. O Capitão da congada é José Ariovaldo Pereira Bueno, que mantém viva as danças de raízes africanas no bairro São Benedito. Os escravos costumavam se reunir no pátio da igreja para dançar, contudo a congada foi retomada em 1964 por Barbosa, Abigail Simoneti e Neuza Barsotti. Em 1972, Olga Maurício fez renascer as danças, com ensaios na igreja de Santana e apresentações em cidades vizinhas. Atualmente, o grupo conta com 35 pessoas. O Tambú é uma dança de recordação dos negros. Já a Congada, também chamada de Congo, é uma mescla de cultos católicos com africanos.



*Samba do Lenço e Umbigada*



➤ O rio-clarense Aquiles Faneco (42) iniciou sua formação musical em 1981, com apenas 12 anos. Estudou com Cláudio Leal Ferreira, Marcos Cavalcante e Jarbas Barbosa, entre outros. Especializou-se no GIT (Guitar Institute of Technology), em Los Angeles, com Scott Henderson, Frank Gambale e Sid Jacobs. Leciona guitarra desde 88 e atualmente é diretor pedagógico da EM&T - Escola de Música e Tecnologia - Campinas e professor do IG&T. Em 99 lançou o Cd autoral “músicas de guitarra” elogiado pela crítica das revistas Guitar Player, Cover Guitarra, Guitar Class e The Pacific Times Journal de San Diego. Sua música tem influências do jazz, blues, funk e da MPB. Dentre os artistas com quem trabalha e já acompanhou estão: Altemar Dutra Jr, Zeca Baleiro, Fafá de Belém, Tânia Mara, Arthur Maia, Banda Rio Soul, São Paulo Ska Jazz, Duda, John Secada, Wonderfull One, Gerson King Combo, Claudio Zoli etc.



Luiz Miotto

➤ No ano de 1988, a capoeira, elemento da cultura afro-brasileira, começou a ser desenvolvida em forma de projeto nas escolas públicas “Hamilton Prado” e “Oscália Góes C. Santos”. Projeto tímido, mas que contava com a garra de um monitor conhecido por mestre Geraldo. No ano de 1996, veio para Rio Claro o grupo Yúna e, partindo disso, começaram a proliferar academias de capoeira na cidade. Em 1997, Mes-

tre Geraldo conquistou um espaço no Centro Cultural Roberto Palmari. Foi a partir das aulas no Centro Cultural, que a capoeira popularizou-se no município, assimilando alunos da classe média e promovendo a quebra de preconceitos. Em 1987 é criada a disciplina de Capoeira na Unesp- Rio Claro.



➤ A Festa de Santo Antônio acontece na capela do padroeiro na paróquia de Nossa Senhora da Saúde. Acontece há mais de 60 anos com a tradicional quermesse em homenagem ao santo casamenteiro com festejos populares e trezena à santidade homenageada. Além da capela situada na Vila Paulista, Santo Antônio também é lembrado no distrito de Ajapi com baile de coroação do rei e rainha da festa. Dentro da tradição, o festejo é iniciado com Missa em benção à chegada dos romeiros que acontece desde o final dos anos 1970.

➤ Parceria entre a comunidade negra e prefeitura, a Festa de São Benedito, realizada na Zona Sul da cidade, conta com participação da comunidade em suas

atrações como a congada e o tambú. A programação inclui procissão de São Benedito seguida de missa, apresentações culturais, barracas de alimentos e produtos típicos da cultura afro-brasileira.

Giorgi Bastos



Giorgi Bastos



Acervo: Mons. Jamil Abib Nassif



➤ A Festa de Santa Luzia acontece anualmente no mês de Dezembro com quermesse contendo barracas de comidas típicas e de brincadeiras para as crianças. Em 2011, comemorou os 50 anos de festividades em homenagem à Santa protetora dos olhos, com apresentações religiosas e musicais.

➤ O Auto Clube de Rio Claro tem sede na Av. Visconde do Rio Claro com Av. 28, e conta com mais de 50 sócios, que mantêm a tradição e a paixão pelas quatro rodas. Fundado em 28 de março de 1988, a primeira sede da entidade foi em uma sala do Ginásio Municipal de Esportes, cedida pela Prefeitura. Mais tarde, suas instalações foram transferidas para o antigo prédio da bomba d'água, datado de 1900, na Av. Visconde.



Luciano Calligaris

Acirc, 90 anos de história

Rio Claro contou ao longo de sua história com grande número de grupos de canto (corais e conjuntos), a saber:

- Corais da Matriz de São João Batista: Santa Cecília (1866), Coral Pia União das Filhas de Maria e Coral da Liga Católica.
- Coral de São Vicente
- Coral Schola Cantorum Santa Maria Goretti (1953)
- Coral Evangélico (1961)
- Coral do Ginásio Vocacional (1964)
- Coral Masculino Rio-clarense (1967)
- Coral Pró-Arte Rio-clarense (1968)
- Pequenos Cantores da Casa de Nossa Senhora (1970)
- Coral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1971)
- Coral da Escola Estadual "Marcelo Schmidt" (1976)
- Coral do Colégio Estadual "Prof. João Batista Leme"
- Conjunto Blue Moon (1958)
- Conjunto Octero Plasa (1959)
- Conjunto Melorrítmico (1960)
- Conjunto Canto Livre (1967)
- Conjunto Sereno (1967)
- Conjunto Harmonia (1973)
- Conjunto Tropical
- Conjunto Circuito Fechado
- Osvaldo da Guitarra e conjunto
- Valentin Silva e conjunto
- Serafim e conjunto
- Conjunto Coral M3



*Coral do Puríssimo*

➤ Douglas Zerbo, tenor lírico, começou cantando em coro de Igrejas aos quinze anos de idade.

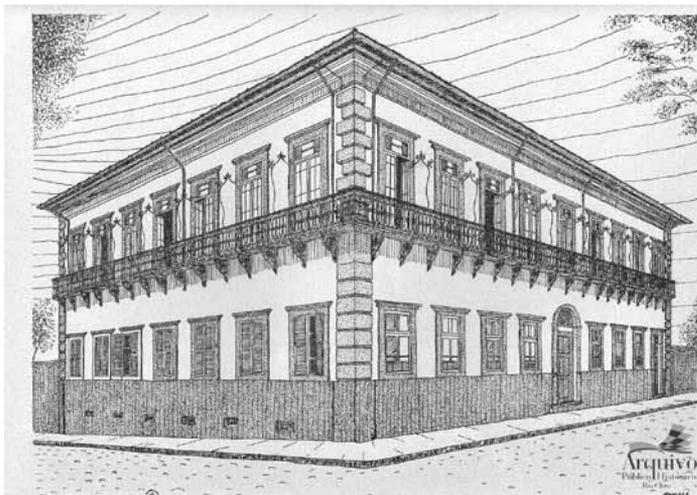
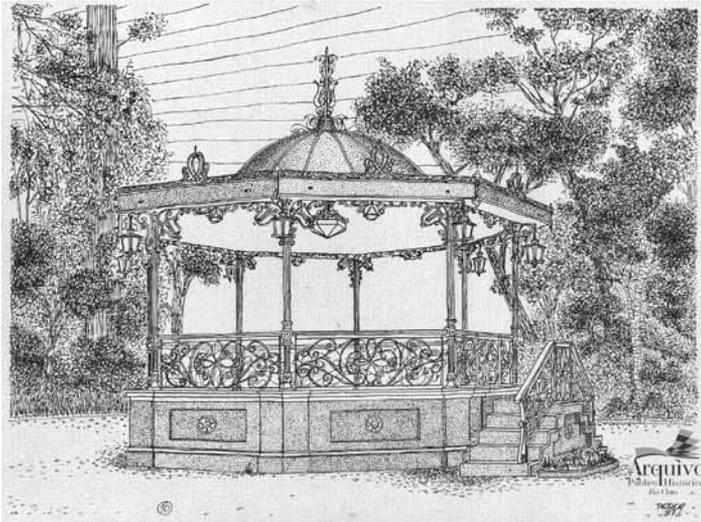
Depois de estudar canto por vários anos, cantou óperas no Teatro Municipal de São Paulo, Campinas e Porto Alegre.

Em Rio Claro criou o coral Pró-Arte e em conjunto com a Orquestra de Câmara Koelle realizou inúmeros concertos.

Após 1983, já estudando na Europa, cantou em concertos e óperas e também nos corais de óperas dos Teatros de Nice, de Lyon e de Monte Carlo. Cantou por vários anos no coral da ópera de arena di Verona- Itália.



Luiz Miotto



➤ Percy de Oliveira artista consagrado pela delicadeza de seus traços criou duas séries de imagens sobre o patrimônio histórico de Rio Claro, uma em 1987 e outra em 1988. Dessas dez imagens apenas cinco estão ainda embelezando o centro da cidade, as demais foram demolidas.

Percy nasceu em 1930, em Conceição de Monte Alegre (SP), mudando-se para Rio Claro em 1984. Artista premiado em vários salões de artes, trabalhou como arte-finalista, desenhista da TV Tupi e como chargista em jornais da capital e do interior. No jornal Diário do Rio Claro manteve a charge dos “sapinhos” bastante conhecida nos anos 80. Ao lado, apenas três desenhos dos vinte que compuseram as duas séries. Apresentamos aqui apenas os prédios que resistiram ao declínio do centro histórico. Ao término desse livro o Solar da Baronesa estará sendo recuperado.

➤ Olga Carolina Cristofolletti de Oliveira Faneco, natural de Rio Claro, desde muito jovem dedicou sua vida ao aprendizado das artes plásticas. Formou-se no Magistério, no então Instituto de Educação Joaquim Ribeiro, e paralelamente recebia orientações de desenho e pintura nos ateliês de reconhecidos professores de artes da cidade e região.

Na década de 80, tornou-se restauradora, ocasião em que diplomou-se no Instituto Técnico de Restauo, na cidade de São Paulo. Sempre procurando aprimorar-se, frequentou outros inúmeros cursos, oficinas e seminários da área de conservação e restauro.

O conhecimento científico, aliado ao seu talento natural, fez de Olga Faneco uma restauradora versátil, habilitada para intervir em todas as etapas do processo de restauração de uma peça e trabalhando com obras dos mais variados tipos e materiais: pintura de cavalete, imagens sacras, peças em vidro e porcelana, fotografias antigas e papéis.



A restauradora Olga Faneco tem em seu currículo mais de mil peças restauradas, tanto para instituições públicas e privadas, como para clientes particulares.

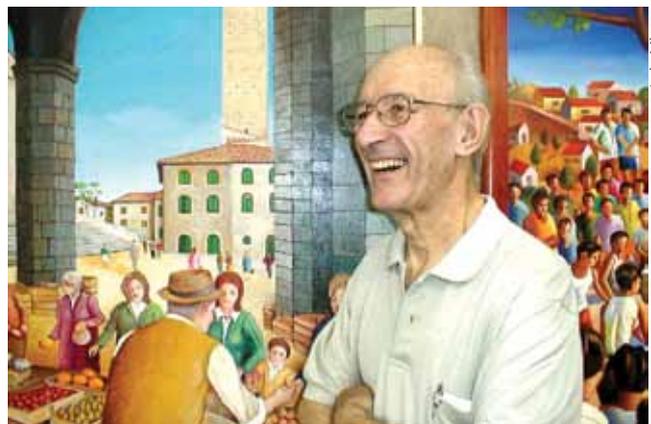
Além disso, foi coordenadora de artes plásticas do Centro Cultural Roberto Palmari e da Pinacoteca Municipal Pimentel Jr.

➤ Julio Brigato, natural de Rio Claro, estudou no Ateliê do professor de pintura Dennizard França Machado de 1977 a 1980. De 1992 a 2008 frequentou a Escola de Arte do mestre pintor Rocco Caputo, onde aprimorou sua técnica de trabalho tendo sempre como inspiração o grande mestre Cândido Portinari.



Sagrou-se vencedor do concurso Capa Listel (Listas Telefônicas S.A ) para o ano 1995/96, com a obra “Camponeses”. Sua obra “Dom Quixote e Sancho Pança” encontra-se no Gabinete de Leitura do Município de Rio Claro-SP. Seus trabalhos “Periferia” e “Além da alma” fazem parte do acervo da Pinacoteca Municipal “Pimentel Jr.” de Rio Claro-SP. Participou de inúmeros Salões e Exposições coletivas e recebendo várias premiações.

➤ Franco Sandroni, italiano, no Brasil desde 1958, atualmente reside em Rio Claro. Engenheiro Têxtil, sempre dedicou - se ao desenho para tecidos e Pintura a Óleo sobre Tela. Participou de diversas exposições coletivas e fez exposições individuais em Salvador, São Paulo, Rio Claro, Pindamonhangaba. Recebeu prêmios nos salões de Serra Negra, Santa Bárbara e Rio Claro.



➤ Dirceu Banchi é um escultor contemporâneo. Utiliza em suas composições sementes, colheres, ossos diversos. Trabalha ainda com gesso, cerâmica e madeira. É artista premiado em cidades como Rio Claro, Araras, Serra Negra, Santa Gertrudes entre outras.



## DA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO AOS DIAS DE HOJE

**E**m 1989, a Queda do Muro de Berlim e a primeira eleição presidencial direta no Brasil com o retorno ao Estado de Direito sinalizavam um novo tempo, um mundo sem barreiras e interligado pela internet.

A aproximação de opostos norteados por outro conceito em comunicação e socialização, trouxe para Rio Claro uma era em que periferia e classe média se encontravam nos clubes e a cultura acontecia em cantos totalmente opostos da cidade.

➤ A inauguração do complexo do Sesi no Jardim Floridiana, e a disseminação de grupos culturais com atividades voltadas a toda a comunidade, fez florescer uma geração sem limites que encontrou voz através das artes, como o movimento hip hop e os diversos grupos de teatro e bandas musicais.



Interligados por uma internet ultra rápida, a distância inexistente e neste momento o Cervezão conversa com o Cidade Jardim sobre o próximo Festival de MPB, o novo filme do Grupo Kino Olho, ou o horário da reunião do Clirc, são notícias divulgadas pelo Grupo Auê.

➤ Ainda nas periferias, a Sechiisland estampa obras de artistas franceses ou russos enquanto a Orquestra Sinfônica ensaia com meninos muito jovens um novo Concerto para o Dia das Mulheres.



*Menção Honrosa  
pelo conjunto -  
XI Novos olhares*



José Roberto Sechi é videoperformer, artista visual, poeta, mail artista e curador independente. Autodidata, com reconhecimento mundial, trabalha com artes desde a década de 1980. Mantém o seu próprio ateliê e espaço alternativo de exposição (Sechiisland), na cidade de Rio Claro. Respeitado internacionalmente, participou de diversas exposições, recebendo mais de 50 prêmios. Dentre eles se desta-

cam a participação em 126 Salões de Arte, com 43 premiações e videoperformances na Trienal de Mídias Artísticas Expandidas, em Belgrado, Sérvia.



➤ A Banda Buffalo foi uma banda rio-clarense inspirada no estilo de Bob Nelson e ficou famosa por misturar a música caipira de raiz ao ritmo country americano. No início dos anos 1990, o humor e a irreverência do grupo também ganharam destaque em programas como 'Clube do Bolinha', 'Domingão do Faustão' e 'Sabadão Sertanejo'. A banda era formada pelos músicos Teddy, Tirole, Silvio, Arthur, Nelo, Beto e Roger.



➤ O Festival de MPB de Rio Claro teve início em 2000. Durante cinco edições foi tradicional na cidade, trazendo artistas de diversas partes do país. As músicas selecionadas chegaram a ser registradas em um CD com distribuição gratuita para o público. O festival foi retomado em 2010, quando foi realizada a sexta edição do evento.



➤ Jonathan Faganello começou a tocar harpa aos 11 anos em um curso de harpa paraguaia que a prefeitura oferecia, com o professor José Antonio Britez. Dos muitos alunos iniciantes apenas Jonathan resistiu ao tempo e persistiu nas aulas, que se tornaram particulares. O gosto pelo heavy metal fez o harpista se diferenciar dos demais e chegar a ser o mais visto do Youtube, além de destaque em grandes festivais internacionais de harpa, inclusive fora do país. Foi destaque em muitos programas de televisão, como Altas Horas e Globo News.



➤ Em 1994 foi iniciado nas tardes de domingo no Lago Azul, o Projeto Quatro e Meia, que tinha como objetivo a formação musical e a descentralização das manifestações musicais, criando acesso a música gratuita à população. Palco de inúmeras apresentações que desencadearam em muitas bandas presentes na contemporaneidade o Quatro e Meia foi importante para o lançamento de bandas no cenário musical.



➤ A Orquestra Filarmônica foi formada no ano de 1995 no intuito de colocar em prática um projeto de orquestra que valorizasse o estudante de música e a troca de experiências com o maior número possível de professores e maestros do cenário nacional e internacional. A Orquestra já realizou dezenas de concertos,



Luiz Miotto

sob várias formações, além de ter gravado dois CDs, um com músicas populares brasileiras arranjadas para orquestra e outro com músicas do compositor rio-clarense Odival Luciano Barbosa Filho. O trabalho educacional promovido pela Filarmônica, por meio de seus músicos, que ministram aulas em escolas públicas e entidades da cidade também é de grande relevância.



*Orquestra Filarmônica e Coral Mackenzie*

Coordenado pela Orquestra Filarmônica, desde 2008, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o espetáculo “Mulheres que Cantam e Encantam”, sob a regência do maestro Luciano B. Filho, apresenta-se anualmente no Grupo Ginástico Rioclarense. Em 2012 homenageou mulheres em destaque no cenário da música mundial e nacional com o título “Divas Internacionais”. Participaram dessa oitava edição, em 2012, as cantoras: Andréia Flauzino, Ariane Rossetti Nagib, Bianca Rúbio, Cláudia Guilherme, Elisa Sartori, Jana-

ína Kais, Julia Simões, Simone Brasil, Sirley Rangel e Tika. Houve ainda a participação especial, nessa oitava edição do grupo musical “Batuque da Nega”.



Giorgi Bastos

Fundado em 1995 por Daniel Pedroso, o ‘O Mensageiro’ conta com 32 coraísta e coleciona prêmios por todo estado de São Paulo. Daniel, que rege corais desde os 15 anos de idade, por muito tempo trabalhou com corais em igreja, sempre com a intenção de preparar grupos independentes. Em 2002, ‘O Mensageiro’ foi selecionado pelo Mapa Cultural Paulista como o mais afinado do estado. Em 2005, surgiu a primeira oportunidade de estrelar uma ópera com a Cia. de Ópera de São Paulo e a Orquestra Filarmônica de Rio Claro. Atualmente o coral é regido por Daniel Pedroso e Grazielle Tinós.



Luiz Miotto

*Coral Municipal e Orquestra Filarmônica*



➤ O Festival Rock Feminino teve sua primeira edição em março de 2003, realizado anualmente, o evento se tornou um festival de artes integradas, unindo música, literatura, artes visuais, teatro e audiovisual. Oficialmente, o Dia Municipal do Rock Feminino foi instituído como o terceiro fim de semana de março,

com aprovação unânime na Câmara de Vereadores. Ao longo de sua história, o Festival vem acumulando prêmios e reconhecimento na mídia, sendo considerado o maior festival do gênero na América Latina e um dos principais eventos independentes do país.



Heca Sierra

➤ Em junho de 2000 o Centro Cultural Roberto Palmari sediou o I Hip Hop em Ação em parceria com a Casa do Hip Hop de Diadema. Após diversas visitas de jovens rio-clarenses para conhecer o projeto nas cidades de Guarulhos e Diadema, foi organizado em Rio Claro um evento de difusão da cultura Hip Hop, com oficinas de grafite, bboy, DJ e MC e apresentações artísticas com a participação de referências do universo



Danilo Correia Bernardes

da arte urbana. Em 2001 inicia-se a Batalha da Amizade reunindo bboys de várias cidades em evento de dança. Em 2011, Rudney Miranda da Cruz representou o Brasil no Chile num campeonato de Break, conquistando o 2º Lugar e sagrando-se revelação do evento.



Amanda Rocha Farias

➤ Vale destacar no Grafite, Léo e Marcelo, do Coletivo DCO, que deram um novo visual ao Ponto de Cultura Rio Claro Cidade Viva.



Luiz Miotto

Sob a curadoria de Patrícia Bueno Godoy aconteceu de janeiro a março de 2000, no Centro Cultural Roberto Palmari, a exposição “Um século de arte em Rio Claro”. O trabalho foi fruto de suas pesquisas para o mestrado pela Unicamp, concluído em 1999. A exposição foi composta de 6 circuitos: 1. A instituição do ensino artístico (1900-1920), 2. Carlos Hadler (1920-1940), 3. Alunos da Escola Profissional Masculina 4. Início dos Salões de artes plásticas (1950-1966), 5. Acervo da Pinacoteca Municipal Pimentel Junior, 6. Artistas professores da última década do século XX.



Formada em 2002, a banda rio-clarense Gram deu início ao grande momento das bandas de rock do



município. Liderado por Sergio Filho e Marcelo Pagotto, a banda obteve sucesso na mídia com a música ‘Você pode ir na janela’, chegou a lançar três discos e foi protagonista de um programa MTV Apresenta.

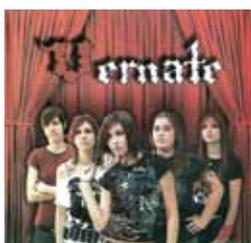
Na mesma época, muitas bandas rio-clarenses conseguiram reconhecimento na mídia, a banda Delunes chegou a ganhar o concurso MTV Toshiba Planet, a banda Vulca teve o videoclipe ‘Mais um dia’ como um dos mais vistos da emissora através da internet, a banda Komossomos também teve videoclipe exibido na emissora e a banda Vernate conseguiu espaço em um dos maiores festivais de rock do interior o “Araraquara Rock”.

#### Alguns artistas e conjuntos que se destacaram em eventos e festivais na cidade e região:

- Ana Lazarone
- Janaína Kais
- Anguere
- Fabrício & Gabriel
- Jorge & José
- Everton & Eduardo
- Acryllica
- Ta Na Area
- Du Carmo
- Maiden Hunter
- Executivos de Capa
- Crisis
- ELM
- Valeryana
- Churrasco de Janeiro
- General Lee
- Voltare
- Bloodberry
- Bloody Mary
- Batuque da Nêga
- Jorge Soares
- Niltão Lopes
- Daniel Lapolla
- Trio Nega
- Balaio de Paiá
- Master of Pain
- O Cheiro do Ralo
- Dezakato
- Hímen Blues
- Iogurtes de Penélope
- Namantega
- Cocktail Blues
- Maloca Fina
- Sensasamba
- Ecléticos
- Panico 21
- Maloca
- Juventude Brasileira
- Tudo que sonhei
- MALT
- Reggaço
- Barro Humano
- Garrafa Vazia
- THC
- Mordeth
- ZenGils
- Black Roses
- Munch
- Mirror Witch
- Night Symphony
- Aroeira
- Jeito Simples
- Entre Amigos
- Batuque da Nega

➤ Ao longo dos anos, os artistas conhecidos como bandas de baile animaram os clubes da cidade e fizeram carreira no mundo da música, sem a pretensão de ganhar o estrelato na grande mídia, mantendo o repertório eclético e a agenda lotada aos finais de semana, garantindo presença em casamentos, aniversários e bailes diversos. Entre elas estão nomes como Mala Direta, Impressão Digital, Duplo Sentido, Neon, Cannes e Tom Livre.

➤ Na música conhecida como violão e voz, alguns nomes se destacam nos barzinhos da cidade animando o happy hour, como Niltão, Nedina, Jorge Soares, Guga Galotto, Thiago Gama, Tica e Marcela Chiapina. Alguns rio-clarenses também têm participado de Bandas importantes para a música brasileira. Podemos destacar Silvinho que toca violino com o cantor Daniel, Ricardo Barros e Anderson Rossetti da banda de Christian e Ralf. Também podemos destacar Jonas Moncaio Moraes, violoncelista da Orquestra Filarmônica, que teve participação no Acústico MTV da banda IRA! com projeção internacional.



➤ Edu Hebling, é nascido em Rio Claro e vive na Itália há vinte anos, desde que partiu tem se dedicado aos estudos de música e a aulas que ministra nas escolas do país. Ingressou nas aulas de piano aos sete anos, frequentou vários cursos até que, aos 14 anos, iniciou no projeto de Pedro Cameron, tocando violoncelo. Ao longo de sua carreira, Edu já dividiu o palco com grandes nomes da música mundial como James Brown. Gravou recentemente seu primeiro disco autoral “Antes do temporal”.



➤ Filho de músicos, Aaron Thiago da Silva cresceu dentro dos ensaios da banda Sexto Sentido. A trajetória no mundo da música foi rápida, aos 12 anos ele deu início aos estudos em bateria. Com 13 anos já estava tocando em bandas de baile. Com 14

fazia parte da Evolução Banda Show, se apresentando em bailes, festas e comemorações. Aos 17 anos foi para São Paulo estudar com Vera Figueiredo e então ingressou na banda Chapéu da Máfia, onde permaneceu por quatro anos. O grande reconhecimento veio em 2007, quando Aaron participou do 1º Festival Odery e Modern Drummer, com o objetivo de descobrir talentos escondidos nos quatro cantos do Brasil. Bateristas de todo o Brasil, profissionais ou não, puderam se inscrever e disputar a oportunidade de ter seu trabalho como músico reconhecido nacionalmente. Aaron foi classificado em primeiro lugar na etapa paulista, sendo reconhecido como o melhor baterista do Estado de São Paulo e um dos dez melhores do Brasil. Atualmente Aaron é um dos proprietários da escola de música Music Hall e leciona aulas de bateria.



➤ O maestro Jorge Geraldo é regente da Banda União dos Artistas Ferroviários há sete anos. Formado em Física pela UNESP, cursa Regência na Unicamp, e é músico desde que começou a frequentar aulas na escola da Banda dos Ferroviários. Sua iniciação musical aconteceu com flauta doce, depois passou para o clarinete e por fim se interessou pelo saxofone. Jor-

ge frequentou aulas particulares de música e chegou a cursar o conservatório de música em Tatuí. Com profundo conhecimento teórico, tocou em bandas de baile, duplas sertanejas, grupos de pagode, bandas de MPB e rock and roll.



➤ Ricardo Barros é percussionista na banda de Chrystian & Ralf e mestre de bateria da Escola de Samba Samuca, para a qual também contribui como compositor dos sambas de enredo. Desistiu do último ano da faculdade, no curso de Educação Física, para se dedicar a uma banda de samba, o antigo Sensasamba. Gravou CDs e fez viagens para os Estados Unidos divulgando o ritmo: “o samba é o que me completa totalmente”, afirma o músico que se profissionalizou ao estudar percussão popular no Conservatório de Tatuí. “Quando você faz o que gosta, a alegria da recompensa é muito maior”, completa.

➤ Rovilson Pascoal. Músico. Guitarrista. Arranjador. Estudou violão e guitarra com Jarbas Barbosa (músico da Banda Mantiqueira) e harmonia e arranjo com Cláudio Leal. Estudou na Faculdade de Música Popular da UNICAMP, onde fez cursos temporários de História da Música e Linguagem das Canções.

➤ O engenheiro Éber Vinicius Augusto tem em seu nome a inspiração do poeta Vinicius de Moraes, escolhido pela mãe que era fã do músico. Faz parte dos compositores dos sambas-enredo da escola de samba Grasis - Voz do Morro. Por volta dos 18 anos entrou para o grupo de pagode Maroto. Teve como parceiros Tuca, Allan Rios, Luquinha, Cidão, Ricardo da Grasis, Leonel, Magno, Carioca e Nuno. “O compositor musicaliza palavras, versos e estrofes. Enfim, ele coloca melodia dentro de poesia, porém precisa ser muito bem representado através do intérprete, que coloca vida naquilo que o compositor projetou, ele coloca sentimento para que a mensagem chegue ao ouvinte da forma que o compositor desejou”, afirma em entrevista ao Jornal Cidade.

➤ O violoncelista Jonas Moncaio Moraes, toca na Orquestra Filarmônica. Teve importante participação no álbum MTV do Grupo IRA. Destaca-se pela flexibilidade de interpretar os compositores da música clássica à musicar popular e rock.



Georgi Bastos

Tocou com artistas consagrados destacando-se participação no show de Elza Soares em homenagem aos 100 anos de Nelson Cavaquinho. Gravou com nomes da música popular brasileira como Zeca Balero, Arnaldo Antunes, Wanderléa, Alaíde Costa, Cauby Peixoto, Zé Geraldo entre outros.

➤ Além de possuir um estilo próprio no violino, Silvinho também é conhecido por ser um multi-instrumentista. O Musicista ao sentir que a fase melhor seu instrumento oficial (violino) tinha passado, começou a tocar violão em algumas músicas no show com o cantor Daniel, e não parou por aí. O músico também toca viola caipira e cavaquinho. Estudou no conservatório de Tatuí - SP e iniciou sua carreira profissional na Orquestra Sinfônica de Campinas - SP. Logo após foi participante da primeira formação da Banda Buffalo, quando iniciou sua trajetória ao estilo “country music”.

Silvinho ficou famoso por sua extrema facilidade de tocar e dançar simultaneamente o country. Gravou com Leandro e Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, João Paulo e Daniel, Rio Negro e Solimões e etc...

Após falecimento do cantor João Paulo, da dupla João Paulo e Daniel, Silvinho recebeu o convite diretamente do cantor Daniel para trabalhar com sua banda. Iniciando para o músico uma nova fase, acompanhando o cantor Daniel em sua carreira solo há doze anos.



➤ O Grupo Aroeira apresenta em seu repertório samba de raiz da melhor qualidade. Os integrantes são Tonho (violão), Bamba (rebolo), Du (repique), Tuca (cavaco e vocal), Carioca (vocal e timba), Xureu (pandeiro e vocal) e Haroldo (gaita e rebolo). O grupo faz apresentações por diversas casas noturnas de Rio Claro e região, sempre contagiando o público por onde passa. O repertório mostra o engajamento do grupo com o samba de qualidade.

Em apresentação no Dona Breja, hoje Siricutico, Maria do Carmo com sua voz grave e firme sempre dá uma “palhinha” nas apresentações do grupo.



Giorgi Bastos

➤ O grupo Jeito Simples iniciou suas atividades em 1999 e é sucesso no quesito samba e pagode. O repertório do grupo engloba sucessos de Beth Carvalho, Fundo de Quintal, Turma do Pagode, Revelação e Exaltasamba, entre outros. Além disso, o Jeito Simples já acompanhou em apresentações artistas como Arlindo Cruz, Royce do Cavaco e Reinaldo. O grupo é formado por Buiú (cavaquinho e vocal), Julinho (vocal e repique), Nescau (pandeiro), Rodrigo (rebolo) e Ciquinha (violão).

Buiú é filho do Mestre Dadá e Julinho, do Mestre Gilmar, ambos da Grasifs Voz do Morro.

➤ Emílio Moreira é cantor e professor de violão. Nascido em Muriaé, Minas Gerais, vive em Rio Claro

há 17 anos. Seu primeiro CD recebeu o nome de “Tranquilo”, e possui oito músicas, cujas composições, letra e música, são de sua autoria.

Seu interesse por música teve início aos nove anos de idade e, aos 18 anos, começou a tocar violão. Há cerca de cinco anos o músico toca na noite. Hoje, aos 29 anos, além de cantor, ele também é professor de violão. Seu primeiro CD contou com a participação de vários músicos de Rio Claro e região. Entre eles, Luciano Filho, Aquiles Faneco, Rovilson Pascoal, Pedro Cruz, Edu Barsotti e Ricardo Barros.

➤ O grupo artístico Taquara Rachada, de Rio Claro, toca instrumentos musicais artesanais feitos pelos próprios integrantes, usando como matéria-prima o bambu. Tendo como objetivo a valorização da cultura, o grupo visa inspirar em cada ouvinte a busca pelo sagrado e o respeito às suas raízes. As apresentações são tocantes pela forte integração com o público. Sempre acompanhada de belas poesias, que são declamadas e distribuídas aos espectadores, o Taquara Rachada valoriza a literatura além de promover situações em que a reverência ao instrumento é lembrada e exercida pela música como forma de adoração.



Imagens acervo do Grupo Taquara Rachada

Entre as principais academias de dança de Rio Claro, podemos destacar: Patrícia Pessenda, Sonia Vasquez, Cadência, Tatiana Leite, Sesi.

Rio Claro comemora o dia do Sapateado em 25 de Maio, com atividades diversas em homenagem a essa dança. A Academia Patrícia Pessenda é pioneira neste tipo de comemoração em nossa cidade realizando atividades desde 1997.

Fundado em 2001 pela bailarina Lara Jatkoske Lazo o Centro Intercultural Napyév foca seus trabalhos não somente na prática da expressão corporal, mas também em todo seu processo de formação humana dentro da proposta de arte, de educação, de desenvolvimento físico, motor e psíquico, de relação social, de expressão artística e um meio pelo qual é possível lapidar o psiquismo, transformar, ler, reler e reescrever o mundo.



A dançarina de flamenco Sandra Brás direcionou seus estudos em bailado espanhol em 1987 no Studio Gisele em São Paulo tendo entre seus mestres Caio de Moraes, da Cia Profissional de Arte e Baile Flamenco Tarantos; e Andréia de Carvalho, da Academia Palco e Bioritmo. Complementou seus estudos de 1985 a 1997



Luiz Miotto

com a dança clássica, sapateado americano e jazz. Residente em Rio Claro desde 1991 Sandra foi referência de baile flamenco e toque de castanholas, difundindo seus conhecimentos, ministrando oficinas e se apresentando em todo o país, colecionando prêmios. Sandra faleceu em 01 de Dezembro de 2011.

O Projeto de Extensão do grupo de Danças e Ritmos Brasileiros, do Departamento de Educação Física da Unesp, orientado pela professora e doutora Carmem Maria Aguiar, teve suas atividades iniciadas em 1998 com a manifestação da Dança do Bumba-meu-boi. A partir de 2007, o grupo que tinha como cartão de visitas o desenvolvimento de trabalhos com o Cacuriá, abriu os horizontes buscando o Samba de Roda, o Jongo, o Coco, o Carço, o Batuque de Umbigada, a Ciranda e o Tambor de Criola. Atualmente, o grupo nomeado Oroari, conta com cerca de quinze participantes, dentre alunos de diversos cursos e pessoas da comunidade.



Georgi Bastos



➤ João Marcos Gomes, o Marquinho Beleza Negra, profissional da dança, tem realizado importante trabalho de dança junto aos polos de assistência social do município. A proposta do dançarino é trabalhar a postura e a participação social por meio da dança, elevando a autoestima das crianças e jovens de bairros periféricos impossibilitados de frequentar as academias particulares de dança. Além disso, Marquinho é responsável pela Etiqueta Modelos e Manequins, uma academia que forma modelos e organiza o concurso Beleza Negra, junto à comunidade negra do município.

➤ Desde 2007 o trabalho com danças e brincadeiras folclóricas foi inserido nas atividades do Centro Municipal de Convivência Sol Nascente, no Cervezão. Emília Rosa Chimichaque, técnica em desenvolvimento social e educadora física, é quem comanda as aulas para as mais de oitenta crianças entre seis e treze anos. A professora também deu início ao trabalho com ritmos, intensificando a abordagem da capoeira. O desenvolvimento do ‘Bumba-meu-queixada’ tem o intuito de mostrar a necessidade do trabalho em grupo, em contraponto ao momento individualista que vivem as crianças.

➤ Composto em 1995 com o nome de “Bixo de Sete Cabeças” e renomeado em 2011 para Néctar – Núcleo Popular de Cultura – o Grupo formado pelas educadoras físicas, musicistas e produtoras culturais Márcia Silvério e Emília Rosa é inaugurado com o propósito de difundir estudos e práticas sobre o folclore e a cultura popular brasileira em atividades corporais e rítmicas, dinâmicas de grupo e apresentações artísticas. Desse projeto foi formado o grupo Balaio de Paiá, que incentivava a música de raiz e folclórica.

#### Outros artistas plásticos de Rio Claro

- Ariana C. Pieroni
- Arturita Teixeira Pinto (artista plástica e escritora do CLIRC premiada Novos Olhares)
- Chico Riani (premiado Novos Olhares)
- Cídia Eni M. Pontes Lima
- Claudinei Almeida de Souza
- Dumara E. Felicíssimo
- Edgard Ferreira Lima (falecido)
- Ely Ferreira Leal
- Iray Denzin Pereira da Silva
- José Maria Cazonatto (premiado Novos Olhares)
- José Roberto Pessenda Machado
- Leticia M. Tonon
- Linaura Pedrosa
- Lucila Maciel
- Luciano Gama
- Maise Castelano
- Maria Helena Mendes Canello
- Maria Helena Pires de Oliveira
- Maria Luiza Dantas G. Penteado
- Marilu Scarfon
- Nelson Cabral
- Neusa Maria Romeiro Inforzato
- Regina Lucia Duarte Vecchiato
- Roberto Morales (premiado Novos Olhares)
- Sandra Lorenzon Negrão
- Sueli Beck
- Sulamita Ramos do Rego Deiusti
- Vanderli A. Bertanha de Camargo
- Vivian Pereira da Silva

➤ A cidade de Rio Claro se tornou referência nas tradições populares tidas como caipira como o Grupo de Catireiros Catira Brasil. Constituído pela tradicional família Honório há mais de três décadas, o grupo é formado por seis componentes mantenedores da tradição familiar, então iniciada pelo patriarca Olavo Honório de Godoy. Em 1997, o grupo se profissionaliza e passa a contar com dez componentes entre oito catireiros e dois violeiros, e embora o grupo mantenha no nome a palavra “Catira”, hoje, sob o comando de Fernando Basso, projeta trabalhar e difundir diversos ritmos relacionados à cultura das canções sertanejas de raiz.



➤ Realizada no mês de julho, há mais de 20 anos, a festa junina Arraial Azul é organizada pela Prefeitura Municipal em parceria com as instituições beneficentes e culturais. De cunho filantrópico, com renda revertida a entidades assistenciais do município, a festa oferece à população as guloseimas típicas das festas caipiras além de atrações musicais regionais mantendo a tradição do interior paulista nesse tipo de comemoração.



### Bares que alegam a vida noturna e que incluem boa música em seu cardápio

#### *Casas Noturnas e Botecos dos anos contemporâneos (extintos ou em atividade)*

- |                   |                 |                       |               |
|-------------------|-----------------|-----------------------|---------------|
| • Sujinho's       | • Água na Boca  | • Choperia Castelinho | • Maresias    |
| • Monkeys         | • Paraíso       | • Café Brasil         | • Champion    |
| • Kenoma          | • Projeto B.    | • Giro's Bar          | • Café Capitu |
| • Café Paladium   | • Bar Colorido  | • Bisroska            | • Seo Pimenta |
| • Hangar Nacional | • Prorrogação   | • Parada Obrigatória  | • Cachaçaria  |
| • Chopão          | • Bavária       | • Refúgio             | • Devitto     |
| • Chopp e Cia     | • Cia. Paulista | • Bar da Dora         | • Big Bar     |
| • Big Dog         | • Café Vilhena  | • Bar do Cica         | • Maria Maria |
| • PhD             | • Pepper Bar    | • Madalena            | • Siricutico  |
|                   | • Magic Bar     | • BR11                |               |

Contemplando os anseios da comunidade italiana de Rio Claro, foi iniciada em 1996 a Festa de San Genaro em comemoração a tradição imigratória do país. A Festa de San Genaro reúne a comunidade italiana em torno da culinária, com barracas típicas, danças e apresentação do folclore italiano, prestigiando a comunidade que está em Rio Claro desde o século XIX.



Entre os anos de 1997 a 2004 aconteceu na Lagoa Seca, no Grande Cervezão, a Festa de São Francisco das Chagas de Canindé. A festividade realizada em outubro pelos migrantes provenientes de Canindé, região nordeste do país, mantinha a tradição religiosa, cultural, culinária e costumeira festejando a santidade homenageada.

No mês de junho, Rio Claro é agraciada com a Quermesse de São João Batista, popularmente bati-

zada como Festa da Matriz, que acontece na Praça da Liberdade, defronte à Igreja, em comemoração ao aniversário da cidade. Realizada pelo pároco com o apoio da comunidade católica, o festejo em homenagem ao padroeiro da cidade anima o clima frio de todo o mês de junho com apresentações musicais e culinária típica das festividades juninas.

Manoel Beinotti - 24/06/1981



➤ Sem fins lucrativos e de utilidade pública municipal, a Cia. Quanta colecionou prêmios, apresentações e reconhecimento. Fundada pelo ator e diretor Jefferson Primo em 1997, a ideia de um grupo de teatro partiu das aulas que ministrava no Centro Cultural. Logo no primeiro trabalho da companhia, a montagem 'Madame Blavatsky', arrebatou nove prêmios, entre eles o Mapa Cultural e o Festival Nacional de Amparo. Ao longo de quinze anos, o grupo encenou inúmeras peças e performances. A Cia. Quanta se destacou atuando no CAPS, no Centro de Ressocialização Feminina e nos Centros de Convivência, com cursos e palestras. Todo primeiro sábado do mês o grupo apresentava-se com teatro de rua e convidados no Jardim Público em evento intitulado Quanta Cultura. Teve seu fim anunciado em janeiro de 2012 em nota à imprensa emitida pelo grupo.



*Em cena: Cláudio, João e Aline*

➤ Em outubro de 2009, a atriz Michelle Dayane convidou as atrizes Anelisa Ferraz, Natália Codo e Thábata Carvalho para iniciarem uma série de ensaios para apresentação do espetáculo "Mulheres em Cena". A iniciativa culminou na criação do Grupo Ohana de Teatro. Desde então, as garotas se destacam no cenário teatral do interior paulista. O grupo segue com a jornada de construir uma linguagem própria e que valorize o 'fazer teatral', sempre com o objetivo de difundir as artes cênicas para o maior número de pessoas. O grupo também desenvolve trabalho voltado ao teatro-empresa.



*Apolo e as Super Gatinhas*

➤ O Centro Literário Rio Claro (CLIRC) surgiu em 18 de outubro de 1997 por iniciativa da coordenadora do Gabinete de Leitura, Maria Cristina Gomes Babone. Atualmente, o grupo é mantido através da contribuição de 102 associados, dos quais 20% são frequentadores assíduos. Pilar Casagrande, atual presidente, assumiu o cargo em outubro de 2003, quando o Clirc finalmente se tornou uma entidade



literária oficializada com estatuto, diretoria e CNPJ. A partir de então, o foco dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo teve uma mudança e, mais que um grupo dotado da palavra, o Clirc se transformou em um veículo de assistência cultural.

Em 26 de Março de 1997 foi fundado o n.ARTE - Núcleo de Artistas Plásticos de Rio Claro e Região, por um grupo de artistas locais, com o objetivo de estabelecer encontros com artistas de cidades vizinhas para troca de ideias e experiências no campo das artes plásticas. Tem sido parceiro do Arquivo Público e Histórico na organização do Salão de Artes Novos Olhares.

Ronaldo Ceribelli afirma que foi Ilara Luz Machado quem lhe transmitiu a necessidade da perseverança, empenho, prática incessante, repetida e disciplinada para se alcançar bons resultados.

O artista Ronaldo Ciribelli coloca em seus trabalhos, além da técnica apurada, olhares e marcas com muita emoção. Pinta cenas do cotidiano do povo brasileiro, executa retratos fiéis e paisagens. Ministra aulas e workshops em Rio Claro e por todo o Brasil.

Presente em diversos salões de arte, Ronaldo Ciribelli recebeu medalhas de ouro, prata, bronze, menções honrosas e prêmios especiais em Rio Claro, cidades da região, na capital paulista e em outros países. Destaque à Medalha de Prata no Salão da Associação Paulista de Belas Artes, Prêmio no Salão dos



450 anos da cidade de São Paulo, Menção Honrosa no Salão Internacional de Pintura em Viena (Áustria). Em Paris, recebeu menção honrosa na Semana de Arte Brasileira na França e também foi agraciado com medalha de prata em Roma (Itália).

Na escultura em argila queimada, destaca-se Carlos Lacerda. Nasceu em São Sebastião do Maranhão - Minas Gerais. Em 1972 mudou-se para a cidade de Rio Claro.

Estudou noções de artes com o professor Denizard França Machado na década de 1980. Na década de 1990, prosseguiu com aulas de desenho e pintura com o saudoso professor Nelson Cabral e, posteriormente, com o professor Rocco Caputo. Desde criança, pela observação direta dos objetos, começou a fazer escultura em argila, arte em que pesquisa e procura se desenvolver de forma contínua até hoje.

Participou pela primeira vez em Salões de artes, no ano de 1989 na cidade de Rio Claro e em outras cidades da região, nas quais, ao longo desses anos, conquistou mais de trinta prêmios com suas esculturas em argila queimada.



Em 1997 é criado pelo Arquivo Público e Histórico de Rio Claro o I Salão de Artes Novos Olhares, acontecendo até 2005 e sendo retomado em 2010. O Salão de Artes Novos Olhares é restrito ao registro da cidade de Rio Claro, sua arquitetura, pessoas, eventos. Em 2011, o Arquivo Público e Histórico lançou uma coleção de cartões postais apresentando algumas obras do XI Salão e a mesma cena pelo olhar de fotógrafos que foram visitar o Salão e escolheram uma obra para fotografar.



Menção Honrosa - Acadêmico - XI Novos Olhares  
 Sebastião da Conceição Emygdio - Obra: Casarão Florestal I

Realizado pela Comunidade Católica é iniciado em 1997 os Concertos de Adventos de Natal, projeto contemplado pelo concurso Luzes da Cidade e pelos Concertos do Advento, este organizado por Willian Nagib Filho e com o apoio do Monsenhor Jamil Nassif Habib. O concurso é constituído pela decoração das ruas centrais e praças da cidade com motivos natalinos e incentiva a iluminação de fachadas domiciliares e vitrines comerciais e industriais. Já os Concertos do Advento são a execução de músicas natalinas nas praças e ruas do comércio com a audição de corais, música erudita e a encenação do Auto de Natal.



Menção Honrosa - Acadêmico - XI Novos Olhares  
 José Roberto Pensado



Luiz Miotto

Fundada em 2001, a TV Comunitária Cidade Livre, que opera a cabo pela NET, canal 99 analógico e 10 digital, surgiu por iniciativa de Marcelo Renato Fiorio, Luiz Carlos Cavallari e Rogério Soares. A emissora é fruto de uma associação entre várias entidades de Rio Claro. No ar, oficialmente desde 2002, a TV Cidade Livre traz programas de interesse geral como noticiário, transmissão de futebol varzeano, peças de teatro, entrevistas políticas, programas religiosos, sessões legislativas, filmes clássicos, jornalismo social, videoclipes e os documentários produzidos pelo Projeto Memória Viva, do Arquivo Público e Histórico. Atualmente, conta com uma web rádio, um web jornal, um Ponto de Cultura e um cineclube.

Objetivando o olhar da comunidade para a cidade através da fotografia, aconteceu em 1995 o concurso fotográfico “Fotografe Azul” que expôs durante sete anos no Museu Histórico e Pedagógico do Município “Amador Bueno da Veiga” imagens de fotógrafos profissionais e amadores. Organizado dentro dos critérios de salão, as melhores fotografias passavam pelo critério de avaliação e sucessivamente eram expostas e premiadas. Na sequência, as fotografias selecionadas compunham o acervo do Museu Histórico e Pedagógico.

Dando prosseguimento à grande produção fotográfica no município, em 2009 é criado o Concurso Fotográfico Rio Claro Revela sua História, que visa ampliar a participação de fotógrafos no registro da cidade,



1º Lugar - 2011 - Marcelo Cerri Rodini



1º Lugar - 2011 - Marcelo Cerri Rodini

ampliando o acervo fotográfico do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro. A proposta é de que seja um evento anual.



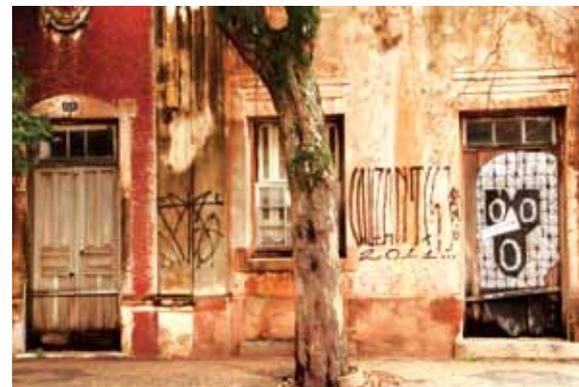
1º Lugar - 2010 - Marcelo Ramos Ribeiro



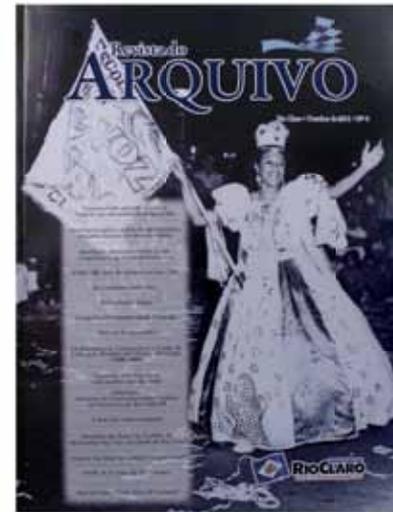
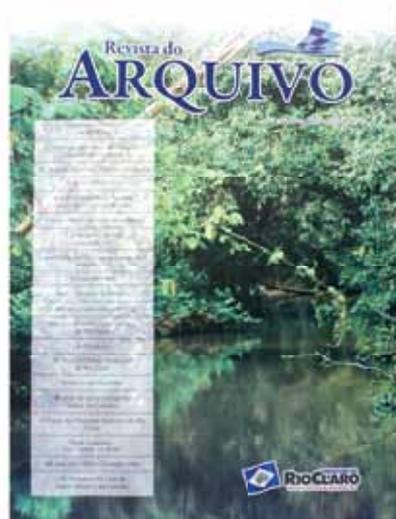
1º Lugar - 2009 - Luiz Micotto



1º Lugar - 2012 - Viviane Guerra



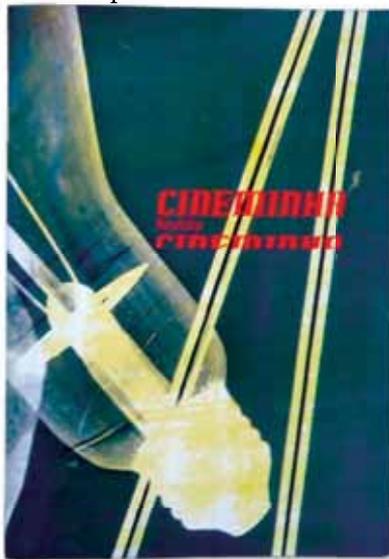
1º Lugar - 2012 - Viviane Guerra



A volta da Revista do Arquivo em 2009 marca a presença de articulistas que se oferecem para escrever sobre situações, locais, eventos e pessoas da cidade. A Revista é semestral e, além de contar a história da cidade, tem produzido material que pode motivar novas pesquisas e trazer para a Autarquia a contribuição de outros municípios.

Acirc, 90 anos de história

➤ O Núcleo Audiovisual de Guerrilha Fudidos & Malpagos surgiu em 2003 (<http://fudidosemalpagos.wordpress.com/>). Criado por Bruno Nicoletti e Lourenço Favari, conta também com o diretor de arte Varlei Janei. Dentre as principais atividades estão a pesquisa, produção, difusão e experimentação. A produtora Fudidos & Malpagos produz curtas-metragens em diversas plataformas, edita a Revista Cineminha (<http://revistacineminha.wordpress.com/>), além de propor o chamado Cinema de Emergência ou apenas Terceiro-Mundista. Desde sua fundação,



muitos artistas trabalharam com o grupo. O núcleo mantém parcerias com o multimídia Sechi, com o diretor de fotografia Eber Novo, os atores Ilion Troya, Léo Moita e Michelle Dayane.



"Foto Perpétua" | 15.08.2009 - Cemitério Municipal - Fotografia: Katia Gudoni

➤ O grupo Kino Olho de estudos cinematográficos teve início em 2006 por iniciativa do cineasta rio-clarense João Paulo Miranda Maria. As reuniões semanais do Kino Olho fizeram crescer o número de participantes interessados em debater e produzir cinema. Através de parceria com a Cia. Quanta de teatro e TV Cidade Livre, vários longas-metragens foram produzidos entre eles 'O Alienista', '14 Bis', 'Quieta non movere' e 'O guardador de rebanhos'. Além dos longas, o Kino Olho realiza uma série de curtas-metragens que são disponibilizados na internet, fortalecendo a produção que passou a ser conhecida como 'Cinema Caipira'. Recebeu em agosto de 2011 duas premiações no Festival Nacional de Curtíssima Metragem Claro Curtas, sendo eleito tanto pela Comissão Julgadora como pelo Júri Popular. O vídeo Brás Cubas - Delírios, estava concorrendo com 1.750 filmes de 25 estados brasileiros. [kinoelho.blogspot.com](http://kinoelho.blogspot.com) e [www.kinoelho.com](http://www.kinoelho.com).



**KINO  
OLHO**

Em 2009 começa um projeto de história oral e produção de documentários no Arquivo público e Histórico de Rio Claro visando o registro da história pelos seus cidadãos. O Projeto Portal Memória Viva foi finalista no 3º. Premio Cultura Viva do Ministério da Cultura em 2010. Os documentários podem ser vistos no endereço: [www.memoriaviva.sp.gov.br](http://www.memoriaviva.sp.gov.br)



A web-rádio Shock Box foi fundada em 2009 pelo rio-clarense Júlio Marcondes. A ideia da rádio surgiu a partir do extinto programa 'História do Rock' veiculado pela rádio Opção FM. Com o objetivo de tocar música de qualidade, mantendo-se fiel ao Hard Rock, Heavy Metal e suas vertentes. A Rádio Shock Box transmite produções próprias, como entrevistas e especiais, 24 horas por dia. Com o slogan "Tocando hoje os clássicos de amanhã", e sintonizada na Internet no endereço [www.radioshockbox.com](http://www.radioshockbox.com), a Rádio Shock Box atinge todo o planeta, com cerca de 500 ouvintes diários, sendo 80% ouvintes estrangeiros, com predominância dos alemães, americanos e espanhóis.

Rene Mainardi é um Artista Multimídia com pesquisa em Artes Plásticas, Música, Cinema e Fotografia, graduado em Artes Plásticas e em Rádio e TV, especialista em Cinema Documentário pela Escola Internacional de Cine y TV em Cuba e pós-graduado em Arte e Educação.

Participou de Salões e Exposições de Artes Plásticas e Fotografia e Mostras de Cinema e Vídeo no Brasil e Exterior tendo trabalhos premiados em diversas linguagens artísticas. Em 2010 realizou a exposição

individual "Caminhos e Fragmentos de Especialidade" no Casarão da Cultura de Rio Claro e na Pinacoteca Municipal de Piracicaba, um dos principais espaços expositivos do Estado de São Paulo.

Atua em Curadoria e Produção Cultural e Projetos de Arte Educação para organizações como SESC, SESI, Prefeituras e Governo do Estado entre outros.



- artista multimídia -  
artes plásticas, música, fotografia e cinema



➤ O embrião do Grupo Auê surgiu em 2006 com a circulação do jornal cultural O Beta. Com o intuito de fundar uma entidade que pudesse representar artistas e agregar toda e qualquer forma de arte, o Grupo Auê foi fundado em 2009. Em junho de 2010 a entidade foi decretada de utilidade pública pela Câmara Municipal. É a primeira do gênero no município a propor a união entre artistas para o fomento da cultura local. Entre as ações do grupo estão a realização de concursos literários, apresentações musicais, teatrais e visuais, assessoria para artistas, oficinas, palestras, exposições, entre outros.



➤ Inaugurado em 14 de junho de 2006, o Casarão da Cultura se destaca como um dos principais polos culturais da cidade. Instalado em um imóvel construído em 1868 o prédio centenário abriga o Acervo da Pinacoteca do Município. Em sua programação anual, o Casarão conta com exposições coletivas e individuais, dentre elas a Mostra Novos Olhares e o Concurso Fotográfico Rio Claro Revela sua História, além de ser palco de apresentações musicais na qual cabe destaque ao conceituado Festival de Inverno.



Georgi Bastos



Georgi Bastos

1º Festival de Música de Inverno de Rio Claro | 22.07 à 02.08 - Casarão da Cultura

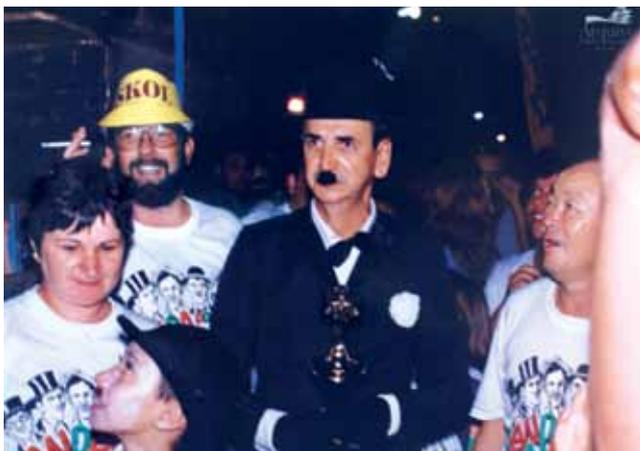
Paralelamente aos desfiles de rua, o carnaval de Rio Claro é realizado em diversos clubes da cidade, atraindo a população e visitantes da região. A Capital da Alegria tem realizado continuamente o carnaval há mais de cem



anos. De maneira geral, os desfiles do início do século XX eram constituídos de desfiles de clubes com carros alegóricos, que ora homenageavam, ora satirizavam as figuras ilustres nacionais, estaduais e locais. Na metade do século XX surgiram as primeiras escolas de samba da cidade que, em desfiles pelas ruas da cidade, abrilhantam o carnaval rio-clarense. O percurso inicialmente era pelas ruas centrais. Destaque para os carros criados e animados por Armando Meira e para os personagens Carlitos e O Gordo e o Magro que não faltavam nos desfiles do Momo.

Nos anos 1980, devido ao aumento da população e do evento, os organizadores do carnaval deslocaram o desfile para a Av. Visconde do Rio Claro. O percurso foi ampliado e investimentos em recursos foram feitos para oferecer maior comodidade ao público, incluindo arquibancadas e camarotes.

Vale salientar a importância de Mestre Dadá que com seu tradicional chapéu panamá, foi um dos melhores mestres de bateria da história do carnaval de rua em Rio Claro. Dourival Aparecido Francisco, o Dadá da Gra-sifs, faleceu com 55 anos de vida, sendo 45 dedicados ao samba. Seus primeiros batuques foram ouvidos no Tamoio e, mais





tarde, na escola de samba Grasifs. Teve uma passagem pela Samuca e retornou à Grasifs, sua escola de paixão. Mestre Dadá afirmou em entrevista ao Guia Rio Claro que o samba passa muitas vezes por momentos de baixa, porém, “agoniza, mas não morre”. Vadinho, irmão de Dadá também foi mestre de bateria da Grasifs e

sua Filha Janaína é a Porta bandeira da Agremiação.

➤ A famosa “Banda do Veneno”, bloco que há mais de uma década mantém a tradição de abrir o calendário de carnaval, desfilando na 6ª. feira pelas ruas principais da cidade, mantendo o antigo percurso dos desfiles. Liderando a ala de compositores, Milton Machado Luz, o Miltinho, conseguiu patrocínio para gravar CD com os sambas dos primeiros 15 anos.

➤ O Solar das Artes foi criado pelo maestro Pedro Camerón, em 1993 entre as muitas novidades que apresentou no campo da música erudita e popular, destaca-se o Trio de violões como parte integrante de um projeto maior, que tem como objetivo levar música às escolas de ensino fundamental e médio, usando como veículo o violão. Fazem parte do “Violões Artes Trio”: Maestro Pedro Cameron, professores Lucas Penteadó e Welton de Nadai. Mantém cursos de: guitarra, violão



**I Seminário de Violão de Rio Claro**

**28 a 30 de Julho 2011**

Apresentações  
Centro Cultural Roberto Pamari

Masterclass e workshops pela UNIC  
Escola de Música Solar das Artes

Violões Artes Trio

Duo Siqueira Lima

Edson Lopes

Coordenação Artística Pedro Cameron

**Entrada Franca para todos os Recitais**

clássico, violão popular, violino, viola clássica, viola caipira, contrabaixo elétrico, cavaco, bateria, percussão, canto, teclado, piano, contrabaixo acústico, violoncelo, violino, gaita, sax. Em Julho de 2011 organizou o I Seminário de Violão de Rio Claro, trazendo para nomes importantes do Brasil e exterior.

Antônio Barbosa iniciou seus estudos na década de 60 na cidade de Rio Claro. Seu primeiro instrumento foi o violão erudito e em seguida passou a integrar grupo de orquestras da

região tocando guitarra elétrica. Nos anos 70 mergulhado no mundo do jazz, Barbosa atuou nas mais sofisticadas casas do gênero de São Paulo. Acompanhou artistas como Zezé Motta, Alaíde Costa, Mozar Terra, Pique Riverti, entre outros. Todo conhecimento harmônico das cordas, Barbosa passou para o piano criando assim um estilo muito singular de tocar o instrumento.

#### Escolas de música até 2011

- Conservatório Musical "Rio Claro" (1967)
- Solar das Artes
- Síncopa
- Escola de Música Escala Groove
- Music Hall
- Soul Singers
- Escola de Música Clave de Sol
- Maestro Meninel



Giorgi Bastos

Camilo Riani é artista gráfico, cartunista e professor universitário (Fac. Comunicação da UNIMEP/Piracicaba; Faculdades Claretianas/Rio Claro).

Mestre em Comunicação Social pela UMESP, conquistou diversos prêmios na área do humor gráfico, entre os quais: 1º lugar no concurso de ilustradores do jornal Folha de S. Paulo (1991); 1º lugar no Salão Nacional de Humor Henfil/MG (1994); 1º lugar no Salão Nacional de Humor de Ribeirão Preto/SP (1995); dupla menção na ABRA - Academia Brasileira de Artes no I HQ BRASIL (1995); 1º lugar na I Bienal Nacional de Humor de Natal/RN (1996); 1º lugar no V Salão Internacional de Desenho de Imprensa Porto Alegre/RS (1996); entre outros.

É presidente da Comissão Organizadora do Salão Universitário Latino - Americano de Humor de Piracicaba/UNIMEP desde 1997, ano em que atuou, também, como Presidente-Executivo do 24º Salão Internacional de Humor de Piracicaba. Participou da mostra “HQ MIX/Amazônia Ano 3.000”, coletânea de quadrinistas nacionais (SESC - Pompéia SP, 1997) e teve seus trabalhos publicados entre os maiores jornais e revistas do país, como: Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, Veja-SP, Playboy, Elle, Cláudia, Marie Claire, Globo Ecologia, Bundas, O Pasquim 21, entre outros.



Hygor Amorim



Realizou trabalhos visuais para TV no “Programa Livre” (SBT/Serginho Groisman) e “Fanzine” (TV Cultura/Marcelo Rubens Paiva), além de ilustrações para dezenas de livros infantis.

É autor do livro “Linguagem & Cartum... TÁ RINDO DO QUÊ? Um Mergulho nos Salões de Humor de Piracicaba” (2002/Editora Unimep), premiado com o Troféu HQ MIX (Associação dos Cartunistas do Brasil / SESC) como o melhor estudo sobre o tema no país. Atua como jurado de eventos de humor gráfico, como o Salão Internacional de Humor de Piracicaba, Salão Internacional de Humor do Piauí, Bienal Internacional de Quadrinhos do Rio de Janeiro, Mapa Cultural Paulista/Secretaria de Estado da Cultura/SP, Salão Universitário de Humor de Piracicaba, entre outros. Representou o Brasil em eventos internacionais de Artes Gráficas, como a III Bienal de Humor do Mercosul (Argentina/1997) e o Festival Internacional de Banda Desenhada (Portugal/1997).

 Ceileiro de bons escritores Rio Claro, conta em sua história com artistas abnegados às letras e com farta produção literária. Dezenas de autores deixaram suas letras registradas na história da literatura local, alguns com pu-

blicações nacionais, outros com edições independentes, entretanto, todos com considerável tiragem no município. Residentes ou nascidos na Cidade Azul, todos compuseram o quadro de escritores e escritoras da cidade.

#### Alguns escritores rio-clarenses:

Airton Páschoa, Aldo Zottarelli Junior, Aloysio Pereira, Ana Luiza Carnahyba, Antonio Moreira, Ariovaldo José Seneda, Armando Roque Cornachione, Arthur Bilac, Arturita Teixeira Pinto, Augusto Hofling, Augusto Jerônimo Martini, Áurea de Carvalho Costa, Benedito Leite (Simplicio Pinóia), Benedito Paccanaro, Camilo Riani Costa, Charles Carvalho, Carlos Áureo de Arruda Campos, Carlos de Moraes, Celeste Calil, Cida Bilac Jorge, Cláudio A. de Mauro, Cleber Ragazzo, Edith de Camargo Aranha Schimidt, Fabiana Borgia, Fabio Alexandre dos Santos, Favari Filho (Mário R.), Fernando Altenfelder Silva, Fernando C. Fittipaldi, Florideu Gervásio, Giselda P. Guglielmo, Glória Pedrazolli, Helmut Troppmair, Heloísa Alves de Lima e Mota, Humberto Cartolano, Ibrahín César Nogueira de Souza, Idelazir Bellucci, Ideney Gonçalves de Oliveira, Ivanira B. Prado, Jaime Leitão, Jane Berrance Castro, Januário S. Pezzotti, João do Mundo, João de Scantimburgo, José Antonio Carlos David Chagas, José Antonio Riani, J. Costa Jr, José Eduardo Seregatto, José Naidelice, José Pimentel Junior, J.R. Sechi, José Rui Bianchi, José Sergio Demarchi,

Jovelina Moratelli, J.Triste, Lícia Capri Pignataro, Lígia Karam, Liliana B. dos Reis Garcia, Lucas Carrasco, Luiz Dante, Luiz Martins Rodrigues Filho, Manoel Correa Leitão, Marcius Aun Patrizi, Marcela Aparecida França, Maria Antonieta Madureira, Maria Antonieta Thomazini de Paula, Maria Beatriz Bilac, Maria Christina Mussolino Rizzo, Maria das Dores Ribeiro de Oliveira, Maria de Lourdes França, Maria José David Teixeira Morandin (Vevé), Maria Júlia Paes da Silva, Maria Lecticia Pezzotti César, Maria Teresa de Arruda Campos, Marilena de Arruda C. Rodrigues, Marilena A. Guedes de Camargo, Marili Penteadado, Natália Turolla, Nelson Moreira Moura, Nilce F. Bueno, Nuto Sant'Ana, Odenir Ferro, Oscar de Arruda Penteadado, Osmar Ribeiro, Osvaldo Brasil, Padre Brás Lorenzetti, Paulo Riani Costa, Percy de Oliveira, Prony Ribeiro, Raya Junior, Roberto de Souza Mendonça, Romualdo Dias, Ruy Fina, Sandra Canelo, Sandra R.S. Baldessin, Sandra R. Wenzel Teixeira, Sérgio Sartori, Sidney Barreto, Silvino da Silva, Solange Vitale Orzari, Sonia Marrach, Tarcis Zironi, Vicente Cândido Pavão, Vinicius Dônola, Yedo S. Godoy

**Q**ue esse tema – arte e cultura – possa continuar a receber incentivos tanto de pesquisadores na produção desse tipo de conhecimento sobre a cidade como de empresas que, sensíveis ao viver em sociedade, possam patrocinar pesquisas e publicações (difusão). Como já salientado anteriormente, compete aos munícipes nutrir o Arquivo Público e Histórico de Rio Claro sobre suas diferentes formas de produção artística e cultural para que novas publicações possam abraçar a grande gama nascida na cidade ou aqui produzida. Infelizmente muitas pessoas, instituições e produções artísticas não estiveram elencadas nesse capítulo pois o grupo trabalhou com material que já estava disponível na autarquia.

Aguardamos a contribuição e a generosidade de todos os envolvidos para completar essas indicações em novos produtos.

Muitas informações e fotografias aqui registradas foram conseguidas por meio de depoimentos ou de acervos particulares, por isso não temos os créditos para indicar seus autores. Esperamos que a partir dessa publicação produzida graças à iniciativa da ACIRC, novas informações possam se somar a essas, novos registros possam compor o acervo do Arquivo que poderá ser ainda melhor com a generosidade que seus moradores poderão exercer apresentando informações adicionais. Participe da ampliação do nosso acervo! Seja um artífice de nossa história.



**HISTÓRIA**

- KOSSOY, B. **Realidades e ficções na Trama Fotográfica**. Ateliê Editorial 2ª.ed.São Paulo:2000.
- GIMENEZ, D. D. **Outro Olhar sobre Rio Claro**. Rio Claro, 2010 (no prelo).
- BAPTISTA, M.R.B. **Rio Claro: As pedras da cidade**. Dissertação de Mestrado/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1994.
- GARCIA, L. B.R.. **São João do Rio Claro: a aventura da colonização**. Tese de Livre-docência. Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP/Rio Claro: 2001.
- DEAN, W. **Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920**. Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1977.
- DINIZ, D.M.F.L. **Rio Claro e o café: desenvolvimento, apogeu e crise, 1850-1900**. Tese de Doutorado. FAFI/Rio Claro. 1973.
- KOWARICH M. T. **O Poder Político Local**. Dissertação de Mestrado. PUC, 1994
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura S/A, 1964.
- MARTINI A. J. **Edmundo Navarro de Andrade**. São Paulo:Humanitas, 2008.
- PAGNOCCA, A.M.P.M.et al. **Crônica dos prefeitos de Rio Claro, 1908-1983**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, 1983.
- HALBWACHS, M. **La Mémoire Collective**. Paris: PUF, 1956.
- Atas das Reuniões Mensais da Associação Comercial e Industrial de Rio Claro – ACIRC. Rio Claro: 1931 a 2010.
- Informativos mensais da Associação Comercial e Industrial de Rio Claro – ACIRC. Rio Claro: 1996 a 2010.
- Sites consultados:**
- [http://www.turismo.rs.gov.br/multimedia/max1222108587tropa\\_de\\_mula\\_\\_\\_Acervo\\_Tropeiro\\_Camponез.jpg](http://www.turismo.rs.gov.br/multimedia/max1222108587tropa_de_mula___Acervo_Tropeiro_Camponез.jpg)
- <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2012/01/502439.shtml>
- <http://www.eliseuvisconti.com.br/Catalogo/Tecnica/2/Aquarelas.aspx>

## COMÉRCIO

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p. 84-91.

CARMO, J. A. do, **Dinâmicas Sócio-Espaciais na Cidade de Rio Claro (SP) : As Estratégias Políticas, Econômicas e Sociais na Produção do Espaço**. Dissertação (Mestrado). Rio Claro: UNESP/IGCE, 2005.

CHIODA, E. J. et al. **O Comércio Arcaico nas Cidades do Interior de São Paulo: Tradição e Resistência**. In A Sociedade de Consumo Atual: Qualidade de Vida e Qualidade Ambiental, CORTEZ, A. T. C. e ORTIGOZA, S. A. G. (org.). Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia e Departamento de Geografia da UNESP, 2007.

DEAN, W. **Rio Claro: um sistema brasileiro da grande lavoura: 1820-1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

DINIZ, D. M. DE F. L. **Rio Claro e o Café: Desenvolvimento, Apogeu e Crise (1850-1900)**. Rio Claro Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1973.

GARCIA, L. B. dos R. **São João do Rio Claro: a Aventura da Colonização**. Rio Claro: CEAPLA/IGCE/UNESP, 2009.

KRETTLIS, C. L. **Almanaque Rio Claro: Typografia Conrado**, 1906.

NEVES, C. **Almanack do Rio Claro: 1895. Rio claro: Oficina Typographica da Gazeta, 1895**.

ORTIGOZA, S. A. G., **Geografia e Consumo: Dinâmicas sociais e a produção do espaço urbano**. Tese de Livre Docência. Rio Claro: UNESP/IGCE, 2009.

PENTEADO, O. de A. Como nasceu Rio Claro. In. MACHADO, I. L. (Org). **Rio Claro sesquicentenária**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1978.

PIGNATARO, L. C. **Imigrantes italianos em Rio Claro e seus descendentes - 1: Castellano, Giorgio, Piccolo, Zanardi**. Rio Claro: Arquivo Público e Histórico, 1982.

PENTEADO, O. A. (org) **Rio Claro Sesquicentenário, Museu Histórico e Pedagógico "Amador Bueno da Veiga"**, Secretaria da Cultura, Ciência, Tecnologia, Governo do Estado de São Paulo, Rio Claro, 1978.

SANTOS, F. A. dos, **Rio Claro: uma cidade em transformação (1885-1906)**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo, Ed. Hucitec, 1996.

STILMANN, M. **Os supermercados de São Paulo**. São Paulo: Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas/USP, 1962. v. 1 e 2.

ZIMMERMAN, M. M. **The super market. A revolution in distribution**. New York: McGraw-Hill Co., 1955.

### Sites Consultados:

<http://www.rioclaro.sp.gov.br/> - acesso em 10/08/2011

<http://www.shoppingrioclaro.com.br/> - acesso em 10/10/2011.

[www.abrasce.com.br](http://www.abrasce.com.br/) - acesso em 02/10/2011.

[www.visiterioclara.com.br](http://www.visiterioclara.com.br/) - acesso em 07/11/2011.

<http://www.moveisgolovaty.com.br/> - acesso em 07/11/2011.

[www.ceg.ul.pt/](http://www.ceg.ul.pt/) acesso em 02/10/2011.

 **INDÚSTRIA**

- AZZONI, C. R. **Indústria e reversão da polarização no Brasil**. 1985. 232 f. Tese (Livre-Docência em Economia) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.
- BAER, W. **A industrialização e o desenvolvimento econômico do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- BILAC, M. B. B. **Estratificação social e ideologia: um estudo sobre os profissionais liberais**. 1980. Dissertação – (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. **Desenvolvimento e crise no Brasil - 1930 - 1983**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 2. ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1983.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no / do mundo**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M.E.B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1.ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.
- DAVIDS, N.C. **Poder local: aparência e realidade**. 1968. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro/ UNICAMP, Rio Claro, 1968.
- DEAN, W. **A industrialização de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1971.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA- Divisão de Estatísticas da Produção e Comércio - **Catálogo das indústrias do Estado de São Paulo (exclusive o município da capital) - 1945**. São Paulo: Tipografia Brasil; Rothschild Loureiro & Cia. Ltda., 1947.
- DINIZ, D. M. de F. L. **Rio Claro e o café: desenvolvimento, apogeu e crise (1850-1900)**. Tese (Doutoramento em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, Rio Claro, 1973.
- DUARTE, K. A.; CERRI, K. C. **Características industriais (Rio Claro - Início do século)** - Cortume Timoni-1907-1974. Trabalho da Disciplina História Econômica do Brasil - Departamento de Planejamento Regional - UNESP, Rio Claro, 1999.
- FERRAZ, J. R. **História de Rio Claro: a sua vida, os seus costumes e os seus homens – 1821 / 1827 – 1922**. São Paulo: Typographia Hennies Irmãos, 1922.
- FURTADO, C. **Análise do modelo brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1975.
- GRUPO DA GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS. Estudos para a Geografia das Indústrias no Brasil Sudeste. **Revista Brasileira de Geografia**, 25 (2), p. 155-271, 1963.
- HOGAN, D. J.; OLIVEIRA, M. C. F. A. de; SYDENSTRICKER NETO, J.M. **Café, ferrovia e população: o processo de urbanização em Rio Claro**. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos da População, texto n. 5, 1986.
- HURST, M. E. **A Geography of economic behavior**. North Scituate, Mass.: Duxbury Press, 1972.
- KRETTLIS, C. **Almanak do Rio Claro**. Rio Claro: Typographia Conrado, 1906.
- LORENZO, H. C. de. **Origem e crescimento da indústria na região “Araraquara-São Carlos” (1890-1970)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

- MELLO, J. M. C. de. **O capitalismo tardio**: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- MINISTÉRIO da AGRICULTURA, INDÚSTRIA e COMÉRCIO. **Estudos dos fatores da produção nos municípios brasileiros e condições econômicas de cada um**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.
- MOLINA, T. C. de. **Almanak de São João do Rio Claro para 1873**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Convênio IMESP / DAESP. Edição fac-similar, 1981.
- NEGRI, B. **Concentração e desconcentração industrial em São Paulo (1880-1990)**. 1994. 279 f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 1994.
- NEVES, C. **Almanack do Rio Claro**. Rio Claro: Oficina Typographica da Gazeta, 1895.
- OLIVEIRA, D. L. C. M. de. **Mercado de trabalho industrial e a questão do “gênero”**: uma análise do trabalho feminino em indústrias de Rio Claro, S. P. 2000. 166 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2000.
- PENTEADO, O. de A. **Rio Claro. Coletânea histórica**. Piracicaba: Editora Franciscana, 1977.
- PETRONE, P. A influência da imigração italiana nas origens da industrialização brasileira. **Revista Orientação**, São Paulo, Instituto de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, 1990.
- PIGNATARO, L. C. **Imigrantes italianos em Rio Claro e seus descendentes**. Rio Claro: Gráfica Municipal, vol. 3, 1984.
- PINHEIRO, S. S. **Relações de produção e de trabalho**: uma análise geográfica da indústria de vestuário, calçados e artefatos de tecidos em Rio Claro, SP, e suas vinculações espaciais. 1993. 191 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Industrial Paulista, Rio Claro, 1993.
- PRADO JR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1966.
- REIS, C. M. **Relações de trabalho na atividade industrial de Rio Claro (SP)**: contribuição ao estudo do processo global de reestruturação produtiva da indústria. 2004. 145 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.
- “RIO CLARO. SÃO PAULO. Em comemoração ao 1º centenário”. São Paulo: C.N.E., Coleção de Monografias, n.134, 1955.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.
- SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA-SECRETARIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Rio Claro sesquicentenária**. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Silva”, 1978.
- SELINGARDI JÚNIOR, A. A. Os fornos de cal (caieiras) do distrito de Assistência, Rio Claro: um estudo de Arqueologia histórico-industrial. **Projeto de pesquisa**. Rio Claro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico: Prefeitura Municipal de Rio Claro; S.A. Paulista / DER-SP, 1998.
- SELINGARDI-SAMPAIO, S. A industrialização de Rio Claro. Contribuição ao estudo da desconcentração espacial da indústria no Estado de São Paulo. **Geografia**, Rio Claro, v.12, n.24, p. 1-60, 1987.

- SELINGARDI-SAMPAIO, S. Indústria em Rio Claro: situação atual e desempenho recente. **Jornal Cidade**, Rio Claro, SP, 29 set. 2000, p. 10.
- SELINGARDI-SAMPAIO, S. **Indústria e território em São Paulo**: a estruturação do Multicomplexo Territorial Industrial Paulista – 1950-2005. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- SELINGARDI-SAMPAIO, S.; CRUZ, R. de A. P. Estrutura, processo, espaço e política local: quatro faces da industrialização de Rio Claro – SP, no período 1980-1990. **Geografia**, Rio Claro, vol. 17, n. 2, p. 27-44, 1992.
- SELINGARDI-SAMPAIO, S.; PIRES, M. R. **Arqueologia industrial de Rio Claro**, S. P.: um estudo de prédios industriais e equipamentos técnicos antigos. Rio Claro, 1992. (Documentos Geográficos da ARGEO, n. 19).
- SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1981.
- SINGER, P. **Desenvolvimento econômico sob o prisma da evolução urbana**. 1966. Tese (Doutoramento em Economia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1966.
- STORPER, M.; SCOTT, A. J. The geographical foundations and social regulation of flexible production complexes. In: WOLCH, J.; DEAR, M. (Eds). **The power of geography**: how territory shapes social life. London: Unwin Hyman, 1989, p. 21-40.
- VILLALOBOS, J. U. G. **As olarias no município de Rio Claro** – (uma alternativa de sobrevivência de pequenos proprietários rurais). Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

**ARTE CULTURA**

Acervo Iconográfico do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

Acervo Iconográfico do Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga.

ALMEIDA, Nelson Martins de. Álbum de Rio Claro. Documentário Histórico do Município, 1951.

BALDESSIN, Sandra Regina Sanchez. Rio Claro é cultura In : Cláudio Antonio de Mauro. (Org.). Rio Claro - A cidade azul no limiar do milênio. 1ª ed. Rio Claro, SP: Arquivo do Município de Rio Claro, 2003.

BALDESSIN, Sandra Regina Sanchez. Escritores de Rio Claro – Identidade e expressão. In Revista do Arquivo no.4, Rio claro, Outubro de 2009.

Centenário de Rio Claro - Conferência sobre a história de Rio Claro pronunciada no Teatro Variedades destacidade pelo Dr. Zulmiro Ferraz de Campos em 20 de junho de 1927.

CAMARGO, Marilena AP. Jorge Guedes. Coisas Velhas - um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

FERRAZ, José Romeu. História do Rio Claro. (A sua vida, os seus costumes e os seus homens). 1821-1827-1927. Typographia Hennies Irmãos. São Paulo, 1922.

GODOY, Patrícia Bueno. A Pinacoteca Municipal “Pimentel Junior”: criação e consolidação de um acervo na cidade de Rio Claro-SP. Dissertação de mestrado. Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1999, 2v.

Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”. Rio Claro Sesquicentenária. Rio Claro, 1978.

PENTEADO, Oscar de Arruda. Rio Claro Coletânea Histórica. 1977.

PENTEADO. Odécio Malaman. Entidade Teatral Grupo M3. Revista do Arquivo nº5, Rio claro, Junho 2010.

QUEIROZ, Odaléia Telles Marcondes Machado. Rio Claro é turismo. In : MAURO, Cláudio Antonio. (Org.). Rio Claro - A cidade azul no limiar do milênio. 1ª ed. Rio Claro, SP: Arquivo do Município de Rio Claro, 2003.

RIBEIRO, Maria da Conceição Martins. Fotografar para Salvar. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – Departamento de Ciências Sociais, cadeira de História, V simpósio dos Professores Universitários de História, Campinas, 1969.

**Sites Consultados:**

[www.guiarioclaro.com.br](http://www.guiarioclaro.com.br)

[www.jornalcidade.uol.com.br](http://www.jornalcidade.uol.com.br)

[www.visiterioclaro.com.br](http://www.visiterioclaro.com.br)

[www.roccocaputo.com.br](http://www.roccocaputo.com.br)

<http://pcrc.utopia.com.br/>

[www.memoriaviva.sp.gov.br](http://www.memoriaviva.sp.gov.br)

[www.aphrioclaro.sp.gov.br](http://www.aphrioclaro.sp.gov.br)

[http://fabricarica.2it.com.br/?ref=entrevista\\_riani](http://fabricarica.2it.com.br/?ref=entrevista_riani)

<http://www.cafevilhena.com.br/novo/banda.php?id=287>

## PATROCÍNIO



## REALIZAÇÃO



# ÁPIA



“A Ápia é uma empresa de mais de meio século com uma única bandeira, a da Volkswagen do Brasil. É uma concessionária autorizada modelo, avançada no seu tempo. Tem compromisso com a modernidade, com o social e no atendimento nas áreas de vendas de veículos, peças, acessórios e serviços. Coleciona muitos prêmios de qualidade e integra o grupo de elite do mercado de automóveis do Brasil, com lojas em Araras, Araraquara, Leme, Pirassununga, Matão e Rio Claro que é a matriz.”





A Boa Vista, administradora do Serviço Central de Proteção ao Crédito (SCPC), é a única empresa do segmento de informações comerciais com controle nacional. São mais de 350 milhões de dados sobre transações realizadas por consumidores e mais de 42 milhões de registros sobre empresas.

A cobertura nacional das informações armazenadas pela Boa Vista é garantida por meio do envio de dados por clientes com presença em todo o País, informações obtidas de fontes oficiais e ainda pelo compartilhamento de dados as principais entidades representativas do varejo de todas as regiões. Essa riqueza de informações gera poderosas ferramentas para auxiliar o processo de tomada de decisões em todas as etapas do ciclo de negócios.

A Boa Vista atende cerca de 1,2 milhão de clientes diretos e indiretos em todos os segmentos da economia e na velocidade que o mercado precisa, em benefício do crescimento brasileiro. Além disso, a Boa Vista é totalmente preparada para o Cadastro Positivo, apresentando soluções adequadas para atender essa nova demanda de crédito no Brasil.

# BRASCABOS



A Brascabos orgulha-se de ser uma empresa nascida na cidade de Rio Claro que, em seus 25 anos de história, desde sua criação como uma unidade de negócios da Brastemp, até hoje, empresa incorporada pelo grupo asiático New Universe, desenvolveu-se como uma empresa íntegra e saudável, chegando hoje há mais de 1800 colaboradores em suas duas unidades, Rio Claro e Manaus, colaborando com mais de 4000 empregos ( diretos e indiretos ) e prestando assistência médica há mais de 2500 vidas.

A Brascabos também sente-se enaltecida por ter se diversificado em ramos além da linha branca (eletrodomésticos), participando ativamente em setores como o automotivo, construção civil, saúde entre outros. Mas a contribuição da Brascabos não para por aí, a empresa também atua fortemente na comunidade ajudando escolas, asilos, orfanatos e entre outras instituições que necessitam de apoio.

Trabalhando dentro dos mais altos padrões de qualidade mundiais, a Brascabos possui certificações tais como ISO 9001, ISO TS 16949:2000, ISO 14001:2004 (ambiental) e certificação RoHS (para eliminação de substâncias tóxicas). Brascabos, orgulha-se em contribuir com as pessoas, a comunidade e com o Brasil.



Planta - Rio Claro/SP

# CENTROVIAS



As histórias de Rio Claro e da rodovia Washington Luís estão ligadas de maneira definitiva, principalmente no que se refere ao desenvolvimento comercial e industrial da cidade.

Desde que assumiu a administração da rodovia Washington Luís na região em 1998, a Centrovias tem investido em obras e melhorias que contribuíram para a infraestrutura da região. Podemos destacar a construção de 2,4 quilômetros de via marginal que trouxe mais segurança aos usuários da rodovia por meio da separação ao tráfego urbano de veículos, a implantação de duas travessias seguras para pedestres, a ampliação do sistema de drenagem do Córrego da Servidão, a adequação do dispositivo de acesso à Rodoviária, a canalização das águas pluviais provenientes da Av. Pres. Kennedy, além da manutenção permanente do pavimento, da iluminação e do paisagismo da rodovia.

Mas a parceria entre Rio Claro e a Centrovias superou os limites da rodovia e beneficiou diretamente a comunidade rio-clarense. A preocupação da Centrovias em consolidar a consciência para um trânsito mais seguro é vista na prática pelos alunos e professores atendidos desde 2006 pelo Projeto Escola – Educar para Humanizar o Trânsito, programa desenvolvido nas escolas da cidade. A intenção de conquistar um trânsito mais humano é transformada em realidade em diversas ações, como o apoio dado pela empresa na implantação das ciclovias na cidade e a realização de campanhas de segurança voltadas para ciclistas, motociclistas e pedestres.



A Centrovias também se faz presente no cotidiano de Rio Claro apoiando o esporte, com patrocínios à equipes de basquete, e também à cultura. O povo de Rio Claro certamente não se esquece dos “Concertos OHL Brasil”, realizados pela Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto com o patrocínio da Centrovias. Música erudita de alta qualidade proporcionada gratuitamente à população em concertos nas praças públicas de Rio Claro.

Uma sinfonia harmônica, afinada, uma orquestra em sincronia. Assim tem sido a participação da Centrovias na história do desenvolvimento da Cidade Azul.

# FOZ



Foz, uma empresa de soluções ambientais

Criada em 2008, a Foz do Brasil tem como objetivo investir e operar projetos ambientais e prestar serviços com foco em três segmentos: Água e Esgoto – parcerias e concessões públicas de água e esgoto; Operações Industriais – terceirização de Centrais de Utilidades; e Resíduos – diagnóstico e remediação de áreas contaminadas, monitoramento de águas superficiais e subterrâneas; valorização energética dos resíduos sólidos urbanos.

A missão da Foz do Brasil é prover soluções ambientais para o desenvolvimento sustentável e melhoria da qualidade de vida, aliando capacidade de gestão, investimento e tecnologia de ponta.

Em Rio Claro a Foz do Brasil é a empresa responsável pelos serviços de esgotamento sanitário e foi constituída para atuar através de uma Parceria Público-Privada firmada com o município por um período de 30 anos.

Além de modernizar as estações elevatórias e de tratamento de esgotos já existentes, a Foz colocou em operação em 2010 uma das maiores e mais modernas estações de tratamento no Jardim Conduta, atingindo 55% de esgoto tratado no município. A empresa trabalha para atingir o índice de 100% com a construção de uma nova estação, ainda maior no Jardim Novo.

Além de despoluir o Ribeirão Claro, símbolo da cidade e o córrego Lavapés, a Foz investe em programas ambientais, entre eles o projeto Olho Vivo –Água e Óleo não se Misturam, que já recolheu junto aos alunos das escolas municipais e estaduais mais de 43 mil litros de óleo de cozinha usado, desde 2009 quando foi criado. O produto que causa impacto ambiental é destinado a empresas que o utilizam na produção de verniz, tintas, detergentes e biodiesel.



# INCUBADORA DE EMPRESAS



Criado especialmente para dar apoio, formação, capacitação e qualificação para as micro e pequenas empresas, o projeto “NIDO” – Núcleo de Iniciação e Desenvolvimento Organizacional – Incubadora de Empresas de Rio Claro, conta com as parecerias da “ACIRC”, “CIESP” de Rio Claro e da Prefeitura Municipal.

A Incubadora de Empresas de Rio Claro está instalada em uma área de 10 mil metros quadrados, abrigando atualmente doze empresas nascentes e duas empresas “âncoras”, que geram atualmente perto de cem postos de trabalho.

O ambiente empresarial contempla espaço físico adequado para a instalação e funcionamento de cada empresa e áreas de uso comum como: recepção, secretaria, salas de aulas reuniões e treinamentos, biblioteca, refeitório, e vestiários.

A Incubadora de Empresas é gerida na sua integralidade pela “ACIRC” – Associação Comercial e Industrial de Rio Claro, conforme a Lei Municipal nº 4216 de 13 de maio de 2.011.

Está localizada na Avenida Marginal Presidente Kennedy nº 900 – Jd. Quitandinha – CEP. 13.501-270 – Rio Claro - SP.  
Fone: (19) 3533.5077 - endereço eletrônico: [www.incubadorarc.com.br](http://www.incubadorarc.com.br)

# OWENS CORNING



## INOVAÇÕES PARA A VIDA

Fundada em 1972, a Owens Corning de Rio Claro é uma multinacional americana pertencente à divisão de compósitos da Owens Corning mundial, que tem sede em Toledo, Ohio.

Com aproximadamente 500 funcionários, a planta de Rio Claro é uma das mais diversificadas do grupo, atendendo a diversos mercados como transporte, construção, telecomunicação e energia.

Atualmente, a fábrica detém resultados bastante positivos relacionados à produtividade, segurança e qualidade, fazendo jus à certificação ISO-9001, ISO-14001 e OHSAS-18001.

Os valores da Owens Corning estão identificados dentro de sete princípios que expressam quem somos enquanto indivíduos da organização:

- Integridade
- Colaboração
- Respeito
- Sinceridade
- Responsabilidade
- Inovação
- Diversão



# RÁPIDO SÃO PAULO



A História da Rápido São Paulo inicia-se no ano de 1994 quando a empresa TCR, venceu o contrato de licitação para realizar o transporte urbano no município de Rio Claro em vigor até o ano de 2001. Neste mesmo ano a Rápido São Paulo adquiriu a empresa TCR, e conseqüentemente os seus direitos da licitação para atuar no transporte coletivo da cidade. Desde então muitos quilômetros já foram rodados mais de 56 milhões de km's, nestes 18 de prestação de serviço a população de Rio Claro. Sua administração e gerida diretamente pelo sócio João Carlos Kenji Chinen, empresário que atua no ramo, há mais de 20 anos.

A empresa chega aos dias atuais buscando sempre a qualidade máxima na prestação de serviços junto à sociedade rio-clarense, através do constante investimento, sendo recentemente adquiridos 60 (sessenta) novos veículos, todos equipados com motor tecnologia EURO5, movidos a biodiesel S-50, todos com 100% de acessibilidade e equipados com GPS on-line, e monitoramento por 3 câmeras de segurança.

Atende atualmente 64 bairros, compreendendo 22 linhas servidas por 60 ônibus, transportando um media mensal de 550.000 mil passageiros mês.

A empresa, com uma visão inovadora e empreendedora, iniciou o processo de gestão pela qualidade total tendo como foco principal o cliente e a busca da melhoria de seus processos. As metas perseguidas sempre são: Satisfação dos clientes com foco no negócio, Qualificação e capacitação dos colaboradores e Responsabilidade social.

Além do transporte público urbano, a Rápido São Paulo efetua o atendimento do Transporte Escolar, através de 85 ônibus exclusivos do transporte escolar, sendo atendidos 64.000 alunos por mês de 64 bairros, atendendo 55 escolas e entidades.



# RICLAN

The logo for Freegells, featuring the word "FREEGELLS" in a blue, stylized, outlined font. A green leaf is positioned above the letter 'E'.The logo for Riclan, featuring the word "RICLAN" in a blue, bold, sans-serif font. A red swoosh underline is positioned below the letters.

A história da Riclan tem início na década de 40, quando Dona Irene Teixeira começou a fabricar balas em sua própria casa e vendê-las na estação ferroviária para os passageiros da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Devido ao grande sucesso das balas, Dona Irene fundou a IG Teixeira e vários funcionários foram contratados. Em 1963 a fábrica recebeu novos investimentos, iniciou a fabricação de pirulitos e passou a se chamar Fábrica de Balas São João. Nesse período nosso sabor já se espalhava por todo o Brasil com a produção de 1,5 tonelada de produtos por dia.

A estratégia adotada pela empresa para conquistar novos mercados e oferecer produtos de qualidade, fez com que em 1973 uma moderna fábrica com 30.000m<sup>2</sup> fosse inaugurada. A partir daí o mundo passou a conhecer o delicioso sabor dos produtos São João.

Desde aquela época a Fábrica já procurava levar aos consumidores produtos modernos e de qualidade. Em 1978 começou a produzir chicles de bola. Nasceu então a marca Buzzy, que ainda hoje é um grande sucesso e é encontrada com diferentes e divertidas figurinhas. Com a necessidade de oferecer produtos ainda mais modernos e diferenciados, em 1985 a fábrica adquiriu equipamentos de última geração e entrou no mercado de Drops com a marca Freegells. Além disso a fábrica revolucionou o mercado lançando a primeira bala mentolada do Brasil e foi novamente pioneira ao lançar a bala mentolada com figurinhas.

Após tantos investimentos em tecnologia, em 2000 uma nova postura foi adotada para atualizar e consolidar a imagem corporativa da empresa, que então passou a se chamar Riclan S.A.

A Riclan é pioneira em licenciamentos, lançando produtos modernos com personagens do momento e que fazem o maior sucesso junto ao seu público. Também é dona de marcas que comprovam a qualidade da empresa, como Freegells, Buzzy, Pocket, Pop Mania, Gomutcho, Energy Mix e TNT. Hoje a fábrica produz 240 toneladas de produtos por dia, que são distribuídos para todo o território nacional e mais de 80 países como Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, China, Austrália, México e Argentina.

Em 2003 foi adquirida uma área de 200.000m<sup>2</sup>, também em Rio Claro, onde foi instalado um moderno centro de distribuição. A qualidade das matérias primas utilizadas, a atualização e modernização constante do parque industrial e o treinamento e especialização dos funcionários, permitem à Riclan ocupar uma posição de destaque nos cenários nacional e internacional, sendo hoje considerada uma das empresas mais inovadoras no segmento de candies.



# WHIRLPOOL



Inaugurada há 22 anos, a unidade da Whirlpool Latin America em Rio Claro é responsável pela produção de lavadoras de roupas com as marcas Brastemp e Consul, que são comercializadas em toda América Latina, além dos fogões Brastemp e Consul.

A unidade está instalada num terreno de 449 mil m<sup>2</sup> com 138 mil m<sup>2</sup> de área construída.

Possui um Centro de Tecnologia de Lavanderia - CTL, responsável pelo desenvolvimento de produtos e novas tecnologias para mais de 45 países com missão de ser um exemplo de modernidade e inovação e atua em pesquisas para reduzir custos e melhorar a qualidade dos produtos.

Em 2007, a companhia ampliou em aproximadamente 20% suas instalações para atender à produção da linha de cocção Brastemp, transferida para a região.

Em 2009, a Unidade foi pioneira em lançar o SUPER 100, programa de desenvolvimento educacional que tem o objetivo de acelerar a capacitação, preparando os colaboradores para as oportunidades do 'Carreira Horista'. Em dois anos, o SUPER 100 formou mais de 3500 profissionais.

A unidade de Rio Claro conta com um Programa de Carreira Horista que visa ampliar o conhecimento dos colaboradores da operação, aprimorando práticas para que possam concorrer a outras vagas e tenham novas oportunidades dentro da companhia. Também é uma forma de descobrir e desenvolver os talentos que existem na equipe.

Em reconhecimento aos bons resultados dessa prática, a Whirlpool conquistou, em 2010, o 1º lugar no Prêmio Sesi de Qualidade no Trabalho - Etapa Estadual, na categoria Gestão de Pessoas.



A planta é certificada pelo Sistema de Gestão Integrada (SGI), que engloba a ISO 9001:2008 (Sistema de Gestão da Qualidade), ISO 14001:2004 (Sistema de Gestão Ambiental) e OHSAS 18001:2007 (Sistema de Gestão de Saúde e Segurança).

A Whirlpool Latin America tem 14 mil funcionários, sendo aproximadamente 4 mil na unidade de Rio Claro.

Assim como as outras plantas da Whirlpool Latin America, a unidade de Rio Claro prioriza a utilização inteligente dos espaços e recursos da planta, limpeza e organização, e capacitação constante dos colaboradores.







**ACIRC**<sup>®</sup>  
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE RIO CLARO

  
**Arquivo**  
Público Histórico  
Rio Claro

  
**direção cultura**

Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

ISBN 978-85-65900-00-3



9 788565 900003